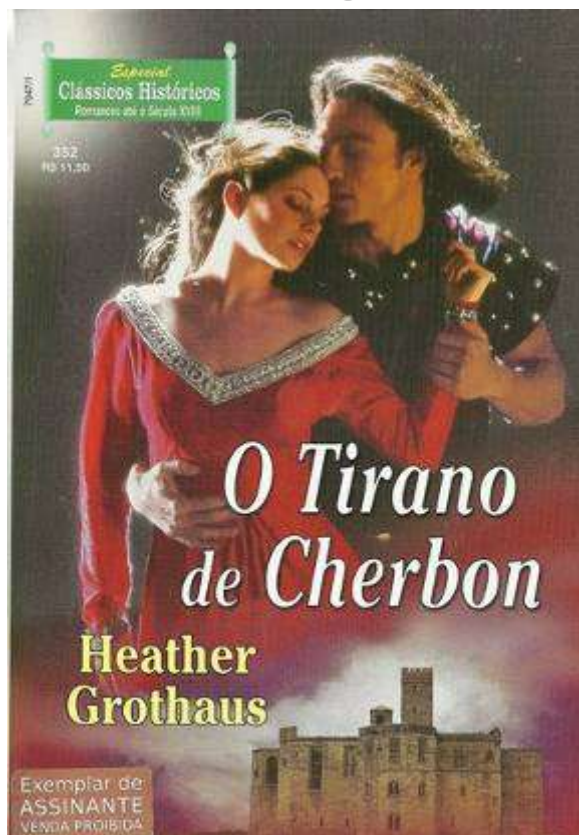


O TIRANO DE CHERBON

TAMING THE BEAST

Heather Grothaus



Inglaterra, 1103

A Bela e a Fera

Depois de anos de tumultos e combates, Roderick Cherbon abandona as Cruzadas e regressa para casa, completamente transformado pela guerra. O rapaz que antigamente sonhava em compensar as injustiças cometidas pelo pai é hoje um homem amargurado, com cicatrizes no corpo e na alma. Ele se recusa a se aproximar das pessoas e a falar com elas, e só sai de dentro dos muros de sua fortaleza para se misturar às sombras da noite. E até mesmo na morte, o pai continua a atormentá-lo: para ter direito a receber sua herança e título, Roderick precisa se casar.

Michaela Fortune é menosprezada por ser pobre, ridicularizada por seus sonhos e por ter bom coração. A humilhação e a necessidade atormentam sua família, e orgulho é um sentimento que ela não pode permitir-se ter. O atual lorde Cherbon e seu decadente castelo podem ser uma solução... Mas para conquistar um homem que chegou ao fundo do poço, Michaela precisará de toda a sua beleza, graciosidade e doçura, se quiser ter um fio de esperança de amansar aquele coração...

Digitalização: Crysty

Revisão: Ana Ribeiro

Projeto Revisoras



Querida leitora,

Esta é a fascinante história de uma jovem que, para fugir aos maus-tratos de seu patrão, se prontifica a casar-se com o primo dele, Roderick Cherbon, que acabou de regressar da guerra e precisa se casar para herdar o título do pai. Mas Roderick é um homem sofrido e amargurado, e não será nada fácil transpor as muralhas que ele ergueu ao redor do coração. Para dificultar ainda mais a vida de Michaela, ela precisa também salvar Roderick e a si mesma de inimigos cruéis e implacáveis...

Leonice Pompônio
Editora

Copyright ©2009 by Heather Grothaus
Originalmente publicado em 2009 pela Kensington Publishing Corp.
PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.
NY.NY-USA Todos os direitos reservados.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: TAMING THE BEAST

EDITORA Leonice Pòmponio
ASSISTENTES EDITORIAIS
Patrícia Chaves Silvia Moreira Vânia Canto Buchala
EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Nancy de Pieri Mielli
ARTE Mônica Maldonado
MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli
PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi
PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua
Copyright© 2010 Editora Nova Cultural Ltda.
Rua Butantã, 500 — 10º andar — CEP 05424-000 — São Paulo — SP
www.novacultural.com.br
Impressão e acabamento: RR Donnelley

Prólogo

10 de outubro de 1101 - Constantinopla

A atmosfera turva pelo incenso, e apavorante pelos gritos e gemidos de dor e de medo, recendia a morte. Cada retinir e trepidar dos metais ressoava em ondas perfurantes. Instrumentos batendo contra instrumentos e contra as armaduras e lanças, espadas e escudos partidos ou danificados. Ferramentas caindo com ruídos estridentes no fundo dos depósitos. Murmúrios e imprecações brotavam dos lábios esbranquiçados dos feridos espalhados pelo salão, os olhares voltados para um crucifixo pendurado no alto de uma parede. Corpos sangrentos jaziam sobre as macas. Alguns lutavam com todas as forças, as poucas que lhes restavam, para se libertarem das mãos dos cirurgiões que, cobertos de sangue e suor, se empenhavam em salvar-lhes as vidas.

Aquele lugar certamente não poderia ser um hospital que se prezasse.

Para Roderick, aquela era a antecâmara do inferno!

Soluços também ecoavam pelo ambiente tenebroso como em uma tentativa de amenizar o odor fétido que o saturava, exalado por cerca de cento e cinquenta homens, vítimas do horror dos campos de batalhas onde o que imperava eram doenças e mutilações. Homens que ousavam rezar pelos cantos, como ele, por uma milagrosa cura ou improvável recuperação, recusando-se a se compararem com animais nos abatedouros onde o sacrifício e o esquartejamento os esperavam.

Pela mente perturbada e pelos olhos inchados de Roderick, as chamas o faziam pensar em fornos de defumação. Talvez não estivesse no inferno de fato, mas em um matadouro. Se os cirurgiões não o atendessem logo, as chamas o alcançariam. Estava sentindo-as cada vez mais perto de queimarem sua pele, que já ardia terrivelmente pelo efeito da febre. Podia imaginá-las lambendo seu corpo e consumindo os últimos vestígios de sua sanidade e de sua força vital.

Roderick teria contribuído com o panorama miserável com seus próprios gritos e lamentos. Suas dores eram abomináveis o bastante para garantir sua participação. Mas após três semanas de agonia, seu fôlego mal lhe permitia respirar. Fora trazido para esse lugar, o maior hospital de Constantinopla, pelo companheiro Hugh, após a derrota na batalha de Heraclea.

— Em Constantinopla, você será curado — Hugh prometera. — Eu só lhe peço para confiar em mim e perseverar. Não desista de viver! Não desista!

Ele atendeu as súplicas do amigo. Como, não saberia dizer. A morte lhe parecia bem-vinda, trazendo consigo o alívio para seu sofrimento. Seu corpo estava dilacerado e seu espírito se recusava a voltar em desgraça para a Inglaterra. Esse era o pensamento que mais o atormentava. Magnus Cherbon pressupunha que o único filho retornaria em glória, carregando a insígnia sagrada como um tesouro sobre o peito, assim como ele fizera no passado, ao voltar de sua peregrinação às terras infiéis. Em seus delírios, Roderick podia ouvir as palavras de condenação do pai:

— *Fracassado imprestável! Fraco! Um fraco desde o ventre como a maldita que o gerou! Um fraco como você não pode ser meu filho! Eu não o reconheço!*

As acusações estavam gravadas como fogo em sua memória, tantas vezes elas foram repetidas.

Uma lágrima escapou do olho são e deslizou celeremente por sua face até cair e desaparecer no cobertor rústico onde repousava sua cabeça, deixando uma marca úmida pelo caminho, tão fria quanto o ódio que a provocara.

— Veja, Rick! Ele está vindo para cá! — Hugh segurou o ombro de Roderick e apertou-o, sua voz vibrando de expectativa tal qual estivesse se dirigindo a uma criança de tenra idade. O ombro e o braço esquerdo eram as únicas partes de seu corpo que se conservaram ilesas, graças ao escudo que ele mantivera firmemente preso ao antebraço.

O entusiasmo do amigo o fez forçar o pescoço de modo que sua cabeça tombasse para a esquerda. Agradeceu mentalmente o fato de o cirurgião não ter se aproximado pelo outro lado. Teria sido impossível vislumbrá-lo através dos pontos rudimentares feitos por um jovem sarraceno, que deveriam ter a aparência de uma costura feita em uma sela de couro.

Por mais que ele tentasse bloquear a imagem, deveria estar parecendo um monstro, com as carnes se projetando pela pele inchada entre os fios espessos que tentavam unir os talhos abertos desde o queixo, atravessando toda a face até o malar, pegando um lado do nariz e indo além da têmpora direita.

Sua vista só alcançava uma faixa da longa ala a que fora levado naquele hospital. Uma faixa estreita e horizontal captada apenas pelo olho esquerdo, porque com o outro ele não conseguia enxergar nada.

Provavelmente porque não o possuía mais. Temia perguntar a Hugh sobre seu estado, pois seria brutal demais descobrir que tivera o olho arrancado de sua órbita. Bastava a certeza de ter o nariz e malar, fraturados. Desde que o tinham puxado de cima do cavalo e quase o trucidado, o único som que seu ouvido direito conseguia produzir se assemelhava ao rugido incessante das ondas furiosas em uma noite de tempestade, castigando os rochedos onde terminava o precipício nas proximidades do castelo de Cherbon, onde nasceria.

Os ferimentos que sofrerá na cabeça eram sérios. Contudo, o que mais o preocupava era a condição de seu braço direito. Como era destro, o braço e mão direitos eram sua proteção e sua defesa. O braço da espada. Também precisaria recuperar a mobilidade da perna esquerda. Um guerreiro não podia manter a destreza sem poder caminhar, saltar, correr...

O cirurgião se deteve junto da maça e a primeira impressão de Roderick foi que o avental de couro, e a túnica por baixo, estavam cobertas por manchas de sangue que adquiriam um sinistro tom enegrecido conforme secavam. Ele também notou que atrás do médico surgiram dois auxiliares, segurando recipientes rasos e achatados cheios de instrumentos. Do nó feito por uma fita de couro, à altura da nuca, escapavam longos fios de cabelos grisalhos e espessos que chegavam aos ombros. As pontas estavam tão encharcadas de sangue que pareciam ter sido mergulhadas em uma poça. Os olhos se mostravam encovados e os lábios quase não podiam ser vistos, comprimidos numa dura linha. Ele andava depressa, as mãos balançando ao longo do corpo para a frente e para trás, alternadamente. Não pareciam pertencer a um cirurgião, mas a um sarraceno, escuras, quase marrons, com as cutículas delineadas em preto.

Um arrepio de terror subiu pela espinha de Roderick e ele orou com o que ainda restava de sua alma para que a morte o levasse antes de ser tocado por aquele velho homem. Lutara nos campos de batalha por sua sobrevivência e a de seus homens, pela vitória do bem sobre o mal. Jamais havia conhecido um medo tão absoluto, tão corrosivo. Sob a carcaça fragmentada do que outrora fora seu corpo, ele se pôs a gritar, a se rebelar e a implorar por misericórdia.

No entanto, sua voz não se fez ouvir e nenhuma parte de seu corpo se moveu.

— O que aconteceu com ele? — o cirurgião perguntou a Hugh, enquanto segurava

Roderick, uma mão de cada lado da cabeça, e a virava de um lado para o outro sobre a maça. Dedos que poderiam pertencer ao gigante Golias pressionaram o braço fraturado, em um novo assalto de agonia. — Ferido na cabeça e no braço. Percebo que alguém andou suturando os cortes. Obviamente fez o melhor que podia. Febre?

— Sim, doutor — Hugh respondeu, após um momento de hesitação, surpreso, com as maneiras bruscas e pouco caridosas com que o médico examinava um ferido. — Os pontos parecem em ordem, mas a febre aumentou muito desde Heraclea. Atrevo-me a dizer que talvez seja o ferimento na perna que...

Antes que Hugh concluísse o pensamento, o médico puxou a coberta, expondo as pernas de Roderick. O deslocamento de ar provocado pelo movimento do lençol penetrou pelas narinas inchadas, mas ainda capazes de distinguir o cheiro pútrido.

Hugh se deslocou para a parte inferior da maça.

— Acredito que a lança que o perfurou tivesse a ponta contaminada por...

— Veneno — o cirurgião tornou a interromper Hugh enquanto deixava o lençol cair novamente sobre as pernas de Roderick e estalava os dedos em direção aos assistentes, sinalizando para que seguissem adiante. — Eu já cuidei de muitos feridos nesse estado. Não há o que fazer.

Sem a menor compaixão, o médico se inclinou sobre Roderick e disse em tom mais alto, como se adivinhasse que a capacidade de audição do moribundo estivesse diminuída.

— Está acordado? Consegue me ouvir? Prepare-se, homem, porque você irá morrer.

Roderick estava completamente lúcido e tentou responder com um meneio de cabeça. O médico não poderia imaginar o alívio que o comunicado lhe produzira.

Mas ao ver o amigo fechar os olhos, sem imaginar que fosse de alívio, Hugh se pôs a gritar:

— Não! Não! — Entregue ao torpor, Roderick se recusava a abrir os olhos. Mas tanta foi a veemência de Hugh, que ele forçou a pálpebra a se erguer. Tornou a fechá-la, contrariado, ao ver o amigo segurar o braço do cirurgião, impedindo-o de se afastar. — Ele não pode morrer. Deve haver alguma coisa que possa ser feita.

O velho homem se desvencilhou com um olhar de fria advertência.

— O veneno circulou pelo sistema circulatório por demasiado tempo. Se ele tivesse sido acudido no momento que o feriram, talvez pudesse ter sido salvo. Agora seria um desperdício lhe administrar qualquer medicamento. Seria o mesmo que despejar água preciosa em terra infértil. Seu amigo não passará desta noite. Eu sinto muito. Tenha um bom dia.

— Não! — Hugh tornou a gritar, segurando o braço do médico, desta vez, com tanto ímpeto que o levantou do chão. — Ele salvou minha vida. Procure entender. Ao menos faça uma tentativa...

— Olhe para esses pobres sujeitos espalhados pelo salão, meu bom soldado. Não tenho tempo a perder. Enquanto conversamos, alguns deles que poderiam ser salvos irão morrer. Acha que as vidas deles valem menos do que a deste homem?

— Sim, eu acho — Hugh respondeu sem titubear.

— Mas *eu* não acho — o cirurgião retrucou com maus modos e Roderick concordou mentalmente, sem perceber que Hugh se atirava de joelhos aos pés dele.

— Doutor, eu lhe suplico!

O tom lacrimoso obrigou Roderick a um esforço de tornar a abrir os olhos. Antes não o tivesse feito. Seu amigo, Hugh Gilbert estava pressionando os lábios contra a mão do cirurgião.

— O senhor acha que eu não tentaria salvá-lo, se lhe restasse alguma chance?

A voz do médico adquirira um tom mais gentil. A de Hugh, porém, tornou-se ainda mais súplice.

— Por favor!

Um ruído de passos. Roderick detectou um barulho metálico e novamente passos.

— Dê-lhe uma gota deste sedativo em intervalos. Ao menos ele terá algum alívio para as dores. Infelizmente não há mais nada que eu possa fazer. Cuidado para não exagerar na dose. Você o mataria de uma vez. De qualquer forma, ele não deverá ver o sol nascer amanhã. Assim que acontecer, leve-o daqui. Preciso da maca para acomodar outros feridos.

Hugh uniu as mãos em agradecimento.

— Obrigado, doutor. Deus o abençoe.

Uma brisa fresca soprou sobre o rosto quente e latejante de Roderick conforme Hugh movia os braços e destampava o vidro de remédio.

— Abra a boca, Rick — ele pediu. — Graças a Deus, eu consegui.

Roderick sentiu o indicador do amigo sendo introduzido por entre seus lábios e massagear sua gengiva. Uma sensação de ardência se seguiu. Hugh repetiu o procedimento. E tornou a repeti-lo.

Seu melhor amigo estaria tentando matá-lo!

Roderick abriu o olho, o máximo que pôde. Sua cabeça, nesse momento, começou a rodopiar, e ele teve a impressão de que o teto desabaria sobre eles.

O rosto suarento de Hugh perdeu o foco como se ele tivesse submergido e Roderick o estivesse olhando através das águas. Ouviu-o dizer uma imprecisão pela dificuldade de tornar a fechar o frasco, até que finalmente a rolha se encaixou ao gargalo.

— Hugh? — ele tentou dizer o nome do amigo, mas só conseguiu produzir um som gutural. O chamado foi ouvido, contudo, pois Hugh rapidamente se inclinou sobre ele.

— Você deve estar se perguntando sobre o motivo de eu ter triplicado a dose. Não tenha medo. Foi para o seu bem. — Enquanto falava, Hugh ia recolhendo os poucos pertences de ambos e colocando-os em um saco. — Eu vou tirá-lo daqui.

Roderick tentou responder, mas só conseguiu emitir um novo gemido. Sentiu, mais do que viu, o cobertor ser puxado e sua cabeça e seus ombros ser levantados.

— Tente dormir — Hugh murmurou, esbaforido pelo esforço. — Eu vou levá-lo...

O restante da frase se perdeu entre uma explosão branca de dor ao solavanco combinado com o sonífero.

Roderick não saberia dizer por quanto tempo esteve inconsciente ou qual a distância que Hugh percorrera, transportando-o naquela maça improvisada. O gosto acre do incenso que queimavam no hospital ainda impregnava sua boca. Ele ouviu, antes de ver as pessoas com seu olho bom, que, talvez não estivesse tão bom, a julgar pela nuvem que parecia envolver-lhe as formas.

A droga que Hugh lhe dera era potente. Apesar da inconveniência do zumbido nos ouvidos, que já estavam bastante afetados antes de seu uso, e da distorção nas imagens, ele não sentia mais as dores. Todo o seu corpo tremia, porém. Um tremor incontável. Devia ser pela febre. Ou o frio.

Uma voz surgiu entre a cortina espessa que separava Roderick do restante do mundo. Era mais baixa e mais suave do que a de Hugh. Uma voz feminina.

— Eu pensei em trazê-lo até você, em primeiro lugar. Não sei se agi bem.

— Claro que sim. Você fez bem em trazê-lo, embora eu duvide de que possa ajudá-lo.

O timbre doce e preocupado se infiltrou pela mente nebulosa de Roderick e foi reconhecido de uma maneira familiar. Ele conhecia a dona daquela voz. Seria Aster? Ophelia? Quem?...

— A dose foi excessiva — disse a mulher, mais perto dessa vez, tanto que dava para sentir o calor de seu hálito. — Temo que ele não volte mais a si.

Uma figura graciosa, usando um vestido de seda lilás, faiscou pela memória de Roderick, mas desapareceu antes que ele pudesse reconhecê-la.

Ardis? Não. Tampouco era ela.

— Oh, meu Deus! Roderick não pode morrer por minha culpa! — Hugh exclamou, e ele estremeceu ao ouvir o desespero na voz do amigo. — Eu não sabia o que fazer! O médico se recusou a operá-lo. Eu não podia deixá-lo morrer sem ao menos tentar. Tive medo de que Roderick não fosse suportar as dores. De que seu estado pudesse agravar ainda mais durante o transporte. — A voz se tornou melancólica. — Para ser honesto, eu penso que ele está desejando a morte.

— Então ele conseguirá o que deseja. Minhas chances de salvá-lo já seriam mínimas, se ele tivesse a metade de ferimentos e uma grande vontade de viver.

Aqueles olhos... Roderick os conhecia. Aquela música... A dança...

— Você é a última esperança de Roderick, Aurélia — disse Hugh. — Nossa última esperança.

Aurélia.

A identidade da mulher aflorou à lembrança de Roderick nesse momento. Hugh o levava à presença da proprietária do bordel mais famoso e exclusivo de Constantinopla. A linda e adorável mulher que ele não via havia meses, desde que partira com os companheiros para lutar nas Cruzadas.

— Eu farei tudo o que puder, mas antes precisamos conseguir fazer com que ele recupere os sentidos. Guardo comigo uma mensagem de seus familiares. Recebi-a na semana passada. Talvez ele se anime com as notícias.

Não era de satisfação, nem de alegria, a emoção que atravessou a barreira do torpor para ameaçar eclodir à superfície. Uma raiva surda se apoderou da mente febril de Roderick. A família que deixara na Inglaterra se resumia ao pai e a um primo. Nenhuma notícia que se referisse ao odioso progenitor lhe interessava, e ele não tinha intenções de retornar a Cherbon. Nunca!

O contato macio da mão feminina em seu braço proporcionou agradável bem-estar em comparação ao roubo de cólera que lhe roubara os últimos resquícios de força.

— Roderick — ela murmurou, e o som de sua voz o trouxe como um lago de águas límpidas e mornas. — Roderick, você está me ouvindo?

Sim, ele podia ouvi-la, mas não conseguia comandar nenhuma parte de seu corpo que indicasse que sim. Também estava ouvindo um choro infantil, como se houvesse um bebê naquele recinto.

A pressão aumentou no braço dele.

— Abra os olhos e olhe para mim, milorde.

Em sua mente, Roderick desejou que a mulher e que o amigo o esquecessem e o deixassem repousar enquanto o remédio estivesse fazendo efeito. O choro pareceu ficar mais forte.

— Leo precisa mamar. — Ele ouviu Aurélia dizer. Sua voz soara bem mais alta. Talvez ela tivesse se aproximado mais.

A impressão se revelou certa diante das palavras seguintes, sopradas junto ao seu pescoço.

— Escute, Roderick. Um mensageiro chegou com notícias da Inglaterra. Seu pai morreu.

As últimas três palavras ricochetearam pela vasta caverna em que sua mente parecia ter se transformado. Magnus Cherbon estava morto?

As dores retornaram, como o impacto de látegos e com a contundência da mais afiada das lâminas. Roderick sentia os músculos latejar como se estivessem se desprendendo dos ossos. Lutou por um instante de lucidez. Precisava mostrar a Aurélia que tinha condições de ouvi-la. Precisava abrir o olho embora a pálpebra estivesse pesando uma tonelada.

Os cabelos escuros de Aurélia o envolviam como uma cascata e seus olhos castanhos e meigos, como os de uma gazela, estavam fixos nos dele.

Aurélia estava mais velha do que da última vez que a vira. Talvez contasse o fato de ela não estar usando nenhum truque de maquiagem, nem exibisse fivelas douradas presas às madeixas.

— Roderick? — ela tornou a chamar, e sua voz se encheu de júbilo e de emoção ao notar o tremor na pálpebra que Roderick se esforçava por abrir. — Oh, Roderick! Graças a Deus!

Ele queria falar. Ele queria responder, mas a voz se recusava a sair.

Acima de tudo, Roderick descobriu, subitamente, que queria viver.

Capítulo I

Maio de 1103

Tornfield Manor, Inglaterra

A festa estaria esplêndida se não fossem pelos cutucões e cochichos. E pela maneira com que ela era empurrada para fora da pista cada vez que tentava participar de uma dança. E pela presença daquela horrível mulher que atravessara seu caminho e esquecera um dos pés para trás, fazendo-a tropeçar e tombar sobre uma criada, obrigando a pobrezinha a soltar a bandeja que carregava, e deixar cair os adoráveis potes de cerâmica pintada, quebrando-os e derramando as porções de pudim que seriam servidas aos convidados.

Para escapar aos rumores e achaques, Michaela Fortune se refugiou numa saleta logo atrás dos músicos, onde as pesadas cortinas poderiam resguardá-la das más línguas e permitir que ela entregasse seus sentidos ao prazer das notas musicais. E também onde ninguém poderia ver as manchas brancas de pudim espalhadas pelo único vestido que se encontrava em bom estado em seu humilde guarda-roupa.

Ali, sentada em uma banquetta, Michaela podia assobiar a melodia em acompanhamento aos instrumentos, ou ouvir a música de olhos fechados e fingir que estava se divertindo como uma convidada igual as outras, embora sua real vontade fosse localizar aquela mulher infame no meio do salão e grudar em seus cabelos.

Vire a outra face.

As palavras que a mãe sempre lhe dizia ecoaram em seus ouvidos.

Os dóceis herdarão a Terra.

Como se a lembrança das incansáveis lições sobre a bondade do espírito os tivesse evocado, os pais de Michaela apontaram do outro lado do salão naquele exato momento.

Lorde Walter e Agatha Fortune estavam de braços dados como de costume. O pai de Michaela olhava para a esposa como se estivesse permanentemente à espera de ouvir um pedido, que ele pudesse satisfazer de pronto. Amavam-se como se fossem jovens ainda. Era gratificante notar que eles estavam se divertindo. Uma vez que os pais raramente tinham condições de sair de sua pequena propriedade.

Como a filha, Agatha Fortune era alvo constante dos sórdidos mexeriqueiros. Com uma diferença significativa: enquanto lady Fortune era vista como uma mulher fraca do juízo e inconseqüente em seus atos, a jovem Michaela era ostensivamente repudiada e encarada com evidente desprezo.

Filha do Diabo.

Mensageira do Inferno.

Irmã de Satã.

Era assim que costumavam se referir a ela no vilarejo.

Ela procurou a fina corrente de ouro que usava habitualmente ao pescoço e deslizou as pontas dos dedos pela medalha em forma de uma argola pela metade.

— Música!

Michaela parou de respirar ao ouvir o anfitrião se dirigir ao grupo de músicos. Alan Tornfield, o senhor das terras onde a ela e sua família moravam, e dono da festa, era um bonito homem. Desde a morte da esposa, um ano antes, ele vivia sozinho com a filha e a criadagem. Era a primeira vez que Michaela encontrava a pequena órfã, Elizabeth. Tivera oportunidade de encontrar lorde Tornfield anteriormente, mas nunca chegara a falar com ele. Na verdade, aquela era sua segunda visita à residência dele em todos seus anos de vida. Não se recordava muito bem da primeira vez em que ali estivera. Talvez Alan Tornfield e ela ainda fossem crianças.

— Eu apreciaria ouvir uma canção! — Tornfield ergueu a taça como se fizesse um brinde aos convidados. — Quem me proporcionará esse grande prazer? Quem terá a coragem de abrilhantar este evento, emprestando sua voz às cordas e ao piano?

A multidão aplaudiu a idéia, entusiasticamente. Michaela se encolheu atrás dos músicos, tentando evitar que Agatha a localizasse. Podia ver a mãe, em sua imaginação, se virando de um lado para o outro, à sua procura. Com a respiração suspensa, fechou os olhos e desejou vestir a capa da invisibilidade. Tornou a abri-los, aliviada, ao anúncio de que lady Juliette Osprey aceitara o honroso pedido.

A escolha de lorde Tornfield a salvara. Sua vontade era se juntar aos outros e aplaudir a elegante morena, magnífica em um vestido verde, que subiu ao palco com um tímido sorriso.

Por essa graça, Michaela relevou o fato de ter sido Juliette quem esticara o pé, propositamente, para fazê-la tropeçar.

— O senhor conhece a canção *My Love Calls the Seal* ? — Juliette perguntou a um dos músicos.

Com um meneio de cabeça, o homem convocou os demais músicos a entoar os acordes. Em poucos minutos, a música se espalhou pelo salão. Ao júbilo inicial, porém, seguiram-se esgares.

Atrás da cortina, Michaela apertou os olhos e os lábios como se assim também fosse poupar seus ouvidos. Os agudos da mulher chegavam a doer. Ao refrão, Michaela tocou a ponta do nariz para se certificar de que não estava sangrando. Os convidados, aqueles que sua vista pôde alcançar, pestanejavam cada vez que as notas subiam as escalas e exigiam maior desempenho por parte da cantora.

— Oh, por favor! Alguém faça com que ela pare! — Michaela murmurou, silenciosamente, tapando os ouvidos, certa de que os cães começariam a uivar a qualquer momento.

Finalmente a tortura terminou e ela pôde colocar as mãos novamente sobre o colo. Suspiros de alívio eram quase audíveis. Ela sorriu consigo mesma ao adivinhá-los, para franzir o cenho, em seguida, diante da incrível ovação. Chegava a ser ridículo.

— Deus, eles devem ser surdos! Ou, então, não entendem nada de música nem de bons intérpretes — disse, na certeza de que ninguém a ouviria em meio ao burburinho.

A conversa mental, no entanto, foi interrompida por um puxão em seus cabelos. Aturdida, Michaela girou na banquetta e se deparou com uma parceira. Atrás das cortinas,

também escondida, estava uma menina de cerca de dez anos, loira, com os cabelos longos e sedosos puxados para trás e amarrados com um laço de fita, caindo nas costas como uma cascata. Seus olhos grandes e castanhos eram gentis como os de uma corça dos bosques, e um sorriso iluminava o rosto um tanto pálido.

— Olá! — cumprimentou Michaela.

A menina correspondeu ao cumprimento com um gesto de cabeça. Apontou para a platéia e Michaela não resistiu a traduzir seu pensamento em voz alta.

— Eles devem ser surdos para terem gostado.

A menina levou as mãos à boca para sufocar o riso.

— Eu sou Michaela Fortune. — Estendeu a mão que a menina prontamente apertou enquanto fazia uma medida. — E você, linda criança?

Em resposta, a menina inclinou a cabeça em agradecimento e apontou para o homem no centro da multidão. Depois que Michaela o localizou e tornou a olhar para a menina, viu que ela levava a mão direita ao peito.

— Está querendo me contar que lorde Tornfield é seu pai? — A menina concordou, satisfeita que sua mímica tivesse sido interpretada corretamente. — Então, eu devo lhe dizer que estou feliz em conhecê-la, lady Elizabeth.

Sem que a menina notasse, enquanto tornava a lhe fazer uma medida, Michaela cogitou sobre sua incapacidade de se comunicar pela fala. Ouvira referências sobre pessoas mudas, mas nunca estivera ao lado de alguém nessas condições, e seu instinto alertou-a para não mencionar o assunto sob o risco de provocar um sentimento de inferioridade em tão adorável criança.

Afinal, de humilhações, Michaela entendia muito bem.

— Você foi proibida de participar da festa?

Com um encolher de ombros, como se o problema já não tivesse relevância, Elizabeth fez um sinal para que Michaela olhasse para o palco.

Ela se apressou a verificar de que se tratava, e fez uma desagradável descoberta: a pior cantora de todos os tempos e preparava para a segunda parte da tortura.

Com um gemido de desalento, Michaela dobrou o corpo para a frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e tapou os ouvidos. A menina correu a imitá-la. As duas se entreolharam e riram e logo afastaram as mãos.

Lorde Tornfield, aparentemente, salvaria as pobres vítimas indefesas. Ele subiu ao palco e ergueu a mão, interrompendo os músicos que já se preparavam para tocar os primeiros acordes.

— Eu tenho um anúncio a fazer antes de prosseguirmos com a festa. Infelizmente, cabe a mim lhes transmitir a triste notícia sobre a morte do senhor deste feudo, lorde Magnus Cherbon.

Ninguém, no entanto, manifestou pesar pelo passamento. Michaela não se surpreendeu com o fato. Não era nenhum segredo que todos detestavam lorde Cherbon por sua ganância desmedida e pela crueldade de suas regras. A maioria dos presentes deveria estar recebendo a notícia sobre a morte do lorde com uma grata satisfação.

Elizabeth se aproximou de Michaela para ter uma melhor visão do palco e do pai, conforme ele prosseguia com o discurso.

— Nossas casas e nossas famílias têm sentido a falta de um senhor que nos garanta a proteção. Sinto-me honrado, portanto, em poder lhes transmitir a mensagem que afastará nossa tristeza e nos devolverá a esperança de um futuro melhor. O filho de lorde Cherbon, meu primo Roderick, estará de volta da Terra Santa a qualquer momento para assumir o lugar de seu pai.

Murmúrios de aprovação e cochichos excitados percorreram a grande sala.

— Lorde Roderick!

— Ele é um dos homens mais atraentes que eu já vi!

— Não tem nada a ver com o pai!

— Ele é bom e afável...

Essas foram algumas das observações captadas por Michaela, novamente interrompidas pelo anfitrião. Com um franzir do cenho, talvez pelo incômodo à aprovação geral, ele prosseguiu com aquela que seria a principal declaração da noite.

— Meu primo, contudo, sofreu graves ferimentos durante sua peregrinação. Pelos danos ao seu corpo e pelos termos impostos para a transmissão da herança, redigidos pelo próprio Magnus, é possível que o legado seja entregue a minha autoridade.

Foi como se uma máscara de orgulho e de prazer caísse sobre Tornfield diante da eclosão de aplausos e parabenizações. Ele saboreou o gosto da vitória por um minuto. Depois tornou a erguer as mãos pedindo silêncio,

— Eu, verdadeiramente, lamento a penosa situação em que meu primo se encontra, mas não é minha intenção arruinar esta noite de festa. Afinal de contas, em questão de poucas semanas, eu poderei ser transferido para o norte deste território. Para aproveitarmos ao máximo esta chance de nos divertirmos, proponho organizarmos uma competição de talentos. Lady Juliette já nos ofereceu um número de canto. Quem mais se oferece para abrilhantar nosso espetáculo? Eu darei um prêmio a quem melhor se apresentar!

Juliette sorriu e piscou para a platéia.

— Quem se atreve a desafiá-la? — Tornfield girou o corpo de modo a endereçar um olhar a cada um dos convidados.

Por uma hora, aproximadamente, homens e mulheres se alternaram na disputa ao prêmio que o anfitrião não especificara qual seria. Ninguém, contudo, se sobressaiu aos demais. A maioria cantou ou recitou versos a título de humor. De qualquer maneira, na opinião de Michaela, ninguém feriu seus ouvidos mais do que lady Juliette. E ninguém se divertiu mais do que ela e Elizabeth, que aproveitaram a ocasião para se darem as mãos e dançarem sem pudor.

Terminada a última apresentação, Tornfield protestou à falta de novos candidatos.

— O que é isso? Vocês querem o fim da diversão? Quem será o próximo a subir ao palco?

Michaela sentiu um novo puxão no cabelo. Olhou para trás e Elizabeth sinalizou para que ela se oferecesse a cantar.

— Oh, não! De jeito nenhum.

Elizabeth fez um trejeito, cruzou os braços e bateu com o pé repetidas vezes.

— Você quer que eu cante na frente de todas essas pessoas? Oh, não, Elizabeth! Por favor, não me peça isso. Eles caçoarão de mim...

— Lady Michaela Fortune cantará agora para nós!

O estômago de Michaela se revirou em um nó ao reconhecer a voz de sua mãe.

— Querida, onde você está, querida? Michaela?...

Michaela?...

A cada chamamento, a voz materna soava mais próxima. Michaela estremeceu ao adivinhar que em, poucos segundos a mãe a descobriria em seu esconderijo e a exibiria ao público. Antes disso, porém, um par, de bracinhos surpreendeu-a pela força com que a empurraram.

Michaela se desequilibrou. No instante seguinte, ela estava caída, esticada no chão. Sob as gargalhadas da platéia, sua mãe a segurou por um braço e a fez se levantar.

— Você tem uma linda voz, querida. Pense no prêmio. Com ele talvez possamos quitar nossas dívidas.

— Sim, cante para nós, Moça do Pudim! — alguém caçoou.

Michaela corou ao se lembrar das manchas no vestido causadas, deliberadamente, por Juliette e por ser obrigada a voltar à realidade e encarar o estado de penúria em que se encontrava sua família.

— Talvez não seja uma boa idéia, não acham? — sugeriu Juliette, maldosamente.

— De repente, o diabo pode ser atraído e nos colocar surdos...

A indignação venceu a timidez de Michaela. Ela afastou as mechas de cabelos dos olhos e encarou a outra.

— Se seu canto não nos ensurdeceu, o meu será um bálsamo, diabo e inferno à parte.

— Michaela! — A mãe apertou o braço da filha e estapeou-o.—: Isso foi falta de educação!

Com evidente fúria, Juliette desceu do palco. Mas não sem antes lançar um desafio.

— Se os juizes decidirem que sua voz é mais bonita do que a minha, eu também lhe darei um prêmio. De sua escolha.

— De minha escolha? — Michaela questionou, cética.

— O que o senhor diz a esse respeito, milorde? — Juliette olhou para o anfitrião. — Temos sua aprovação para esta aposta?

— Claro que sim, miladies. Por favor, prossigam. Michaela sentiu-se enrijecer sob os olhares perscrutadores. Ela se tornara o centro das atenções. Situações como aquela jamais se revertiam em sua vantagem. Alguém tossiu. Sua mãe lhe sorria como se esse simples incentivo fosse bastar.

Trêmula, ela baixou a cabeça e ficou esperando por uma inspiração. Os músicos a incitaram a lhe dizer o nome da música. Nesse momento, ela tomou fôlego e respondeu:

— Ainda não existe música para esta letra.

Juliette abriu a boca para dizer algo, porém tornou a fechá-la. Agatha Fortune sorriu em aprovação e se afastou. Michaela fechou os olhos e começou a cantar, fazendo de conta que estava voando no céu, os braços abertos como se fossem asas.

A canção lhe fora ensinada, quando criança, por um frade em passagem pelo feudo e fora escrita originalmente para os monastérios como um canto de louvor religioso. Ela a adaptara em uma suave composição para traduzir seus mais profundos sentimentos e desejos de felicidade, apagando mágoas e humilhações não apenas sofridas naquela noite, mas no decorrer de sua vida inteira.

Era uma música longa e Michaela não quis abreviá-la. Entregou-se de corpo e alma a esses poucos momentos em que, inserida em sua própria mente, podia dar vazão a um de seus únicos talentos. Sentia o rosto úmido de lágrimas. Sentia a vibração de cada nota que entoava. As paredes de pedra as devolviam em forma de eco, criando a ilusão de que ela estava sendo acompanhada por um coral.

Ao término da última e fina vibração, Michaela ordenou-se a descer do céu e abrir os olhos. Sozinha, no centro da multidão, sua sensação não foi a de ter descido de seu voo ao paraíso, mas de outro mundo. As pessoas a fitavam como se tivesse lhe nascido uma segunda cabeça. Até mesmo a criadagem parará de servir os convidados e de limpar as mesas. Não se ouvia nem sequer uma respiração. O silêncio era total e absoluto.

Com o rosto ardendo de vergonha, ela procurou Tornfield com o olhar. Ele, como os demais, a encarava de queixo caído. Estava tão distraído que não percebeu que um fio de vinho entornava da taça, molhando sua bota.

Sem saber o que fazer ou o que dizer, Michaela ficou parada. Sentia-se vulnerável, como se tivesse acabado de expor sua própria alma. Um nó começava a se formar e fechar sua garganta quando um som característico de duas mãos, batendo uma contra outra, rompeu o estupor.

Aturdida, pestanejou ao perceber que o som vinha de trás. Para sua surpresa, era Elizabeth quem batia palmas para ela, deixando voluntariamente seu esconderijo, atrás das cortinas, sem se importar com as possíveis reprimendas que sua desobediência acarretaria. O sorriso de menina enterneceu-lhe o coração. O mais carinhoso que recebera, até aquele momento, fora de sua mãe e de seu pai.

Ao menos alguém havia gostado de sua canção.

A presença inesperada da filha certamente afetou Tornfield. Após um instante de

surpresa, porém, ele se livrou do copo, agora vazio, e se juntou a Elizabeth em seu entusiástico aplauso.

— Muito bem! — ele gritou. — Excelente!

Os convidados se apressaram a participar da manifestação. Michaela notou o modo como uns cochichavam com os outros enquanto aplaudiam. Também viu Tornfield atravessar a pista e se abaixar para falar com a filha. O que ele lhe disse foi abafado pelo barulho. Assim que terminou de falar, levantou-se e conduziu-a pela mão ao lugar onde ele estava anteriormente.

Subitamente, os rumores se elevaram. Michaela teve a nítida impressão de que deixara de ser o foco das atenções. Uma mistura de alívio e de curiosidade a fez olhar ao redor antes de tornar a se concentrar nas figuras sobre o palco.

— Mais algum cantor para alegrar nossa festa? — Tornfield fitou os convidados com um olhar interrogativo. Após alguns segundos, balançou a cabeça. — Creio que não. Não após a magnífica interpretação de lady Michaela. — Ele dirigiu o olhar, que se parecia espantosamente com o da filha em sua euforia, para Michaela, e curvou-se em saudação. — O prêmio é seu, milady.

— Isso é uma afronta! — exclamou Juliette. — Eu não concordo com a vitória de alguém que recebeu o dom das mãos de Satã!

Michaela sentiu as próprias unhas cravar nas palmas das mãos. Pela primeira vez em sua vida, algo que nunca lhe ocorrera antes, desejou estapear uma pessoa.

— Minha cara lady Juliette, devo lembrá-la de que a identidade da mulher que mereceu vencer nossa competição não lhe é desconhecida. Ela não merece sua crítica. Todos que se ofereceram graciosamente para nos divertir são dignos de nosso respeito e de nossa estima. Tenho certeza de que nossa vencedora será razoável na escolha do prêmio que a senhorita lhe ofereceu.

Pálida de raiva, Juliette murmurou por entre os dentes:

— Fique avisada de que a farei pagar caro caso se atreva a me ridicularizar com seu pedido.

— Eu não lhe pedi nada — Michaela respondeu de modo que apenas a outra escutasse —, mas se insistir com suas ameaças, invocarei o diabo para que ele a carregue!

Diabo! Satã! Céus, o que era aquilo?

— Então, peça o que quer, de uma vez! Acabe logo com essa farsa! — Juliette sibilou.

Michaela olhou para a adversária e em seguida examinou suas roupas.

— Por meu vestido estar neste estado por culpa sua, eu quero trocá-lo pelo que você está usando.

Uma risada de escárnio abalou o ambiente. — Sua tola! Suas posses não seriam suficientes para comprar um vestido como este!

— Pois deveria ter considerado essa situação antes de se dispor a arruinar o meu, milady.

Juliette negou com a cabeça, os olhos voltados para o anfitrião.

— Não trocarei meu vestido pelo dela! O que essa mulher está pedindo é um absurdo!

— O pedido de lady Michaela me parece bastante razoável — Tornfield contemporizou. — Ela não pediu, aliás, que a troca seja feita de imediato. Estou certo?

— Claro que sim — Michaela respondeu, o coração batendo acelerado pela maneira como Tornfield a defendeu. — Ela poderá me enviar o vestido por um mensageiro em um prazo de duas semanas.

Dando o caso por encerrado, o anfitrião ergueu os braços e pediu que os músicos prosseguissem.

— Vamos senhores, toquem! A festa ainda está longe de chegar ao fim! Há muito a

ser comemorado!

A música imediatamente tomou conta do grande salão, os presentes se dirigiram às mesas para se servirem de mais refrescos e comida. Tornfield insistiu para que Michaela lhe fizesse companhia e à filha.

— Sinto-me honrada, milorde. — Michaela fez uma mesura e quase desabou aos pés do anfitrião com o inesperado salto que Elizabeth deu para abraçá-la.

— Vejo que minha filha se apegou rapidamente a você — Tornfield observou. — Por quanto tempo estiveram juntas, escondidas atrás das cortinas?

— Não muito — Michaela respondeu, cogitando se a insistência da menina em abraçá-la não seria uma forma de evitar um castigo. — Elizabeth estava curiosa, milorde. Por favor, desculpe-a por sua desobediência.

— Elizabeth me desobedeceu? De que está falando, milady?

Sob as mãos de Michaela, os ombros de Elizabeth se moveram.

— Eu renuncio ao prêmio que o senhor ofereceu, se isso salvar Elizabeth de uma repreensão.

— Por que eu a repreenderia? — ele estranhou. Michaela sentiu-se enrubescer.

— Por ter assistido à festa sem sua permissão? Apenas nesse instante, Michaela percebeu que a menina deixara que ela deduzisse erroneamente a situação, como uma espécie de brincadeira. Elizabeth levou as duas mãos à boca para sufocar o riso. No momento seguinte, o pai a imitou.

Michaela não achou graça nenhuma que estivessem rindo à sua custa. Seu pensamento mudou, porém, ao ouvir a explicação de Tornfield.

— Milady, meu maior desejo, há muito, era que Elizabeth participasse dos eventos sociais que freqüentemente ocorrem no Solar Tornfield. Se ela se esconde das pessoas é por sua própria iniciativa. Esta foi, na verdade, sua primeira aparição em público. Elizabeth não costuma falar com ninguém a não ser comigo e com alguns poucos criados, desde que a mãe morreu um ano atrás.

Uma menina tão doce. Por que não fora sincera? Michaela sentiu-se uma tola. Sem saber o que dizer, decidiu subitamente requerer seu prêmio em forma de um desconto sobre as dívidas contraídas por seu pai.

— Bem, milorde, sobre meu prêmio... Nossas colheitas foram escassas no último ano. Não espero que toda nossa dívida seja perdoada, é claro, mas uma parte, talvez? Ou uma prorrogação do prazo?

Tornfield pareceu refletir.

— Estou ciente dos problemas de seus pais e de todos os colonos. Sob o comando de Magnus Cherbon, todos perderam. Eu inclusive. Porém com a morte dele e o fim de suas regras desumanas, espero que todos possam se recuperar e seguir em frente. Apenas não sei até que ponto. Com o retorno de Roderick, tudo poderá acontecer. Tanto de bom quanto de ruim. — Ele fez uma pausa e olhou para a filha, para em seguida relancear os olhos na direção de Michaela. — Espero que possamos chegar a um acordo.

Sem saber o que responder, Michaela se manteve calada. Não lhe passou despercebido o modo como Tornfield a examinava, embora de esguelha.

— Em vista das dívidas contraídas por seu pai, talvez você queira considerar a possibilidade de ajudá-lo, diminuindo as despesas de sua casa, e vindo morar em Tornfield. Como dama de companhia de Elizabeth, claro.— Ele se apressou a desfazer qualquer possível equívoco. — Eu jamais lhe faria uma proposta que manchasse sua reputação.

Michaela teve vontade de rir. Sua reputação não seria manchada mesmo que ela andasse nua pelas ruas de Londres. De qualquer forma, para melhorar a situação de sua família, ela seria capaz de qualquer coisa.

— Está me dizendo, milorde, que os débitos de meu pai serão perdoados se eu concordar em trabalhar para o senhor como acompanhante de sua filha?

Embora Tornfield hesitasse por alguns segundos, sua resposta foi afirmativa.

— A felicidade de minha filha é o mais importante para mim, milady. Pelo que acabei de testemunhar, ela gostou de você à primeira vista. Se essa amizade ajudá-la a voltar a ser como antes, e motivá-la a conversar com as pessoas, não há dinheiro que pague. Eu proponho que para cada trimestre que esteja morando sob meu teto, um décimo da dívida de seu pai seja deduzido. O que acha de meus termos?

Tudo o que Michaela sentia naquele momento era vontade de chorar de alegria e de alívio. Contudo, um súbito receio de seu futuro ali em Tornfield surgiu. Alan Tornfield era um homem atraente, e ela poderia facilmente se apaixonar por ele...

No entanto, não foi possível continuar a tecer considerações. A expectativa com que a pequena Elizabeth a fitava, obrigou-a a abreviar sua resposta.

— Eu aceito.

Capítulo II

Ele finalmente estava em casa. O coração de Roderick batia forte de emoção à medida que se aproximava dos altos portões de Cherbon. Não conseguia desviar seus olhos da imponente estrutura.

Puxou as rédeas de modo a impedir que o cavalo prosseguisse em seu trajeto. Precisava de alguns minutos de descanso antes de poder apear. O quadril e o joelho esquerdo estavam doendo terrivelmente com o esforço.

— Enfim aqui estamos! — disse Hugh, emparelhando a montaria com a de Roderick.

O amigo, Hugh Gilbert, que Roderick conhecera inicialmente, antes da batalha de Heraclea, tornara-se um novo homem durante o período de sua recuperação. Ou talvez fosse o contrário.

Durante as guerras santas, Hugh vivia em desespero, devorado pela culpa. O homem que o acompanhara de volta para a Inglaterra, no entanto, era o autêntico Hugh Gilbert. Um grande companheiro. Um verdadeiro amigo.

Hugh se tornara a pessoa mais importante na vida de Roderick. Estimava-o sinceramente. Nada poderia retribuir a dedicação e a paciência com que o amigo o tratara durante os longos meses de agonia.

Roderick jamais imaginaria que sua vida se ligaria a de Hugh Gilbert em laços tão estreitos ao ponto de Hugh resolver abandonar sua vida pregressa para acompanhá-lo a Inglaterra. A presença de alguém de sua confiança seria fundamental ao transpor o umbral do castelo Cherbon.

Calafrios de medo o assaltavam ao simples pensamento de que voltaria a viver por trás daquelas muralhas. Por maior que fosse sua certeza de que *o demônio de Cherbon* estava morto e enterrado havia mais de um ano, restava a impressão de que seu espírito continuava vagando entre aquelas paredes altas e frias, apenas esperando que o filho voltasse para lhe apontar o indicador, agora descarnado, e acusá-lo em voz sepulcral:

Fracassado! Inútil!

Maldito aleijado!

Deveria ter morrido em meu lugar!

Incrivelmente, porém, Roderick não sucumbira aos ferimentos. Uma força mórbida, nascida da notícia de que Magnus Cherbon fora chamado à corte do Juízo Final, o mantivera vivo e lúcido.

Seu odioso pai, por ironia do destino, perecera dentro dos formidáveis e decadentes muros que cercavam Cherbon, que sempre considerara inexpugnáveis. Agora, sobre seu cadáver, o filho desprezado tomaria posse do feudo. Um novo Cherbon. O demônio reencarnado. Um homem duro também, mas por diferentes razões.

Antes, a fortaleza abrigara um menino fraco e medroso que ao longo dos anos havia se transformado em um jovem rebelde e revoltado, sedento por justiça. Essa mesma fortaleza estava, agora, se abrindo para dar as boas-vindas a um homem de pedra.

Uma rajada de vento os açoitou, castigando os estandartes em tiras colocados de cada lado dos portões que davam acesso à torre. Olhando-se, tanto para a direita quanto para a esquerda, estendendo-se de Norte a Leste, o abandono a que o castelo e seus arredores haviam sido entregues era total.

A ponte levadiça fora baixada para possibilitar o acesso, mas ninguém se postara diante dos portões para receber o novo lorde. Sem fanfarras, sem aplausos, sem ovações. Apenas a tarde fria e chuvosa esperava por Roderick.

No céu, sobre suas cabeças, as nuvens escuras pareciam enviar avisos de cautela através do vento.

Roderick se moveu na sela, mais uma vez, na tentativa de amenizar a dor antes de incitar o cavalo para que subisse sobre a ponte, e fez um sinal para que Hugh o seguisse.

Leo, amarrado às costas de Hugh, pareceu entender a situação. Seu grito soou como uma trombeta, anunciando a entrada do novo senhor de Cherbon.

O interior da fortificação se encontrava ainda mais deteriorado do que seu exterior. As videiras estavam secas e suas ramas emaranhadas causavam a impressão de que uma praga visitara o castelo, destruindo toda sua vegetação. Pedacos de mobília estavam jogados pelo pátio sujo, os barris tombados e secos, com o restante de seus conteúdos vomitados sobre a terra escura e pegajosa.

Fragmentos de objetos em cerâmica se misturavam ao tapete de lixo. Em um deles, Roderick reconheceu marcas do brasão de Cherbon. Um pedaço de pano puído e desbotado remetia ao cenário atrás da mesa de refeição do senhor do castelo, onde antigamente se penduravam as cortinas.

Sob as patas dos cavalos ouvia-se o triturar de toda aquela sujeira. Sem se importar com o fato, Roderick deu a volta na torre de menagem e prosseguiu em direção à entrada principal. Deteve-se por um instante, de costas para o lado sul da muralha, também recoberta pelos fios retorcidos e secos do antigo parreiral, desde o chão até as ameias.

No alto, acima da torre, entre o lugar onde estava Roderick e o pátio interno e recluso, uma espiral de fumaça lutava para se soltar e alcançar as camadas de nuvens. Uma coruja piou. Nesse instante, Roderick soltou as rédeas, segurou a perna esquerda por baixo do joelho e se preparou para apear.

Hugh saltou de seu cavalo em um piscar de olhos, despertando uma pontada de inveja em Roderick, agora tão limitado em seus movimentos.

— Eu o ajudo.

— Não é preciso — Roderick resmungou. — Eu consigo.

— Não seja teimoso, homem. Após uma cavalgada tão longa, o que pretende? Arruinar a perna boa também? Espere até que eu encontre um pedaço de pau no meio dessa tralha que possa servir de bengala. — De volta de sua breve busca, Hugh se colocou ao lado do amigo e lhe ofereceu o ombro como apoio.

Roderick não protestou. Sabia que estava errado em sua absurda arrogância. E mesmo com a ajuda de Hugh, a dor que irradiou por suas coxas e costas ao pisar no chão o fez perder o fôlego.

Por hábito, ele esboçou um movimento de incitar seu cavalo para que seguisse em direção aos estábulos a fim de comer e descansar. A desolação ao redor, porém, o deteve. Segurando sua montaria pelas rédeas, o estômago se revirando em ondas de fria apreensão, ele avançou rumo ao portal. A sensação o incomodava. Não queria admitir seu receio pelo futuro que o esperava.

— O que acha de eu verificar os arredores enquanto você inspeciona o interior? — Hugh sugeriu quando a hesitação se estendeu demais.

Em resposta, Roderick afrouxou as rédeas e o ruído dos cascos batendo contra o chão de pedra ecoou pelas sombras.

Estranhamente, estava mais escuro e mais frio dentro do castelo do que fora, embora houvesse um resquício de fogo na imensa lareira que ficava do lado oposto da porta.

As cortinas majestosas que antes adornavam as altas paredes, agora existiam apenas em sua lembrança. Panos imundos em tiras se misturavam aos ramos secos das videiras que chegavam às vigas do teto. Mal dava para se enxergar onde se pisava. A sujeira lá dentro era quase tão grande quanto do lado de fora.

A única peça que estava limpa era a mesa. Em seu centro havia uma pilha do que pareciam ser toalhas e lençóis. Quem acendera o fogo, provavelmente respondia por aquela tarefa. Seria um remanescente de Cherbon ou um viajante que tivera a sorte de encontrar um castelo abandonado que lhe servisse de abrigo?

Atrás dele, o cavalo pateou e resfolegou, obrigando-o a interromper a inspeção e mover os olhos na direção da porta que dava para a cozinha. Pronto para seguir naquela direção, Roderick foi novamente distraído. Pelo canto dos olhos, viu os panos se mexer.

— Roderick? É você, filho?

Ele conhecia aquela voz. Fechou os punhos ao tratamento. Não queria que ninguém o chamasse de "filho" pelo resto de sua vida. Nem mesmo frei Cope.

— Sim, sou eu.

O velho e corpulento homem despejou em um copo a água de uma jarra e tomou um gole antes de se levantar.

— Estou feliz com seu retorno — ele disse como se Roderick estivesse voltando de uma simples caçada nas proximidades. — Deus seja louvado! Mas eu lamento lhe dizer, filho, que Magnus está morto.

— Eu soube.

— Cherbon é seu agora, meu rapaz.

— O que houve? Por que o castelo se encontra neste estado deplorável?

Antes que o frade pudesse responder, surgiu na porta da cozinha outro fantasma do passado de Roderick. Harliss, a mulher que o criara, no lugar de sua mãe. Estava mais magra, com os cabelos mais grisalhos do que na ocasião de sua partida, porém sua aparência continuava tão severa quanto antes. As mãos estavam entrelaçadas na altura da cintura. As mesmas mãos que o haviam surrado sob as ordens de Magnus.

— Bom dia, Roderick.

Sem uma resposta a sua saudação, a mulher franziu ainda mais o cenho e a reprovação faiscou em seu olhar.

— Onde foram parar seus modos?! Como teve o desplante de trazer seu cavalo para dentro do castelo?

— Em primeiro lugar, me chame de milorde quando se dirigir a mim. Eu sou o novo lorde de Cherbon. Em segundo lugar, eu não teria precisado procurar água para dar ao meu cavalo, se você tivesse cumprido sua obrigação e abastecido os tanques.

— Está enganado, milorde. — Harliss virou-se para frei Cope com ar de superioridade. — O senhor não disse a ele?

O frade suspirou.

— Ainda não.

O vozeirão de Hugh quebrou o pesado silêncio que se instalara.

— Então o castelo não estava completamente abandonado, como pensamos! Espero que encontremos comida. Estou quase morto de fome. — Ele se deteve ao perceber a tensão que pairava entre as três figuras.

Harliss encarou Hugh como se este fosse um mendigo, embora Cherbon não estivesse em melhores condições do que suas roupas. Leo, em compensação, trajava uma vestimenta de seda bordada em fios dourados; o último presente que Aurélia lhe dera. Parecia um pequeno príncipe.

O menino chamou Roderick e lhe estendeu os bracinhos.

— Ele não pode pegá-lo agora — disse Hugh, tirando a criança de cima do cavalo. — Por que não vai brincar?

Assim que foi colocado no chão, porém, o menino correu na direção de Roderick, tropeçando pelo caminho e se equilibrando ao segurar na longa capa negra que o cobria. Com o impacto, a dor no joelho obrigou Roderick a sufocar um grito. Seu sofrimento, contudo, não foi nada em comparação ao prosseguimento da conversa.

— Existe uma condição para você tomar posse da herança — o frade murmurou.

— Uma condição? — Hugh interveio. — Que tipo de condição? Isso é ridículo! Você conhece esses dois, eu suponho.

Roderick fez um movimento afirmativo com a cabeça para tranquilizar o amigo. A sensação de frio no estômago aumentara. Não deveria estar admirado. Seu pai, com certeza, dera um jeito de continuar a atormentá-lo mesmo do além.

— Este é o capelão de Cherbon, e esta é Harliss, minha antiga babá.

— Harliss, a *impiedosa*. — Hugh pronunciou a segunda palavra com deliberada lentidão. — Eu a conheço de nome. Ouvi inúmeras referências a seu respeito.

— Eu reservo minha generosidade a quem merece — a mulher retrucou. — Não a desperdiço com meninos teimosos e desobedientes.

— Qual é a condição, frade? — Roderick indagou, o cenho franzido.

— Antes de reclamar Cherbon, você terá de se casar. O nó se desfez no estômago de Roderick.

— Só isso?

— Com uma moça de boa família.

— O rei tomou conhecimento dessa situação?

— Sim, fi... milorde — o frade se corrigiu. — Seu pai enviou ao palácio real uma cópia do testamento logo após sua partida para a Terra Santa.

— Como pôde? — Harliss estreitou os olhos. — Como pôde abandonar seu pai sabendo que a morte o rondava? Não finja que desconhecia a gravidade de seu estado.

— Não me importa se você acredita ou não que a doença do meu pai nunca me foi revelada. A notícia de sua morte, porém, foi bem-vinda para mim. Ele não me deixou escolha. Humilhou-me e perseguiu-me até que eu consentisse em partir naquela maldita peregrinação.

Com um gesto brusco, Roderick afastou o capuz e os cabelos, exibindo as cicatrizes no rosto. Em seguida, afastou a túnica para expor o pedaço de pau que agora trazia consigo em lugar da espada.

— Vejam minhas recompensas por ter cumprido minha sagrada missão! — Ele pensou ter visto um brilho de satisfação nos frios olhos de Harliss. — Restaram outros criados? — indagou, olhando em volta.

— Somos vinte ao todo — a mulher respondeu, seca. — Estamos espalhados pelos poucos aposentos que sobraram após as pilhagens.

— E os outros?

— Debandaram para os vilarejos nas proximidades, os miseráveis!

— Com o produto das pilhagens, certamente — sugeriu Hugh.

— Convoque-os a minha presença! — ordenou Roderick, olhando diretamente para

o frade. — Aqueles que não se apresentarem aqui pela manhã, terão suas dívidas dobradas! Se falhar no cumprimento de minha ordem, eu o expulsarei de Cherbon. E até que o sol se ponha amanhã... este salão e os aposentos que servirão a mim, a sir Hugh e a Leo deverão estar limpos e arrumados... Ou eu providenciarei para que os responsáveis sejam igualmente punidos por desacato e negligência.

— E quanto ao filho de seu nobre amigo, milorde? — Harliss olhou para Leo. — Devo me incumbir de sua educação?

— Ele não é filho de Hugh.

— O órfão, então, ficará sob meus cuidados?

— Leo é meu filho! — Roderick rosnou. — Atreva-se a tocar nele e eu mandarei acorrentá-la nas masmorras! A partir de hoje seu local de trabalho será a cozinha.

Erguendo o queixo, a mulher deixou o recinto como se este estivesse em chamas.

— Você está mudado, Roderick — frei Cope murmurou, tristemente.

— A conversa está encerrada. Bom dia, frade.— Roderick se afastou em direção à mesa, puxando Leo pelo braço. O cavalo, desesperado de sede, chegara até a mesa e conseguira virar o jarro.

— Antes de ir — o frade adiantou-se —, permita-me entregar-lhe o decreto do rei.

— Eu já estou ciente das condições.

— Seu casamento deverá ser realizado antes que complete seu trigésimo aniversário — o frade acrescentou.

— Caso contrário, seu primo, lorde Alan Tornfield, se tornará o novo senhor deste feudo.

Roderick encarou o religioso com todo o ódio que sentia pela vida que tinha vivido dentro e fora de Cherbon desde que nascera. Sem pestanejar, apertou o pergaminho como gostaria de ter feito com o pescoço de seu pai.

— Desapareça de minhas vistas, seu traidor! Vá para sua capela inútil, onde é seu lugar.

— Não fui cúmplice de seu pai sobre essa exigência, lorde Roderick. Acredite-me...

— E não torne a pisar neste salão, sem minha autorização expressa, se preza sua vida.

O frade fez uma reverência e se retirou sem dizer mais nenhuma palavra.

Hugh olhou para Roderick e balançou a cabeça.

— Talvez tivesse sido melhor permanecermos em Constantinopla.

— E permitir que meu pai continuasse reinando do túmulo? Não! Ainda faltam onze meses para meu trigésimo aniversário.

— Você pretende se casar no estado em que se encontra? No estado em que este lugar se encontra? — Hugh olhou ao redor e abriu os braços em um gesto de desalento.

— Não se preocupe, meu amigo. Amanhã mesmo, darei início ao meu plano.

— O que pretende fazer?

— Com sua assistência, divulgar a notícia de que o abominável senhor de Cherbon está de volta e procura uma noiva.

Capítulo III

Cinco Meses Depois - Tornfield Manor

— Lady Juliette Osprey! — anunciou o criado, interrompendo a ceia.

Michaela e Elizabeth se entreolharam e franziram o nariz. Riram baixinho, e em seguida, baixaram os olhos para seus respectivos pratos antes que alguém pudesse notá-las.

A mulher invadiu o salão, causando um alvoroço com o ressoar dos saltos de seus sapatos e o farfalhar de suas saias.

— Peço suas desculpas, lorde Tornfield, por vir à sua casa sem prévio aviso, e entrar sem esperar por sua autorização, mas trata-se de um assunto da maior importância. — Juliette se deteve diante dele, após atravessar o salão em passos céleres. Esbaforida, curvou-se em uma rápida mesura.

Do lado oposto de Elizabeth, à esquerda de Michaela, Alan Tornfield limpou a boca com a roupa e se levantou.

— Lady Juliette, a senhora é sempre bem-vinda em Tornfield. A que se deve sua preocupação?

A mulher deu um longo e dramático suspiro antes de estender o pergaminho que trazia na mão direita. A um gesto de Alan, um dos criados o apanhou. Todos, permaneceram em silêncio durante a leitura.

Michaela e Elizabeth tornaram a se entreolhar, curiosas. Para sua surpresa, Michaela não esperava que Juliette fosse se aproximar para lhe falar sem ser ouvida.

— Tem aproveitado bastante sua prenda?

O bom humor ameaçou abandonar Michaela. Juliette havia cumprido a palavra de lhe enviar o vestido. Ela não mencionara, porém, que o cortaria em tiras antes de acondicioná-lo em uma caixa.

— Ah, sim! Ainda esta manhã eu estava cogitando sobre a maciez do veludo com que o vestido foi feito.

Uma gargalhada masculina impediu Michaela de continuar.

— Não dá para acreditar — zombou Alan. — Como esta história chegou aos seus ouvidos, milady?

— Um portador de Cherbon esteve em Osprey no mês passado com o comunicado, e eu acabo de vir de Cherbon, tendo atestado sua veracidade.

Michaela notou a sobrancelha de Alan arquear em uma sarcástica censura.

— Oh, eu só fui até lá para me assegurar de que a notícia era verdadeira. — Juliette se apressou a esclarecer ao notar a expressão de contrariedade de lorde Tornfield.

Imediatamente Alan dobrou a missiva e guardou-a na cintura antes de se dirigir a Michaela e a Elizabeth.

— Desculpem-me, miladies, mas eu preciso ter uma conversa particular com lady

Juliette. Antes que você se recolha, minha filha, subirei para lhe dar um beijo de boa-noite.

— Milorde. — Michaela baixou os olhos em respeito, mas acompanhou os passos de Alan até que ele deixasse o salão. Ele, de fato, era um autêntico nobre. Outro não teria abandonado sua refeição para conceder uma audiência a alguém que não se fizera anunciar.

Ela foi trazida de volta de seu devaneio por uma forte cotovelada na costela. Com um gemido de dor, reprovou Elizabeth pelo ato e devolveu-o com um beliscão. Sem se importar, Elizabeth apontou para o pai e interrogou Michaela com os olhos.

— Não faço a menor idéia — ela declarou.

Como se a presença de Juliette houvesse afetado seu apetite, Elizabeth empurrou o prato. Michaela imitou-a. A presença daquela mulher antipática também a fizera perder a fome.

Um lacaios se apressou a retirar os pratos. Michaela ainda se surpreendia com a melhora de sua qualidade de vida. Em Tornfield havia criados para todos os serviços. Embora seus pais também tivessem ajuda, ela perdera a conta das vezes em que tivera de arrumar a mesa e tirar os pratos depois. A limpeza de seus aposentos também ficava por sua conta. Ela nunca soubera o que significava contar com a assistência de uma camareira até vir morar sob o teto de lorde Alan. Que homem! Sob suas ordens ninguém mais se atrevia a desmerecê-la. Mal conhecia as cozinhas. Nunca tivera de ajudar no preparo das refeições nem na lavagem das roupas. Inclusive as de seu uso pessoal. Ocorria-lhe, eventualmente, que todo esse conforto acabaria deixando-a mal-acostumada. Mas o que havia de errado em aproveitar essa vida boa enquanto podia?

— O que faremos enquanto seu pai não sobe para colocá-la na cama? — Michaela perguntou.

Através da mímica, Elizabeth pediu que ela cantasse, mas não foi atendida. Seria abusar demais de sua sorte com a pior cantora do feudo a poucos metros de distância.

— Que tal eu lhe contar uma história? Talvez uma fábula ou um trecho da bíblia? Quer ouvir novamente sobre Daniel no covil dos leões?

Elizabeth negou com a cabeça e fez de conta que se preparava para atirar com um arco e uma flecha.

— Outra vez? — Michaela sorriu, surpresa. — Eu já devo ter lhe contado a história de minha mãe umas vinte vezes nos últimos cinco meses.

A menina confirmou. Seu entusiasmo era o melhor incentivo que uma contadora de histórias poderia receber.

— Bem, então vamos lá. Era véspera de Natal e meus pais tiveram uma briga feia, embora não dê para acreditar que eu esteja dizendo a verdade, quem os vê juntos nos dias de hoje. Diziam que meu pai era um homem irascível em épocas passadas. Algo também difícil de acreditar, a meu ver — Michaela aquiesceu diante da expressão cética de Elizabeth. — Segundo minha mãe, meu pai estava recebendo em nossa casa um grupo de soldados, seus amigos, e todo o grupo se excedeu na bebida. Eu estava às vésperas de nascer e minha mãe se queixou de que não estava conseguindo dormir com o barulho. Como meu pai não se importasse, ela desceu ao salão no meio da noite para exigir que ele encerrasse a festa. Quando já estava no meio da escada, minha mãe deteve-se, horrorizada.

Em um canto da lareira, ela avistou um monge todo encolhido. O pobre homem, baixo e franzino, estava sendo usado como alvo pelos soldados que lhe atiravam os ossos que haviam sobrado do jantar, e cacos de cerâmica dos muitos objetos de uso e de decoração que eles tinham quebrado por descuido ou como parte de seus jogos imbecis.

Michaela fez uma pausa para aumentar o suspense.

— É claro que minha mãe se apressou a salvar o religioso, correndo até ele e sendo atingida por uma perna de cabrito. Indignada, ela olhou para o meu pai e exigiu que ele

mandasse seus convidados sair. Em seguida, dirigindo-se diretamente a eles, disse que deveriam se envergonhar de seu comportamento e que iriam para o inferno, quando morressem, como castigo por terem maltratado um servidor de Deus. Meu pai, que era ateu além de ser um homem orgulhoso e autoritário, ficou furioso com a atitude de minha mãe e disse que seus amigos ficariam e quem deveria sair daquela casa era ela, que estava ali sem ter sido convidada.

Com os joelhos dobrados e os pés em cima do banco, Elizabeth pediu que Michaela continuasse sem demora.

— A noite estava terrivelmente fria. Usando apenas um robe sobre o traje de dormir, minha mãe abriu a porta e saiu. Se meu pai esperava que ela fosse chorar e se humilhar, pedindo que ele a desculpasse por tê-lo envergonhado diante dos amigos, ele estava enganado. Agatha Fortune o surpreendeu. Decidida a ensinar uma lição ao marido, ela saiu caminhando pela neve rumo aos estábulos. Por sorte, estava calçada com sapatos e não com seus chinelos de quarto.

Michaela tomou fôlego antes de prosseguir:

— Minha mãe não havia percorrido a metade da distância quando uivos horripilantes seguidos por um tropel de cavalos sacudiram a terra coberta pela neve como um trovão. Ela, contudo, não se abalou e continuou em frente. Em uma demonstração de coragem e de fé inabalável em Deus, ela se manteve firme em sua posição. Foi então que os cavaleiros, temidos por todos no vilarejo, surgiram. E não havia mais tempo de ela se esconder.

Elizabeth cobriu os olhos por um instante, mas tornou a olhar para Michaela, instantes depois, com a mesma excitação de antes.

— Na manhã seguinte, obrigado a suportar as consequências de seus excessos, e arrependido pelo modo como tratara a esposa, meu pai saiu à procura de minha mãe. A busca iniciou pelos estábulos, o único lugar em que minha mãe e eu estaríamos razoavelmente abrigadas do frio e das criaturas noturnas, exatamente como ela pensara. Sem encontrá-la, meu pai questionou a mulher que os ajudava nos serviços de casa e ela o informou de que não vira Agatha desde o dia anterior. Ela mencionou que não se atrevera nem sequer a espiar pela janela, no meio da madrugada, quando acordara com os latidos de cães-de-caça e seus medonhos caçadores. A partir desse relato, meu pai começou a se preocupar de verdade. Sentiu-se esperançoso ao encontrar pegadas femininas. Seu coração quase parou de bater, contudo, ao descobrir que as pegadas terminavam em um único pé de sapato.

Até esse ponto, Michaela sempre contara a versão original de sua mãe, modificando-a depois segundo os ditames do bom-senso. Nunca fora capaz de repetir a declaração de Agatha de que o apavorante caçador se inclinara sobre o cavalo e a enlaçara pela cintura, colocando-a sobre a sela, e levando-a consigo em uma cavalgada pelas nuvens.

Sua intenção, afinal, era distrair Elizabeth, não assustá-la. Ela própria tivera dificuldade de dormir muitas noites, pensando no dramático episódio vivido por sua mãe.

— Dizia-se que meu pai e os aldeões procuraram minha mãe por dois dias e duas noites seguidos. No terceiro dia, ele se rendeu ao desespero. Dirigiu-se à capela do vilarejo, ajoelhou-se diante do altar e implorou que Deus lhe devolvesse a esposa e a criança por nascer em troca de se submeter a qualquer penitência que lhe fosse ordenada.

Elizabeth ergueu o braço e olhou para o alto.

— Exatamente — disse Michaela. — A porta da capela se abriu naquele instante e meu pai virou para trás. Seu corpo todo tremeu e os pelos de sua nuca se arrepiaram. Ali estava minha mãe, sã e salva, mas sem os sapatos. Ela se aproximou e disse a ele: "Walter, você precisa abandonar o mal e se tornar um humilde servo de Deus ou arcará seriamente com seus atos irresponsáveis".

Era incrível como Elizabeth se comportava como se fosse a primeira vez que ouvia aquela história. Seu olhar questionador provocou um leve sorriso em Michaela.

— Meu pai se transformou a partir daquele dia. Abandonou a violência. Suas armas não tornaram a ser usadas para matar, mas apenas como objetos de coleção. Ele passou a dedicar a vida à felicidade de minha mãe. — Michaela retirou uma correntinha de ouro, oxidada pelo tempo, de dentro da gola do vestido e exibiu-a. — Ela parece frágil, mas nunca se rompeu. Minha mãe a colocou ao redor de meu pescoço quando eu nasci. Disse que eu jamais deveria me separar dela ou estaria invocando a presença do temível caçador de almas. Foi ele, em pessoa, que se apresentou a minha mãe naquela noite, para salvar a ela e a mim da morte pelo frio.

Elizabeth olhou-a com uma expressão de dúvida.

— Sim — disse Michaela, entendendo a que a menina se referia. — É por isso que as pessoas acusam a mim e a minha mãe de termos um pacto com o diabo. Mas você não acredita que eu seja do mal, não é? — A um movimento circular que Elizabeth fez sobre a cabeça desenhando uma auréola, Michaela sugeriu. — Então eu sou um anjo?

Elizabeth concordou e se levantou. Abriu os braços e agitou-os como se fossem asas. Michaela jogou-se sobre ela e começou a lhe fazer cócegas. Foi assim que Alan e Juliette as surpreenderam.

Envergonhada, Michaela largou a menina, endireitou as costas e baixou a cabeça. Elizabeth saiu correndo da sala.

— Você tem razão, lorde, Alan — disse Juliette em tom condescendente. — Lady Fortune é uma boa dama de companhia para sua filha.

— Oh, não, minha cara. Lady Fortune não é uma criada nesta casa. Ela e Elizabeth são amigas.

— Amigas. Claro. — Juliette disse com sarcasmo. — Que sorte a de Elizabeth ter um pai que tenha lhe conseguido tão generosa... amiga.

Michaela suspirou silenciosamente ao perceber que a visita se encerrara. Mais uma provocação como aquela e não responderia por seus atos. A última coisa que ela desejava era dizer o que não devia na frente de lorde Tornfield.

Capítulo IV

— Boa noite, minha querida. Tenha bons sonhos — disse Alan, beijando os cabelos da filha.

Elizabeth soprou beijos para ele e para Michaela. Fechou os olhos ao ver o pai apanhar o castiçal e se encaminhar para a porta.

Michaela sentia o peito inchar de emoção conforme atravessava o recinto em direção ao corredor que a levaria para seu quarto. Um quarto com o dobro do tamanho do que possuía em sua casa. Todas as noites, seguindo esse ritual, ela fantasiava ser lady Tornfield, a esposa de lorde Alan e mãe de Elizabeth.

— Michaela — Alan trouxe-a de volta ao presente, surpreendendo-a com a maneira diferente que a fitava. — Poderia me dispensar alguns minutos antes de se recolher? Eu tenho algo importante a lhe dizer.

— Sim, é claro, milorde.

— Trata-se de um assunto confidencial. Eu estaria sendo inconveniente se lhe pedisse para conversarmos em meus aposentos?

Michaela sentiu a cabeça rodopiar. Sua mão escorregou da maçaneta e ela precisou se apoiar no batente da porta para não cair.

— Está se sentindo bem?

— Oh, sim. — Riu feito uma tola. — Podemos conversar onde o senhor desejar, milorde.

— Obrigado. Podemos ir, então?

Michaela o seguiu até o final do corredor. Sentia que suas pernas poderiam ceder sob o peso de seu corpo a qualquer momento. Alan abriu a porta e se afastou para que ela entrasse.. Encantada com a decoração tipicamente, ela olhou para as ricas cortinas cor de vinho que pendiam das altas janelas e da cama de dossel. As banquetas dispostas sob uma pequena mesa lateral eram forradas com o mesmo tecido. Quase não havia enfeites. O ambiente recendia a couro e a um perfume almiscarado. O toque feminino remetia a lembranças certamente deixadas pela esposa. Um par de chinelos bordados junto a um baú de madeira, uma escova dourada sobre uma mesinha de canto. Um agradável calor se espalhava entre aquelas paredes. Os criados eram instruídos a providenciarem para que os candelabros e a lareira estivessem acesos no momento que o senhor decidisse se recolher.

Um cenário perfeito, Michaela pensou, para o que ela imaginava que seria uma conversa íntima.

— Sente-se, por favor. — Alan puxou uma das banquetas. — Perdoe minha relutância. Faz muito tempo que não recebo uma mulher em meu quarto.

— Eu entendo — Michaela se apressou a responder, um sorriso ainda juvenil estampado em seu rosto. — Não é preciso se desculpar.

— Eu a chamei aqui porque queria partilhar o motivo da visita de lady Juliette.

— Ah! — A expressão de desgosto escapou ao controle dela.

Sem manifestar curiosidade pela reação de Michaela, Alan pegou o pergaminho entregue por Juliette que havia guardado na cintura, e entregou-o a Michaela. Ciente de que o manuscrito era longo e de que sua leitura demandaria cerca de uma hora, ele o resumiu em poucas palavras.

— Trata-se de uma exigência feita por Magnus Cherbon antes de morrer. Para tomar posse da herança, meu primo, lorde Roderick Cherbon, terá de satisfazer o último desejo de seu pai.

Os olhos de Michaela retornaram ao documento.

— Acho estranho que ele tenha divulgado um assunto tão particular a completos desconhecidos.

— O documento não versa sobre isso. Eu lhe contei a verdade, em confiança. Foi baseado no conhecimento desse termo que eu anunciei, meses atrás, a possibilidade de assumir o título deixado por meu tio, com todos os direitos e deveres que ele implica.

— Sim, eu me lembro — Michaela sentiu-se radiante por merecer tal prova de confiança.

— A exigência é que meu primo se case com uma moça de boa família antes de completar seu trigésimo aniversário.

Os problemas do primo de lorde Alan não interessavam Michaela, mas ela se empenhou em demonstrar o contrário de forma a agradá-lo. A um sinal dele, devolveu prontamente o documento.

— Lady Juliette me alertou sobre a situação. — Alan leu rapidamente algumas linhas. — Aparentemente, meu primo está com dificuldade para encontrar uma noiva. Esta missiva diz que qualquer jovem solteira, de boa família, com planos de casar, deverá se apresentar ao castelo de Cherbon para ser entrevistada por *sir* Hugh Gilbert. Será estabelecido um período de noventa dias como teste. Se a candidata for aceita se tornará a nova lady de Cherbon, e terá direito a um quinto de todos seus bens de imediato.

— É estranho — disse Michaela.

— Não, não é estranho. — Alan se inclinou para. falar. Chegou tão perto, que Michaela não pôde respirar de excitação. — Meu primo se transformou em uma sombra do que era. Mulher nenhuma quer se casar com ele. Ele está tentando comprar uma noiva

porque essa será sua única chance de tomar posse da herança!

— O que houve com ele?

— Eu soube que meu primo perambula pelo castelo como uma alma penada, vestido com uma túnica preta até os pés e a cabeça coberta por um capuz. Para caminhar, ele precisa se apoiar em um cajado. As mulheres sentem medo quando estão em sua presença. Nenhuma que se apresentou em Cherbon permaneceu no castelo por mais do que dois dias.

Michaela não estava entendendo o motivo daquela conversa.

— O que isso tem a ver comigo?

— Seus pais não são as únicas pessoas endividadas nestas terras, Michaela. Se eu não herdar Cherbon, Roderick cobrará minhas dívidas e eu não terei como pagá-lo. Esta propriedade e a de seu pai serão tomadas. Todos nós perderemos tudo que possuímos.

— Oh, meu Deus! — Michaela exclamou, aterrorizada.

— Isso não pode acontecer! O que faremos?

O sorriso de Alan quase compensou o choque da revelação.

— Eu tenho um plano que possibilitará sua permanência definitivamente em Tornfield, comigo e com Elizabeth, se esse for seu desejo.

— Sim, claro que sim! Qual foi sua idéia, milorde?

— Eu já dei início aos preparativos para uma grande festa que se realizará em um mês. Após essa noite, independentemente de meu primo ter ou não êxito em sua busca, nós estaremos salvos. — Alan fez uma pausa. Ao prosseguir, sua voz se tornou pouco mais do que um murmúrio. — Você confia em mim, Michaela?

— Confio, milorde.

Ele se debruçou sobre a mesinha.

— Elizabeth precisa de você... E eu também. Imagino que queira continuar aqui conosco, não é?

— Mais do que tudo, milorde — ela respondeu, inclinando-se, sem notar que os seios apoiavam na borda da mesinha.

Os lábios estavam quase roçando um no outro. Michaela fechou os olhos e esperou que Alan se aproximasse e a beijasse. Foi então que a mesinha tombou, derrubando-os. A vela acesa caiu sobre o tapete.

Alan se levantou com a rapidez de um raio e bateu os pés contra a chama. Em seguida, pôs-se a rir e estendeu a mão para ajudá-la a se erguer.

Michaela quis morrer, envergonhada com a situação.

— Quer que eu a acompanhe até seus aposentos?

— Não há necessidade — ela respondeu, odiando-se por seus olhos pousarem na imensa cama de dossel. — Eu sei o caminho.

— Claro que sabe — ele disse com um sorriso, pegando a mão de Michaela e beijando-a antes de pousar os lábios em sua face. — Boa noite, Michaela. Desejo-lhe o mais doce dos sonhos.

Ela ofereceu a Alan um sorriso genuíno dessa vez. O suspiro ele não chegou a ouvir, pois a porta já tinha sido fechada.

— Boa noite, milorde.

Capítulo V

— Eu não irei, Hugh.

— Por favor, Rick! Nós não saímos de trás das muralhas deste castelo desde que voltamos de Constantinopla. Estou para morrer de tédio. Daqui a pouco estarei

arrancando os olhos e rolando-os pela terra para tentar me distrair.

— Quer que eu mande buscar uma colher? — Roderick caçoou, acostumado aos exageros do amigo.

Roderick estava fazendo seus exercícios diários, deitado de costas sobre o tapete. Hugh se colocou sobre um joelho ao lado dele. Com uma das mãos pressionou o ombro esquerdo do amigo contra o chão e com a outra girou o quadril para a direita.

— Relaxe os ombros.

— Estou tentando — Roderick grunhiu.

— Tente mais. — Outro grunhido. Após alguns instantes, Hugh inverteu a posição. — Como eu estava dizendo, precisamos nos distrair. E você, em especial, não poderá faltar. De acordo com a carta de seu primo, que acompanhou o convite, a festa será em sua homenagem, para lhe dar as boas-vindas.

— A quem você pretende enganar? — Roderick retrucou. — Se eu estivesse morto, meu primo se tornaria o dono absoluto de Cherbon. Acha que Alan tem algum motivo para se regozijar com minha volta?

— Nesse caso, você não acha que deveria comparecer ao evento para ao menos verificar a situação de perto?

Terminado o que Roderick chamava de tortura, ele fez menção de se colocar de pé. Era extremamente difícil se levantar sem ajuda, mas ele afastou a mão estendida em sua direção. Sem dizer nada, Hugh lhe ofereceu uma espada, que ele usou como apoio até se firmar.

— Não estou interessado nos planos que Alan possa estar fazendo de me tomar Cherbon. Ele não conseguirá.

— Como pode estar tão certo? Você afugentou todas as moças que responderam a sua proposta. Até agora não conseguiu uma noiva. Pudera! Em vez de sorrir para elas, de lhes dizer algumas palavras agradáveis, você se comporta como um ogro!

Roderick ergueu a espada como se fosse lutar.

— O que espera que eu faça? Que dance com elas?

— Hum... Não seria uma má idéia.

— Cale essa boca! — Roderick perdeu o equilíbrio ao tentar retroceder.

Hugh prontamente o amparou.

— Um pouco de cordialidade não lhe faria mal.

— Eu tentei ser cordial. De que adiantou? — Roderick protestou, irritado. Como poderia se conformar? Antes ele brandia uma espada com orgulho contra o inimigo, agora precisava usá-la como bengala!

— Seus sorrisos eram forçados. Mais pareciam esgares. Suas conversas eram macabras. Você maltrata toda a criadagem. Não sabe falar sem gritar. Tanto de dia quanto de noite.

— Por acaso eu o estou incomodando? — Roderick franziu o cenho, sarcástico.

— Eu não me importo. Estou acostumado com suas grosserias, — Hugh apanhou as botas e colocou-as ao lado da poltrona de Roderick. — Precisamos continuar com os exercícios de fortalecimento e equilíbrio.

Roderick apoiou a ponta da espada no chão e se sentou.

— Então a mulher que se casar comigo também terá de se acostumar.

— O problema é que não sobrou ninguém para se *acostumar* — Hugh enfatizou, colocando-se novamente de joelhos diante do amigo. — Deixe que eu faça isso.

— Não! — Roderick empurrou-o. — Eu quero calçar as botas sozinho!

— Faça como quiser, então. Mas lembre-se de que faltam cento e noventa e dois dias para você completar trinta anos.

— Eu sei — ele resmungou e emitiu um grunhido de alívio por finalmente ter conseguido calçar a bota esquerda.

— Já pensou no que acontecerá se você não cumprir a exigência de seu pai? —

Hugh encolheu os ombros. — Podemos dar adeus à Inglaterra. Para o inferno com Magnus e Alan! Que também Cherbon vá para o inferno! Você nunca amou realmente estas terras e não me resta nada a reclamar, exceto dívidas. Juntos, poderemos voltar para Constantinopla e reagruparmos nossa tropa. Seu nome é prestigiado por lá. Sua coragem fez de você um herói. Viveremos como príncipes. Como *reis*!

Como Roderick não respondesse, Hugh apelou para um último recurso.

— Que futuro o espera aqui? Um casamento infeliz com uma solteirona feia e sem-graça. E se não houver casamento, será ainda pior. Você, Leo e eu seremos jogados para fora do castelo. Já pensou no que será de seu filho? Uma criança que terá de esmolar pelo pão de cada dia?

— Não permitirei que isso aconteça.

— Então ao menos compareça à festa desta noite. Sonde o terreno. Obrigue-se a tratar bem as moças. Quem sabe sua futura noiva estará lá!

Após um minuto de reflexão, Roderick negou com a cabeça. Não suportaria ser o centro das atenções. As pessoas ficariam olhando para ele e comentando.

— Não. Você irá em meu lugar. Desculpe-se ao meu primo e descubra o que puder.

Hugh não pôde acreditar em seus ouvidos. Encarou Roderick e pediu uma confirmação.

— Está falando sério? Quer mesmo que eu vá no seu lugar?

— Quero. Será uma ótima oportunidade para eu me livrar de você, de seu pessimismo e de suas torturas infundáveis!

Um largo sorriso se estampou no rosto de Hugh. Por uma fração de segundo Roderick sentiu remorso. Hugh raramente exibia seus dentes desde Constantinopla.

— Perfeito! Irei imediatamente e estarei de volta pela manhã. Vestirei minha melhor roupa e colocarei a capa vermelha para que minha presença não passe despercebida às lindas donzelas. — Hugh balançou a cabeça. — Continuamos com os exercícios?

— Não, ou você chegará atrasado à festa. — Roderick fez uma pausa para efeito. — A menos que dispense um banho.

— Você tem razão! Estou cheirando como um bode! — Hugh se encaminhou para a porta, entusiasmado como um menino que acabara de ganhar um presente. Virou-se abruptamente, — E Leo?

— Traga-o para mim antes de sair. Certamente poderemos aturar um ao outro por uma noite.

A expressão de Hugh se tornou novamente séria.

— Leo ficará feliz pela oportunidade. Mas...

— Não diga nada, Hugh — Roderick interrompeu o amigo. — Não sou um completo inútil.

— Claro que não é. Eu nunca pensei isso. Como poderia?

Cada vez que repetia aquelas palavras, o tom de voz de Hugh se tornava mais baixo e gentil. O amigo não suspeitava de que Roderick sentia vontade de morrer de revolta pelo que lhe acontecera.

De mãos dadas, Michaela e Elizabeth se esgueiravam por trás das prateleiras da cozinha. Os criados estavam alvoroçados com os preparativos para a grande festa. Aromas se misturavam e alcançavam as duas bisbilhoteiras que se entreolhavam e tentavam sufocar o riso enquanto ouviam a conversa dos serviçais.

— Quanto desperdício! Serão necessários seis de nós para carregar o bolo.

Michaela fez um sinal com o indicador sobre os lábios para que Elizabeth não se movesse sob o risco de serem pegas em flagrante.

— Por outro lado, fazia muito tempo que eu não via lorde Tornfield tão alegre. Tenho certeza de que ele está pensando em se casar em breve.

Michaela pestanejou a força com que Elizabeth apertou seu braço. Para tentar

amenizar o choque, ela se abaixou e abraçou-a. A menina se aconchegou ao seu peito.

— Eu não acho certo que ele tenha pedido segredo sobre sua intenção de oficializar o noivado esta noite. Como a menina se sentirá quando descobrir que o pai lhe dará uma madrasta?

— Lorde Alan a conhece faz um longo tempo — um dos criados justificou. — Ele certamente se preocupa com a filha e quer lhe dar uma nova mãe.

Indignada, Elizabeth fez menção de deixar o esconderijo. Michaela a deteve e sorriu.

— Eu também estou guardando um segredo — cochichou no ouvido da menina. — Creio que minhas suspeitas estavam corretas. Estou desconfiada, Elizabeth, de que serei eu sua nova mãe. Nós formaremos uma família de verdade. Ficaremos todos juntos para sempre.

A expressão zangada deu lugar a uma expressão de enlevo no rosto da menina.

— Você está linda — Michaela sussurrou. — Como uma princesa.

Ela também estava muito bonita em seu vestido novo. Com o vestido que Juliette arruinara ao manchar, mais o outro que lhe fora entregue em uma caixa, por um portador, cortado em tiras, Michaela confeccionara um novo modelo, com estupendo resultado. As faixas de veludo verde foram estrategicamente dispostas sobre as partes manchadas e com o que sobrara do tecido fora criado um adorável colete realçando as mangas cor-de-rosa.

Ela esperava que Juliette tivesse sido convidada para a festa para conferir o produto de sua maldade. O feitiço virará contra o feiticeiro. Com o que considerava ser o vestido mais bonito que já tivera, ela celebraria seu noivado com lorde Alan naquela noite. Jamais poderia imaginar que fosse essa a surpresa que ele lhe faria, quando lhe pedira um voto de confiança na semana anterior.

Seus olhos encheram de lágrimas ao gesto de Elizabeth de colocar a pequena mão sobre o próprio coração e em seguida sobre o peito dela.

Os músicos tocaram os primeiros acordes anunciando o início da festa. Michaela disse que também amava a menina e puxou-a pela mão. Ela não queria perder nem sequer um minuto da festa.

A festa mais maravilhosa de sua vida.

A festa de seu noivado.

Capítulo VI

O banquete parecia não terminar nunca, mas Michaela não se importava. Queria aproveitar cada segundo.

Sentada à mesa principal, Elizabeth entre ela e Alan, sendo alvo da admiração dos convidados. Inclusive de Juliette Osprey, que se sentara à mesa que fora colocada, mais próxima do tablado.

Michaela a surpreendera olhando para seu vestido mais de uma vez. Fosse por isso, ou por sua imensa alegria porque em breve Juliette estaria naquela casa como *sua* convidada também, ela decidiu esquecer todas as mazelas que a outra a fizera passar.

Sentiu-se leve, como se um peso lhe tivesse sido tirado dos ombros. Sua mãe estava certa ao dizer: "O perdão é um bálsamo para o espírito".

Sua mãe e seu pai, aliás, também estavam sentados à mesa de honra, com Juliette. Sem chance ainda de cumprimentá-los pessoalmente, ela lhes acenara e soprara beijos.

Os dois, como sempre, pareciam felizes e despreocupados, como se nada no mundo tivesse o poder de afetá-los.

Subitamente, todas as cabeças se voltaram para o lado esquerdo do salão. Jovens lacaios estavam trazendo o que deveria ser o maior bolo que já fora servido na Inglaterra.

Elizabeth se levantou para admirá-lo em sua grandeza e perfeição. Michaela se

obrigou a manter uma atitude adulta, permanecendo sentada.

Decorado com nozes partidas, brotos de samambaia e folhas outonais, o bolo representava o brasão de Cherbon. Em toda sua volta, penas e fitas coloridas imitavam chafarizes. Uma perfeita obra de arte. Parecia um pecado comê-lo.

Alan se levantou no instante que os criados se afastaram. Os convidados irromperam em aplausos. O anfitrião agradeceu com um sorriso de satisfação. Após alguns segundos ergueu as mãos e pediu silêncio.

— Boa noite, amigos. Obrigado por virem a Tornfield esta noite. É de coração que minha família e eu os recebemos em nossa casa — olhou para Elizabeth e para Michaela ao dizer isso — para partilharem conosco de um feliz evento.

Por baixo da mesa, Elizabeth procurou a mão de Michaela e apertou-a.

— Eu, bem como, todos aqui presentes, lamentamos que lorde Roderick Cherbon não tenha tido condições de comparecer esta noite por motivos de ordem pessoal. Gostaríamos muito de tê-lo entre nós.

Michaela ouvia o discurso, orgulhosa. Seu futuro marido era um homem de sentimentos nobres. Como podia se referir ao abominável senhor de Cherbon com palavras tão amáveis?

— Eu faço questão de agradecer pessoalmente a presença de sir Hugh Gilbert, que está aqui para representá-lo, e que lutou bravamente ao seu lado nas Guerras Santas.

Alan uniu as mãos, como se fosse erguer uma prece ao céu e inclinou a cabeça. A multidão de convidados o imitou conforme um homem alto e esguio, de cabelos pretos se levantava da mesa destinada aos convidados de honra, onde se encontravam Juliette e os pais de Michaela.

Do lugar privilegiado onde se encontrava, Michaela pôde notar a comoção que sir Hugh Gilbert causou entre a platéia feminina. A própria Michaela se surpreendeu com a beleza e elegância do estranho. Vestia-se ricamente. Até mesmo o estilo com que usava a barba, cortada rente à pele, acentuava seu poder de atração. Um poder que ele sabia possuir pelo modo como dirigiu seu olhar apreciativamente aos presentes, após agradecer os cumprimentos do anfitrião.

— Meu caro lorde Tornfield, lorde Cherbon me incumbiu de lhe transmitir seu profundo pesar por não lhe ter sido possível atender ao seu honroso convite e a oportunidade para desfrutar desta magnífica recepção e do convívio com sua nobre pessoa e — ele olhou na direção dos demais convidados —, ilustres convidados. Os deveres e as responsabilidades de sua função, ao assumir o lugar de seu pai, falecido recentemente, tomam todo seu tempo. Ele me pediu para avisá-los, contudo, de que está à inteira disposição de cada um nesta sala em caso de necessidade. — Nesse momento, Hugh voltou a se dirigir ao anfitrião.

— Lorde Tornfield, permita-me agradecer pessoalmente por sua cortesia e generosa hospitalidade.

Michaela reconheceu uma expressão de leve ironia no convidado.

— Sir Hugh, queira, por favor, me responder. Lorde Cherbon não está doente, está? Hugh arqueou uma sobrancelha.

— Em absoluto, milorde. Ele está perfeitamente saudável.

— Perdoe-me a insistência — Alan prosseguiu, obrigando Hugh a se manter de pé, quando ele começava a se sentar. — Mas nós soubemos que ele se feriu gravemente enquanto esteve na Terra Santa.

— Eu lhe asseguro de que os ferimentos sofridos por lorde Cherbon não o impedem de exercer plenamente suas habilidades. Transmitirei a ele, contudo, a amável preocupação de milorde com seu estado de saúde. Tenho certeza de que ele ficará sensibilizado com sua pergunta.

Não era impressão, pensou Michaela. Ao dizer aquelas palavras, o estranho se sentou dando por encerrado o assunto. De uma maneira quase ostensiva, ele colocou o

anfitrião em seu devido lugar, em sua própria festa, dentro de sua própria casa. Que audácia!

Após uma breve hesitação, Alan se dirigiu aos convidados com um novo sorriso.

— E, agora, vamos ao motivo principal de nossa festa. Todos os olhares pousaram na figura de Michaela, imediatamente esquecidos do pomposo cavaleiro. Ela buscou o suporte dos pais, na mesa em frente, com o olhar e uma sensação de frio no estômago. Eles lhe ofereceram um sorriso inocente. Nenhum estava entendendo a que tudo aquilo se referia.

— Como todos sabem, minha filha e eu sentimos muito a morte trágica e precoce de minha esposa — Alan prosseguiu. — Torrifiend Manor precisa do toque feminino que há tanto tempo lhe falta. Minha filha carece do amor de uma mãe, acima de tudo. Pensando nisso, foi que decidi que esta noite eu mudarei essa triste situação.

Ao lado de Michaela, Elizabeth aguardava o comunicado com a respiração suspensa.

— É de praxe que os noivados sejam anunciados em reuniões como esta. Nesse aspecto eu não os desapontarei. Por outro lado, o período de noivado jamais lhes pareceria tão curto. Porque nesta mesma noite, eu pedirei que nosso querido frei Cope celebre meu casamento diante do testemunho de todos os senhores.

O frade apareceu das sombras ao fundo do salão e se encaminhou para o local onde fora colocado o bolo.

Um burburinho se espalhou pelos convidados.

As palavras soaram distantes e estranhas para Michaela. Em sua ansiedade e excitação, ela mal conseguia ouvi-las. Seu coração nunca batera tão forte.

— É com imenso orgulho que eu lhes apresento a nova senhora de Tornfield, lady Juliette Osprey.

Por alguns segundos, Michaela pensou ter ouvido mal o anúncio por causa do estrondoso aplauso que fazia até as janelas vibrar. Um som estrangulado, porém, alcançou-a entre as ovações como um grito de horror. Não fora um engano. Elizabeth se enfiara debaixo da mesa e corra para junto do pai, o rosto pálido banhado em lágrimas.

— Não, papai, não! O senhor disse o nome errado: Michaela me disse que o senhor iria se casar com *ela*!

Os únicos sons que seguiram a manifestação de total aturdimento da menina foram o ribombar do coração da própria Michaela e as exclamações abafadas dos convidados.

Após um momento, Juliette se levantou com um sorriso de satisfação estampado no rosto e se dirigiu a Elizabeth.

— Seja sensata, querida. Seu pai jamais se casaria com lady Fortune. Eu serei sua nova mãe e estou certa de que nos daremos muito bem.

De joelhos diante da filha, Alan só conseguia segurá-la pelos ombros e manifestar seu estupor.

— Elizabeth... você voltou a falar! Minha filha querida... você recuperou sua voz!

A menina afastou-se do abraço.

— Por favor, papai. Diga que não é verdade! Que é com Michaela que o senhor irá se casar! O senhor disse que nós éramos uma família.

Os olhos de Alan se dirigiram a Michaela, pálida como se fosse desfalecer, e novamente a Elizabeth.

— Eu vou me casar com lady Juliette, meu bem. Mas lady Michaela...

— Não! — Elizabeth gritou e correu para os braços de Michaela, que não estava em condições de fazer outra coisa a não ser tentar se lembrar de respirar.

Mesmo quando Elizabeth saiu correndo da sala, ela não pôde se mover. Suas pernas não a obedeciam. Um silêncio mortal recaía sobre o ambiente.

Juliette, porém, tratou de quebrá-lo com o estalido de seus saltos conforme se dirigia à mesa sobre o tablado.

— Talvez prefira adiar a cerimônia, milorde? Eu... eu não quero...

— Não.

Alan, ainda de joelhos em seu aturdimento, finalmente se levantou e se encaminhou para frei Cope.

Michaela permaneceu imóvel, a única pessoa agora sentada à mesa principal. O elo partido preso a sua corrente de ouro parecia estar queimando em sua pele. No momento que o frade começou a falar e Alan segurou a mão de Juliette, ela sentiu seu coração se fragmentar em milhares de pedaços.

Capítulo VII

Recolhida a seus aposentos durante dois dias, Michaela se recusou a comer e a falar com qualquer pessoa, exceto os pais.

Uma profunda depressão a levava a buscar alívio no sono, incapaz de suportar as lembranças da noite anterior cada vez que abria os olhos.

Havia deixado a festa imediatamente e retornara para sua casa, levando consigo apenas a roupa que lhe cobria o corpo, sem nem sequer se despedir de Elizabeth.

Por sua vontade, não sairia nunca mais de seu quarto. Ou falaria com alguém. Ao ouvir alguém bater à sua porta, puxou o lençol até o pescoço e afundou a cabeça no travesseiro. Talvez a deixassem em paz, se pensassem que estava dormindo.

— Michaela? — Era seu pai. — Você está dormindo?

Ela apertou os olhos e rezou para que o pai tornasse a fechar a porta. Em vez disso, ela ouviu o ranger das tábuas sob seus passos.

— Sua mãe está preocupada, minha filha. Ao menos desça e coma algo conosco antes que sejamos obrigados a chamar um médico. Esconder-se não desfará o que foi feito.

— Eu sei, papai — ela respondeu, ciente de que estava se comportando de maneira infantil. — Mas não quero olhar para a cara de ninguém.

— Você não tem de que se envergonhar, minha querida. O tom afável e carinhoso do pai acabou por vencer a resistência.

— Sim, eu tenho. Eu estava tão certa de que lorde Alan me pediria em casamento na noite da recepção, que dividi meu palpite com Elizabeth. A menina acreditou em mim e ficou transtornada quando descobriu que outra mulher se tornaria sua madrastra. Fiz um papel de tola na frente de todos os convidados. Nunca mais terei coragem de sair na rua.

— Você não confiou suas suspeitas a mais ninguém, a não ser a Elizabeth. Ela é uma criança. Ninguém a levou a sério.

— O senhor não entende, papai. — Michaela suspirou.

— Eu entendo mais do que você imagina. Também ouço as pessoas fazer pouco-caso de nós. Acha que eu sou surdo ou tolo?

— Lógico que não — Michaela se apressou a responder. — É que o senhor não parece se importar.

— Eu procuro não me importar. É diferente. Nem sempre foi assim. Houve um tempo em que sua mãe era respeitada na comunidade. Quase reverenciada.

Michaela não esperava por uma revelação como aquela. Seu pai jamais havia mencionado o passado. Embora os fatos não pudessem alterar o presente, Michaela pediu que ele lhe contasse.

— Eu não gosto de me lembrar, mas talvez isso a ajude a compreender melhor nossa situação e torne seu fardo mais leve de carregar. — O pai se deteve por alguns

segundos antes de iniciar o relato. — Você se surpreenderá em saber que a única pessoa a quem eu devia obediência quando me casei com sua mãe era o rei.

— De verdade?

— Sim. Eu era um dos favoritos do rei William. Embora eu nunca tivesse me colocado de joelhos diante de Deus, a meu soberano eu o fiz. Por minha lealdade, o rei me concedeu uma vasta faixa de terras ao norte da Inglaterra. Antes, porém, que eu tivesse chance de me estabelecer, fui enviado a Cherbonshire para ajudar Magnus Cherbon a recuperar o controle sobre seus domínios.

— Papai! Então o senhor já esteve associado ao demônio de Cherbon?

— Sim, embora não me orgulhe de confessá-lo. Eu me apaixonei por sua mãe à primeira vista e os pais dela eram criados de Magnus Cherbon. Eu, como um dos guerreiros favoritos do rei não tive dificuldade em convencer seu avô a consentir no casamento, embora todos me temessem por minha ferocidade.

— O senhor, feroz? — Michaela não conteve um pequeno riso.

O pai baixou os olhos.

— Sim, querida. Muitos sucumbiram sob a lâmina de minha espada. Eu era impiedoso em minha ambição de me tornar o senhor mais poderoso além dos limites do castelo do rei. Maior, inclusive, do que Magnus Cherbon. Prometi ao rei que mataria um homem por dia até que todos se curvassem a sua vontade. E cumpri minha palavra.

Clamores inocentes e súplicas por misericórdia se misturavam com sangue. Quando Cherbon finalmente conheceu uma paz feita de medo e de ódio, eu me senti em glória. O inverno se avizinhava. Para empreendermos a jornada rumo ao norte do país, onde o rei me autorizou a construir um castelo, seria preciso esperar pela primavera. Você estava em vias de vir ao mundo..

— Vocês nunca viajaram, não é? Mesmo depois de eu nascer.

— Não. — Walter deu um suspiro. — Sua mãe foi roubada de mim naquele inverno e pela primeira vez era minha vida egoísta eu senti medo. Quase enlouqueci de preocupação. Após dois dias de profundo desespero, eu me rendi a uma força maior, e vocês me foram devolvidas.

Michaela conhecia aquela parte da história. Descrente em Deus até aquele momento, seu pai se dirigira à capela do vilarejo e se postara de joelhos diante do altar, implorando que Deus trouxesse sua esposa e seu filho ainda por nascer de volta para ele.

O que ela continuava sem entender era em que o passado de sua família poderia ajudá-la no presente.

— E depois?

— Nós três e mais alguns homens de minha confiança deixamos Cherbon, mas no segundo dia de jornada, fui convocado a me apresentar perante a Corte. O rei queria que eu sufocasse uma pequena revolta em um vilarejo que ficava a caminho de minhas terras. Eu, porém, me recusei. O homem que o rei enviara a Cherbon não mais existia. Conteí a ele sobre a promessa que tinha feito de abandonar as armas.

— O que aconteceu?

— Ele fez o que qualquer rei teria feito mediante a insubordinação de um súdito. Ele me destituiu de minhas terras e me mandou de volta para Cherbonshire, sem qualquer regalia.

— Mas isso foi injusto...

— Ele não foi injusto. Eu diria que foi generoso. Outro provavelmente teria mandado me matar, por minha recusa em cumprir suas ordens. Em vez disso, como castigo, ele me condenou a viver nas mesmas terras que eu havia tingido de sangue. Você e sua mãe tiveram de carregar meu estigma, sendo inocentes. Essa foi minha maior punição. Apesar disso sinto-me em paz comigo mesmo. — Walter olhou para a filha. — É o que quero que você entenda e aceite, querida. Sua própria verdade. Guarde-a com você e honre o que é certo e o que é justo. Os anjos a protegerão. Seu destino está traçado. Um bom lugar está

reservado para você. Ele apenas ainda não lhe foi revelado.

Por melhor que fosse a intenção do pai ao lhe contar sua história de perdas e humilhação, Michaela não se sentiu confortada. Ao contrário.

— E quanto a Magnus Cherbon? Ele não valorizou sua ajuda? Não fez nada para retribuir seu favor?

— Em absoluto. Ele se regozijou por eu ter sido sentenciado a viver precariamente. Em melhores condições, eu poderia tentar usurpar seu posto.

Por mais que desejasse compactuar com a mentalidade de seu pai, Michaela se perturbou com o relato. Não lhe parecia certo que Deus quisesse que ela e a mãe vivessem condenadas à pobreza e a tantas humilhações.

— Um dia você se casará, Michaela, e terá sua própria casa e sua própria família. A vida que viveu em Tornfield não era sua; era uma vida emprestada. Com o tempo você esquecerá o que sentiu por lorde Alan.

— Eu gostaria de ter essa certeza. — Ela mal conteve um soluço. — Por mais que desejasse odiar Alan Tornfield, estava sentindo uma falta imensa dele. E de Elizabeth. — Ele foi cruel comigo. Mentiu para mim. Enganou-me.

— De que maneira?

Antes que Michaela pudesse responder, a mãe entrou no quarto, carregando uma bandeja.

— Oh, minha filha! — ela exclamou, emocionada. — Você venceu o torpor, graças a Deus!

— Não de todo, minha mamãe — Michaela se apressou a dizer enquanto a mãe depositava a bandeja sobre a mesinha de cabeceira e tomava suas mãos. — Ainda preciso decidir o que fazer.

— Sim, é claro, meu bem. Até lá, você poderá aproveitar para arrumar suas coisas. Lady Juliette mandou um baú com seus pertences.

A menção desse nome, Michaela tornou a afundar-se nos travesseiros e cobrir a cabeça.

— Por cima estão algumas camisolas e dois aventais — disse Agatha, sem que Michaela respondesse. Mas um ruído característico a obrigou a afastar novamente o lençol. Por entre as pálpebras semicerradas ela viu a mãe desenrolar o pergaminho que representava o início e o fim de suas mais caras ilusões.

— Queime-o! — Ela soluçou, puxando novamente o lençol sobre a cabeça. Não queria saber sobre a rogativa patética que inspirara lorde Alan a se casar com a insuportável lady Juliette. E tanto lhe fazia se lorde Roderick Cherbon acabaria encontrando uma esposa ou não que lhe garantisse a posição de senhor daquelas terras.

Se bem que, pensando melhor...

Sob os olhares espantados dos pais, Michaela se sentou na cama e puxou o pergaminho das mãos de sua mãe.

Capítulo VIII

Se houve algo de positivo com respeito ao casamento de Alan Tornfield foi o fato de que três novas candidatas, inspiradas pelo glamour da ocasião, compareceram ao castelo de Cherbon na esperança de serem aceitas por seu lorde e enriquecerem. Na opinião de Roderick, elas também poderiam ter sido motivadas a se apresentarem, supondo, talvez, que ele fosse tão charmoso quanto seu emissário, Hugh Gilbert.

Das três, uma não teve nem sequer a coragem de atravessar a ponte levadiça sobre o fosso ao vislumbrar o lúgubre castelo. A outra desistiu antes de terminar de atravessar o pátio. Apenas a terceira se submeteu ao interrogatório de Hugh e permitiu que seu baú fosse levado e instalado em suas futuras acomodações.

A mulher estava no castelo havia dois dias. Roderick lhe dera esse prazo, propositadamente, para que pudesse ter uma chance de se adaptar ao ambiente úmido e sombrio de Cherbon antes de lhe impor sua presença.

O prazo estava esgotando. Por mais que ele desejasse adiar o confronto, dois dias era o período máximo de que poderia dispor. Ele a conheceria em poucos minutos e esperava que ao fitá-la, estivesse fitando o rosto de sua noiva. Ao menos coragem não faltava a ela. Apenas uma mulher permanecera no castelo mais de dois dias. Roderick não lastimava sua desistência. Por mais que precisasse casar, não se empolgara com a perspectiva de se unir a uma velha solteirona.

Sentado à mesa sobre o tablado do salão, Roderick sorriu consigo mesmo ao reconhecer a diferença que se operara no local. Era preciso comandar a criadagem com mão de ferro. O chão agora estava brilhando. Sem supervisão, os lacaios tinham vandalizado as dependências do castelo, como se fossem selvagens.

Hugh entrou no salão por uma porta em arco, procedente da ala leste, em companhia de Leo. O menino completaria três anos em breve. Fazia quase um ano que eles haviam deixado Aurélia em Constantinopla. Tão pequeno ainda, Leo parecia já ter se esquecido da mãe. Roderick, contudo, nunca poderia ter esse consolo. Bastava olhar nos olhos do menino e vê-lo sorrir para recordá-la.

— Bom dia, Rick — saudou o menino, incapaz de pronunciar o nome do pai.

— Bom dia, Leo.

Leo se aproximou e pousou a mão gentilmente na perna esquerda do pai.

— Posso ficar aqui com senhor?

— Não será possível. — Roderick franziu o cenho. — Tenho negócios para resolver.

— Estou sentindo cheiro de biscoitos. — Hugh, como sempre, quis salvar a situação.

— Eu não resisto a biscoitos saídos do forno. Vou dar uma olhada na cozinha. Quer vir comigo, Leo?

Um sorriso acompanhou a resposta afirmativa. Antes de se afastar, Hugh estreitou os olhos em ostensiva reprovação e avisou que uma nova candidata acabara de se apresentar.

— É bonita?

— Não deu para notar, mas ela estava sorrindo. Sinal de que tem dentes. — A observação provocou um pequeno sorriso que logo desapareceu. — Tente fazer um esforço desta vez — Hugh aconselhou. — Não daria para você se apresentar sem essa macabra capa preta? E esses cabelos? Há quanto tempo não os corta? Pensei que tivesse dito que se entregaria aos cuidados de Harliss um dia desses.

— Só se eu estivesse louco. Harliss perto de mim com uma faca?

Hugh deu uma risada.

— Eu estava brincando a respeito de Harliss, é claro, mas insisto sobre essa horrível mortalha. Você poderia ao menos afastar o capuz quando está comigo e com Leo? Por Cristo!

— Cuidado, Hugh. Você está indo longe demais. — Roderick baixou o capuz antes de terminar de falar. Na verdade, ele o usava assim por hábito, sem reparar que o fazia também diante de Leo e do amigo.

A carroça percorria a estrada suja e esburacada havia duas horas sem que o castelo despontasse no horizonte. Michaela levantara-se ao amanhecer em obediência aos seus instintos, esperando não se arrepender da impetuosa decisão de se oferecer como noiva ao filho do *Demônio* de Cherbon. Um homem bestial com cicatrizes horrendas, segundo os comentários que circulavam pela aldeia.

No entanto, ela não tinha pretensões de ser feliz, por isso um casamento de conveniência de ambas as partes pouco lhe importava. Seria apenas uma forma contundente e definitiva de vingança pela traição que sofrera, e uma reparação pelo

sofrimento causado a sua família.

Lorde Alan Tornfield poderia dar adeus a sua ambição de se tornar o senhor de Cherbon. A herança iria para quem de direito: o filho de Magnus. Não importava que ele fosse um homem rude, grotesco. Ela o desposaria incondicionalmente. Havia dívidas a serem cobradas. E ela estava disposta a abrir mão de sua própria vida para isso.

De que lhe servira ser doce e amigável? Onde sua bondade a levaria? A partir daquele dia, seria uma mulher diferente com uma vida diferente a sua espera. Recusava-se a ouvir seus pensamentos que teimavam em clamores para que ela voltasse para a segurança de seu lar. Contava com o apoio e o amor de seus pais. Até mesmo nessa decisão.

Walter Fortune puxou as rédeas para que os cavalos parassem quando alcançaram o topo de uma pequena elevação. O castelo finalmente surgira na distância como um espectro à claridade do dia.

— Você tem certeza, minha filha? — Foi tudo que o pai disse.

Michaela engoliu em seco.

— Sim, papai. — Mas, por favor, leve-me depressa para lá antes que eu mude de idéia!

Após cerca de uma hora, ela e os pais estavam atravessando a ponte sobre o fosso e adentrando as altas muralhas cobertas por uma espessa camada de musgo e folhagens. Não dava para ver o chão por onde os cavalos pateavam. Uma pesada neblina caía como uma cortina sobre eles à medida que deixavam a realidade dos campos para ingressarem em um mundo povoado por seres míticos inspirados em lendas e magia.

O lugar pareceria abandonado se não fosse por um punhado de homens ocupados em cumprir suas tarefas. Ninguém veio recebê-los. Ninguém os mandou parar e se identificarem. E se o lado de fora do castelo surpreendera Michaela, o interior deste a amedrontara com seu silêncio. Que lugar era aquele onde ninguém falava? Onde as pessoas trabalhavam de cabeça baixa, sem conversarem umas com as outras? Sem se distraírem com canções? Até mesmo os golpes do martelo que vinham da ferraria soavam estranhamente camuflados.

A carroça com os três ocupantes continuava a percorrer o pátio sem que ninguém os abordasse.

De súbito, um grito quebrou o silêncio. Walter estava conduzindo os cavalos em direção ao pátio interno quando uma porta se abriu de par em par e uma mulher alta e franzina correu em direção a eles, atropelando-se em seu próprio vestido. Para espanto de Michaela e de seu pai, ela não se deteve nem pediu socorro, continuando a correr como se sua vida dependesse de sua saída do castelo.

Os serviçais interromperam suas tarefas para observar a mulher. Ninguém moveu um dedo para ajudá-la.

Agatha olhou para a filha, amedrontada. Michaela não lhe deu chance de expor seus próprios receios em palavras.

— Esperem aqui — pediu, ajeitando as saias e saltando, orgulhosa da serenidade que conseguiu imprimir à voz.

De repente, era apenas ela e a porta alta e sólida a sua frente. A porta que a levaria a um futuro incerto.

Tomando fôlego, fechou a mão e bateu com a aldrava.

— Então você voltou atrás em sua decisão, não é? — Michaela pestanejou à rapidez com que a porta foi aberta.

A pessoa do outro lado deveria estar confundindo-a com a fugitiva. Não dava para ver o rosto, quase todo oculto pelas sombras, mas os olhos de ambos se encontraram por um instante antes que os dele se dirigissem ao pátio, por cima de seu ombro. Ao tornarem a procurar os dela, Michaela os viu brilhar em contraste com a escuridão ao fundo do aposento. Sem se acovardar, ela lhe entregou o envelope que trazia nas mãos.

— O senhor é lorde Cherbon?

O homem deu uma gargalhada e se apoderou do envelope.

— Acaba de chegar uma nova candidata, Rick! — O homem disse em altos brados antes mesmo de terminar de ler. — Veja só, ela me confundiu com você!

A caminho de seus aposentos, Roderick interrompeu seus passos. Hugh falara tão alto que a novidade já deveria ter se espalhado por todo o castelo. Quem seria a visitante inesperada? As outras tinham enviado cartas, previamente, anunciando sua disposição de se candidatarem à posição de lady Cherbon.

Curioso, ele refez o trajeto.

Pela abertura da porta penetrava uma claridade nebulosa, mas suficiente para ele divisar a silhueta de uma mulher. No mesmo instante, ele recuou, desaparecendo por completo na escuridão do corredor.

— Entre, entre! — Hugh gesticulou. — Seja bem-vinda, lady Fortune.

A mulher hesitou e olhou para trás.

— Meus pais.... Minhas coisas...

— Milady é maior de idade? — A um movimento afirmativo da moça, Hugh saiu para o pátio, mandou que trouxessem o baú e garantiu a Walter e Agatha que a filha ficaria bem entre eles.

Rudemente, sem convidá-los para entrar, sem nem ao menos se despedir, ele fechou a porta e puxou Michaela pelo braço em direção à mesa sobre o tablado, perscrutando o local onde sabia que Roderick estava escondido.

— Lorde Cherbon já se retirou. Eu sinto muito. Queira se sentar, por favor.

A jovem parecia hesitante. Roderick aproveitou para examiná-la.

Ela era encantadora. Os cabelos loiros estavam presos em uma única e longa trança. Não era magra nem gorda. Seu corpo era curvilíneo. Talvez a estatura fosse um pouco mais baixa do que a média.

Porém, foi o perfil que o fascinou. As faces estavam coradas, provavelmente de ansiedade, as sobranceiras em curva como se ela ainda estivesse considerando suas chances, os lábios se projetavam como se aguardassem por um beijo. As orelhas eram pequenas, alvas e perfeitas como conchinhas de madrepérola.

Obviamente ela não estava ali para responder ao anúncio.

— Prefere que conversemos em pé? — Hugh perguntou, por fim. — Ou já está arrependida? Se for assim, eu a aconselho a deixar o castelo sem perda de tempo. Seus pais já devem estar atravessando a ponte.

Michaela continuou imóvel, sem se mover, nem responder. O homem olhou com desdém para o vestido que ela estava usando, um dos mais simples que possuía.

— Soube que trabalhava como dama de companhia em Tornfield e que deixou o emprego de um minuto para o outro.

A hesitação desapareceu por completo. A voz de Michaela soou alta e firme.

— Obrigada por sua preocupação, mas eu vou ficar. Também leve e refrescante como uma brisa, Roderick pensou. A voz de alguém que sabia o que queria.

— Seu nome? — Hugh esperou que a moça finalmente se sentasse.

— Michaela Fortune. Sou filha de Walter e de Agatha Fortune, criados de Tornfield. Moramos no extremo sul do feudo.

Fortune, Roderick pensou. Ele conhecia esse nome.

— Que idade tem?

— Vou fazer vinte e um, em janeiro.

— Então vinte, *agora*.

— Sim. — Michaela encolheu os ombros, indiferente.

— É ou já foi casada?

— Não.

— Algum problema físico?

- Como?
 - Alguma doença?
 - Não. Sou bastante saudável.
 - Procurada pela lei?
 - Deus me livre! — Michaela exclamou, como se a pergunta a ofendesse.
- Hugh recostou-se na cadeira.

— Sinto muito, mas é preciso deixar tudo bem claro sobre os termos do contrato. Milady por acaso o leu? — Hugh estreitou os olhos. — Sabe ler, não?

Roderick notou a sobrancelha curvar como se ela considerasse a pergunta absurda.

— Sim.

— Pois bem. Serão noventa dias de experiência para que se comprove seu potencial como noiva. Durante esse período, sua compatibilidade com lorde Cherbon será rigorosamente avaliada. Milady assumirá todos os deveres de uma senhora do castelo. Ao término desse prazo, se for de comum acordo, o que eu duvido, o casamento será realizado e o pagamento efetuado de acordo com os termos da lei. Alguma pergunta?

— Eu...

— Assine aqui. — Hugh entregou o pergaminho e depois de assinado rapidamente o recolheu. — Queira me acompanhar. Vou lhe mostrar seus aposentos.

Roderick desceu dois degraus e se escondeu debaixo da escada no momento exato em que Hugh apontou no corredor com a moça.

— Meu baú...

— Mandarei que o levem para cima em seguida.

Um perfume floral se espalhou pela escada à passagem de Michaela.

Roderick teve a impressão de que seu coração estava batendo mais acelerado...

Capítulo IX

O quarto era pavoroso. Embora suntuosamente guarnecido de cortinas do mais fino tecido, de tapetes espessos e móveis caros, o ambiente parecia estar impregnado de aflição e desespero.

— São servidas três refeições por dia. Não há com o que se divertir neste castelo. Ninguém se reúne nem sequer ao redor de uma mesa para comer. Aqui cada um vive por si. Eu lhe garanto, contudo, que a comida é boa e farta. As salas das necessidades ficam ao fundo do corredor. Passando seu quarto, desça a escada. Recomendo que use a da direita. Os criados pensam que eu não noto, mas vejo-os freqüentemente entrando pela porta da esquerda.

O homem não parava de falar. Michaela se sentia como se estivesse acabando de chegar a uma terra estranha e que tivesse apenas alguns minutos para aprender tudo sobre os costumes de seus habitantes.

— Salas das necessidades?

Hugh revirou os olhos.

— Aonde as pessoas vão para se aliviar.

Michaela baixou os olhos, corada. Por que teria sido recebida por aquele sujeito? Queria conhecer lorde Cherbon. Não seria de esperar que ele também quisesse conhecer a mulher com quem deveria se casar?

— Eu posso saber quando receberei a visita de lorde... — O homem explodiu em uma gargalhada, impedindo-a de completar a frase.

— Não a receberá, milady. Quando *ele* estiver com disposição para avaliá-la, *ele* mandará chamá-la.

— Para me *avaliar*. — O que havia com aquele sujeito rude e implicante? Michaela estava às raias de perder as estribeiras. — Como se eu fosse uma mercadoria?

— Mais como um animal em leilão.

Se tivesse uma pedra em sua mão, Michaela a atiraria naquele atrevido.

— Preocupe-se apenas em cuidar de suas atribuições. Se precisar de algo que os criados não estejam em condições de atender, o que não me surpreenderia, mande-me avisar. Pergunte por sir Hugh Gilbert.

— Sir Hugh Gilbert? — Michaela questionou, sem refletir. Pelo rico traje, em veludo bordado, ela o tomara por um nobre.

Hugh não gostou do tom de Michaela, obviamente. Seus olhos se estreitaram e adquiriram um brilho glacial. O irônico se tornara ironizado.

— Sim. *Sir. Lorde de Nada* é um título bem menos impressionante, não acha? — Hugh se levantou, fez uma mesura em provocação e saiu batendo a porta.

Michaela rosnou por entre os dentes e olhou ao redor à procura de um objeto que pudesse atirar contra a parede.

Moveu-se e seus velhos e gastos chinelos enroscaram no tapete. E antes que ela alcançasse o objeto, seu nariz alcançou o chão.

Estendida sobre o tapete, Michaela ouviu o riso inconfundível de uma criança. Ergueu-se e tentou enxergar na penumbra do quarto.

— Quem está aí? Quem foi que riu? Apareça! — Parou de falar e aguçou os ouvidos, mas o silêncio não foi quebrado nem sequer por um sussurro. Uma sensação esquisita assaltou-a. Um calafrio percorreu seu corpo ao saber-se vigiada.

O castelo de Cherbon era assombrado? Isso explicaria seu aspecto mórbido. E o fato de nenhuma mulher ter passado no teste imposto por lorde Cherbon. Por maior que fosse o prêmio oferecido, ela tampouco concordaria em dividir seu leito com um fantasma.

— Olá? — Michaela chamou com um fio de voz e engoliu em seco ao silêncio que permaneceu. — Você é um fantasma?

Outra risada. Michaela se virou ao pressentir um movimento as suas costas e surpreendeu um menino saindo de trás das cortinas e correndo para a porta.

— Espere! — ela chamou enquanto tentava se levantar. Mas o menino não esperou. Abriu a porta e desapareceu pelo corredor, descalço, deixando a porta escancarada.

Michaela continuou sentada no chão, indecisa sobre o que fazer. O menino devia ser filho de um dos criados. Deveria ter sido instruída para não se afastar da cozinha e das dependências de serviço. Daí a razão de seu medo de ser apanhado. Ocorreu-lhe deixar, por alguns instantes, o desespero que parecia emanar daquelas paredes, e percorrer o castelo ainda mais tenebroso para alcançar o menino e lhe dizer que não deveria temê-la. Mas a essa altura, eleja deveria estar agarrado às saias da mãe, familiarizado com a distribuição dos cômodos e dos corredores.

Cuide de seus próprios afazeres.

A advertência de sir Hugh Gilbert ecoou nos ouvidos de Michaela. Mas se ela estava ali para a eventualidade de se tornar a nova lady de Cherbon, não lhe cabia a supervisão dos serviços e a vigilância e orientação quanto a conduta da criadagem e de suas crianças? Além disso, mais cedo ou mais tarde ela teria de conhecer cada canto e recanto do lugar onde morava. A localização do menino, inclusive, poderia encurtar seu caminho rumo ao conhecimento de todos os residentes.

E ainda, com um pouco de sorte, ela poderia acabar encontrando o homem responsável por essa drástica mudança em sua vida, o misterioso lorde Cherbon!

Com o estômago enviando ondas de frio por seu corpo, Michaela se levantou e saiu do quarto sem se importar de fechar a porta atrás de si.

Roderick seguiu para seus aposentos na certeza de que Hugh o procuraria assim que terminasse de entrevistar a nova candidata. Ele não o desapontou. Roderick acabava de se acomodar em sua poltrona favorita e ainda não terminara de descalçar as botas quando o amigo entrou no quarto, rindo consigo mesmo.

Até o advento da madrugada, Roderick preferia permanecer isolado em seu quarto.

Mais ainda quando havia estranhos em seu castelo. Só quando todos se recolhiam, ele se aventurava pelos corredores e pelos salões. Ele não tinha nenhuma pressa de se encontrar com a nova visitante.

Algo lhe dizia para se acautelar contra ela. Uma aura de perigo a envolvia.

Hugh fechou a porta. Quando se voltou para ele, dobrou-se em dois, apoiou as mãos nos joelhos e começou a gargalhar.

— A recém-chegada certamente o divertiu — Roderick observou sem se importar em disfarçar a contrariedade.

As batidas de seu coração ainda não haviam retomado a normalidade e esse estado emocional o perturbava. O fato de a nova moça ser sua última esperança justificaria essa condição. Todavia não era o que estava acontecendo. Era o jeito ousado e simultaneamente tímido dela que o impressionara. A beleza, o perfume, o tom fascinante dos cabelos que ora parecia loiro, ora acobreado. Ou talvez não fosse nem a timidez nem o ar desafiador que o atraía, mas a honestidade com que respondera às perguntas reconhecidamente rudes que lhe haviam sido feitas.

— Ah, sim. Com certeza! — Hugh se encaminhou para a cama de Roderick, sentou-se e se jogou para trás sem fazer a menor cerimônia. — A entrevista foi incrível!

— Já deu para perceber — Roderick resmungou. — Você vai me contar como foi ou pretende continuar assim, apenas cacarejando em minha cama?

Hugh apertou os lábios para conter o riso, ainda que o deixasse escapar, até finalmente vestir uma máscara de fingida seriedade.

— Acontece, Rick, que eu já conhecia a moçoila. Eu a encontrei, quatro dias atrás, na festa de casamento de Alan Tornfield.

— Ela estava lá? — Roderick se livrou da bota com uma imprecisão e atirou-a longe. — Era uma das convidadas?

— O fato de ela estar sentada à mesa principal, com a filha de Alan Tornfield entre os dois, me fez supor que ela fosse uma das convidadas de honra.

— Não era?

— Não. — Hugh ergueu-se sobre um cotovelo. — Lady Fortune era a babá de Elizabeth Tornfield.

— Então ela é uma criada?

— Sim e não. — O tom de voz de Hugh adquiriu um tom divertido novamente. — Elizabeth Tornfield ficou muda de choque na ocasião da morte da mãe. Ninguém, nem sequer o pai, conseguiu a façanha de motivá-la a voltar a falar. De alguma maneira, lady Fortune a cativou, retirando-a de seu isolamento. Tornfield ficou tão surpreso e grato pelo milagre da moça que lhe ofereceu sua casa e o perdão da dívida de seus pais. O relacionamento entre os três aparentemente foi feliz. O acordo deu tão certo, aliás, que tanto lady Fortune quanto a menina estavam convencidas de que Tornfield oficializaria o pedido de casamento naquela noite. Para elas, eles já formavam uma verdadeira família.

— Não pensei que você desse ouvido a rumores.

— Não são rumores, Rick! Não seja injusto! A menina se levantou diante de todos os presentes e discordou da escolha do pai. Ela disse que não era com lady Juliette Osprey que ele deveria se casar, mas com lady Fortune. Os convidados ficaram mudos de perplexidade.

Uma profunda indignação se apoderou de Roderick.

— Não lhe ocorreu que um fato como esse deveria me ter sido comunicado?

— Por quê? — Hugh protestou. — Eu a julguei uma simples criada com ridículos sonhos de grandeza. O acontecimento foi comentado com notas de humor e eu conheço você o suficiente para saber de sua intolerância por assuntos que impliquem zombarias. Eu não tinha a menor noção, até hoje, de que a moça era de família nobre.

Fortune. Mais uma vez Roderick tentou se lembrar de onde conhecia aquele nome.

— O que pretende fazer? — Hugh perguntou após se levantar e guardar as botas do

amigo. — Aguardar dois dias e convocá-la?

— Com ela, o caso é diferente — Roderick respondeu, cauteloso, aceitando o vinho que o amigo lhe serviu em uma caneca. — Quanto mais adiarmos o encontro, melhor será.

Hugh se serviu de outra caneca.

— Alguma razão especial?

O orgulho e a insegurança fizeram Roderick hesitar. Suor frio porejou de sua testa. Mas de que adiantava tentar esconder a verdade de Hugh? Se não confiasse em seu melhor amigo, com quem mais poderia desabafar?

— Ela é minha última esperança de assumir Cherbon. Faltam apenas cento e oitenta e oito dias para o término do prazo. Se lady Michaela Fortune não quiser se submeter ao teste e resolver ir embora...

— Meu amigo — Hugh interrompeu Roderick com um sorriso de provocação. — Você acaba de se trair. Eu não havia mencionado o nome da moça. Isso significa que você andou por aí à espreita e ouviu nossa conversas.

— Como eu estava dizendo — Roderick prosseguiu, impaciente —, se Michaela Fortune desistir do casamento por sua causa, por minha, ou por causa deste lugar, Alan Tornfield ficará com tudo.

A seriedade fez Hugh franzir o cenho.

— Seria tão inconveniente assim? — Ele se ajoelhou ao lado da cadeira de Roderick. — Você e eu odiamos este lugar. — Eu não...

— Sim, você o detesta. Vejo em seus olhos. Quando está sozinho e cercado de silêncio, você ouve o som pesado das botas de seu pai se aproximando. Cada vez que caminha pelo corredor do segundo andar, você se lembra de que foi atrás de uma daquelas portas que sua mãe se consumiu em angústia. Cada parede, cada porta encerra imagens dos maus tratos que lhes foram infligidos. Esses pensamentos do passado o estão devorando vivo, Roderick.

— Você não pode entender. Cherbon me pertence por direito. Eu tenho de assumir a direção deste lugar. Tenho de consertar o estrago.

— Como? Usando os mesmos métodos de seu pai?

— Não admito que me compare a ele!

— Não há perdão em você, Rick. Apenas ódio. Não permite que os criados lhe dirijam a palavra. Nem sequer consegue gostar de Leo. O menino o adora e você se comporta como se ele não existisse.

— Basta! — Roderick deu um grito. — Estou farto de suas acusações! Este é meu último aviso!

Hugh não tornou a insistir. Ficou olhando para Roderick por um longo tempo. Não com raiva, nem com mágoa. Mas com comiseração.

— Perdoe-me, Rick. Eu não deveria ter me intrometido em seus assuntos. Estou aqui para servi-lo. Você está certo. Falará com a moça no momento oportuno.

Sem nada dizer, Roderick se levantou. Hugh se colocou imediatamente ao lado dele, para se certificar de que poderia ampará-lo em caso de necessidade. Roderick agarrou-se a uma das colunas da cama e moveu a cabeça como quem dissesse que estava tudo bem, e dispensasse qualquer ajuda.

— Precisa de mais alguma coisa, antes de se aventurar pela noite? — Hugh imprimiu deliberadamente um tom de brincadeira na voz, para quebrar o mal-estar que surgira entre os dois.

Roderick negou. Hugh estava certo. As sombras eram suas companheiras. Ele só ousava sair do quarto e andar pelo castelo quando os outros dormiam.

— Ela é muito bonita, não?

Hugh se deteve. Ao se voltar, sua expressão estava estranha como nunca.

— Se você quer minha opinião sincera, ela me pareceu perfeita para você. Esquisita,

desesperada e sequiosa por vingança.

Em seguida Hugh se foi. Roderick tombou para trás na cama. Ainda não estava escuro o suficiente para ele. Com um suspiro, cobriu os olhos com o braço.

Capítulo X

Ao sair de seu quarto, Michaela caminhou pelo corredor na direção contrária a que fora indicada por Hugh. O fato de Cherbon dispor de duas salas sanitárias impressionou-a positivamente. Acostumara-se a essa facilidade durante sua permanência em Tornfield. E como sua expedição pelo castelo visava conhecê-lo em todas as particularidades para que houvesse alguma chance de algum dia ela vir a se sentir à vontade no lugar, resolveu fazer uma parada para investigação.

Era preciso concordar, antes de tudo, que sir Hugh estava certo sobre a criadagem estar se "aliviando" indevidamente na sala à esquerda. O cheiro ali era realmente desagradável.

O menino de cabelos escuros parecia ter desaparecido no ar. Curiosa, Michaela prosseguiu pelo corredor, pensando em talvez encontrá-lo. A passagem era larga e em curvas. O pé direito baixo a fez encolher os ombros.

O lugar era escuro como o restante do castelo, embora o sol ainda não devesse ter se posto. Em intervalos distantes havia nichos de iluminação. Poucos conservavam vestígios das velas derretidas. À maioria não certamente não tinha sido usada por longos anos.

Michaela escorregou por duas vezes ao pisar inadvertidamente em tocos cilíndricos de cera. A luz bruxuleante de uma vela servia como único guia. Envolta pelo sopro frio que parecia brotar das paredes de pedra com seus sussurros sinistros, ela caminhava o mais depressa que podia rumo àquela chama distante. Não olhava para os lados nem para trás. Temia deparar com portas se abrindo e fantasmas se materializando para puxá-la com seus brados negros e gélidos.

O corredor acabou abruptamente em uma escada estreita e íngreme. Não estivesse prestando atenção a cada passo que dava, Michaela teria rolado pelos degraus. No entanto, o susto lhe deu a explicação sobre aquela fonte de luz. Ali perto deveria ficar a cozinha. Vozes abafadas lhe chegavam aos ouvidos. Pessoas conversavam ali e trabalhavam. Dava para ouvir o ruído de panelas batendo, de utensílios sendo manuseados. Mas a maior prova de que ela estava na vizinhança do local de preparo da comida era o inconfundível cheiro de pão quente.

Movida pela fome e pela promessa de calor e de claridade, ela precipitou-se pela escada. Não esperava que seus pés fossem saltar de um degrau para o outro, quase como se voassem, projetando-a ao meio da cozinha, diante de uma mesa retangular onde duas mulheres, uma baixa e gorda usando uma touca, outra magra e alta de cabelos grisalhos, cortavam e picavam uma montanha de legumes. O menino de cabelos escuros, que ela surpreendera em seu quarto, estava ali, sentado em um banco, mastigando uma cenoura.

As três cabeças se voltaram para Michaela que, sem conseguir parar a tempo, trombou com a mesa, caindo por cima com a metade do corpo, e fazendo rolar para o chão uma meia dúzia de nabos.

Tão rápido quanto ela invadira o recinto, o menino desceu do banco e desapareceu por uma porta do lado oposto ao que ela entrara.

— Espere! — Michaela chamou-o, mas foi inútil. O menino nem sequer olhou para trás.

Ela se virou para as duas mulheres, as mãos sobre o abdômen que já deveria estar ficando arroxeadado com a pancada.

— Qual de vocês é a mãe dele?

Nenhuma das duas se importou em responder. Na verdade, estavam olhando para ela como se olha para um toco de madeira. Surpresa e um tanto irritada, abanou as mãos para as duas.

— Estão me vendo? Ou, de repente, eu fiquei invisível?

— Não, milady. Sua forma é bem concreta. Boa noite — a mulher mais baixa respondeu. A mais alta retomou sua tarefa, agora atacando o nabo como se fosse um inimigo.

— O menino estava em meu quarto, escondido atrás das cortinas, e não atendeu ao meu chamado — Michaela explicou. — Eu gostaria de falar com a mãe dele.

Agora também a mulher mais gorda passou a ignorá-la. Michaela teve ímpetos de esmurrar a mesa, mas se conteve. As cozinheiras não deveriam ter a menor noção de quem ela era. Mas como Hugh lhe dera carta-branca para administrar as tarefas domésticas, resolveu dar início ao seu trabalho a partir daquele instante: falta de respeito não seria tolerada!

Use seu bom-senso, disse uma voz em sua mente. *Você estava certa de que se tornaria a senhora de Tornfield e a realidade se provou bem diferente, não é?*

— Sou lady Michaela Fortune — ela se apresentou. — Apresentei-me nesta casa como futura noiva de lorde Cherbon.

Nenhuma das mulheres interrompeu a tarefa para cumprimentá-la, dizer seus nomes e lhe dar as boas-vindas. Michaela apertou os lábios e respirou fundo.

— É possível que eu me torne a patroa de vocês no advento do novo ano.

A criada mais baixa ergueu os olhos brevemente para Michaela com expressão de cansaço e piedade.

— Eu lhe desejo felicidades, milady.

A mais alta resmungou algo que ela não entendeu e continuou se recusando a encará-la. Já no limite de sua capacidade de tolerância, Michaela não suportou a provocação. As pessoas tinham rido dela e de sua família durante anos. Recusava-se a iniciar uma nova vida em Cherbon e continuar a ser alvo de chacotas.

— Não sei quem a treinou quando foi contratada para trabalhar aqui, minha senhora — Michaela falou por entre os dentes —, mas eu lhe garanto que não tolerarei esse tipo de insubordinação. Sir Hugh me deu liberdade para...

A mulher de cabelos brancos cravou a faca na mesa de madeira e estreitou os olhos malévolos. Aturdida, Michaela deu um pulo para trás, fazendo companhia à outra.

— Se eu tivesse de me curvar a cada desclassificada que se apresentou neste castelo, não me sobraria tempo para cuidar de meus afazeres, milady.

Ao impacto daquelas palavras, Michaela não teve uma resposta para dar. Sentia-se como se a outra a tivesse esbofeteado. Mais ainda quando o discurso teve seqüência.

— Consegue imaginar quantas outras candidatas se ofereceram antes? Noventa e seis! Dá para acreditar? Noventa e seis mulheres se apresentaram neste castelo na ambição de se apoderarem das riquezas de Cherbon. E noventa e seis deixaram estas premissas após não mais de dois dias, como se estivessem fugindo do diabo. É uma desgraça para o nome de Cherbon que mulheres venham se oferecer ao seu senhor como se atrás das muralhas deste castelo tivesse passado a existir um bordel. Sou eu, agora, quem irá colocar um fim nessa imoralidade!

A criada mais baixa havia interrompido sua tarefa, mas continuava em seu posto junto da mesa. Michaela supôs tê-la ouvido murmurar algo.

— Harliss, você não está em posição de...

— Sim, eu estou! — a outra prosseguiu, sem desviar seu olhar de Michaela. — Apesar dos argumentos de Roderick em contrário, eu jamais deixarei de cumprir a função para a qual fui escolhida. Quanto a sua pergunta, *milady*, sobre o menino que se escondeu em seu quarto, e que não atendeu seu chamado, ele é Leo Cherbon, o filho de

lorde Cherbon. Estou certa de que entenderá o desprezo dele a sua invocação, quando já lhe passaram pelos olhos noventa e sete mulheres concorrendo ao posto de sua nova mãe.

A informação abalou Michaela. Por um momento ocorreu-lhe voltar ao quarto escuro e deprimente e proceder aos moldes do senhor de Cherbon, isolando-se do contato com os outros, ou simplesmente desistir de seus planos, mas a determinação que a levava a se apresentar como candidata a lady Cherbon foi mais forte do que tudo.

Aquela era apenas uma pedra em seu caminho. Aprenderia uma forma de contorná-la para atingir sua meta. Nada nem ninguém a impediria de prosseguir. Principalmente uma mulher má e desrespeitosa. Reunindo toda a dignidade que possuía, encarou a criada de queixo erguido.

— Muito obrigada, Harliss, pela informação. Contudo, até que a candidata de número noventa e oito se apresente em meu lugar, sempre que se dirigir, a mim, faça-o com o devido respeito a minha posição. Não espero que se curve em minha presença, mas esse tipo de atitude não mais será perdoado. Se o que acabou de acontecer se repetir no futuro, tomarei providências para que seja banida de Cherbon.

Harliss parecia ter se transformado em uma estátua de pedra. Seus olhos, porém, pareciam querer fulminar Michaela.

— Eu fui clara? — Michaela dirigiu a pergunta às duas mulheres. Não esperava que justamente a mais velha fosse lhe dar uma resposta afirmativa. A outra se limitou a concordar com a cabeça. — Muito bem — disse. — Onde posso encontrar a babá de Leo?

— Ele não tem babá — a cozinheira respondeu. — É sir Hugh quem cuida do menino.

Michaela franziu o cenho.

— Não existe nenhuma pessoa em condições de cuidar de uma criança em Cherbon?

— Existe — Harliss afirmou por entre os dentes. — Mas ela foi afastada de suas funções.

— Isso não pode ser — Michaela declarou. — Diga-lhe para me procurar pela manhã de modo a retomar seu trabalho. O filho de lorde Cherbon precisa ser devidamente educado. Pelo que me foi dado observar, ele está se comportando como um selvagem.

— Eu concordo plenamente, milady.

Capítulo XI

Michaela foi acordada de um sono agitado e insatisfatório por pancadas ensurdecadoras em sua porta. A frieza da pedra se infiltrou por todo o seu corpo pelos pés descalços, mas nem esse mal-estar foi suficiente para que seus olhos abrissem por completo.

— Um minuto. Só um minuto — disse, enquanto retirava a tranca que se recusava a ser levantada.

Um indignado sir Hugh Gilbert não teve a paciência de esperar que ela o atendesse. Empurrou a porta com força, batendo em Michaela que caiu para trás.

— Quem você pensa que é? — ele rugiu, furioso. Agarrado as suas pernas estava o pequeno Leo, os olhos vermelhos e inchados, as faces molhadas de lágrimas. De seu peito brotavam fundos e silenciosos soluços.

Incapaz de atinar com a cena, a mente ainda embotada pelo sono, Michaela não fez nenhum movimento para se levantar.

— O que...

Hugh avançou para ela, apontando-lhe um dedo ameaçador.

— Pegue suas coisas e desapareça daqui dentro de uma hora ou eu juro por Deus que a estrangularei com minhas próprias mãos! Venha, Leo. Vamos tomar uma xícara de chocolate com biscoitos.

Ao ver o homem se afastar com o menino, Michaela se pôs de pé e correu para a porta.

— Espere! Por favor!

O homem parou, mas não olhou para trás. Leo o fez. Ele a fitava com um misto de medo e de mágoa.

— O que é?

— Por que está me demitindo? O que foi que eu fiz?

— O que foi que você fez? — Ele se virou e olhou para Michaela com real espanto. De repente começou a andar em direção a ela, Leo ainda agarrado as suas pernas como um molusco.

Michaela se encolheu. Aparentemente, Hugh pretendia derrubá-la no chão outra vez. Mas, em vez disso, ele segurou a mão do menino e puxou-o para a frente, levantando sua vestimenta até o alto das coxas.

Michaela notou, horrorizada, os vergões que marcavam a pele delicada do garoto. No mesmo instante, Leo começou a se debater, tentando abreviar a exibição.

Um nó fechou a garganta dela ao descobrir que a criança fora surrada.

— Não está pensando que fui eu quem fez isso, está? Oh, meu Deus, eu nunca...

— Não o fez em pessoa, mas a culpa foi sua de qualquer maneira. — Hugh soltou Leo, que tornou a se esconder atrás de suas pernas. — Ficou óbvio para mim, lady Fortune, que não é seu desejo preencher os requisitos necessários para se tornar a senhora de Cherbon. Ou não teria submetido o filho de lorde Cherbon aos ditames daquela mulher diabólica.

— Eu não sei de quem o senhor está falando! — Antes mesmo de concluir a frase, Michaela se lembrou da conversa que tivera com Harliss e com a cozinheira antes de se recolher. Seus olhos dobraram de tamanho. — Eu disse a Harliss para mandar que a babá me procurasse pela manhã para orientá-la sobre a educação do menino. Não lhe dei autorização para reassumir sua antiga função! Deus, eu nem sequer a conheço!

— Era *Harliss* a antiga babá de Cherbon! E esse sempre foi o método preferido dela para castigar uma criança de três anos por não querer calçar sapatos!

Uma súbita náusea obrigou Michaela a levar a mão à boca. Seus olhos marejaram.

— Oh, Leo! — O menino escondeu o rostinho contra a perna de seu defensor. — Eu não sabia. Harliss não me contou. — Esquecida de Hugh, embora se colocasse de joelhos aos pés dele, Michaela continuou: — Eu sinto muito. Sinto, de verdade. Por favor, me perdoe. Eu não permitirei que aquela mulher má torne a machucá-lo. Nunca mais.

O menino finalmente arriscou um olhar para ela.

— Ela me bateu — ele disse, fazendo beicinho.

— Agora eu sei — Michaela admitiu, uma fúria insana subindo por seu peito e sufocando-a. Seria capaz de matar aquela infame se ela surgisse no corredor. — Mas não voltará a acontecer. — Olhou para Hugh nesse momento. — Surpreendi Leo em meu quarto, atrás das cortinas. Eu quis lhe falar, mas ele saiu correndo e eu corri atrás dele. Fui parar na cozinha e acabei conhecendo Harliss e a cozinheira. Harliss me fez acreditar que a babá de Cherbon era outra pessoa que não ela. Eu só estava tentando fazer o correto. Acredite em mim. Eu seria incapaz de maltratar uma criança. Eu seria incapaz de maltratar quem quer que seja!

— Quando lorde Cherbon souber do acontecido, ele...

— Eu mesma quero contar a ele — Michaela se prontificou. — Eu errei e assumo a responsabilidade de meu erro.

— Lorde Cherbon ainda não marcou a data que desejará recebê-la, milady. Dada a gravidade do problema, Leo e eu levaremos o caso imediatamente ao seu

conhecimento. Se for de sua vontade demiti-la...

— Então eu arrumarei minhas coisas e deixarei Cherbon dentro de uma hora — Michaela admitiu. — Mas espero que ele concorde que eu permaneça. Gostaria muito que Leo e eu ficássemos amigos. — Voltou os olhos para o menino.

— Você gosta de cantar, Leo?

Leo apenas encarou-a por um momento. Depois fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Eu também — Michaela afirmou com um sorriso.

— Talvez possamos nos encontrar amanhã e caminharmos pelo pátio, se sir Hugh permitir, é claro. Conheço algumas canções que poderia lhe ensinar. O que você acha?

Leo assentiu com entusiasmo. Para surpresa de Michaela, ele estendeu a mãozinha em direção a seu rosto.

— Seus cabelos são compridos.

— Sim, eles são longos — ela admitiu com uma piscada. — E devem estar despenteados como uma vassoura. Eu estava dormindo quando vocês entraram aqui.

Hugh resmungou algo ao modo como Michaela o encarou. Segurou Leo pela mão nesse momento e se encaminhou para a porta. Deteve-se, porém, ao perceber que Michaela estava se levantando e deu um recado que apenas ela pôde ouvir.

— Se algo como o que aconteceu esta noite se repetir, eu a esfolarei viva. Acho que você é a encrenca em pessoa e duvido que dure aqui até o final da semana. Estamos entendidos, lady Fortune?

— Não, não estamos. — Michaela franziu o cenho. — Eu cometi um erro que tentarei consertar da melhor maneira possível pela manhã. Não me importa que você seja o homem de confiança de lorde Cherbon. Não me importa quem você seja. Nunca mais me acuse sem provas. Antes procure conhecer os fatos. De outra forma, trate de se assegurar de que a porta de seu quarto esteja bem trancada quando for dormir. Não tenho culpa se você está sobrecarregado demais com seu trabalho para tolerar minha presença aqui. Se esse for o caso, diga a seu senhor para tratar diretamente comigo, pois só deixarei Cherbon se ele próprio assim o determinar.

Ela bateu a porta na cara de Hugh antes que ele tivesse chance de retrucar. Como medida de segurança, colocou a tranca. Só então voltou para a cama e se permitiu tremer de nervosismo até ser vencida pelo sono novamente.

— Ela está virando Cherbon do avesso — Hugh resmungou enquanto ajudava Roderick em seus preparativos para iniciar o dia. — Ouça o que estou lhe dizendo, Rick. Ela não serve.

— Mais devagar! — Roderick se queixou. Os exercícios de alongamento e de fortalecimento dos músculos estavam especialmente fortes naquela manhã.

Hugh se desculpou de imediato.

— Ela me tira do sério. Estava dispensando-a por causa do incidente com Leo, mas ao ouvir suas explicações e conhecendo Harliss, eu decidi conceder a lady Fortune o benefício da dúvida. Confesso, porém, que fiquei impressionado com a firmeza com que ela lidou com Harliss.

Roderick ergueu uma sobrancelha, e Hugh prosseguiu:

— Eu continuo insistindo que Michaela Fortune é uma mulher esquisita. Ela é diferente das outras. Não é como eu esperava.

— Bem, não podemos dizer que os costumes em Cherbon se enquadrem em um padrão de normalidade.

— O problema é que essa moça não tem papas na língua. Ela faz questão de me desafiar e cada vez que nos falamos, exige ver você.

— Eu diria que não há nada de estranho em ela querer conhecer o homem com quem vai se casar. As outras não expressaram esse mesmo desejo?

— Sim — Hugh concordou com relutância —, mas essa uma parece realmente determinada a fazê-lo.

Apesar da grande amizade que os unia, Roderick não pôde evitar que a bruta franqueza de Hugh o ferisse em seu orgulho masculino.

— Onde ela está agora? — indagou para mudar de assunto antes que a conversa agravasse seu mau humor.

— Lá fora, no pátio, em torno da torre de mensagem, com Leo. Ela o convidou para colher flores. Eu não queria autorizar o passeio, mas Leo insistiu. Após o susto que lhe dei, ameaçando-a de todas as maneiras se tornasse a permitir que alguém encostasse um dedo no menino, ela redobrará sua atenção. E eu estava mesmo precisando de um pouco de sossego. Talvez essa nova situação acabe revertendo a meu favor. Soube que lady Fortune deu ordens para que limpem o castelo do chão ao teto e que providenciem a colocação de tochas para melhorar a iluminação de todos os cômodos, especialmente dos halls e corredores.

Roderick fez um sinal afirmativo de quem estava ciente da movimentação pelo castelo. A jovem o intrigava. Não fosse por seu aleijão, pelas cicatrizes no rosto, ele poderia chamá-la de uma vez sem precisar esperar pela proteção das sombras da noite. Mas não podia correr o risco de assustá-la com seu aspecto e afugentá-la. Ocorreria-lhe enviar um convite para o jantar. O salão ficaria em penumbra, naturalmente. E ele cobriria a cabeça com seu capuz...

Não. Essa era uma péssima escolha. Ela poderia se assustar ainda mais. Ele simplesmente teria de esperar.

— Acho bom que ela queira se aproximar de Leo e conquistá-lo — disse, aliviado por Hugh ter encerrado a seção de exercícios e o ajudado a se acomodar em sua cadeira. — Você não é uma babá.

— Leo e eu nos damos muito bem.

— Eu sei — Roderick admitiu e fez um gesto de agradecimento ao receber uma taça de vinho ao qual Hugh acrescentara uma infusão de ervas que auxiliava a acalmar a dor após as sessões diárias de exercícios. — Mas você não veio para Cherbon para cuidar de meu filho. Sua vida social está deixando muito a desejar. O que tem feito para se divertir?

— Justamente *você* está me cobrando diversão? — Hugh caçoou e deu uma piscadela impregnada de malícia. — Não posso me queixar. Esqueceu-se da festa em Tornfield?

— Eu deveria ter imaginado — Roderick respondeu, aguardando que a medicação surtisse efeito e cogitando sobre a possibilidade de descobrir outros recursos que acelerassem sua recuperação. Ou, talvez, se ele trabalhasse mais seus músculos...

— O que você acha, Hugh, de aumentar minha carga de exercícios?

— Acho ótimo! É o que eu vivo lhe dizendo. Existem outros caminhos além dos que Aurélia nos ensinou. A propósito, eu venho cogitando sobre tentarmos as práticas dos escudeiros.

— Não há escudeiros em Cherbon — Roderick declarou.

— Não, é claro que não. Mas algumas dependências ainda dispõem de anéis, de bonecos de alvo e de armas feitas em madeira.

— Bastões e bonecos! Está me chamando de criança? — Roderick protestou.

— Reflita antes de recusar minha sugestão, Rick. Você domina o manuseio dessas armas. Só precisaria usá-las para fortalecer seus músculos. O sucesso reside na simplicidade e na leveza dos instrumentos.

Roderick não precisou de mais do que alguns segundos para concordar com Hugh. Fazia sentido. Mas à medida que a esperança se anunciava, o desânimo ameaçava afastá-la.

Em Cherbon não havia lugar para a esperança.

— O que você me diz, Rick?

Ele voltou ao presente com o peso da mão de Hugh em seu ombro.

— Posso trazer o material para dentro do castelo?

— Sim. Mas já vou avisando de que não quero audiência.

— Eu não levaria os bonecos para o pátio sem sua permissão, obviamente.

— Não deverá levá-los para o pátio em momento algum. Transfira os instrumentos aos poucos, em pessoa.

— Para onde?

— Para a arena junto ao outeiro, que fica perto dos estábulos.

Roderick franziu o cenho ao recordar as crueldades que Magnus havia cometido naquele local, mas logo sorriu ao pensar que ali, dentre todos os outros lugares, o espírito de seu pai o estaria vendo retomar a vida que ele tanto se empenhara em destruir.

Michaela terminou a canção e ela mesma se aplaudiu, satisfeita, não exatamente por seu desempenho, mas pelo êxito em cativar Leo.

— Outra vez! — o menino pediu.

— Outra vez? — Michaela espantou-se. — Eu já devo ter cantado esta canção umas dez vezes!

O menino baixou os olhos por um instante. De repente ergueu-os e propôs que colhessem flores, como se ele e Michaela já não tivessem colhido todas que ainda resistiam à aproximação do inverno.

Ela sorriu, emocionada. Não esperava que o filho de lorde Cherbon fosse se apegar a ela tão rapidamente. A impressão que dava era que eles se conheciam de longa data.

— Talvez possamos nos encontrar novamente amanhã, se sir Hugh permitir — sugeriu. — Agora preciso ir. O dever me chama.

Não foi preciso insistir e em poucos minutos estavam a caminho do castelo.

Michaela seguia logo atrás do menino e viu quando ele se ajoelhou diante do frade que celebrara recentemente o casamento de Alan Tornfield com Juliette. Um evento que ela preferia esquecer.

O que frei Cope estaria fazendo em Cherbon?

Por mais que ela quisesse fingir não tê-lo visto e escapar por outro lado, Leo puxou o frade pela manga e apontou em sua direção. Obrigando-se a sorrir, Michaela foi cumprimentá-lo.

— Bom dia, frei Cope. É um prazer revê-lo. — Não era. — O que o traz a Cherbon?

— Bom dia, lady Michaela — o religioso saudou-a com aquele sorriso de comiseração que ela detestava. — Percebo que os boatos que ouvi provaram ser a expressão da verdade. — Como ela nada dissesse sobre sua estadia ali, ele prosseguiu: — Cherbon é meu lar. Minha missão é levar os ensinamentos do Cristo a todas as partes. Mas entre minhas peregrinações, eu busco Cherbon para meu descanso e fortalecimento.

— Oh, eu não sabia. Seja bem-vindo. — O sorriso era forjado. Por dentro Michaela estava gritando sua contrariedade. Agora ela seria forçada a se lembrar da traição de Alan Tornfield cada vez que olhasse para o frade.

— Obrigado, milady. Posso me sentar? — Para que tanta formalidade? Não havia cadeiras por perto, apenas terra e grama. O modo como ele falara fazia pensar em um posto de honra em uma mesa de banquete.

— Sim, é claro — Michaela respondeu. Leo, entusiasmado, voltara a correr pelo gramado, tentando encontrar qualquer flor que tivesse porventura resistido à minuciosa exploração.

Por vários minutos, Michaela e o frade permaneceram em silêncio, apenas acompanhando os movimentos do menino.

— O que está fazendo em Cherbon, filha? — o religioso perguntou, por fim.

— O que eu estou fazendo? — Michaela encolheu os ombros e traçou uma linha imaginária na relva com a ponta do indicador. — Estou tentando salvar meus pais da

ruína, frade. É isso o que estou fazendo, depois de ter perdido meu emprego em Tornfield, como o senhor certamente já foi informado.

— Você não perdeu seu emprego — frei Cope a corrigiu, gentilmente. — Estou vindo de Tornfield e trouxe-lhe o recado de que a posição de babá de Elizabeth ainda é sua, se quiser. Cherbon não é lugar para você, filha. Lorde Roderick não é o homem certo para uma jovem como você.

O coração de Michaela apertou à simples menção do nome Tornfield.

— Por quê? Por eu não ser um membro da nobreza? Por não merecer viver em um castelo?

— Em absoluto — o frade respondeu. — Você é especial. Eu soube disso desde que a vi nascer. — Ele olhou pausadamente ao redor, como se quisesse que Michaela enxergasse a solidão, a tristeza e o abandono que exalavam do castelo, através dos olhos dele. — Não merece viver neste lugar assombrado, na falta de uma palavra que melhor o descreva. Fatos terríveis aqui aconteceram. As pessoas tinham esperanças de que lorde Roderick fosse promover a paz e a justiça quando retornasse das Cruzadas e assumisse o lugar do pai. Ele era um homem diferente do que é agora. Bom, gentil e decente. Transformou-se, porém, em um homem duro e implacável, tão parecido com o pai em suas ações, que dificilmente será redimido. As cicatrizes que marcaram seu corpo estão gravadas ainda mais profundamente em sua alma.

— Eu não conheço o lorde Roderick de agora, nem conheci o de antes. Tampouco conheci o pai dele. Prefiro reservar minha opinião a seu respeito para depois que o encontrar e o julgar por mim mesma.

— Muitas outras mulheres, mais experientes que você, o rejeitaram.

— Noventa e seis, para ser exata. Eu sou a candidata de número noventa e sete.

Frei Cope hesitou por um longo momento.

— Seus pais estão preocupados. Walter, principalmente. Ele conheceu Magnus Cherbon e o serviu por um longo tempo.

— Magnus Cherbon está morto, frade — Michaela declarou. — E eu estou me saindo bem por aqui até agora. Acredito que tenha chance de vencer o desafio. Estou determinada a vencer, para ser sincera. Não há outra saída para minha família.

O frade tirou um pergaminho do bolso.

— Talvez isto a faça mudar de idéia.

Sem opção, Michaela desdobrou o papel. Um nó lhe fechou a garganta ao reconhecer a caligrafia de Elizabeth.

Querida Michaela,

Por que você me deixou? Estou triste. Lady Juliette é horrenda. Eu a detesto. Por favor, volte para casa.

Elizabeth Tornfield.

Michaela enxugou as lágrimas, dobrou a carta e devolveu-a ao frade.

— Não quer guardá-la com você? — frei Cope ofereceu.

— Não, obrigada. Lorde Alan não gostaria de saber que a filha me enviou esta mensagem. O senhor a leu antes de trazê-la, eu imagino.

— Sim, admito ter lido a nota e posso lhe garantir que lorde Alan não apenas teve conhecimento a respeito da atitude da filha, como apoiou sua tentativa de chamá-la de volta. Para ser franco, ele me agradeceu.

Uma raiva surda se apoderou de Michaela ao ensejo de lorde Alan em manipulá-la através de seus sentimentos pela filha.

— Farei de conta que não a li. Da próxima vez que lhe pedirem esse tipo de favor, rogo-lhe que não aceite, frade.

— Michaela...

— Leo! — ela chamou em voz alta de propósito para encerrar sua conversa com o frade. — Venha! Está ficando tarde. Precisamos entrar!

O frade se levantou.

— Não condene lorde Alan por sua escolha, Michaela. Ele fez o que considerou ser o melhor para todos em Tornfield.

— Não para mim — Michaela declarou e puxou Leo pela mão. — Tenha um bom-dia, frade.

Leo teve de olhar para trás para se despedir do frade. Quando tornou a erguer os olhos para Michaela sua voz tornou-se sussurrada.

— Você está chorando?

— Não, querido — Michaela mentiu e ergueu os olhos para o céu. Se olhasse para baixo, as lágrimas rolariam por suas faces. — Entrou um cisco em meu olho.

Capítulo XII

Michaela chorou até o cansaço lhe trazer o alívio do sono. Roderick cogitava sobre o motivo de sua perturbação ao observá-la. Mesmo através da ausência quase completa de luz, ele conseguia vê-la arfar sob os soluços que brotavam de seu peito. O rosto dela estava voltado para ele, como se pudesse vê-lo pela pequena abertura nas cortinas da cama de dossel. Ela parecia ter adormecido invadida pela tristeza e pelo medo, agarrada às cobertas como uma criança desamparada. Ele era grato ao luar que se infiltrava pela janela e que iluminava o quarto apenas o suficiente para orientá-lo e para lhe proporcionar tão raro espetáculo.

Condenado ao isolamento, a noite era uma bênção para ele, que vivia cada dia a espera de que o crepúsculo chegasse com seu manto de escuridão.

Em sua perambulação pelo quarto que ocupara durante a infância e a juventude, Roderick não encontrou nenhuma evidência do que a levava a aquele estado de melancolia. Tudo estava em seu devido lugar. Nenhum objeto fora atirado ao chão nem às paredes em um rompante de cólera ou de desespero.

Michaela Fortune deveria ter sido contaminada pelas trevas que rondavam Cherbon. Ninguém jamais fora feliz naquele castelo, a não ser Magnus. Seu pai sempre exultara com a miséria dos outros.

Arriscando-se a ser surpreendido em sua vigília, ele se aproximou da cama e se inclinou até seu rosto ficar a menos de meio metro de distância da jovem adormecida. Nenhuma das candidatas anteriores o tentara a fazer uso do painel secreto, em seu antigo quarto. Mas desde que seus olhos pousaram pela primeira vez sobre aquela linda moça, ele contava os minutos para o sol se pôr. Temia se mostrar e perdê-la. Estando perto, mas invisível, talvez ele descobrisse alguma forma de agradá-la e de mantê-la a seu lado.

Os ferimentos haviam feito dele o monstro de que todos o chamavam. Seus sentidos, porém, estavam mais aguçados do que nunca. Sua visão era soberba, em especial a noturna. A audição, apesar da surdez temporária de um ouvido, se tornara sensível ao ponto de captar o sutil batimento das asas dos insetos. O olfato estava tão apurado que ele era capaz de distinguir um carvalho de um salgueiro com os olhos fechados.

O perfume verde, o frescor que se desprendia da pele e dos cabelos de Michaela, o fascinava, fazendo lembrar urzes recém-colhidas.

— O que aconteceu com você? — ele perguntou, mais com a mente do que com os lábios.

Nenhum som foi articulado, mas ainda assim lady Fortune se moveu no sono. Roderick parou de respirar por alguns segundos e esperou que ela se aquietasse para

fazer o que já deveria ter feito. Estava abusando de sua sorte permanecendo ali. Se a moça acordasse e o surpreendesse na intimidade de seu quarto, o tomaria por um depravado e iria embora sem esperar pelo raiar do dia.

Ele desapareceu por trás do painel e retornou ao cubículo que dava para o corredor da ala onde se localizavam seus aposentos.

Uma semana se passou. Em suas visitas noturnas, sem que Michaela tivesse a menor desconfiança do que sucedia, Roderick teve a satisfação de observar uma sensível melhora em seu estado de espírito. Ela não mais chorava até o cansaço lhe trazer o sono.

Lady Fortune o intrigava. Quais teriam sido os motivos que a levaram a se apresentar em Cherbon e a permanecer todo aquele tempo dentro daquelas muralhas, quando nenhuma outra mulher suportara seu ar tétrico ou a indiferença de seu lorde?

Hugh e Leo estavam esperando por ele quando voltou ao quarto. Assim que viu a porta abrir, Leo se levantou do tapete onde estivera brincando até aquele momento, e correu para recebê-lo.

— Boa noite, *Rodick*. — O menino se conteve, mas a intenção de abraçar as pernas do pai ficou evidente. O sorriso puro e espontâneo, contudo, permaneceu.

— Boa noite, Leo. Como foi seu dia?

— Foi bom. A velha Harliss não se aproximou mais de mim. Mas os outros dias foram mais divertidos. Pedi para lady Michaela cantar para mim e queria colher mais flores, mas ela disse que precisava se ocupar com outros afazeres.

As palavras de Leo levaram Roderick a uma súbita reflexão. Teria sido algo que Leo dissera que a fizera chorar? As lágrimas misteriosas o estavam assombrando a ponto de ele não conseguir pensar em mais nada.

— Lady Michaela também se diverte quando brinca com você? — ele perguntou.

Leo fez que sim. De repente hesitou.

— Outro dia os olhos dela encheram de lágrimas. Ela disse que tinha entrado um cisco em seu olho e foi para o quarto.— O menino fez uma pausa e quase pegou a mão de Roderick. — *Rodick quer ver meus soldadinhos?*

— Esta noite não, Leo. — Roderick prendeu o fôlego ao notar o gesto que terminou com o menino escondendo as mãozinhas atrás das costas. — Preciso falar com Hugh por um instante e depois irei para a cama.

O olhar de Leo estava voltado para o chão. Um instante depois, ele correu de volta para o tapete e para os brinquedos feitos de madeira ali espalhados. Hugh se levantou e despenteou o cabelo do garoto em um gesto de carinho. Puxou uma cadeira e se sentou ao lado do amigo.

— Parece que nossa lady Fortune recebeu uma carta.

— Uma carta? — Roderick estranhou. — Eu não vi ninguém de fora no castelo.

— Como poderia? — Hugh ergueu uma sobrancelha. — Você passa os dias trancado no quarto! A carta chegou há cerca de uma semana, pelas mãos do frei Cope. Foi escrita pela filha de Alan Tornfield, Elizabeth.

Ah! Enfim o mistério das lágrimas estava decifrado. Mas como ninguém, nem mesmo Hugh podia saber sobre suas incursões secretas ao quarto que ocupara quando criança, Roderick fingiu desinteresse.

— Eles querem que ela volte — Hugh contou, sucinto. O copo que Roderick segurava parou a meio caminho da boca. Hugh, aparentemente, não percebeu.

— Eu soube que lorde Alan ficou mais do que surpreso com a drástica decisão de lady Fortune em deixar Tornfield e se apresentar em Cherbon.

— Ela pretende atender ao pedido da menina?

— Não. A resposta foi dada a frei Cope e a mim de imediato. Ela afirmou que só sairá daqui se você a expulsar.

Roderick soltou o ar que não notara estar prendendo.

— Aparentemente a família dela está em sérias dificuldades, e seu orgulho tão

ferido, que ela se recusaria a olhar para Alan Tornfield mesmo que ele estivesse coberto de ouro.

A informação de Leo ecoou nos ouvidos de Roderick.

Ela disse que tinha entrado um cisco em seu olho e foi para o quarto.

De alguma forma, o fato de ele ter conjecturado sobre a causa por tantos dias, sem ter sido informado da verdade, o deixou irritado.

— Por que você só está me contando agora?

— Eu só soube disso hoje — Hugh se defendeu. — Mas se lady Fortune está tão apaixonada por Tornfield quanto eu imagino, ela acabará voltando, caso ele insistir.

— Para quê? — Roderick resmungou, o coração batendo mais rápido. — Para viver como babá até o fim de seus dias?

— Não. Mais provavelmente como amante de seu senhor. Você não é o único interessado em tê-la, Roderick. Seu querido primo certamente tentará afastá-la daqui para se assegurar de que você não consiga cumprir os termos exigidos por seu pai para receber sua herança.

— Fica proibida, a partir de agora, a entrada de mensageiros em Cherbon. E toda mensagem que chegar deve passar pelas minhas mãos primeiro.

— Você está atrasado, meu amigo. Embora eu tenha certeza de que mais mensagens chegarão. No entanto, lady Fortune já disse ao frade que não quer mais saber de nada a respeito de Tornfield e de seus habitantes.

Uma onda de insegurança assaltou Roderick.

— Talvez se acelerarmos o programa de exercícios eu possa abreviar o prazo que estipulei para me apresentar a ela.

— Eu concordo.

Roderick recostou na cadeira como se as forças lhe faltassem. Vendo o cansaço do amigo, Hugh se levantou e chamou Leo para se retirarem. Enquanto o menino se despedia do pai, ele tratou de recolher os brinquedos.

— Durma bem, *Rodick*.

— Você também, Leo. — Roderick segurou o menino pela parte superior dos braços. Supondo que aquilo fosse um abraço, Leo o enlaçou pelo pescoço.

O gesto inesperado fez Roderick pestanejar. Após um instante de hesitação, ele bateu levemente nas costas do garoto. Diante da porta, Hugh sorria de um jeito enigmático.

— Eu quase me esqueci. — O amigo tornou a avançar pelo quarto e entregou uma carta que trazia no bolso da túnica. — Lady Fortune lhe escreveu uma carta. Eu disse que você se recusaria a recebê-la, mas ela insistiu.

Sozinho no quarto, mergulhado novamente no silêncio, Roderick ficou olhando para o pequeno pergaminho em suas mãos por um longo tempo antes de abri-lo.

Milorde,

Não creio que será possível eu assumir a posição de lady de Cherbon sem sua intervenção imediata a respeito de algumas situações. É meu mais sincero desejo que sejamos devidamente apresentados, de modo a discutirmos vários aspectos sobre meus deveres e obrigações. Estarei aguardando-o no salão ao meio-dia. Sir Hugh me informou sobre sua necessidade de dormir até tarde.

Respeitosamente,

Michaela Fortune.

Roderick leu e releu a missiva. Ninguém, com exceção de Hugh, jamais ousara se dirigir a ele, por qualquer meio que fosse. Por mais de uma hora, enquanto se digladiava com suas botas, no esforço de se livrar delas, ele refletiu sobre a audácia da moça. Por outro lado, era preciso se lembrar da súplica de Elizabeth Tornfield para que ela voltasse.

Se ele fosse ao encontro de Michaela Fortune, conforme seu pedido, o mais provável era que ela se decidisse pelo retorno a Tornfield antes que o dia findasse. E se o ignorasse, o desfecho daquela história provavelmente seria o mesmo.

Por quanto tempo um passarinho ferido se debateria entre as grades frias de uma gaiola com um ninho quente a sua espera?

Michaela não fora bem recebida em Cherbon pelos criados, por Hugh e especialmente por ele. Talvez ela tivesse se apegado um pouco a Leo, mas o garoto era apenas uma criança. Não podia ter expectativas de que o futuro de Cherbon fosse depositado sobre seus pequenos ombros.

E ele? Também não carregara Cherbon em seus ombros? Quem havia se importado com ele durante sua infância? Seu pai? Harliss? Sua pobre mãe?

Roderick fechou os ouvidos à voz. Se seu primo partira o coração de Michaela, e se ela era tão obstinada quanto ele supunha que fosse, nada nem ninguém conseguiria fazer com que ela voltasse para Tornfield.

Além disso, ela precisava aprender que ninguém ditava ordens ao senhor de Cherbon.

Nem agora nem nunca mais!

Capítulo XIII

Era estranho estar sentada à mesa principal do salão, que normalmente era ocupada apenas pelo senhor do castelo, seus familiares e seus convidados. O aspecto do salão melhorara consideravelmente desde sua chegada, dez dias antes. Móveis em mau estado haviam sido retirados. Os demais foram limpos e lustrados. No centro de cada mesa os candelabros reluziam entre pequenos vasos com lavanda e alecrim. O chão fora varrido e lavado.

O fogo na imensa lareira quadrada crepitava em boas-vindas. As janelas ainda estavam nuas, mas novas cortinas já estavam sendo providenciadas.

Em breve, na opinião de Michaela, o salão recuperaria seu antigo glamour. Teias de aranha, videiras secas, lixo, toda a feiúra fora retirada. Um perfume de limpeza substituiria o cheiro de pó e de mofo. O vazio, porém, permanecia.

Meio-dia, por fim. Ela mal podia esperar.

Uma hora depois, Michaela se perguntou se ele viria. Roderick Cherbon não enviara nenhuma resposta a sua mensagem, positiva ou negativa. Ela, em seu otimismo, se preparara para esperá-lo. Precisava lhe falar sobre sua função no castelo, sobre o futuro, sobre sir Hugh, sobre Leo.

Estava orgulhosa de si mesma por ter resistido às pressões e permanecido no castelo mais do que as, outras pretendentes. Achava-se merecedora do privilégio de uma audiência com o lorde de Cherbon diante dos obstáculos que superara para chegar até ali.

No entanto, os minutos de atraso estavam se acumulando e outra hora se completara sem que a porta se abrisse.

O que faria se ele não viesse? Ao que tudo indicava, ela lhe importasse tão pouco que seu pedido fora completamente ignorado. Deveria deixar Cherbon e voltar para casa até expulsarem sua família pelo não pagamento das dívidas?

Um ranger de dobradiças a fizeram olhar para trás. Não era comum que lorde Cherbon entrasse pela porta principal em plena luz do dia. Durante a longa espera ela mantivera seus olhos fixos na porta que dava para as dependências internas do castelo.

Ao contrário do que esperava, não foi um monstro, como diziam as pessoas do vilarejo, que se apresentou para o encontro, mas um homem bonito, de cabelos e bigode loiros, chacoalhando a túnica molhada de chuva enquanto se encaminhava para a mesa.

Alan Tornfield.

— Apanhe suas coisas imediatamente, Michaela. Se nos apressarmos, estaremos em Tornfield antes do cair da noite.

Ela não se levantou nem respondeu. Com que direito lorde Alan estava lhe falando naquele tom? Por outro lado, não era maravilhoso que ele tivesse vindo buscá-la?

— O que está fazendo aqui? Como se atreveu a entrar sem permissão?

— Não seja tola! — Inesperadamente, Alan deu a volta e puxou-a pelas mãos para que se levantasse. — Onde fica seu quarto? Eu a ajudo a guardar seus pertences.

Nesse momento, a última imagem que Michaela tivera do noivo de seus sonhos retornou a sua memória. Desvencilhou-se com raiva.

— Está enganado, milorde, se deduziu que eu o acompanharia de volta para Tornfield para morar sob o mesmo teto que sua nova esposa.

Alan suspirou.

— Então foi por isso que você fugiu?

— Eu não fugi. — Michaela fulminou-o com os olhos. — Eu simplesmente decidi ir embora. O que esperava que eu fizesse quando me humilhou diante de todos os convidados?

— Você não me deu uma chance de explicar nem fez o obséquio de se despedir de mim ou de Elizabeth.

— Como se atreve a falar em obséquio? Por acaso foi gentil comigo ao se casar com aquela mulher antipática e trazê-la para morar em *nostra* casa sem me contar ou a sua filha sobre sua decisão?

Alan avançou um passo. Seus olhos pareciam em fogo.

— Fiz o que fiz por *nós*! Por você! — Deu um soco na mesa. — Se eu não aceitasse a oferta de Juliette, perderia tudo o que possuo. Se me casasse com você, enfrentaríamos uma vida de penúria. Nós ficaríamos sem nada. Seus pais ficariam sem nada! Como faríamos para sobreviver?

Tão furiosa e magoada Michaela estava que não conseguiu responder.

— Não corremos mais o risco de vivermos na pobreza, Michaela. Nem Elizabeth, nem seus pais. Para sermos felizes, tudo o que você tem a fazer é voltar comigo.

— Eu não posso... Eu não posso amar o marido de outra mulher...

— Está me dizendo que prefere Roderick a mim? É isso, Michaela? Um homem deformado que só se casará com você por desespero, por não ter escolha?

— Não foi por essa razão que você se casou com aquela mulher insuportável? Por desespero?

— Ora, não seja tola! Comigo foi diferente.

— Não, não foi!

— É diferente entre nós, Michaela. Ninguém a conhece como eu. Conheço seus pensamentos, seus sonhos...

— Cale-se!

— Roderick jamais se importará com você como eu me importo.

— Você está absolutamente certo. Ele nunca me tratará como você me tratou, porque ele fará de mim sua esposa! Os caminhos do destino encerram mistérios. Roderick Cherbon poderia ter se casado com qualquer uma das mulheres que se apresentaram aqui, mas nenhuma delas quis ficar. Agora *eu* estou aqui e acredito que exista uma razão para isso.

— E quanto a Elizabeth? Acha justo que ela seja punida por meus pecados? Uma menina inocente que a ama como nunca amou ninguém com exceção da própria mãe?

— Saia, por favor.

— O que direi a ela, Michaela? Que você prefere o monstro de Cherbon a ela e a mim?

— Saia!

— Elizabeth adora você. E eu sei que você me ama. Vejo em seus olhos. — Para incredulidade de Michaela, Alan se ajoelhou aos pés dela e segurou sua mão. — Pense bem, Michaela. Eu lhe suplico. Volte para nós.

Michaela olhou para Alan através de uma cortina de lágrimas. Não fora isso que ela havia desejado? Uma declaração de amor? Um pedido para que voltasse para Tornfield?

— Você me quer porque eu estou aqui. Não se trata de seus sentimentos nem dos sentimentos de Elizabeth por mim, mas de Cherbon. Sempre foi tudo por causa de Cherbon.

Alan baixou os olhos por um instante. Antes que respondesse, uma gargalhada rude ecoou entre as paredes. Michaela ergueu o rosto e as lágrimas deslizaram por suas faces.

Sir Hugh Gilbert estava parado junto da porta, com as mãos nas costas. Ao lado dele estava uma figura alta e curvada, com um traje preto até os pés. Um capuz, também preto, ocultava suas feições.

Ela sentiu o fôlego faltar ao se dar conta de que estava vendo Roderick Cherbon pela primeira vez. Ele não havia ignorado seu pedido, afinal.

Roderick ignorou a atitude sarcástica do amigo, impressionado demais com a cena. Ali estava seu primo e rival na posse de Cherbon, e agora seu rival também na disputa por Michaela Fortune.

Ela estava usando o mesmo vestido do dia em que chegara ao castelo, o rosto banhado em lágrimas provocadas pelo homem que segurava sua mão entre as dele, ainda ajoelhado a seus pés.

Você é o senhor deste castelo! Questiono a presença dele sem sua permissão!

Mas o usurpador se levantou e o precedeu, curvando-se forçadamente em uma mesura.

— Lorde Cherbon, perdoe minha audácia.

— Não o desculpo — Roderick respondeu, seco. — O que faz em meus domínios?

— O que mais um homem em dívida com seu senhor viria fazer em seu castelo, exceto lhe agradecer pela compreensão sobre o atraso do pagamento?

Embora estivesse ciente de que não fora esse o propósito da visita, Roderick não questionou a declaração, seguindo o conselho que lhe fora dado por Hugh.

— Entendo que a finalidade desta visita seja negociar um novo prazo. Meu imediato marcará um outro dia para conversarmos. Não estou disposto a recebê-lo hoje,

Alan se mostrou instantaneamente desconfortável, para regozijo de Roderick.

— Obrigado, milorde. — Ele hesitou por alguns instantes. — Minha presença aqui também responde a outro motivo. Eu vim buscar lady Michaela.

— Buscá-la?...

Roderick sentiu um prazer maldoso ao reparar que o primo engolia em seco.

— Sim. Elizabeth tem sentido terrivelmente a falta da babá. Lady Michaela pertence a Tornfield.

Um riso baixinho e rouco se seguiu a essas palavras. Roderick avançou um passo com o auxílio de seu cajado.

— Pois fique sabendo que lady Michaela assumiu um compromisso comigo. Como minha noiva, ela pertence a *mim*. — Ele fez uma pausa. — Está cogitando roubar a noiva de seu primo?

— Ora, mas é claro que não — Alan respondeu, o olhar aturdido. — Mas você deve compreender que Cherbon não é lugar para uma mulher como Michaela. Minha filha está inconsolável.

— Eu também tenho um filho e ele também se apegou a ela.

Alan hesitou, mas apenas por um breve momento.

— Bem, meu caro primo. Sinto lhe dizer, mas lady Michaela está apaixonada por mim. E ela só se apresentou em Cherbon para me punir por um pequeno

desentendimento que tivemos. Não é desejo dela, porém, permanecer aqui. Peço que aceite minhas desculpas pela inconveniência.

Sem desviar os olhos da figura do primo, Roderick perguntou a Michaela:

— Está decidida a acompanhar este homem de volta para Tornfield, lady Michaela?

— Certamente que não, milorde. Ele é casado.

Roderick se permitiu sorrir e exibir-se de perfil, mantendo as cicatrizes do rosto escondidas sob o capuz.

— Já teve sua resposta, primo. Peço que saia.

— Eu não aceito essa resposta! — Alan bradou, furioso. — Lady Michaela está zangada comigo. Mas com o tempo...

— O tempo que eu lhe concedo é de cinco minutos. Para sair daqui.

— Eu peço apenas que... — Roderick começou a contar. — Um...

Hugh se manifestou nesse instante.

— Você quer que eu mostre a ele o caminho da rua?

— Dois...

— Eu não abusaria da sorte em seu lugar — Hugh alertou Alan. — Sangue poderá rolar se lorde Cherbon perder o humor.

— Três...

Engolindo a raiva que sentia, Alan Tornfield deixou o salão às pressas, sem olhar para trás.

Roderick acompanhou-o com o olhar e um sorriso de satisfação, percebendo tarde demais que o capuz escorregara.

Os olhos azuis de Michaela arregalaram-se, e ela levou as mãos aos lábios, reprimindo um arfar de espanto.

Roderick esperou pelo grito de horror.

Capítulo XIV

Michaela não sabia exatamente o que pensar de Roderick Cherbon e de tudo o que ouvira falar a seu respeito. Haviam lhe contado sobre suas lutas contra os infiéis e sobre o milagre que lhe salvara a vida, apesar dos ferimentos que sofrera. Mas uma coisa era ouvir falar, outra era ver a prova de sua participação nas batalhas com os próprios olhos.

Com o auxílio de um cajado, pintado de preto, ele podia andar, desmentindo os rumores de um confinamento a uma cadeira ou ao leito. Suas pernas, aparentemente, tinham sido o alvo principal do inimigo. Percebia-se o joelho esquerdo levemente virado para fora. O braço direito também fora prejudicado. Ele o trazia apoiado contra o peito, os dedos contorcidos. Vestia-se inteiro de preto como se a ausência de cores o ajudasse a se harmonizar com as trevas. Podia-se ver apenas parte de seu rosto e pescoço. Até mesmo os olhos se escondiam nos recessos do capuz.

O rosto era magro e pálido. O queixo quadrado com uma covinha emprestava um toque másculo e atraente ao semblante marcado por severos traumas. A cicatriz que atravessava todo o malar, desde a base do nariz até o canto do olho, evidenciava a agressão por uma arma branca e afiada.

Michaela pestanejou ao se dar conta de que Roderick Cherbon a encarava como um animal acuado. Seu coração acelerou. Batia cada vez mais forte, à medida que ela se perdia naqueles inigualáveis olhos verdes. Eram verdes como a mais transparente das esmeraldas. Como uma folha tenra de primavera repousando em areias brancas banhadas pelo sol matinal.

— Está chocada? — ele perguntou, não com raiva, nem com timidez ou mágoa, mas como se a reação de Michaela o divertisse.

— Sim. — A afirmação soou abafada por ela ainda não ter retirado as mãos de cima dos lábios. Não se sentia ela mesma. A única comparação que lhe ocorria sobre seu

estado, naquele momento, eram as ocasiões em que se esquecia da letra ao cantar uma canção.

— Prossiga, milady — O tom de voz de Roderick soou drástico. — O que está pensando? Que eu sou ainda mais temível do que dizem?

Michaela fez um movimento quase imperceptível com a cabeça. O que estava acontecendo que ela não conseguia responder?

Roderick, então, arqueou a sobrelanceira e se virou, exibindo as cicatrizes em toda a sua extensão.

— Seus... seus olhos são os mais lindos que eu já vi. Ao dizer essas palavras, Michaela sentiu um calor intenso lhe subir às faces. O rosto dele endureceu.

— Que espécie de jogo está tentando fazer? — ele indagou, ríspido. — Usar-me para provocar ciúme em Alan Tornfield? Se for essa sua intenção, arrume suas coisas e suma da minha vista.

A impressão de Michaela foi a de ter levado um soco.

— Por que está zangado comigo? Eu não chamei Alan aqui. Tenho exercido minhas tarefas com o devido zelo apesar dos abusos da criadagem que não foi ensinada a seguir regras e instruções. Nenhuma outra candidata permaneceu em Cherbon mais tempo do que eu. E lhe asseguro, milorde, que se minha intenção fosse retornar a Tornfield como amante de lorde Alan...

— Antes de ele se casar, essa posição não lhe incomodava!

— O senhor não sabe nada a meu respeito! Suas acusações são injustas e desprezíveis!

— Referências desprezíveis não faltam sobre Cherbon e seu senhor — Roderick declarou em tom de zombaria. — Aconselho-a a ir se acostumando com ambos para se poupar de futuros insultos.

Os lábios de Michaela se comprimiram em uma fina linha. Após um longo suspiro, ela disse:

— Lorde Cherbon, eu pedi que me encontrasse neste salão para conversarmos e esclarecermos algumas dúvidas que tenho. Agradeço sua presença.

Roderick a encarou por um instante, para depois irromper numa sonora gargalhada.

— Eu não estou aqui para atender seu pedido por carta, milady. Não temos nada o que conversar. Fui bastante claro em minha missiva e sir Hugh lhe forneceu todas as explicações necessárias. Até este momento tem desempenhado satisfatoriamente sua função. Caso eu não concorde com alguma de suas atitudes, será avisada. — Ele moveu o cajado em sinal de que a entrevista se encerrara. — Se me der licença, tenho negócios para resolver. Atrasei-me com a tocante cena íntima que surpreendi sob meu teto.

— Lorde Cherbon, espere! — Michaela insistiu antes que Roderick desse o segundo passo. — Não é comum um homem ignorar a mulher que deverá, se tornar sua esposa e madrastra de seu filho. Em especial um nobre que almeje a felicidade de sua família e a estabilidade de seus bens e daqueles que vivem sob sua tutela.

O vulto negro se virou lentamente. Ao olhar para Michaela, o rosto de Roderick parecia talhado em pedra. A fúria que emanava de seu ser atingiu-a em cheio, fazendo com que ela desse um passo para trás.

— Eu não sou um homem de sentimentos nobres, como já deve ter notado, milady. Cuide de sua própria vida, em vez de se preocupar com meus planos para o futuro de Leo. Não estou interessado em conversas de nenhum tipo. Se meu modo de administrar Cherbon não lhe agrada — ele se deteve e apontou para a saída —, sinta-se a vontade para voltar a Tornfield.

Mal Roderick saiu para o pátio, ele se arrependeu das palavras duras que dirigira à Michaela. Mais do que remorso, ele seria o único culpado por arruinar a última esperança de manter Cherbon sob seu domínio. Ainda podia ver o rubor tingindo a pele alva e acetinada, conforme cada palavra odiosa a açoitava.

Com um meneio de cabeça, ele fez meia-volta para retornar ao salão. Demorou mais de um minuto para efetuar um movimento que um homem normal teria completado em dois segundos. Tremendo de raiva, empurrou a porta.

O salão estava vazio.

Ocorreu-lhe segui-la, mas não valeria a pena. Àquela altura, ela já deveria estar arrumando seus pertences e até que ele conseguisse chegar aos aposentos que lhe destinara, ela teria partido pelos fundos do castelo.

De qualquer maneira, de que adiantaria tentar detê-la? Ele não tinha de que se desculpar. Era o que era. Doesse a quem doesse. O Roderick de antes estava morto. A Terra Santa o transformara naquela criatura grotesca.

Forçou-se a andar através do pátio entre a criadagem que mantinha os olhos baixos, instruídos sobre a aversão de seu senhor em ser observado. Do lado leste, Hugh surgiu montado em um cavalo, e trazendo outro pelas rédeas.

O exercício daquele dia lhe causaria ainda mais dores e desconforto, mas talvez o ajudasse a desanuviar a mente.

Aquela poderia ser a última oportunidade de percorrer suas terras antes que caíssem em mãos alheias.

Michaela bateu a porta do quarto com tanta força que as guarnições tremeram. O impacto foi tão forte que em vez de a porta se fixar no lugar, voltou e se chocou contra a parede de pedra.

Irritada, ela castigou a porta, batendo-a novamente e prendendo-a firmemente com a tranca, sem reparar nos filetes de sangue que escorriam das juntas de seus dedos.

— Maldição!— blasfemou.

Nunca antes se permitira pronunciar aquela palavra. Sua mãe lhe ensinara bons modos e a se comportar como uma verdadeira lady, levando uma vida casta e decente.

No entanto de que isso adiantara? Ninguém jamais a tratara como uma lady. Aonde fora parar o respeito que lhe era devido? As pessoas se acotovelavam quando cruzavam seu caminho e cochichavam as suas costas pelos salões. Agora ela estava vivendo sob o teto de um homem que descobrira ser realmente um monstro como todos o chamavam. Triste destino o dela que não lhe deixava alternativa a não ser o de ficar e se conformar.

Dizer um palavrão ao menos lhe servira de alívio. Talvez devesse incorporar esse recurso a sua vida no futuro. Qual o problema? Estava só como nunca. Não tinha ninguém. O homem que a chamara para ser sua esposa não queria nem sequer vê-la, quanto mais ouvi-la e manter uma conversa civilizada!

Furiosa, Michaela resmungou outro palavrão. Um dos que ouvira um criado dizer. Olhou para o alto e nenhum raio lhe caiu sobre a cabeça. O céu não a derrubara no chão por castigo. O seguinte, ela disse em altos brados. Nenhum abismo se abriu sob seus pés. Foi uma risadinha infantil atrás dela que a fez dar um pulo de susto.

O filho de lorde Cherbon estava sentado no meio da cama, com as pernas cruzadas, as mãos sobre a boca, tentando conter o riso que sacudia-lhe o peito.

— Leo, o que faz aqui? — Michaela perguntou, vermelha como um ferro em brasa.

O riso cessou e a testa do menino franziu.

— Você está brava com Leo?

— Oh, não, querido. — Michaela subiu rapidamente na cama e se ajoelhou. — Eu não estou brava, apenas surpresa. Alguém sabe que você está aqui?

O menino esqueceu imediatamente a preocupação.

— Não encontrei Hugh e não queria ficar sozinho. Posso dormir com você. — Antes que Michaela pudesse responder, Leo deitou a cabecinha no travesseiro dela.

Uma onda de ternura a inundou. Acomodando-se ao lado do menino, Leo se aproximou, segurando-lhe a mão. Em seguida ergueu a cabeça e a fitou com ar sério.

— Por que você estava tão brava?

— Por que eu estava brava? — Michaela repetiu, sem saber o que responder.

— Sim. — Leo tornou a se deitar, encostando a cabeça no ombro dela, como se esperasse ouvir uma linda história.

— Bem, o problema tem a ver com seu pai.

— Com *Rodick*!

— Sim. Com Roderick. — Michaela estranhou. — É assim que você o chama sempre?

Leo fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Você nunca o chama de papai? Leo fez que não.

— Só de *Rodick*.

— Por quê? — Ela nunca vira uma criança chamar o pai pelo nome. Talvez um filho mais velho, de mais de doze anos, mas não um menino de três.

Leo encolheu os ombros.

— *Rodick* fala: *meu nome é Rodick*. Hugh chama ele de *Dick*.

— Sim, eu já o ouvi chamá-lo assim. Mas e você? Não gostaria de chamá-lo de papai?

O menino pareceu refletir profundamente antes de dar sua resposta.

— Leo gostaria de chamar *Rodick* de papai.

— Então por que experimenta chamá-lo assim? Receia que ele se aborreça?

— Não. *Rodick* nunca se aborrece com Leo. Leo gosta de *Rodick*.

— Se você sabe que lorde Roderick não se aborrecerá se o chamar de papai, e se é desse modo que você gostaria de chamá-lo, por que não começa a fazê-lo?

O rosto de Leo se iluminou.

— Mesmo?

— Sim.

Leo assentiu como se eles tivessem chegado a uma grande decisão.

— Mas Leo não vê *Rodick* quase nunca...

— Não?

— Ele nunca tem tempo para Leo. Está sempre ocupado. A voz de Michaela tremeu de indignação.

— Você gostaria de passar mais tempo ao lado de seu pai?

A mágoa era tanta que o menino se limitou a assentir. Michaela sentiu os pulsos crispar. Pobre criança abandonada.

— O que me diz de trabalharmos juntos nesse sentido? — Aconchegou a criança como se fosse seu próprio filho, um plano começando a se delinear em sua mente.

Capítulo XV

Michaela tinha ido embora antes do amanhecer, ela não estava em parte alguma do castelo. Ninguém sabia das informações sobre o paradeiro de lady Michaela quando Roderick havia perguntado por ela.

Quando ele e Hugh tinham voltado de seu passeio a cavalo, ele dera pela falta de Michaela. Àquela hora, ela costumava estar ali pelo pátio, cuidando de alguma atividade inerente ao castelo. Como ninguém a tinha visto, ele concluiu que ela havia partido.

Céus! Andar a cavalo continuava a ser uma tortura. Cheio de dores, ele subiu direto para seus aposentos de criança e empurrou o painel secreto com o cajado, sem se importar em fazer silêncio dessa vez.

E o que viu fez com que prendesse o fôlego. Não encontrara um quarto vazio como esperava. Deteve-se com o cajado suspenso no ar diante da cena com que nunca teria ousado sonhar.

Michaela estava deitada com o braço envolvendo Leo como se o tivesse tomado sob sua proteção. Os dois estavam bem juntos e dormiam um sono profundo. Ela se moveu e

seus cabelos se derramaram como um manto dourado sobre o travesseiro. Felizmente, ela não acordou.

Roderick não se atreveu a avançar nem sequer um passo para dentro do quarto. Não podia correr o risco de ser pego em flagrante e de assustar lady Michaela e Leo. Com razão. Ele estava agindo como se fosse um ladrão. No mínimo, um bisbilhoteiro covarde. Mas se tivera a cautela de não avançar, ele não teve a prudência de se retirar. Um súbito mal-estar o acometeu. Talvez por causa do excesso de exercícios. Ou talvez porque ele estava em jejum. A sensação era perturbadora. Assemelhava-se a um nó que lhe fechava a garganta e que provocava contrações no estômago. Cada vez que ele olhava para Michaela abraçada ao seu filho, o nó parecia aumentar.

Como você é tola, lady Fortune.

Roderick obrigou-se a expulsar esses pensamentos piedosos de sua mente. Por um momento, ele chegara a admirar e respeitar lady Michaela por sua ousadia em desafiar Alan Tornfield. Mas agora, sua opinião havia mudado.

Ela não tinha amor próprio ou não ficaria mais em Cherbon depois de ser humilhada por seu dono. Michaela era uma mulher interesseira, como a maioria das mulheres, disposta a tudo por posição e dinheiro.

Entretanto, a um novo olhar para a cama, o nó cresceu, e Roderick sentiu um gosto de medo. Por qual razão, não saberia dizer. Deveria estar mais calmo, em vez de se deixar dominar pela apreensão. Se a moça ainda estava lá, apesar de ter sido maltratada, isso significava que ainda havia esperanças para ele...

De repente, um som ensurdecedor o fez estremecer. Alguém estava tentando derrubar a porta, ao que as pancadas indicavam.

— Lady Fortune! Abra esta porta imediatamente!

Roderick deslizou para trás do painel no instante exato em que Michaela, assustada, afastou as cobertas e se levantou.

Hugh, com certeza, tinha procurado Leo no quarto e se irritara ao encontrar a cama vazia.

Com a imagem da mulher e da criança dormindo abraçados e envolvidos pela luminosidade brilhante daquela tarde de verão, Roderick retornou para seus aposentos.

O nó em sua garganta parecia ter apertado ainda mais.

Não era uma questão de Michaela estar começando a gostar de Hugh Gilbert, mas sempre que se lembrava de sua expressão, quando se oferecera para cuidar de Leo pelo restante do dia, ela sentia vontade de sorrir.

O homenzarrão lhe fizera mil recomendações para que o menino se comportasse. Michaela seria capaz de apostar que ele hesitara antes de concordar, porque sentiria falta de tão adorável companhia.

Quem não sentiria? Ela conhecia Leo havia menos de uma quinzena e já se afeiçoara a ele.

Depois da sesta da tarde, ela e Leo desceram para o pátio, colheram algumas flores e cantaram duas ou três canções. Passando os estábulos, no topo de um outeiro, Michaela viu um vulto escuro curvado sobre uma cruz. Uma árvore de tronco baixo e fino, mas com galhos e folhas que avançavam e formavam uma cúpula, parecia estar ali para protegê-los.

Só poderia ser Roderick em visita à sepultura de um ente querido. Talvez o pai...

As suposições, no entanto, foram interrompidas pelo chamado de Leo que se afastara por um momento para correr pelo campo. Michaela decidiu, então, que era hora de voltar e de se prepararem para a refeição da noite.

Após Michaela ajudar Leo com o banho e vesti-lo, eles desceram juntos para a cozinha. Durante o jantar, sentaram-se lado a lado e se puseram a conversar animadamente. Assuntos nunca faltavam entre ela e o menino, uma criança inocente,

esperta e dona de uma grande inteligência. Vez por outra, ela se surpreendia cogitando a respeito da mãe do menino. Onde estaria? O que teria acontecido pára afastá-la da vida do filho? Como teria sido seu relacionamento com Roderick? Leo provavelmente não se lembrava mais de sua mãe.

Conforme havia prometido, ela se levantou após terminarem de comer e estendeu a mão a Leo para devolvê-lo a Hugh que se reservava o privilégio de colocar o menino na cama todas as noites para dormir.

— Lady Michaela canta uma última canção para Leo?

Ela sorriu enquanto caminhavam pelos longos corredores agora mais claros, depois de seu pedido para que acendessem mais tochas.

— Caso sir Hugh concorde, por que não? — À medida que eles se aprofundavam pelo interior do castelo, a umidade parecia brotar das pedras. — Faremos apenas uma pequena parada em meu quarto para que eu apanhe um xale.

Eles estavam a poucos metros do quarto quando Michaela notou que a porta estava aberta. Com um sinal para que Leo fizesse silêncio, eles prosseguiram bem devagar e pararam à porta. Ao flagrar a velha babá remexendo em seu baú e resmungando algo ininteligível, ela se deixou dominar pela indignação.

— Harliss! — O grito surtiu o efeito desejado. A mulher se assustou ao ser pega e projetou a cabeça para trás com tanto ímpeto que bateu contra a tampa do baú. — Espero que tenha uma boa razão para entrar em meu quarto e fuçar em meus objetos pessoais.

— Eu sinto muito, milady — Harliss se desculpou e fechou rapidamente o baú antes de endireitar o corpo e caminhar em direção da porta. — Uma das criadas deu por falta de um anel e eu pensei que ela, talvez, o tivesse deixado cair aqui ao limpar seu quarto.

Os olhos de Michaela estreitaram.

— Como não há necessidade de limpar o interior de meu baú que eu mantenho sempre fechado, eu duvido de que o anel possa ter caído lá. Isso se for verdade que ele existe. — Michaela fez uma pausa. — Qual é o nome da criada que o perdeu?

A mulher tentou passar por ela, mas foi impedida de sair.

— Eu esqueci como ela se chama, milady. Desculpe. Preciso voltar aos meus afazeres.

— Não. Não a desculpo. Estou farta de suas mentiras e truques, Harliss. Para que continue trabalhando em Cherbon, se for esse seu desejo, terá de me contar a verdade.

— Foi apenas um engano, milady — Harliss insistiu em passar, chegando a empurrar Michaela com o ombro. Contudo, ela foi rápida e segurou-a pelo braço.

— Não irá a parte alguma enquanto não confessar a razão de estar bisbilhotando em meu quarto. É uma ladra além de mentirosa?

— Tire suas mãos de cima de mim! — Harliss se soltou com tanta brutalidade que quase derrubou Michaela, abandonando a falsa subserviência. — Não é minha patroa e não aceito suas ordens! Vivo e trabalho neste castelo desde muito antes de sua vergonhosa mendicância. Sua presença é uma desgraça para o nome Cherbon.

Ao lado de Michaela, Leo arregalou os olhos e começou a tremer de medo.

Pelo bem do menino, ela resolveu encerrar a discussão. Além de má, Harliss deveria ser maluca. E uma pessoa no estado em que ela estava poderia tirar uma vida sem pestanejar.

— Eu preciso colocar Leo na cama. Aproveite para arrumar suas coisas enquanto isso. Assim que o menino dormir, tomarei providências para que você deixe Cherbon. Em definitivo.

— Escute aqui, sua vadiazinha. Você não é nada aqui. Volte para o lugar de onde veio enquanto pode. Está para nascer aquele que ousará me ditar ordens. Ninguém manda em mim!

— Você tem certeza? — Uma voz grave surgiu das sombras, precedendo o vulto

escuro de Roderick Cherbon.

Pela primeira vez Michaela o viu sem o capuz. Cabelos longos e castanhos cobriam os ombros em suaves ondas. Os olhos verdes brilhavam desafiadores à luz das velas.

Um silêncio estupefato se fez no ambiente antes de Leo murmurar o nome do pai e correr a lhe abraçar as pernas.

Harliss deu uma gargalhada esganiçada.

— Um acordo foi firmado entre mim e seu pai. O que me garante que terei meu lugar em Cherbon enquanto viver.

— Você vive, mas ele já está morto!

Michaela sentiu a respiração faltar ao ver o brilho maligno dos olhos de Harliss.

— Você não é homem o bastante para desafiar uma ordem de seu pai!

— Posso ter pairado entre a vida e a morte e trazer marcas de minha luta pela sobrevivência, mas minha virilidade não ficou comprometida. Isso eu lhe garanto.

Uma onda de calor subiu pelas faces de Michaela ao ouvir aquelas palavras. No instante seguinte, Roderick deu um grito, chamando por Hugh.

O homenzarrão invadiu o quarto, estancando de chofre e seu olhar alternou entre as duas mulheres.

— O que aconteceu?

— Leve Leo para seu quarto. Lady Michaela e eu precisamos resolver um problema que não deve ter uma criança por testemunha.

— Depois lady Michaela cantará para Leo? — o menino perguntou com inocência.

— Amanhã — Hugh respondeu. — Você a verá amanhã.

Michaela forçou um sorriso ao se despedir do menino. Assim que ele saísse, ela ficaria a sós com as duas pessoas mais temíveis que já conhecera.

— Boa noite, lady Michaela. Boa noite... *papai*.

Embora as feições de Roderick não traíssem nenhuma emoção, Michaela notou a rigidez que se apoderou de todo o corpo de lorde Roderick.

— Então? Prefere arrumar pessoalmente suas coisas ou devo mandar que as joguem na rua? — Roderick se dirigiu a Harliss, como se não tivesse ouvido as palavras de Leo.

— É surdo ou ainda mais idiota do que parece? — a megera retrucou. — Não me ouviu dizer que seu pai e eu tínhamos um acordo?

— Eu sei sobre o acordo — Roderick declarou. — Minha determinação não a impedirá de continuar servindo os Cherbon enquanto viver.

A mulher se virou para Michaela com ar arrogante.

— Entenda isso de uma vez por todas, *milady*! Não sairei deste castelo. Nem agora nem nunca!

— Ah, sim. Você irá — declarou Roderick com firmeza. — De agora até o último de seus dias seu lugar será em Tornfield, servindo meu primo, que não deixa de ser um membro de minha família!

— Como? — Harliss retrucou, irada. — Você não pode...

— Eu posso e farei. Tornfield pertence a Cherbon. Mude-se para lá. Ou, se preferir, desapareça pelo mundo. A escolha é sua. Lembre-se, contudo, de que estará rompendo o acordo, caso resolva viver em outra parte. Minha responsabilidade de protegê-la acaba nesse momento.

Roderick se apoiou na parede enquanto aguardava pela resposta. Michaela cogitou se ele teria feito aquilo para descansar a perna. Por certo devia doer muito. Assim como o braço que agora estava contra a pedra fria.

— Seu pai tinha razão — Harliss sibilou. — Você é um verme inútil e desprezível.

Roderick encolheu os ombros.

— Mais uma razão para você se ver livre de mim. Apresse-se. Em quinze minutos, lady Michaela e eu a acompanharemos até a porta.

Harliss ergueu a mão e apontou um dedo ossudo para seu antigo pupilo.

— Você se arrependerá do que está fazendo comigo, Roderick! — Ela se virou impiedosa para Michaela. — Você também!

— Eu me arrependo de muitas coisas que fiz, mas nunca me arrependerei de ter contribuído para sua expulsão de Cherbon — Michaela respondeu.

— Nunca diga nunca, sua vadia!

Com essas palavras, a velha mulher desapareceu pelas dependências do castelo.

O coração de Michaela batera forte durante a discussão, mas perdeu um compasso ao convite inesperado.

— Acompanha-me até o salão, milady? — Roderick perguntou, gentilmente. — Eu não perderia a partida de Harliss por nada deste mundo. Em seguida, podemos aproveitar para ter aquela conversa. Eu pensei bem e decidi aceitar sua sugestão.

Capítulo XVI

— Quer dizer que pretende dar seqüência a esse plano? — Roderick não queria que a pergunta soasse como uma acusação, mas foi dessa maneira que ela lhe pareceu aos seus ouvidos. Não estava acostumado a tratar com mulheres. Não estava acostumado a falar com ninguém, na verdade, com exceção de Hugh e de Leo.

— Sim, é claro — Michaela respondeu, o cenho franzido. — Por que outro motivo eu ainda estaria aqui?

Roderick meramente assentiu. Suas mãos estavam crispadas para impedir que se deixasse dominar pelo reflexo de puxar o capuz de volta sobre a cabeça.

Sentia-se como se estivesse nu sem seu disfarce. Por outro lado, de que um capuz lhe serviria agora? Afinal, Michaela já o vira sem ele à luz do dia e à luz das velas. O estrago estava feito.

— Sobre sua situação com referência a Leo, ao contrário de Alan Tornfield com sua filha, eu não espero que se coloque na posição de babá.

— Eu sei, mas gosto de estar com o menino e ele demonstra satisfação em minha companhia. Na falta de uma mãe, talvez ele possa se beneficiar de uma presença feminina em Cherbon.

Michaela tornou a corar. Sua curiosidade a respeito da mãe de Leo era imensa. Não tinha coragem, entretanto, de fazer perguntas a respeito.

— Tem minha permissão para ficar ao lado dele o tempo que desejar, milady.

Roderick percebeu que a moça se referira sutilmente a Aurélia. Esperava, entretanto, que seu prolongado silêncio a desencorajasse a uma nova tentativa de sondá-lo.

— Talvez eu possa dizer a Leo que contaremos com sua companhia por algumas horas durante as tardes. O que acha? Seu filho ficaria exultante. Ele fala a seu respeito o tempo todo. Seria agradável caminharmos juntos pelo pátio ou...

— Milady é lenta? — Roderick protestou. Ela estava caçoando dele ou o quê? Teria de ser cega ou lenta de raciocínio para não perceber que ele mancava, mesmo com o uso de um cajado.

Michaela pestanejou.

— Suponho que sim, mas tenho condições de disputar uma corrida com Leo. Seu filho adora correr e eu não faço objeção. Milorde espera que eu esteja ao lado dele permanentemente em vez de apenas vigiá-lo em algumas situações?

Por um longo momento, Roderick se limitou a observar a expectativa presente nos olhos pousados sobre ele. De repente, começou a rir.

Michaela suspirou.

— Não vejo onde está a graça, milorde. Mas faço de sua alegria um motivo para não

me aborrecer desnecessariamente.

— Seu comportamento é deveras peculiar — Roderick afirmou, surpreso com a agradável sensação que o riso lhe proporcionou.— Seu jeito de ser é, aliás, a única razão que ainda a mantém aqui. Relevarei sua insolência em requerer minha presença em seus passeios vespertinos pelo pátio, como se eu não tivesse nada de mais importante a fazer.

— Perfeitamente. — Michaela ergueu o queixo. — Onde prefere que nos encontremos? E em qual horário? Talvez na sala por ocasião das refeições ou mais tarde no quarto de Leo. Também pode ser em seus aposentos?

— Por que insiste tanto nesses encontros, milady?

— Precisamos conversar.

— Sobre o *quê*? Michaela deu de ombros.

— Sobre qualquer coisa. Tudo.

— Já não estamos conversando?

— Sim, mas os assuntos variam. Cada dia é um dia diferente do outro.

— Espera que os encontros aconteçam em base diária? Sem perceber, Michaela cruzou os braços.

— O senhor não?

— Não!

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Sinto muito, milorde. Mas sua presença é imprescindível.

Roderick não conteve outra gargalhada.

— Sinto muito, mas eu não tenho tempo nem vontade para falar sobre assuntos que não digam respeito aos meus negócios.

Dessa vez, lady Michaela apoiou as mãos nos quadris.

— Seu filho não lhe diz respeito? A mulher com quem o senhor vai se casar não lhe diz respeito? Esqueceu-se da proposta que me fez?

Como ele poderia esquecer? Procurava-a, sem que ela soubesse, apenas para admirar sua beleza. Naquele momento, corada de indignação, com os cabelos loiros brilhando como cobre à luz das velas, Michaela era o motivo principal de sua revolta. Ela e a necessidade de se casarem o remetiam ao pior lembrete de suas limitações.

A indignação de Michaela aos poucos foi arrefecendo.

— Não espero fingimentos de sua parte assim como eu não fingirei o contrário. Não estamos nesta situação por prazer. Eu respondi ao seu anúncio para salvar meus pais da penúria. Não posso mentir, contudo, sobre grande parte de minha motivação estar ligada ao nome de Alan Tornfield. Farei tudo que estiver ao meu alcance para que ele não se torne o novo senhor de Cherbon.

— Ah, eu já quase havia me esquecido deste assunto. Mas, obrigado de qualquer modo — Roderick declarou, irônico.

Michaela estreitou os olhos.

— Meus motivos são fortes. Os seus ainda mais, eu imagino. E eu não estou disposta a me sentenciar a uma vida de abandono por parte do homem que deverá se tornar meu marido, e que também é o pai da criança que estou começando a amar.

Foi a vez de Roderick estreitar os olhos.

— O que está querendo me dizer, lady Michaela?

— Eu estou lhe dizendo que se não está disposto a oferecer o devido respeito que sua família merece, seguirei os passos de Harliss para fora desta casa.

— Não pode estar falando sério.

— Eu estou. Embora este seja um casamento de conveniência, não creio que existam motivos que nos impeçam de fazer uma tentativa para vivermos bem e em perfeita harmonia.

Roderick, de repente, se viu enredado em uma teia, Michaela Fortune o tinha nas mãos e ele não sabia o que dizer.

No início ele se gabara de ser o senhor da situação, exibindo suas riquezas como uma forma de dominá-la. Jamais lhe ocorrera, porém, que ela pudesse virar o jogo e mostrar a ele, sem palavras, que suas necessidades eram mais prementes que as dela.

Ele precisava de Michaela. Ele queria que ela ficasse. Gostava de vê-la com Leo, mesmo a distância. Queria que ela continuasse a exercer sua mágica e devolvesse ao castelo escuro e frio sua antiga beleza e grandiosidade.

Talvez com sua presença forte e desafiadora, ele pudesse esquecer sua própria miséria que se repetia sem cessar através das palavras que o pai lhe vociferara três anos antes, quando o vira pela última vez.

Seguirá para a Terra Santa e se tornará alguém, ou eu o expulsarei de Cherbon. Não mais tolerarei sua inutilidade. Os campos de batalha desenvolverão sua força e Sua coragem ou o enviarão para a morte. Não me importa o resultado. A morte é preferível à vida, se for para você continuara ser como é. Um fraco não merece possuir nem sequer uma pedra de Cherbon.

A ordem de partida não deveria tê-lo ofendido após uma vida inteira de acusações e desprezo. No entanto, Roderick nunca se acostumara ao sentimento de rejeição.

Sem perceber, ele estava abrindo e fechando as mãos em sinal de ressentimento. A figura autoritária de Michaela Fortune se confundia com a de Magnus. Em vez de ouvir a argumentação sensata, era a voz fria e contundente do pai que ecoava nos ouvidos dele.

Roderick avançou sobre Michaela com uma rapidez impressionante para alguém em suas precárias condições de locomoção. Surpreendeu-se com a fragilidade dela ao tocá-la, tão pequena lhe pareceu sob seu escrutínio.

Sem tempo para evitar o confronto, Michaela se viu presa pelos braços por um homem que parecia ter o dobro de seu tamanho. Mas embora seus olhos transmitissem uma centelha de medo, seu queixo continuava erguido, como se estivesse querendo dizer que não se deixaria intimidar.

Era preciso quebrar a vontade de Michaela Fortune. Roderick não permitiria que ela ganhasse aquela batalha. Seria perigoso demais.

— Você afirmou que pretende seguir esse caminho até o fim, não afirmou? De se tornar minha esposa?

Michaela engoliu em seco como se fosse responder, mas acabou simplesmente movendo a cabeça em sentido afirmativo.

— Você me aceitaria em sua cama? — Roderick quase encostou a boca no rosto dela ao falar. O perfume feminino o envolveu, obrigando-o a fechar os olhos e a se calar por um instante. A fera que existia dentro dele, porém, o impulsionou a continuar. — Um monstro, um selvagem, que seria mais capaz de dilacerá-la do que de murmurar palavras bonitas?

Ele a ouviu suspirar como se estivesse prendendo o fôlego até aquele momento. Sua voz soou baixa, mas a mensagem lhe chegou tão nítida aos ouvidos como sinos de uma catedral.

— Não um monstro nem um selvagem. *Meu marido.*

O coração de Roderick galopava como as patas de um corcel. Descontrolado pela súbita excitação ele a empurrou como se estivesse em chamas. Michaela olhava para ele, ofegante. Os caracóis de seus cabelos se soltaram, e ele os observou tremer ao redor do rosto de singular beleza.

A voz de Hugh teve o efeito de um jato de água gelada sobre brasas.

— Flagrei Harliss tentando roubar a prataria antes de sair.

Roderick e Michaela se viraram para a porta que dava para as dependências de serviços e viram Hugh segurando um saco de couro com uma das mãos e Harliss com a outra. Nenhum dos dois disse uma palavra. Sob seus olhares, Harliss se desvencilhou, seguiu a passos ligeiros para a pesada porta de carvalho e desapareceu na noite, sem se dar o trabalho de fechá-la.

— Eu pedi que um dos criados a levasse para Tornfield — disse Hugh. — Espero que você não se importe.

— Não — Roderick respondeu, sem encarar o amigo. Embora não se sentisse capaz de sustentar o olhar de Michaela, tampouco conseguia afastar seus olhos da longa mecha que se soltara e caía em cascata sobre o ombro.

Hugh ofereceu seu sorriso mais sedutor conforme se inclinava em uma mesura para Michaela.

Roderick sentiu uma onda de ciúme percorrê-lo ao se comparar ao amigo, em completa desvantagem.

— Leo não parou de falar a seu respeito até que o sono o venceu. Em nome dele, portanto, e também em meu próprio, eu agradeço sua generosidade.

— Eu gosto da companhia de Leo — Michaela afirmou, satisfeita. — Não precisa me agradecer. Afinal, em breve, eu serei a madrastra do menino.

Roderick não teve tempo para desviar os olhos quando Michaela se virou e o encarou, séria. O que mais ele poderia fazer, naquele momento, exceto concordar?

— Irei ao seu encontro amanhã em seus aposentos, depois que Leo se deitar.

Michaela meramente assentiu. Hugh parecia ter sido atingido por um raio. O que mais restava a Roderick fazer, exceto desaparecer de cena, o mais rápido que pudesse? E tapar os ouvidos ao subir os degraus para repelir as gargalhadas sinistras e triunfantes do fantasma de Magnus...

Michaela se deixou cair na cadeira mais próxima assim que Roderick saiu da sala. Que tolice fora aquela de lhe dar um ultimato? Por que assumira um risco tão grande? Era incrível que não tivesse desmaiado quando ele lhe propusera o desafio da cama.

Determinou-se a voltar para o presente quando percebeu Hugh sentar-se a sua frente, fitando-a com um misto de interesse, confusão e escárnio.

— Pensa que o dobrou?

— Eu?... Não. É claro que não — Michaela resmungou, sem perceber que o estava imitando ao apoiar o cotovelo sobre o joelho.

— Sábia resposta. Mas, cá entre nós, você está tentando vencê-lo, não está?

— Desculpe, mas eu não creio que meus assuntos particulares lhe interessem.

— Acreditei que fosse de seu interesse receber orientação da pessoa que melhor conhece Roderick Cherbon dentro deste castelo. — A cadeira arranhou a pedra conforme Hugh se levantava. — Mas acho que me enganei. Perdoe minha ousadia, milady. Boa noite.

As palavras ficaram ribombando nos ouvidos de Michaela. Hugh tinha razão. Quem melhor do que o homem com quem Roderick enfrentara batalhas sangrentas para orientá-la? O homem que se tornara seu amigo e confidente, e que agora o estava ajudando a criar o próprio filho, e a fazer o castelo de Cherbon ressurgir das cinzas?

De um pulo, ela se levantou.

— Está se oferecendo para me ajudar?

Hugh, que já havia desaparecido na curva do corredor, materializou-se diante de Michaela em um piscar de olhos. Ela se colocou instintivamente na defensiva. Algo lhe dizia para não confiar naquele homem.

— Por que eu teria tocado neste assunto, de outra forma?

— Deve ter seus motivos para isso. — Michaela manteve o cenho franzido, enquanto Hugh refazia seu caminho, as mãos entrelaçadas às costas.

— Se Rick perder Cherbon, eu não terei onde morar. Penhorei meus bens para seguir com os cruzados e quando voltei da guerra, de mãos vazias, não pude mais recuperá-los. Sou bem-apegoado, escrevo alguns versos, e monto um cavalo melhor do que qualquer outro neste país. Mas de que isso me adianta? Quanto pode ganhar um trovador ambulante?

Ocorreu a Michaela que ela, talvez, tivesse julgado Hugh Gilbert com demasiado

rigor. Também lhe ocorreu que não era a única a depender daquele castelo para continuar a viver.

— Nossa amizade poderia reverter em benefício mútuo — murmurou, baixinho.

— É o que eu estava dizendo.

Em um pacto mudo, os dois apertaram as mãos.

Roderick esvaziava a terceira taça de vinho quando Hugh bateu levemente em sua porta, menos de uma hora depois. Ele já o esperava. O amigo nunca se recolhia sem antes verificar se ele estava bem e comentar sobre os acontecimentos do dia.

Naquela noite, porém, Roderick preferiria ficar sozinho com seus pensamentos e com suas fantasias.

Hugh puxou uma cadeira e se serviu de uma taça de vinho. Ao ver que Roderick tomava o último gole, ofereceu-lhe outra dose da bebida.

— Quer continuar com os exercícios? Imagino que esteja cansado e dolorido da cavalgada, mas ao aquecer os músculos, talvez se sinta aliviado.

— Não esta noite.

— Eu entendo. Lady Fortune estragou seu humor. — Como se o humor de Roderick não estivesse permanentemente estragado. — Sabe o que eu acho? Que você deveria descartá-la e tentar sua chance com outra mulher...

— O que você tem contra lady Fortune? — Roderick protestou com uma rara veemência. — Por que eu deveria aguardar que uma nova candidata se apresentasse quando a única que se dispôs a permanecer em Cherbon está ao meu alcance *agora*? O que deu em você, Hugh? Vivia me azucrinando porque eu afugentava as mulheres que se apresentavam em resposta ao meu anúncio. De repente sugere que eu mande embora a única que se empenhou em ficar?

Estranhamente, Hugh levou um longo tempo para se manifestar.

— Você a considera uma mulher atraente, não é?

— O quê?

— Está planejando levá-la para a cama antes do casamento, não está? — O olhar de advertência do amigo foi notado, mas não o calou. — Eu tenho certeza de que ela não o repeliria.

— Por quê? — Roderick se pronunciou, antes que percebesse o que fizera.

— Ela deve ser uma aventureira como tantas outras. Roderick teve de rir, apesar de tudo. Mas antes que Hugh lhe perguntasse a razão de sua atitude, ele se mostrou novamente sério e hostil:

— Não creio que meu primo fosse admitir uma aventureira ao lado de sua filha.

— Não? Eles dormiram juntos e não eram nem sequer noivos...

— Como pode estar tão certo de que eles partilharam desse tipo de intimidade? — Roderick queria que o amigo ficasse sem resposta de modo a abandonar sua própria desconfiança de que Michaela e seu primo tivessem sido amantes.

— Ora, Rick, não se falou de outra coisa na festa! Por que você acha que ela se sentiu tão humilhada quando Tornfield anunciou seu casamento com outra mulher? Eles nunca se importaram em disfarçar. Alan Tornfield a acompanhava até o quarto todas as noites, depois que sua filha se recolhia.

Roderick não respondeu de imediato. Antes precisou digerir aquela nova informação.

— O que aconteceu entre lady Michaela e Alan antes de sua vinda a Cherbon pertence ao passado. Meu primo lhe ofereceu uma chance de voltar. Ela escolheu ficar aqui. Eu só posso supor que tudo esteja acabado entre eles, se é que realmente existiu algo.

— Você tem o direito de supor o que quiser, mas ela continua apaixonada por ele — Hugh insistiu. — Já pensou em que situação ela o colocará, quando estiverem casados, se resolver perdoar seu primo e tomá-lo novamente como amante?

—Você é dramático demais, meu amigo.

— Você acha? Espere até que ela lhe suplique para perdoar as dívidas de Tornfield. Você será motivo de chacota por todo o território. Eu não me espantaria se descobrisse que a presença dela em Cherbon foi urdida pelos dois.

— Michaela não voltará para Tornfield. — Roderick não sabia explicar como, mas sua intuição lhe dizia que a paixão juvenil de Michaela por Alan não resistira ao golpe que a amadurecera como mulher. Além disso, ele não conseguia imaginar que Alan a tivesse enviado propositadamente ao covil do monstro de Cherbon, fosse ela sua amante ou não.

— Está bem. — Hugh concordou. — Talvez eu tenha uma imaginação demasiado fértil, mas você há de convir que uma mulher como lady Fortune não dormirá sozinha em seu leito por muito tempo.

Roderick encolheu os ombros.

— Isso não importa, desde que ela seja discreta.

— Não importa? Você admitiria criar um filho de outro homem? — Antes que o amigo tivesse chance de responder, Hugh continuou. — Ouça minhas palavras. Ela é esperta. Eu não me admiraria se chegasse ao ponto de tentar seduzi-lo para conseguir dominá-lo.

— Eu duvido de que ela possa ir tão longe — Roderick resmungou, aborrecido.

— Eu teria cuidado em seu lugar. Michaela Fortune veio para cá em desespero.

A sensação de Roderick foi a de ter levado um soco no estômago. Uma coisa era chegar a essa conclusão por si próprio. Outra era ouvi-la da boca do melhor amigo.

— Eu apostaria uma moeda de prata que da próxima vez que vocês estiverem a sós, lady Michaela se insinuará de modo a ganhar um beijo seu.

Roderick riu. Não fosse a chegada intempestiva de Hugh e de Harliss ele certamente a teria beijado. Desejo para isso não lhe faltara.

— Com medo de perder? — Hugh tirou um saquinho de couro de dentro da túnica e pegou uma moeda.

Roderick não teve escapatória.

— Está bem, sir Hugh Gilbert. Eu aceito a aposta.

Capítulo XVII

Cuidar de Leo era motivo de prazer e de distração, mas a companhia do menino não foi suficiente, naquela tarde, para impedir que ondas de calor subissem às faces de Michaela com a aproximação da noite.

Fora ela que insistira no encontro. Sobre o que deveriam conversar? Hugh Gilbert se oferecera para ajudá-la. Ela, talvez, pudesse seguir seu conselho, ao menos de início, e ser amigável com ele.

Amigos se interessavam por tudo que dizia respeito ao outro. Perguntas sobre a família de lorde Roderick, especialmente sobre o pai, e também sobre sua participação nas Cruzadas deveriam ter prioridade. Hugh lhe recomendara audácia. Ele a prevenira de que lorde Roderick poderia demonstrar desagrado, mas que ela deveria insistir em seu assédio.

Um nó torceu contorceu seu estômago ao pensamento. Seguiria os conselhos de Hugh à risca. Se não tivesse um colapso de nervoso antes...

— Lady Michaela cantará para Leo esta noite? — o menino perguntou diante da coleção de animais de madeira espalhada sobre a cama.

— Sim, é claro — Michaela aquiesceu. — Que tal começarmos agora, aqui em meu quarto, antes que Hugh venha buscá-lo?

— Sim, sim! Você canta a canção da jovem dama e do barco?

— A letra é muito triste para uma canção de ninar, mas se você quer ouvi-la, eu a

cantarei.

Com um brilhante sorriso, Leo deitou a cabeça no colo de Michaela. Ela retribuiu o sorriso e afinou a voz.

Era uma vez uma jovem donzela de Surrey, que amava um jovem marinheiro. Um dia ele a procurou para se despedir. Partiria em um barco em uma longa viagem guiada por uma estrela.

A donzela implorou que ele não a deixasse, mas o jovem do mar e da guerra não ouviu sua amada. Ele estava indo em busca de promessas de um tesouro. Seu coração fora conquistado pela cobiça.

A donzela o espera, dia após dia, lá onde o mar se encontra com a praia. Oh, pobre donzela, que esperará pelo amado para sempre, porquê seu barco jamais retornará.

Por outros três versos, Michaela cantou sobre a lealdade da donzela e sobre a ambição de seu amado que terminou em tragédia. Uma violenta tempestade transformou seu barco em sua sepultura.

A canção estava chegando ao fim e os olhos de Leo se fechavam. Ao perceber que ele estava quase dormindo, Michaela entoou as últimas notas com pequenos sussurros.

— Se essa história não provocar um pesadelo na criança, nada mais o assustará — zombou Hugh.

O susto fez Michaela ter um sobressalto. Com o movimento brusco, Leo acordou e se sentou na cama. Distraída com a música e com o menino em seu colo, ela não ouvira a porta sendo aberta.

Franzindo o cenho, pestanejou ao reconhecer lorde Roderick por cima do ombro do amigo.

— Não me olhe assim. Eu bati antes de entrar. — Hugh estendeu os braços para Leo. — Como passou o dia, amigão?

— Eu brinquei e cantei... — O rosto do menino se iluminou ao ver Roderick. — Papai!

Leo empurrou as mãos de Hugh e saltou da cama. Correu para Roderick e abraçou-o pelas pernas.

Michaela notou que ele contraía o rosto em um esgar de dor, e se emocionou ao vê-lo pousar a mão nas costas do menino.

— Leo — ele disse, sério —, por que começou a me chamar de pai, de uma hora para outra?

— Você é meu papai — respondeu Leo simplesmente para alívio de Michaela que prendera a respiração sem perceber que o fizera. — E lady Michaela disse que eu deveria chamá-lo assim — acrescentou com um sorriso.

Michaela estremeceu com o olhar questionador que Roderick lhe dirigiu. Por sorte foi salva de maiores comentários por Hugh que puxou o menino pela mão, e o ergueu em seus braços.

— Diga boa-noite.

— Boa noite, papai.

— Boa noite, Leo.

— Boa noite, lady Michaela.

— Boa noite, Leo. Tenha bons sonhos.

Uma piscadela de Hugh ao sair incentivou Michaela a tomar coragem.

— Não quer entrar, milorde?

A resposta foi um grunhido. Michaela não se deixou intimidar. O escuro convidava à intimidade, mas ela acendera a lareira e algumas velas. Uma atmosfera aconchegante lhe parecia preferível para garantir o bem-estar.

— Desculpe, mas eu...

Ao ouvir passos pelo corredor, Michaela mal conteve um sorriso. Logo uma das criadas se aproximou com uma bandeja.

— Milady. — A moça inclinou a cabeça. — Conforme foi pedido.

Michaela olhou para Roderick, e ele se afastou da porta para dar passagem à criada, exatamente como ela queria que ele fizesse. A serviçal se apresentara no mais oportuno dos momentos.

Perfeito!

Lorde Roderick foi forçado a avançar para dentro do quarto. Incomodado com a interrupção, virou-se de costas para as duas mulheres, ficando de frente para a lareira.

Com um sorriso e um murmúrio de agradecimento, Michaela apanhou a bandeja e fechou a porta com o pé. Tremia tanto que tropeçou na beirada do tapete. A bandeja teria voado pelos ares se os anjos não a tivessem ajudado a se equilibrar. Os pratos e canecas, porém, tilintaram ao se chocarem uns contra os outros, fazendo com que Roderick tornasse a encará-la.

Não podia trair seu nervosismo. Por mais que seus dentes quisessem morder o lábio para que parassem de tremer, Michaela sorriu.

— O pão ainda está quente. Também há queijo e uma jarra de vinho.

— Perdeu o horário do jantar por algum motivo?

— Oh não! Sei que milorde costuma jantar tarde e pensei que poderíamos desfrutar de uma pequena ceia enquanto conversamos.

— Não estou com fome. — Ele disse, olhando para o fogo.

— Está bem, então. — Michaela fechou os olhos por um instante. Como alguém podia ser tão difícil, tão amargo? Roderick parecia detestá-la antes de se dar a chance de conhecê-la. — Talvez uma taça de vinho?

— Eu tampouco quero o maldito vinho! — ele respondeu com um grito tão inesperado, que Michaela deixou o vinho transbordar da taça e se esparramar pela bandeja. Como se não bastasse, a jarra escapou de seus dedos e caiu.

— Veja o que me fez fazer! — Michaela protestou, antes que tivesse tempo para refletir nas consequências de seu gesto.

— Eu não fiz nada — ele retrucou. — Não queria este encontro. Não queria estar aqui agora. Não gosto que me ditem ordens dentro de minha própria casa. Esteja ciente de que minha paciência chegou ao limite. Poupe-me de sua hospitalidade, lady Michaela. Diga de uma vez o que deseja me dizer e deixe-me em paz.

Aquela foi a última gota para Michaela. Apesar de sua determinação em se mostrar uma mulher forte e segura de si, Alan Tornfield estava certo: Cherbon não era lugar para alguém como ela. E esse pensamento provocou uma torrente de lágrimas.

As mãos molhadas e sujas de vinho, seu corpo tremendo de ansiedade e de desolação, Michaela se sentou em uma cadeira e se pôs a soluçar, sem mais se importar com o julgamento que lorde Cherbon poderia fazer a seu respeito.

— Você é horrível! — Não havia mais motivo para calar sua opinião. Ninguém em Cherbon se importava com ninguém. Ela estava farta. Se o homem com quem deveria se casar não a queria, que a mandasse embora!

— Não entendo por que ficou tão chocada. Eu mesmo lhe disse como sou.

Michaela ignorou a tentativa de defesa.

— Tudo o que eu fiz, desde que cheguei a Cherbon, foi procurar melhorar este lugar. Esforcei-me para conquistar a amizade e a confiança de Leo, e tenho relevado as atitudes pouco cavalheirescas de sir Hugh de forma a criar um ambiente de razoável harmonia entre nós. — Ela tomou fôlego e ergueu a cabeça. As lágrimas corriam em abundância por suas faces. — Sinto falta de minha mãe e de meu pai. Não tenho ninguém aqui com quem me relacionar, a não ser uma criança que ainda não completou o terceiro ano de vida. Tenho aturado indiretas e zombarias por parte dos criados. Todas as noites, eu me vejo neste quarto, completamente sozinha a divagar sobre os motivos pelos quais o homem que poderá se tornar meu marido no futuro, não quer se aproximar de mim nem sequer para tentar me conhecer um pouco. Um homem que não se importa com o próprio

filho!

Silêncio. Michaela respirou profundamente e soltou o ar. Depois limpou o nariz com a barra da saia e enxugou o rosto. Ao menos desabafara. E parará de tremer. Agora, a qualquer momento, lorde Roderick Cherbon a mandaria arrumar suas coisas e partir. Ou sairia de seu quarto sem dizer nada, e sem olhar para trás.

— Também sente falta de Tornfield?

A pergunta soou como uma chicotada. Aturdida, Michaela quase caiu da cadeira, e respondeu com franqueza:

— Sim. Eu nunca fui tão feliz em minha vida quanto nos tempos em que vivi em Tornfield. Lorde Alan e Elizabeth eram como minha família.

— Então por que fugiu de lá? Por que não voltou quando Tornfield veio buscá-la, implorando como um tolo?

Os olhos de Michaela tornaram a marejar.

— Isso não é de sua conta!

— Foi porque ele a traiu, não foi? Eram amantes e ele, no entanto, escolheu outra mulher para se casar, desprezando-a como se fosse lixo.

Michaela sentiu-se tão ultrajada que sua voz não saiu.

— Eu não me importo — ele continuou — que você tenha amantes.

— Não? Obrigada por sua generosidade.

Se ele notou o sarcasmo, não deu a perceber. Michaela começou a cogitar se Roderick não seria feito de pedra, como as que ele olhava com insistência e que compunham a lareira.

— Qual é sua intenção? — Ele finalmente se virou para encará-la.

— Sobre?

— Um amante.

Que homem estranho!

Era a primeira conversa que eles tinham e os assuntos não poderiam ser mais inusitados. Sem saber o que responder, ela encolheu os ombros.

— Ainda não decidi. É seu desejo que eu tenha alguém?

Ele estreitou os olhos.

— Se lhe agradar. Lorde Alan, talvez?

— Ele se casou, lembra-se?

— Você também estaria casada.

De uma maneira bizarra, lorde Cherbon a estava testando. Com perguntas rudes, ele estava tentando descobrir sobre os planos que ela poderia ter feito para o futuro. Se realmente resistiria a sua paixão por Alan. E se assim fosse, se ele estivesse testando a força de seu caráter, por que não lhe retribuir o favor? Àquela altura, nada do que ela dissesse poderia piorar a situação.

— E se você se tornasse meu amante? — O simples pronunciar dessas palavras causou uma aceleração no batimento cardíaco de Michaela. Lorde Cherbon poderia ter se transformado em uma estátua. Após um longo silêncio, Michaela retomou a palavra.

— Não. Não daria certo.

Ele finalmente a encarou.

— Por que não? Michaela sorriu.

— Porque você também seria um homem casado.

Ela viu a cicatriz subir no rosto dele, conforme se formava a sombra de um sorriso.

— Sim, eu seria.

Antes que a coragem se perdesse, Michaela se levantou e se aproximou dele. Roderick não recuou. Uma onda de excitação a inundou ao erguer as mãos e afastar o capuz que ele não tentou reter, embora suas feições se crispassem involuntariamente.

Michaela não demonstrou receio nem arrependimento. Soltou os braços ao longo do corpo e continuou ali, parada, olhando detidamente cada traço daquele rosto: as

cicatrizes, os lábios cheios, os olhos lindos e verdes como as profundezas das matas. Examinou-o até saciar sua curiosidade. No quarto, os únicos sons vinham de suas respirações e do crepitar da lareira.

— Este quarto a desagrada?

— Ele é horrível — Michaela admitiu.

— Era aqui que eu dormia quando criança. Também o detestava.

— Não é de admirar que nenhuma das candidatas tivesse suportado ficar em Cherbon, se foi aqui que você as encerrou.

Sorrir ainda parecia ser algo complicado para Roderick. Seus lábios mal se curvavam.

— Você pode escolher outro se quiser.

— Por que você o detestava? — Michaela perguntou, tentando imaginar Roderick como Leo, de cabelos mais claros.

Ela não deveria ter perguntado. Ele se fechou como uma porta. O estrondo foi quase audível. Ele certamente sofrerá nas mãos de Magnus Cherbon e de Harliss. Michaela não poderia imaginar que fosse a culpada também por seu sofrimento físico, naquele momento. Ao perceber o movimento de Roderick para ir embora, ela o segurou pelo braço que fora gravemente ferido.

— Dói muito? — perguntou, aliviando a pressão, mas se recusando a soltá-lo.

— Às vezes — ele respondeu. — Não tanto quanto antes.

Devagar, como se estivesse se aproximando de um animalzinho assustado, não de um homem com a reputação de um monstro, Michaela ergueu a mão e tocou-o na face, percorrendo-a com o polegar e se detendo na longa cicatriz.

— Aqui?

Ele negou com a cabeça, e ela tocou a base do nariz.

— Aqui?

Ele tornou a mover a cabeça.

Os olhos de Michaela pousaram na cicatriz em diagonal que se iniciava no canto da boca e também a tocou.

Em seguida, ela ergueu as sobrancelhas em silencioso questionamento.

— Não — Roderick respondeu.

Michaela deslizou as mãos para trás das orelhas e parou no pescoço, atraindo-o gentilmente. Colocou-se, então, nas pontas dos pés e pressionou os lábios na face, depois no nariz e finalmente na linha branca acima dos lábios, quando o soltou.

Roderick ficou imóvel durante todo o tempo, apenas encarando-a. Uma eternidade parecia ter transcorrido quando ele resmungou algo e balançou a cabeça.

— Ele sempre acerta.

— De quem você está falando? — Michaela indagou, curiosa.

— Exatamente — ele disse e vestiu novamente o capuz antes de se encaminhar para a porta, apoiando-se com impaciência em seu cajado. — Boa noite, milady.

— Mas...

— Eu a verei amanhã.

Michaela ficou sem palavras, completamente estupefata, tendo como companhia apenas o baque da porta e o vinho derramado.

Capítulo XVIII

Roderick precipitou-se pelos corredores escuros. Sentia-se acuado como um animal ferido. Mal podia esperar para se refugiar em seu quarto com seus músculos trêmulos,

com seu coração palpitante. Com sua raiva e com seu...

Medo. Medo da mulher forte e deslumbrante que acabara de deixar sozinha em um quarto por medo do que ela o fazia sentir.

Ele não queria sentir. Suas emoções estavam mortas. Não podia permitir que Michaela Fortune tentasse ressuscitar a parte de sua alma que fora tão dilacerada quanto seu corpo.

Tolo!

Como pudera se comportar com Michaela da maneira com que se comportava com as mulheres antes de ir à guerra, três anos antes? De onde tirara a fantasia de que poderia seduzi-la pelo que era, e não pelas vantagens materiais que poderia lhe oferecer?

Por um momento de insanidade ele se permitira o prazer de beijar Michaela como um homem saudável beijava uma mulher atraente. Tentara se enganar a um alto preço. Jamais voltaria a ser o que era antes. Talvez não devesse tentar ver Michaela nunca mais. De que adiantaria continuar usando a porta secreta para admirá-la em seu sono? De que adiantaria continuar visitando-a todas as noites, se jamais poderia tê-la completamente em seus braços?

Roderick perdeu a noção dos caminhos que havia percorrido dentro do castelo. Em sua perturbação e ira, ele tinha ido parar diante da porta ornamentada da capela. Uma única vela de larga espessura iluminava a entrada. A luminosidade era pouca, mas suficiente para ele ler: *"Das portas do inferno, o, Senhor os libertará"*

Em qualquer outra circunstância, Roderick teria erguido os ombros em sinal de indiferença e ceticismo. Após uma breve pausa, ele empurrou a porta da capela. Usou de tanta força que a madeira bateu contra a parede, e as chamas das velas tremularam. Com o mesmo ímpeto, avançou pela nave até se deter junto ao altar.

O peito lhe pesava como chumbo. Seus olhos perscrutaram as sombras à procura de algo que pudesse usar como uma lança. Ele os manteve rente ao chão e se apoiou ao gradil que separava o altar dos bancos e genuflexórios. Não os elevou, nem sequer uma vez, para o crucifixo sobre o santuário.

De repente ele se deparou com o instrumento desejado. Em um instante sua mão se fechou ao redor da haste longa e fina da campânula usada para apagar as velas. Empregou toda a sua força para golpear o altar de pedra. Um silvo se produziu com o deslocamento de ar. A ponta em forma de sino voou em direção ao fundo escuro da capela e transformou o inofensivo objeto em uma arma mortífera.

Em poucos passos, Roderick estava diante da estátua do cavaleiro alado.

— Julga-se invencível, não é? — Olhou para o anjo guerreiro com a mesma frieza da pedra com que ele era feito. — Espere até que o inimigo crave a ponta envenenada de uma lança em sua perna. Veja se Deus virá em sua salvação, ou qualquer um dos homens que você lutou para proteger!

Com as últimas palavras ainda vibrando no silêncio, Roderick atirou o cajado ao chão e fincou a ponta do abafador de velas contra a pedra que servia de base sob as patas dianteiras do cavalo.

Forçou o encaixe com as pedras ao redor até conseguir soltá-la. Cavou em seguida, apoiado sobre o joelho direito, a perna ferida esticada em incômoda posição. Suas mãos estavam sujas de terra e sujeira. O cansaço o obrigava a arfar. Um gemido de frustração pareceu aliviá-lo. A perna, contudo, clamava por socorro. E, nesse instante, seus dedos tocaram uma superfície lisa e suave que se revelou como um estojo de madeira.

Em um rápido movimento, ele o tirou do jazigo em que fora enterrado e colocou-o sobre a perna.

A caixa não estava lacrada. Não estava nem sequer atada por uma fita. A tampa se abriu com facilidade quando Roderick a levantou.

No fundo da caixa, sem nada que o protegesse ou que o identificasse, como uma carta ou nota de propriedade, estava um único velho pé de sapato marrom.

Capítulo XIX

Michaela foi assombrada por pesadelos medonhos quando o cansaço finalmente se rendeu ao sono. Sonhos terríveis em que ela sobrevoava campos de batalha envoltos por uma fumaça enegrecida e pesadas nuvens cinzentas. Corpos ensangüentados e mutilados cobriam terrenos, areais, brejos, charnecas, vales e bosques. Guerras e revoluções, cavalos e soldados tentando recuar aos gritos de comando. Flechas sibilantes e projéteis incendiados cortando o ar e se misturando ao fogo do inferno, espalhando-se sobre a terra como uma doença contagiosa. Tropel de cavalos, latidos e uivos, bater de asas, ruídos incessantes de patas...

Jamais um pesadelo lhe parecera tão real. As imagens horrendas permaneceram em sua mente mesmo depois de ela acordar. Michaela não conseguiu se libertar da má impressão do pesadelo nem sequer ao se despedir de seu querido pai. Ele partiu com o cenho franzido, insistindo que ela voltasse para casa com ele.

— Você não está nada bem, filha. Não precisa ficar aqui. Nós daremos um jeito, você, eu e sua mãe.

Michaela procurou tranquilizar o pai com um sorriso ao acompanhá-lo até os altos portões e lhe acenar do barbacã. Não soube como contar a ele que seu coração já se abrira para os dois senhores de Cherbon e que ela sentia como se também já pertencesse ao sombrio castelo.

De volta do pátio, ela surpreendeu, vindos da cozinha, um entusiasmado Hugh e um alegre menino, mastigando prazerosamente um biscoito.

— Milady! — Hugh exclamou com tanto júbilo, que Michaela não pôde evitar um lampejo de desconfiança.

— Exatamente quem eu queria encontrar!

— Bom dia — ela respondeu, curvando-se, sorridente, para cumprimentar Leo. — Olá. Você me dá um pedaço? Ainda não tomei meu café e estou faminta.

Leo prontamente ofereceu o que restava de seu biscoito. Michaela abriu a boca e se inclinou como se fosse mordê-lo, mas no último instante abocanhou o pulso do menino.

— Hum! Que delícia! O menino se pôs a rir.

— Não, lady Michaela. Não morda Leo! Michaela o soltou, mas tornou a abocanhá-lo.

— Eu sinto muito, meu querido. Você é tão doce que eu não pude resistir. — Michaela apertou ligeiramente a ponta do nariz do menino antes de endireitar o corpo e olhar para o homem ao seu lado.

— Eu me curvo a sua inteligência, milady — Hugh gracejou, mas de modo que apenas Michaela o ouvisse. O que a deixou atenta.

— Por quê?

Ele respondeu entre risos.

— Não sei o que fez ou o que disse a Rick, mas ele voltou para seus aposentos no pior dos humores, na noite de ontem. Eu fiquei pensando se... Michaela ergueu uma sobrancelha.

— Não é engraçado! Meu conselheiro, aparentemente, deixa muito a desejar.

— Ao contrário! — Hugh se defendeu e olhou para Leo. — Estou precisando falar a sós com lady Michaela por um instante, amigão. Vá brincar perto da lareira. — Voltando a olhar para Michaela, Hugh prosseguiu. — Continue a se comportar como tem feito. Era de alguém, como você que Rick estava precisando: que consiga manipulá-lo com sua astúcia. Que consiga dominá-lo para que satisfaça suas vontades.

Michaela se entregou a uma longa reflexão. Qual seria, afinal, a intenção daquele homem? Deliberadamente, optou por omitir o fato de que o agressor fora Roderick, na

noite anterior, não ela. Admitia tê-lo provocado, contudo, achegando-se a ele de mansinho.

— Fala sério?

— Claro que sim. Rick mal disse duas palavras quando chegou ao quarto. Eu me coloco sempre a sua disposição para ajudá-lo a se preparar para dormir. Estava lá, portanto, e sei o que vi, mas não o que causou aquele estado de espírito. Você precisa me contar. O que foi que aconteceu?

Michaela pensou rápido.

— Nada demais. Eu tirei os sapatos. E depois perguntei a ele sobre a mãe e sobre as irmãs falecidas.

Os olhos de Hugh dobraram de tamanho.

— Fez isso? — Ele pestanejou. — Você foi além do que eu esperava! Perfeita! Não me admiro que ele... Jesus, Rick não admite tocar nos nomes de seus familiares mortos! A mãe, Dorian Cherbon, morreu louca!

— Louca? Por que diz isso?

De início, Hugh não soube o que responder.

— O que você acha de uma mulher que amarra uma pedra no pescoço e caminha para o mar?

Michaela sentiu um frio lhe percorrer a espinha, mas Hugh continuou a falar como se estivesse contando o que haveria para o jantar.

— Enfim, Rick acordou hoje de mal com o mundo. Sem mais, nem menos, ele me mandou ir a Tornfield para cobrar o dinheiro que lhe é devido.

— É mesmo?

— Sim. Enquanto eu estiver fora, você deverá aproveitar a chance e dar seguimento ao plano. Não creio estar de volta antes de dois dias. Minha visita pegará seu ex-amante desprevenido. Não lhe será fácil reunir a quantia que está sendo cobrada. Nesse ínterim, procure ficar perto de Rick o maior tempo possível e pressione-o para que lhe conte mais sobre si. Talvez... Talvez... — Com um brilho de malícia no olhar, Hugh segurou o cotovelo de Michaela e cochichou. — Por que não o convida para sua cama?

— O quê? — Michaela o encarou, aturdida.

— Por que não? O casamento será em breve e você não é mais uma donzela, certo?

Perplexa, Michaela o estapeou sem pensar no que estava fazendo.

— Não me julgue sem me conhecer, se sabe o que é bom para você — desafiou-o.

— Percebo. — A reação de Hugh foi de inesperada humildade. — E peço que me desculpe. Mas entende o que eu estou dizendo, não é?

Michaela tinha a nítida sensação de que colocaria tudo a perder se continuasse ouvindo os conselhos daquele homem. Lorde Cherbon poderia fechar definitivamente a porta que mal se abrira entre eles. Intimidade era o que mais o abalava. Ficara óbvio que ele se sentira desconfortável com suas tentativas de sedução. Roderick Cherbon não concordava que a mulher tomasse a iniciativa. Hugh, no entanto, queria que ela assumisse uma atitude agressiva. Por que fazia isso? Que espécie de jogo ele estava jogando?

— Acho que sim — respondeu com cautela.

— Ótimo. — Hugh pareceu aliviado com a afirmação.

— Quando ele a recusar, o que certamente fará pelo que eu o conheço, não deixe transparecer seu desagrado. Em vez disso, pergunte a respeito de Aurélia.

— Aurélia? — Michaela repetiu, ofendida com a dedução a que o outro chegara de que Roderick a desprezaria, mas curiosa à menção, daquele nome de mulher.

— Quem é ela?

— A mãe de Leo.

Sozinho em seus aposentos, Roderick divagava sobre o caos em que se

transformara sua vida desde que Michaela se apresentara em seu castelo. Como um homem podia ficar obcecado pela mulher com quem se casaria no prazo de algumas semanas?

Em circunstâncias normais, o fato poderia ser considerado feliz e salutar. Mas ele não era um homem comum assim como Michaela Fortune também não era. Suas condições físicas não lhe permitiriam levar a esposa para a cama. Ele não suportaria o olhar de piedade quando, deitada no leito, ela olhasse para o corpo aleijado tentando se colocar sobre o dela.

Roderick estava suando frio só de cogitar na dificuldade que teria de enfrentar no momento que quisesse voltar a fazer amor com uma mulher.

Inteiramente vestido e visto a distância, ele ainda podia parecer um homem quase normal aos olhos dela. Mas na proximidade do leito conjugal...

O mistério de Michaela com a estranha história de sua família também o intrigava. O sapato que ele desenterrara na capela estava agora guardado no fundo do guarda-roupa e aguçava sua imaginação.

Por que Walter Fortune se mostrara tão desesperado para recuperar um velho sapato de couro? Roderick não conseguia evitar o palpite de que a peça tinha a ver com o *Caçador de Almas*. Agatha Fortune, para todos os efeitos, fora raptada por aquele ser mítico. Ele não era um homem supersticioso. Não acreditava na versão da mãe de Michaela. Tampouco acreditava que o empenho de Walter Fortune em recuperar o objeto tivesse algum fundamento. Afinal, que espécie de perigo um único pé de sapato, sem seu par, poderia oferecer?

Incomodava-o estar se preocupando com assuntos que não lhe diziam respeito diretamente. Em Constantinopla, durante sua última conversa com Aurélia, ele tomara a decisão de abandonar a empatia e de pensar apenas em se preservar a partir do momento que tornasse a pisar em solo inglês. Não permitiria que mais ninguém entrasse em sua vida. Pelo resto de seus dias, seria apenas ele, Hugh e Leo.

Essa era a razão definitiva pela qual seu casamento com Michaela não deveria se realizar. Hugh estava certo. Ele devia ter mandado Michaela embora após o primeiro encontro, e se casado com a próxima candidata que se apresentasse em Cherbon.

À questão fundamental era ele *querer* Michaela. Desejava-a. E Michaela não era o tipo de mulher que dava algo sem pedir nada em troca. Ela mesma lhe dissera que queria entendê-lo. Conhecê-lo melhor. Sentimentos bastante nobres enquanto palavras, mas uma mulher de temperamento ardente, jamais poderia amá-lo pelo que ele era. Seu olhar de compaixão o mataria.

Deus, corno ele detestava ser um fraco! Não servia para se casar com Michaela Fortune, não servia para ser pai de uma criança, não servia para dirigir Cherbon. Magnus estava certo, o maldito! E sua mãe estava certa ao se poupar uma vida de sofrimento. Ele também a detestava, contudo, por tê-lo abandonado.

Ninguém o queria pelo que era. Ninguém, exceto seu amigo Hugh, e Leo. Estes eram os únicos em quem podia confiar. .

Para descarregar sua ira e frustração, elegera Alan Tornfield, o homem que tivera a mulher que ele tanto queria, mas que estava fora de seu alcance. Esperava, com toda a força de seu ser, que Alan não tivesse nem sequer uma moeda para lhe pagar. Ao saborear sua vingança talvez a revolta pudesse ser aplacada.

Uma leve batida na porta fez Roderick voltar ao presente.

— Entre.

A porta se abriu. Roderick franziu o cenho ao deparar com Michaela. Por sorte ela não viera sozinha. Leo entrou atrás e correu para o lado dele.

Michaela pareceu hesitante ao fechar novamente a porta e, ao mesmo tempo, curiosa a respeito do quarto, embora mantivesse os olhos focalizados em Roderick.

— O que você quer? — ele perguntou, surpreendendo-se com o excesso da própria

rispidez. — Pensei que soubesse que meus aposentos são de uso privativo.

— Sim, eu sei. — Ele a viu engolir em seco. — Mas está fazendo um lindo dia, e Leo e eu pensamos que talvez pudesse se juntar a nós em um passeio pelas premissas.

Era provocação demais! Como ela podia chamá-lo novamente para um passeio? Estaria zombando dele ou o quê? Ainda não entendera que ele não podia andar como os outros?

— Não, obrigado.

Michaela avançou um passo em direção a ele. Havia algo diferente em seus olhos naquela manhã. Os olhos azuis pareciam mais escuros e aflitos.

— Por favor, papai. — A voz infantil penetrou pelos ouvidos de Roderick e o fez refletir. Era verdade que quanto menos ele ficasse em companhia de Michaela até que se casassem, melhor seria. Os poucos encontros que haviam tido foram suficientes para ele descobrir que não conseguia exercer controle sobre si mesmo ao chegar perto dela. Mas eles não estariam a sós...

— Está bem! — respondeu, estranhando a própria voz. — Mas só por uma hora. Estou muito atribulado hoje.

Capítulo XX

O dia estava esplêndido. A umidade fria das primeiras horas havia cedido sob o benevolente sol invernal e as pedras das muralhas ao redor do pátio irradiavam um agradável calor. Os criados se atropelavam pelo caminho, com pressa para executarem suas tarefas, mas incapazes de se orientarem diante do inusitado espetáculo. Mais de um tropeçou sobre os próprios pés e caiu de joelhos ao surpreender o senhor do castelo fazendo parte do trio.

Na metade do percurso Michaela pensou em diminuir as passadas para que Roderick não ficasse para trás. Qual não foi sua surpresa quando ele, graças as suas longas pernas, conseguiu acompanhar seu ritmo, sem demonstrar apreensão com os volteios de Leo que interrompia suas corridas, de repente, para lhes mostrar os pequenos achados.

Michaela observava de esguelha as reações de Roderick ao analisar pedras, folhas, gravetos, como se fossem jóias. Apesar do capuz que ele continuava se recusando a tirar em público, dava para ver a pele pálida, a linha dura dos lábios, as rugas de concentração. Os olhos pareciam se esconder atrás de uma cortina. Cansaço? Tristeza? Ela não conseguia definir.

— Estamos indo depressa demais? — perguntou.

— Eu estou conseguindo acompanhá-los, não estou? — Roderick irritou-se.

— Não precisa gritar comigo, milorde — Michaela disse, gentil. — Eu não o julgo inferior por causa de um pequeno problema.

— Um pequeno problema, pois sim! — Roderick resmungou.

Michaela esperou que ele continuasse a falar. Como o silêncio se prolongasse, ela tornou a erguer os olhos, que mantivera propositadamente sobre o cascalho e sobre as marcas das patas dos cavalos, e indicou o portão que dava para os estábulos, para o cemitério e também para o rochedo.

— Leo e eu gostamos de nos sentar no alto do penhasco e olhar para o mar. Ele adora atirar pedrinhas e acompanhar sua trajetória até desaparecerem sob as ondas.

— Não faz diferença para mim.

Era impossível adivinhar o motivo pelo qual Roderick decidira acompanhá-los, se ele persistia em cultivar seu mau humor. De qualquer forma, Michaela sorriu. Não estava disposta a se deixar contaminar por ele, mas sim pela alegria de Leo que contornava as pedras cinzentas que se erguiam da vegetação rala e rasteira como sentinelas.

Nesse terreno, mais acidentado, Roderick passou a andar mais devagar e com maior cautela. Michaela não se ofereceu para ajudá-lo a subir nas pedras. Seguiu na frente e evitou olhar para trás para não constrangê-lo. Assim que chegou ao topo, sentou-se com as pernas dobradas de lado e apoiou-se sobre uma das mãos. Ele a alcançou em poucos instantes, mas continuou de pé.

— Não se aproxime do abismo, Leo! — Roderick ordenou, o cenho franzido conforme olhava para o mar e para as ondas lá embaixo.

— Está bem, papai.

A preocupação com o filho era genuína. Pobre criança! As palavras de Hugh se repetiram nos ouvidos de Michaela.

De que você chamaria uma mulher que amarrou uma pedra no pescoço e caminhou em direção ao mar?

Ela deveria ter pensado duas vezes antes de levá-lo para o palco da tragédia. Estava tão perdida em seu devaneio que estremeceu quando Roderick a chamou à realidade.

— Por que você acreditou nas palavras de sua mãe?

— Desculpe, milorde. O que disse?

— A história sobre sua mãe ter sido raptada — Roderick explicou. — O que a convenceu de que a história era verdadeira?

— Teria de conhecê-la para entender — Michaela respondeu. — Minha mãe é a pessoa mais maravilhosa que eu já conheci. Todos que se aproximam dela concordam comigo, embora muitos afirmem que houve um exagero sobre a história. O fato é que minha mãe sempre devotou sua vida ao bem e à caridade. Como filha de Deus, ela não dá importância às coisas horríveis que as pessoas dizem. *Os que zombam de nós não conhecem a verdade.* É isso que minha mãe diz. Sempre.

— As pessoas acham que ela é louca.

O primeiro impulso de Michaela foi negar. Lembrou-se a tempo do que Hugh lhe contara sobre Dorian Cherbon e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Algumas.

— Mas não você. — Roderick deixou que a frase ficasse suspensa entre eles como um desafio.

— Minha mãe nunca mentiu para mim. Ela acredita verdadeiramente no que diz. — Michaela hesitou alguns segundos antes de tirar uma correntinha de dentro do corpete do vestido. — Ela a colocou ao redor de meu pescoço logo depois de eu nascer.

Roderick examinou a jóia que Michaela segurava entre o polegar e o indicador por vários momentos antes de mover a perna, equilibrando-se sobre o cajado, e curvando-se lentamente até se sentar junto dela. Então, sem pedir licença, tomou a peça dourada entre os grossos e ásperos dedos e mergulhou seus olhos nos dela, tão turbulentos quanto o mar.

— Esta jóia não foi feita aqui na Inglaterra — observou.

Michaela assentiu.

— Minha mãe me contou que a recebeu de presente do Caçador de Almas e que eu jamais deveria tirá-la de meu pescoço.

Roderick imediatamente a soltou.

— Por que não pode deixar de usá-la?

— Eu não sei. Eu não me lembro do motivo. Lembro-me, contudo, de que não foi só esse presente que ele deu a ela.

— Então você a obedece simplesmente, apesar de que este objeto seja o responsável por sua difamação.

— Eu amo minha mãe.

Roderick não respondeu. Seu olhar se voltara para Leo que brincava nas pedras. Como se sentisse que estava sendo vigiado, o menino virou a cabeça e acenou.

— Leo encontrou um caramujo! — O menino exibiu a concha com orgulho e prazer. Michaela retribuiu o aceno. Estava sorrindo, distraída, e não entendeu de imediato o sentido da pergunta.

— Qual foi o outro presente?

— Desculpe. — Ela pestanejou, esquecida do que eles estavam falando, ocupada em acompanhar os movimentos do menino.

— Você disse que o caçador ofereceu dois presentes a sua mãe.

— Sim. Mas não importa. O outro nunca foi encontrado. Deve ter se perdido com o tempo.

— O que era? — Roderick insistiu, afastando os cabelos de Michaela para examinar novamente a correntinha de ouro.

O ar faltou a Michaela com a proximidade dele. A presença de Roderick a perturbava.

— Um par de botas.

Roderick ficou imóvel. Michaela supôs que ele não tivesse ouvido a resposta.

— Sapatos — ela repetiu. — Minha mãe perdeu um deles naquela noite e ele nunca mais foi encontrado.

O olhar de Roderick ficou preso ao metal.

— Sua mãe contou o que acontecerá se você perder esta corrente se o sapato perdido for encontrado?

A tentativa de riso soou falsa. Um arrepio percorreu as costas de Michaela e cenas do pesadelo que tivera na noite anterior pareceram se erguer das profundezas do oceano e se apoderarem de seus cabelos como se fossem garras.

— O caçador virá me buscar, eu suponho. — Ela pousou a cabeça no ombro de Roderick, sem pensar que ele pudesse repudiar seu gesto. — Você me protegerá?

Ele a segurou pelo queixo, os olhos fixos nos dela. E o que Michaela viu a assustou mais do que as ameaças daquela antiga superstição.

— Claro que sim — Roderick afirmou, o cenho franzido. — claro que eu a protegerei.

Seus olhos procuraram a boca de Michaela e, lentamente, ele roçou os lábios nos dela com extrema gentileza.

Aconchegada ao peito de Roderick, Michaela segurou as bordas da capa e se deixou derreter ao calor daquele beijo, tão diferente dos outros dois. Sem hesitação, sem exigências. Um beijo doce, espontâneo. Um beijo que ela desejava que não acabasse...

Ela queria tocar aquele rosto másculo, deslizar as mãos pelos cabelos macios. Sentia uma necessidade incontrolável de tocá-lo, Mas Roderick a enlaçara pelo ombro, atraindo-a contra o peito e, imobilizando-a. Ela o ouviu gemer baixinho e exultou.

Lorde Roderick a desejava.

O que seria dela a partir daquele momento? Como pudera se apaixonar por um homem com um passado mais sombrio do que o próprio castelo de Cherbon? Que não permitia a aproximação de ninguém, exceto de um homem que ela suspeitava ter motivos de ordem egoisticamente pessoais para lhe oferecer amizade? Que não queria o único filho por perto? Seria pela maneira como o próprio pai o tratara? Pela falta de uma mãe e de uma mulher que amasse ambos?

Um calor delicioso se espalhou pelo corpo de Michaela. Ela podia ouvir sua própria respiração como um ronronar...

De súbito, com uma exclamação aturdida, ela abriu os olhos. O peso que voou por cima deles e que desabou com força o bastante para separá-los começou a rir.

— Leo também quer beijar!

Roderick murmurou um resmungo e se afastou, apoiando-se no braço direito. Michaela puxou rapidamente o menino para que saísse de cima dela e o fez sentar-se em seu colo, com uma perna de cada lado de sua cintura.

— Leo, pare com essa folia! Você está machucando meu nariz!

O menino deu uma gargalhada em resposta. Com as mãos espalmadas, segurou o rosto de Michaela e plantou um beijo molhado em algum lugar perto de seu olho.

— Leo deu um beijo em lady Michaela!

Como evitar o riso diante de uma situação como aquela? Michaela estreitou o menino nos braços e beijou-o no rosto.

— Você é lindo, Leo. E eu te amo.

— Michaela ama Leo?

— Amo. — Ela tornou a rir.

O menino a fitou com evidente satisfação.

— Você também ama meu papai?

Roderick não se moveu. Michaela estranhou que ele não tentasse calar o filho, e também que virasse para o outro lado para não fitá-la diretamente.

Após um instante de hesitação, ela soube o que fazer. Inclinou-se para Leo como se fosse lhe contar um segredo, mas respondeu em voz alta.

— Sim. Eu amo seu papai.

— Eu também amo meu papai — Leo respondeu, imitando-a.

Então, Roderick se pôs de pé como nunca antes havia feito e saiu andando sem nem mesmo olhar para trás. Por um longo tempo, Michaela foi incapaz de se mover.

Permaneceu abraçada a Leo, apenas olhando para a figura do lorde que desaparecia. Mais uma vez Roderick os abandonara. Aquilo não era jeito de iniciar uma vida em família.

Em absoluto!

— O que está fazendo, lady Michaela? — Leo perguntou ao perder o colo e ser puxado pela mão.

— Nós vamos atrás de seu pai.

Capítulo XXI

Milorde! Roderick se deteve em meio ao salão principal do castelo, mais perturbado de que desejaria admitir por Michaela tê-lo seguido. A atitude que havia tomado não fora clara o suficiente? Maldição! Essa mulher não sabia quando parar? Ele não estava com espírito para conversas, nem para brincadeiras de criança. Tudo o que queria naquele momento era ficar sozinho.

Já próximo as escadas, ele não diminuiu seus passos.

— Milorde! — Michaela repetiu sem que ele lhe fizesse caso. — *Roderick!* — O tom de voz se elevou, obrigando-o a finalmente responder.

— Algum assunto urgente? Nós acabamos de nos falar. Ou não?

Michaela segurava firmemente a mão de Leo.

— Sim. O assunto é de grande importância — ela declarou. Seu peito arfava pelo esforço e pela indignação.

Os raios do sol que se infiltravam pelos vidros das janelas a iluminavam como se ela fosse uma das figuras estampadas nos vitrais da capela.

Sim. Eu amo seu papai.

Roderick endereçou a ela o que esperava ser um olhar de reprovação e até mesmo de ameaça.

— Bem, então?...

— Você nos prometeu uma hora de seu tempo — Michaela o lembrou. — Foi uma indelicadeza nos deixar daquele jeito.

Uma risada de desdém precedeu as palavras irônicas.

— Não me consta que seja uma criança desamparada, milady, para que possa reclamar abandono. Eu tenho um trabalho a realizar, problemas com que me preocupar.

Sua tarefa é cuidar de Leo. Tem a companhia dele e ele a sua.

— Nós queríamos *sua* companhia, milorde — Michaela insistiu para surpresa de Roderick, que não sabia se ria ou se praguejava diante das circunstâncias.

Leo se soltou da mão de Michaela e correu para o pai, tirando algo do bolso da calça e estendendo a mão fechada.

— Eu trouxe o caramujo para lhe mostrar. Veja, papai! Roderick olhou para o rosto do filho, que estava tão desejoso de afeto.

— Não tenho tempo a perder com brincadeiras agora, Leo.

Era a própria voz de Magnus Cherbon estalando no ambiente como um chicote. Roderick viu o menino se encolher e seus lábios tremer. O semblante esperançoso ruiu como as paredes condenadas de uma torre. Os olhinhos se encheram de lágrimas.

— Papai não gostou do caramujo de Leo?

A onda de fúria que se apoderou de Michaela se espalhou no espaço que os separava até atingir Roderick com seu forte impacto.

— Isso foi demais! — Ela correu a puxar Leo pela mão. — Venha comigo, querido. Vou lhe dar um biscoito. Amanhã nós tornaremos a sair e procuraremos um amiguinho para seu caramujo.

Roderick os dispensou com evidente alívio. Michaela lançava chispas de reprovação pelos olhos.

— Ainda não terminei com o senhor. Assim que colocar Leo na cama para que faça a sesta, eu o procurarei em seus aposentos.

— Não creio que será possível...

— O que milorde faz ou terá que fazer em seu esconderijo não me interessa — Michaela o interrompeu. — Esta conversa ainda não acabou!

— Milady, por acaso, está querendo me dar ordens? — A ameaça se acentuou com o tom suave, porém Michaela a ignorou.

Roderick observou Michaela que seguia na direção da cozinha, enquanto consolava os lamentos de Leo. As saias farfalhavam com a rapidez com que ela parecia querer deixá-lo para trás. Ela não sabia se deveria rir ou ficar furioso pelo modo que ela respondeu ao menino.

— Oh, não, meu querido... Seu papai o ama muito.... Ele só não quis brincar com você porque tem medo de caramujos.

O coração de Michaela batia mais forte do que as ondas sobre o casco de um navio no meio de uma tempestade. Ela fechou os olhos, respirou fundo, e só então se anunciou.

— Sou eu, milorde. Abra, por favor.

Silêncio.

O corpo de Michaela tremeu de raiva e de indignação. Talvez ela estivesse assinando sua expulsão de Cherbon com tal atitude, mas por Leo e pelo futuro de todos eles, precisava enfrentar mais esse desafio.

Tornou a bater. Sem que obtivesse resposta, apanhou uma haste de metal no bolso da saia.

— Milorde! Eu não sairei daqui enquanto não for recebida e lhe falar. Por que não me deixa entrar de uma vez?

Ainda sem resposta, ela se perguntou se teria coragem para usar aquela espécie de vareta que Hugh lhe dera antes de partir para Tornfield, caso Leo se trancasse no quarto em algum repente de teimosia, e ela precisasse abrir a porta por fora.

Hugh certamente ficaria furioso se soubesse do destino que estava cogitando dar à ferramenta. Mais ainda Roderick. Talvez Hugh fosse expulso do castelo junto com ela!

— Eu estou entrando! — avisou, mas ainda hesitou alguns segundos, dando uma última chance a ele e também a si mesma.

As palavras se perderam pelo corredor. A mão trêmula se posicionou entre a porta e a parede. Com a respiração suspensa, Michaela introduziu a ferramenta pela pequena

abertura e moveu-a para cima até ouvir um clique. Estava se preparando para tornar a dizer que ia entrar quando a porta foi bruscamente aberta. Aconteceu de uma forma tão inesperada que a ferramenta foi arrancada da mão de Michaela e ela se desequilibrou, caindo de joelhos aos pés de Roderick.

— Quem lhe deu isto? — Ele olhou para a ferramenta e se abaixou para pegá-la.

— Seu amigo Hugh.

A peça foi novamente para o chão. Michaela aproveitou para se colocar de pé e avançar para o interior do quarto antes que Roderick fechasse a porta, deixando-a para fora. Mas ele não parecia ter essa intenção, ela deduziu estremecendo, ao vê-lo fechar a porta com um estrondo e se aproximar dela como se fosse sacudi-la.

Não havia tempo para arrependimentos.

Ele endireitou as costas e levantou o queixo. Passou direto por ela e se sentou em uma poltrona. Ocorreu a Michaela, naquele momento, que apesar das demonstrações em contrário, Roderick estava gostando de tê-la ali.

— O que tanto deseja de mim, milady?

— Eu quero saber por que trata Leo com tanto descaso. E também por que parece gostar de mim em uma ocasião e me detestar na outra.

— Falta-lhe bom-senso. Nunca sei o que esperar de você.

— Seu filho o ama. Em troca está partindo seu pequeno coração. Uma criança só precisa de um pouco do tempo de seus pais, de um pouco de atenção.

— Eu não dei a ele uma casa para morar? Pessoas para cuidarem de seu bem-estar? Não lhe proporciono uma boa alimentação? Não lhe dou o que vestir? Alguém o espanca em nome da disciplina e da educação?

— Leo não é um cachorro, milorde! É uma criança de coração partido porque o pai finge que o filho não existe.

— Há coisas piores.

— Oh, sim! Não o trata tão mal como Magnus Cherbon o tratou. Essa é sua justificativa? Que está fazendo melhor por seu filho do que seu pai fez por você?

Roderick lançou mão do cajado, não para ajudá-lo a se levantar e caminhar, mas para agitá-lo no ar.

— Não fale o que não sabe! Antes meu pai tivesse me ignorado! Em vez disso ele me perseguiu dia a dia, caçoando de minhas fraquezas, chamando-me de imprestável, de inútil, até me forçar a partir nas Cruzadas e quase me matar!

Michaela aguardou que ele desabafasse sua raiva. Temia que suas pernas não fossem conseguir sustentá-la, mas obrigou-se a se manter firme e ereta.

— O que está fazendo com seu filho é igualmente terrível, milorde.

— Posso lhe assegurar que não — Roderick se aproximou um pouco mais, parecendo um gigante com seu capote preto até os pés, os cabelos soltos sobre os ombros e obre o capuz tombado nas costas. — De qualquer modo, não sou alguém que Leo deva idolatrar. Não serei capaz de ensiná-lo a montar, a lutar, a ser um homem. — O discurso feito em altos brados tornou-se pouco mais do que um sussurro. — Está satisfeita agora, milady? Era isso o que queria ouvir? Como meu pai, também se comprazeu em me humilhar?

— Não sou seu pai. E não tenho razões para humilhá-lo, porque você não é um fraco aos meus olhos.

Como a autoestima de Roderick podia ser tão baixa? Ele não possuía nenhuma noção de seu valor. De sua virilidade. Tudo o que Michaela queria, naquele momento, era que ele a beijasse como fizera junto ao mar.

Que lhe desse um beijo e muito mais...

No entanto, em vez de pressionar os dela, aqueles lábios se distenderam em um esgar.

— Ou você é tola ou mentirosa.

— Talvez uma tola, não uma mentirosa. Por que é tão difícil para você aceitar que eu o considere um homem atraente? Por que se julga indigno de ser amado?

— Está forçando demais as circunstâncias, milady — Roderick zombou. — Terá o que deseja quando nos casarmos. Não há necessidade de me fazer a corte como uma donzela preocupada em encontrar um noivo antes que a idade a alcance.

— Eu não o estou cortejando, seu bastardo estúpido! — Michaela bateu o pé com irritação. — Mas não lhe causaria danos irreversíveis tentar se lembrar de como um homem deve proceder nesse sentido!

— Está perdendo seu tempo, se espera isso de mim.

— E quanto a Leo? — Ela insistiu ao pressentir a intenção de Roderick de se afastar. Ele se virou, ameaçador.

— O que tem ele?

— Não é capaz de demonstrar um mínimo de interesse pelo menino? Não consegue amar nem sequer uma criança? Seu próprio filho? Se eu signifique apenas um meio para você atingir um fim, se não acredita que poderá me amar, eu só lhe peço uma coisa: rompa com esse legado de ódio que seu pai lhe deixou de modo a não passá-lo para seu filho.

Roderick lançou o cajado ao fogo que se espalhou em milhares de faíscas.

— Leo não é meu filho!

O silêncio que recaiu sobre eles foi total e absoluto. Michaela sentiu a cabeça rodopiar.

— Eu não estou entendendo... Você disse que...

A voz não parecia pertencer a Roderick. Michaela nunca o vira tão cansado, triste, vencido.

— Eu disse que Leo não é meu filho. Não é minha carne nem meu sangue.

Michaela precisava se sentar, mas a cadeira mais próxima lhe parecia distante demais para suas pernas levá-la até lá.

— Mas todos dizem que... Sir Hugh...

— É isso que eu quero que todos pensem e é assim que deve ser. Para a segurança do menino. E conheci a mãe de Leo logo que cheguei a Constantinopla. Aurélia era uma prostituta.

Michaela mordeu o lábio. Sempre pensara que Leo fosse nascido de uma relação legítima entre Roderick e uma mulher. Por que, de repente, aquele ciúme? Não deveria estar se sentindo aliviada por Roderick não ter vínculos de amor com a outra?

— Eu me deitei com Aurélia, mas o pai de Leo se deitou com ela antes de eu chegar à cidade. Eu o conheci. Lutamos lado a lado antes de eu saber quem ele realmente era.

— O pai verdadeiro não quis assumir o bebê? — Michaela indagou, horrorizada. — Ele abandonou Aurélia?

— Não. Nem sequer soube que ela esperava um filho dele. Morreu em Heraclea. Quase todos morreram. Sobreviveram apenas Hugh, eu e alguns poucos mais que tiveram forças para fugir. Aurélia gostava de sonhar que o pai de seu filho a ampararia se tivesse sobrevivido, mas o homem já tinha uma família antes de lutar nas Cruzadas e ostentava um título de nobreza.

— Eu continuo sem entender — Michaela confessou. — Como Leo veio parar em suas mãos e de Hugh? E por que você reclamou o filho de outro homem como seu?

— Quando eu fui ferido, os médicos não acreditaram que eu fosse sobreviver. Um deles forneceu um remédio a Hugh dizendo que acalmaria minhas dores, mas que não havia mais nada a fazer. Desesperado, Hugh me levou até Aurélia e ela salvou minha vida.

— E como foi que ela pôde lhe entregar o filho depois?

— Aurélia o amava e jamais pensaria em se separar dele, mas não teve escolha.

— Por quê?

— Aurélia estava morrendo. — Nesse ponto do relato, como se não lhe restassem mais forças, Roderick se deixou cair em sua poltrona. — Ela me mostrou seu corpo. Estava ardendo em febre. Os seios estavam inchados, mais enegrecidos do que roxos, e a parte branca dos olhos estava completamente amarela. Aurélia implorou que partíssemos imediatamente de Constantinopla para tentar escapar da febre que assolava a todos e que levássemos Leo. Quem se importaria com o filho bastardo de uma meretriz? Leo seria um órfão vagueando pelas ruas da cidade, à mercê de exploradores e de pedófilos. Ela suplicou para que eu o salvasse em troca de ter salvado minha vida. E eu aceitei. Leo era uma criança inocente, filho da mulher mais linda e bondosa que já conheci. Jurei que cuidaria dele como se fosse meu.

Se Michaela não tivesse certeza de que estava apaixonada por Roderick Cherbon, agora ela passaria a ter. Seu coração pertencia a ele e a Leo e lamentava a sorte da pobre Aurélia.

— Por que você quis que todos acreditassem que Leo era seu? Não teria bastado trazê-lo consigo e lhe oferecer um lar?

— Não. Se eu morresse a caminho da Inglaterra, Leo ficaria igualmente desamparado. Ele não teria direito algum a Cherbon. Eu jurei no leito de morte de Aurélia que protegeria seu filho com minha própria vida. Diante do rei Henrique, eu o apresentarei como meu. Minha promessa será mantida até meu último suspiro.

O homem sentado na cadeira, imerso em reflexões do passado, era o mesmo de antes, mas aos olhos de Michaela, Roderick se transformara em outro. Um homem de honra. Um homem com um coração maior do que o mundo. Ele não medira sacrifícios para salvar Leo. O menino era precioso. Uma criança linda e adorável.

Roderick Cherbon amava aquele menino mais do que ela poderia jamais supor. Como ela se enganara!

— Leo precisa saber — Michaela murmurou.

— Que não é meu filho de verdade? — Roderick estreitou os olhos. — Receio que não.

— Que ele é seu filho. Que você é o pai dele. — Michaela caminhou pelo quarto e se deteve atrás de Roderick, colocando a mão levemente sobre seu ombro direito. — Leo necessita desesperadamente saber que você o ama.

— Eu gosto do menino.

Michaela assentiu embora Roderick não pudesse vê-la. Ele não era capaz nem sequer de pronunciar aquela simples palavra para expressar seu sentimento, tão ferida estava sua alma. Naquele instante Michaela entendeu que só o tempo poderia curá-lo.

— Acha que também poderá gostar de mim algum dia, milorde? — Ela o tocou no outro ombro e o sentiu enrijecer.

— Talvez. Mas se espera ouvir uma declaração de amor eterno, eu a aconselho a não se iludir. Não é de meu feitio.

— Eu compreendo. — Michaela respondeu, massageando os músculos tensos do pescoço e dos ombros, e ficando excitada com a firmeza e a masculinidade daquele corpo. Um coração generoso e vulnerável batia sob a máscara de frieza.

Para surpresa de Michaela, que temia ser expulsa do quarto caso Roderick conseguisse ler seus pensamentos, ele ergueu a mão para segurar a dela. Com a outra, Michaela se pôs a lhe acariciar os cabelos, afastando-os das têmporas.

— Para agradá-la, eu tentarei, milady. A respeito de Leo, quero dizer.

Michaela sentiu um sorriso iluminar seu rosto. Sem hesitar, ela se inclinou e murmurou junto ao ouvido de Roderick.

— Isso me agradecerá muito, milorde. Obrigada.

Em seguida, depositou um beijo na face de Roderick e estava se afastando quando ele se virou e retribuiu com um beijo suave em sua boca. Impulsivamente, Michaela tocou os lábios dele com a ponta da língua.

Em uma fração de segundo, Roderick soltou a mão direita de Michaela e puxou-a sobre o braço da poltrona para o colo dele. Ela o enlaçou pelo pescoço. Roderick a beijava como se fosse devorá-la. Ela retribuiu seu ardor. Por fim, pela primeira vez, eles estavam se beijando como um homem e uma mulher decididos a se casarem.

Os gemidos roucos de Roderick ainda a assustavam, mas a outra parte dela, a parte sensual e impetuosa, clamava pela posse selvagem.

Da mesma forma que ela o massageara nos ombros, Roderick agora a acariciava na altura dos seios. O toque, contudo, nada possuía de relaxante. Sob suas pernas, sentia a ereção dele. Michaela pensou que seu corpo se consumiria em chamas, tal o calor que a invadiu.

— Quero você, Roderick — Michaela murmurou junto da boca de Roderick, mordiscando-a de leve.

A mão esquerda dele abandonou o aconchego dos seios e deslizou até a junção de suas pernas. Embora estivesse vestida com grossas roupas de lã e algodão, Michaela sentiu uma forte contração no baixo-ventre.

— Por favor, Roderick... — ela suplicou. — Leve-me para sua cama.

Ele não disse nada. Sua resposta foi erguer as saias de Michaela enquanto tornava a reclamar sua boca. Em seguida, tocou-a em sua intimidade, encontrando-a úmida e pulsante, pronta para recebê-lo. Dizendo palavras que Michaela não entendeu, Roderick se pôs a acariciá-la, até que ela murmurasse palavras que ela mesma não compreendia.

A excitação era tanta que Michaela moveu os quadris e ergueu-os com a impressão de que estava subindo às alturas. Ao voltar para a terra, sua reação a pegou desprevenida. Começou a rir e a cobrir a cabeça de Roderick de beijos. Era incrível que não estivesse envergonhada do que fizera. Estava quase nua no colo de um homem.

A vida no castelo de Cherbon aparentemente nunca mais seria a mesma a partir daquele momento.

— Você acabou? — Roderick lhe perguntou, sereno. Ela afastou o rosto para poder encará-lo.

— Por que me pergunta? Eu deveria estar esperando mais coisas acontecerem?

— Não, não deveria. — Ele incitou-a a se levantar. — Minhas pernas estão dormentes. Mas talvez tenha valido a pena para você parar de me provocar.

Michaela ajeitou-se rapidamente e fitou-o, na esperança de vê-lo sorrir, transformando sua observação em uma brincadeira entre amantes. Mas Roderick se limitou a limpar as mãos nas calças.

— Deseja mais alguma coisa?

Uma punhalada no coração teria sido menos dolorosa.

— Não.

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou deliberadamente para a porta. Michaela ergueu o queixo e saiu com a máxima dignidade que suas pernas, ainda bambas, lhe permitiram.

Mas assim que a porta foi fechada, ela percebeu que não seria capaz de continuar. Com as costas apoiadas na parede, escorregou até o chão. Jamais se sentira tão mal em sua vida. Tão deprimida e desprezada. Sua decepção era tão grande que o alívio emprestado pelas lágrimas não lhe pareceu suficiente, motivo pelo qual seus olhos permaneceram secos.

Por cerca de uma hora, tudo o que conseguiu fazer foi olhar para aquela porta e se perguntar como Roderick pudera tratá-la daquela forma.

Um estrondo horrível a despertou de seu torpor, levando-a a saltar e gritar de susto. Seu grito, no entanto, se perdeu entre os ruídos que vinham dos aposentos de Roderick. Uma batalha parecia estar sendo travada lá dentro. Vidros estilhaçando, madeiras se partindo entre gritos de revolta.

Ou melhor, não uma batalha, mas uma guerra, com lorde Roderick lutando nas duas frentes.

Michaela encostou o ouvido na madeira. Afastou-se à explosão de um objeto pesado contra a porta. Mas tornou a se posicionar de frente para ela, tocando-a com a palma da mão, como se assim pudesse sentir o homem do outro lado.

Permaneceu ali por longos minutos, atônita pelo infundado do barulho, quando imaginava não haver mais nada naqueles aposentos para ser destruído.

Por fim, suspirando fundo, ela encontrou forças para se afastar, mas os protestos de angústia do senhor de Cherbon a acompanharam pelo restante da noite.

Capítulo XXII

Na manhã seguinte, cansado demais para procurar as botas sem as quais não tinha condições de andar, Roderick escondeu o rosto com as mãos. Estava arrependido até os recônditos de sua negra alma do que fizera. E remorso era algo que ele não sentia havia anos.

Ao descontar sua frustração nos móveis e objetos de seu quarto, na noite anterior, tentara se convencer de que Michaela lhe dera motivos para se comportar como um troglodita ao fingir que o desejava, enquanto ria à sua custa. Por ter urdido uma forma de obrigá-lo a confessar a verdade sobre Leo e sobre Aurélia, quando a paternidade do menino deveria ter permanecido em segredo.

Agora, à luz fria da manhã, recuperado covardemente do calor da emoção, ele conseguia enxergar com clareza que era o único culpado pela fúria que o atingira. De que adiantara tentar fugir de si mesmo? Ter raiva de seus medos? Esconder-se atrás do orgulho e da vaidade?

Queria ter feito amor com Michaela quando ela lhe pedira. Os beijos o havia inflamado, e ele se convencera de que seria possível, de que não se importaria com as consequências. Mas no momento em que vislumbrara a pele alva e perfeita das pernas bem torneadas e o corpo feminino se oferecendo a ele, completamente entregue à paixão, confiando-lhe toda a responsabilidade do ato, o medo o invadira, deixando-o como que petrificado.

Medo de perder Michaela. Se não como sua esposa, como a mulher sensual que clamava pelo corpo dele. Porque no instante em que ela o visse despido de suas vestes, o desejo se transformaria em repúdio ou piedade. Ela jamais tornaria a olhar para ele como na noite anterior.

Nenhuma mulher olhara para ele como Michaela Fortune o fizera. Nem antes, nem depois dos campos de batalha. O que sobrara do homem, que um dia existira, precisava desesperadamente daqueles olhares, daquelas palavras de incentivo para sobreviver na meia-vida que lhe restava e que teria de lhe bastar.

Não poderia fazer amor com Michaela. Tampouco poderia excitá-la com carícias e depois se negar a tomá-la nos braços. Por mais que a desejasse.

Deus! Michaela era linda e perfeita. Leo a adorava, e como administradora do castelo, ela se revelara formidável. Cada dia que passava ele a queria mais. Empregara as piores palavras, ofendera-a sem que ela merecesse. Agira desse modo desprezível por um único motivo: afugentá-la e se proteger. Estava ciente, contudo, de que se continuasse a maltratá-la, Michaela terminaria por desistir dele, e se afastaria levando consigo o pouco que restara de seu coração.

Roderick não conseguia enxergar outro caminho. Não havia solução para seu problema. Ele queria Michaela mais do que Cherbon. Mais do que tudo. Mas a perderia se lhe fizesse amor e também se não fizesse.

A certeza da perda o levou a uma obrigatória conclusão. O casamento deveria ser realizado o mais breve possível. Afinal, se Michaela resolvesse deixá-lo, ao menos ele ainda teria Cherbon. Um lugar para morar. Um lugar onde Leo ficaria seguro até crescer e

se tornar independente.

Talvez se ele conseguisse satisfazer Michaela de outras formas, depois que eles estivessem casados... Quem sabe ela continuasse em Cherbon, ao lado dele e de Leo. Afinal, ela afirmara que o amava. Teria sido sincera? Seria bom demais para ser verdade. Ela dissera aquilo provavelmente com o único intuito de alegrar Leo.

Pela primeira vez, desde que se vira morrendo em um leito de hospital, Roderick evocou uma força superior que o ajudasse, que o guiasse. Lembrou-se de Hugh. Ao menos, quando o amigo retornasse, ele teria alguém que o aconselhasse.

Sobre a bota marrom repousando em uma caixa no fundo de seu guarda-roupa, por exemplo. O que ele deveria fazer a respeito? A misteriosa relíquia fora um dos poucos itens poupados na tempestade que se desencadeara entre as quatro paredes de seu quarto. Talvez pudesse oferecê-la a Michaela como uma proposta de paz. Ou para tranquilizá-la, dando-lhe uma prova de que não havia nada a temer a respeito da superstição que envolvia o nome de sua mãe. De posse do velho sapato, talvez Michaela pudesse se libertar também da maldição com que encarava a corrente de ouro que era obrigada a usar ao redor do pescoço.

Seria uma forma de se desculpar. Uma forma patética, mas a única que lhe ocorria, enquanto vasculhava os destroços em busca de suas botas. Alguns minutos depois, ainda faltando localizar o pé esquerdo, ele se lembrou das botas de montaria que estavam no armário.

Um pensamento lhe ocorreu naquele instante. Michaela queria que ele dedicasse algum tempo a Leo. Um passeio a cavalo seria uma ótima oportunidade para unir o útil ao agradável. Mais tarde, então, depois que Leo fosse para a cama, ele a chamaria e lhe entregaria o importante objeto, segundo a opinião de Walter Fortune.

De posse da bengala que Hugh insistira em providenciar como reserva, embora com grande dificuldade, Roderick abriu caminho por entre os objetos em pedaços que cobriam o chão e chegou ao guarda-roupa. As botas estavam dispostas na última prateleira. Apanhou-as, uma de cada vez, e atirou-as sobre o colchão. Seus olhos fizeram contato com a velha caixa encontrada na capela e após um instante de hesitação ele também a pegou, quase perdendo o equilíbrio.

Sentado, enfim, na beirada da cama, Roderick colocou a bengala entre as pernas e abriu cuidadosamente a caixa.

Era mais uma bota do que um sapato. Confeccionada a mão em puro couro de gamo, em um rico tom de marrom, a bota fora usada até o couro afinar quase como um tecido. Não parecia, entretanto, ter pertencido a uma mulher.

Com o cenho franzido, ele tirou a bota da caixa e examinou-a mais de perto. A sola era larga e longa e o cadarço grosso e áspero, impróprio para dedos femininos e delicados.

Uma espécie de louca ansiedade se apoderou dele no momento em que se deu conta de que o calçado era apropriado para o uso no pé direito, seu pé bom. Como se alguém pudesse estar vigiando-o, olhou ao redor antes de colocar a caixa no chão, ao lado da bengala, e calçar a bota que deslizou por seu tornozelo como se tivesse sido feita sob medida.

Com o coração aos saltos, Roderick puxou o cadarço como se já tivesse feito isso centenas de vezes. Ao término, esticou a perna e se entregou ao prazer de olhar para si mesmo como um homem saudável.

De repente, ele teve a impressão de que seu corpo estava girando no espaço. Seus ouvidos captaram um patear de cavalos e depois um tropel. Os cães ganiam atrás das caças. O barulho ensurdecador reverberava pelos músculos de Roderick e ele se levantou da cama, ignorando os gritos que o chamavam de tolo, agourando-o com a queda iminente, e avançando, passo a passo, na direção da porta.

Michaela estava sentada no salão principal do castelo, diante de uma variedade de pratos, em companhia do pequeno Leo. Com um cotovelo apoiado na mesa e o queixo na palma da mão, ela apontou para o jarro de leite colocado perto do menino.

— Qual é a cor? — perguntou.

— Branco — Leo respondeu de imediato.

— Branco, sim. Muito bem. — Michaela sorriu e apontou para um prato de framboesas.

— Vermelho.

— Excelente. Você é um menino esperto. — Ela apanhou uma laranja no cesto de frutas.

As sobrancelhas de Leo contraíram em seu esforço de concentração.

— La... La..

—: O que você acha de responder que a cor da laranja é laranja? — sugeriu uma voz masculina de trás de Michaela.

— Papai! — Leo se levantou de um salto e correu a abraçar o pai pelas pernas, quase o derrubando. Como de costume, Michaela se preparou para ouvi-lo repreender o filho. Contudo, milagrosamente, Roderick estava sorrindo. Um sorriso um tanto ansioso, mas ainda assim, um sorriso.

— É uma palavra difícil: laranja.

— Minha cor favorita é a vermelha — contou Leo.

— Eu não imaginava que você já conhecia os nomes das cores — Roderick confessou, olhando para Michaela. — Lady Michaela é uma ótima tutora.

Com a lembrança da noite anterior nítida em sua mente, Michaela não pôde retribuir o sorriso.

— A lição sobre cores teve início apenas esta manhã. Visivelmente surpreso e satisfeito, Roderick afastou o capuz e despenteou carinhosamente os cabelos do filho. Michaela também se surpreendeu. Roderick sem o capuz, de dia, brincando com Leo? O menino parecia que iria explodir de prazer.

Pela primeira vez, ela o via sem o cajado. As botas também não eram as mesmas dos outros dias. Essas eram mais finas e bicudas.

A perplexidade de Michaela aumentou ao ver Roderick dobrar os joelhos e se inclinar sobre Leo. Não o julgava capaz desse movimento. Desde sua chegada a Cherbon, era a primeira vez que deparava com ele nessa posição.

— Eu acordei hoje com vontade de dar um passeio a cavalo — Roderick declarou. — Você quer ir comigo, Leo? E com lady Michaela, se ela aceitar nosso convite?

Michaela sentiu o coração bater mais rápido à exclamação do menino.

— Papai quer levar Leo em seu cavalo?! ... Roderick fez que sim e riu diante da expressão radiante do filho, mandando-o correr para apanhar uma capa e um chapéu. Michaela perguntou se Leo precisaria de ajuda, mas ele já havia desaparecido da sala, deixando-os a sós. Quando seus olhos tornaram a se encontrar, Roderick já não estava sorrindo, mas seus olhos brilhavam como pedras incandescentes. Sentindo que corava, Michaela baixou a cabeça.

Conforme o ruído dos saltos das botas ecoava pelo salão, ela percebeu que Roderick quase não estava mais mancando. O que poderia ter acontecido? E o que ela deveria fazer agora que ele estava se detendo ao seu lado e se preparava para segurá-la pelo queixo?

— Michaela — ele murmurou.

Lágrimas lhe assomaram aos olhos sem que pudesse controlá-las. Mas assim que os dedos de Roderick alcançaram seu rosto, ela recusou o toque.

Ele não insistiu no gesto. Em vez disso, segurou-a pelos pulsos.

— Eu sinto muito.

Ele não parecia ser Roderick. Não era sua voz, nem de seu feitio pedir desculpas.

— Você diz que sente muito só porque pensa que eu irei embora. Mas fique tranquilo, eu ficarei. Afinal, não tenho escolha, tenho? Seu precioso castelo e suas preciosas terras estão salvos.

— Eu realmente desejo que você fique, Michaela, mas não foi por esse motivo que eu pedi que me desculpasse.

Eu me comportei de uma maneira abominável ontem, e quero reparar meu erro. Com você e com Leo. Mas preciso de sua ajuda. Por favor, diga que pode me ajudar.

— Tentar ajudá-lo é tudo que eu tenho feito! — Michaela se desvencilhou com rispidez, sem saber ainda como reagir diante daquela súbita mudança. — E ingratidão e castigos por meu empenho é tudo que eu tenho recebido. — A mágoa se transformara em raiva. Michaela não podia evitar.

Roderick puxou uma cadeira.

— Você estava certa sobre o que disse na noite passada. O modo como eu tenho tratado Leo realmente tem a ver, em parte, com o modo com que meu pai me tratou no passado. Não entendo como pude fazer isso com ele. Quero que Leo, quando crescer, se lembre da infância com alegria. Que pense em seu pai com saudade. Você acha que ainda é tempo de eu conseguir fazer isso por ele?

Michaela tinha consciência de seu aturdimento. Precisou pestanejar para voltar a si.

— O que aconteceu com você?

Roderick sorriu de um modo quase infantil. Em seus olhos, Michaela acreditou ter detectado uma certa confusão que beirava o medo.

— Eu não sei.

Só Deus poderia saber que palavras ocorreriam a Michaela dizer, se Leo não tivesse voltado para a sala às carreiras, trajando uma túnica de Hugh que lhe chegava aos tornozelos. As mangas haviam ficado tão largas que pareciam asas.

— Leo está pronto, papai!

Michaela fechou os olhos ao pressentir a trombada iminente. Para aumentar seu espanto, Roderick se levantou e abriu os braços para receber o filho. Com o intuito de reduzir o impacto, Roderick rodopiou com ele. As gargalhadas de Leo ecoaram pelo salão escuro. Michaela não conseguiu dizer nada. Seu coração lhe golpeava o peito e um nó lhe fechou a garganta.

Capítulo XXIII

Naquela noite, imersa na tina redonda de cobre que fora colocada diante da lareira, Michaela sorria consigo mesma do pânico que a dominara por todo o dia. Era uma tola em acreditar em velhas superstições. Por que tinha tanto medo de ser feliz? Por que a um lance de sorte deveria seguir uma onda de azar? Por que ela encarava como um mau agouro qualquer mudança em sua vida para melhor?

Roderick não lhe contara a causa de sua drástica e radical mudança. Àquela altura, porém, já não importava. Vivera um dia de sonhos.

O passeio a cavalo ao lado de Roderick, com Leo jubiloso, sentado a frente do pai, ficaria para sempre em sua memória. Roderick não os convidara para cavalgar em um repente. Ele se levantara muito cedo para os necessários preparativos. Os cavalos estavam encilhados no estábulo quando eles chegaram. As mochilas estavam cheias de comida. Roderick mandara colocar nelas água, vinho e leite, pão, queijo, uma galinha assada inteira que ele cortou com uma pequena faca que trazia na bota direita, e um pudim. Não faltaram cobertores para protegê-los da umidade da relva na hora do piquenique.

Eles passaram o dia, aventurando-se em explorações, conversando e rindo, sem perder Leo de vista em suas perambulações. Michaela trazia em seu corpo os efeitos do prolongado exercício, mas os bendizia. Ela não poderia estar mais feliz.

Roderick tomara para si a tarefa de colocar Leo na cama e prometera ir ao quarto dela depois de ele também se banhar. Por mais que Michaela desejasse prolongar o prazer de sentir os músculos relaxados em contato com a água morna, ela não queria que Roderick a surpreendesse sem estar adequadamente vestida. Os acontecimentos da noite anterior ainda a assombravam.

Após retirar os últimos vestígios de espuma do corpo, ela se preparava para sair da tina quando uma leve batida na porta fez seu coração parar. Não houve tempo para responder. Roderick abriu a porta e deslizou para dentro do quarto, fechando a porta atrás de si.

Michaela afundou na tina até a água atingir seu queixo.

— Parece que eu me demorei no banho mais do que deveria, milorde.

A surpresa, porém, não fora mútua. Roderick parecia ter se apressado durante o próprio banho, deliberadamente, para encontrá-la nessa condição. Não a intimidou, contudo. Seguiu direto para a lareira, serviu-se de vinho, e se acomodou em uma poltrona diante da lareira. Seus cabelos úmidos estavam penteados para trás e soltos sobre os ombros, que ela não pôde deixar de notar serem ainda mais largos do que imaginara sob a capa habitual. A calça justa evidenciava a severa curvatura da perna esquerda, mas a direita era absolutamente perfeita. Estranhamente, ele ainda estava usando as botas de montaria.

— Divertiu-se hoje, lady Michaela? — Roderick perguntou depois de tomar alguns goles do vinho, os olhos voltados para as chamas, dando a ela algum tempo para que se acostumasse a sua presença.

— Certamente que sim, e tenho certeza de que foi o dia mais feliz da vida de Leo.

Ele concordou com um gesto de cabeça.

— As crianças não são difíceis de agradar, não é?

— Não, não são.

A água estava esfriando rapidamente, mas Michaela não tinha como se levantar. Talvez pudesse puxar a toalha de cima da cadeira, se estendesse o braço...

Com um suspiro de alívio, ela sacudiu a toalha para desdobrá-la e se levantou simultaneamente, sem se importar de esparramar água pelo piso com o movimento abrupto.

— Se você não fizer objeção, eu gostaria que nos casássemos sem demora.

Ele se virou antes que Michaela pudesse sair da tina. Um frio de gelo atingiu-a nas costas. Não sabia dizer se pela falta da toalha nessa parte do corpo ou pelo inesperado da declaração. O que acontecera com aquele homem depois que ela deixara seu quarto na última noite?

— Eu não tenho nenhuma objeção. Mandarei buscar meus pais imediatamente.

Os olhos de Roderick tornaram a se voltar para as chamas. Michaela aproveitou esse momento para se recompor.

— Eu já tomei essa liberdade. Cope retornará a Cherbon em um dia ou dois e a cerimônia será realizada na capela, conforme sua vontade. As celebrações do Yuletide, portanto, que coincidem com as festas de final de ano, nos encontrarão já como uma família.

Michaela amarrou o cordão na cintura para prender o penhoar. A sensação foi a de também ter dado um nó em seu estômago à menção do fatídico feriado que temia desde sua infância. Com a aproximação da data, os pesadelos estavam se tornando mais frequentes e aterradores.

Algumas mechas de cabelo haviam se soltado durante o banho. Ao se aproximar de Roderick, ela ainda esfregava o pescoço com a toalha. Ele parecia taciturno. Talvez fosse

apenas um efeito de luz e sombra. De qualquer modo, ela precisava saber.

— Sobre ontem...

— Sente-se, Michaela. Por favor. — Ele esperou que ela se acomodasse para continuar. — Sou aleijado. Há partes de meu corpo que não quero que você veja.

A declaração a pegou desprevenida em sua franqueza.

— Não estou entendendo...

— Eu sei que não — ele concordou e desceu os olhos pelo corpo de Michaela em ostensiva admiração. — Você é uma mulher linda, sensual, atraente. Ao lhe dar prazer, eu me lembrei de minha incapacidade como homem.

Michaela franziu o cenho.

— O que está me dizendo?

— Que eu nunca poderei consumir nosso casamento. Michaela poderia enumerar uma série de motivos que tivessem levado o senhor de Cherbon a se isolar do mundo, a se tornar uma criatura intratável. Jamais lhe ocorrera que ele fosse lhe confessar sua impotência. Principalmente às vésperas do casamento.

— Nós temos Leo — ele prosseguiu, como se não tivesse percebido o choque que causara. — Ele será meu herdeiro e você a única mãe que ele conhecerá. Nós três seremos felizes.

— O que disse não faz sentido, milorde — Michaela protestou. — Acha-me bonita e atraente, no entanto não me deseja?

— Eu a desejo e muito — Roderick retrucou —, mas jamais a exporia a...

— Você também é um homem atraente — Michaela o interrompeu. — E eu sei, pela conversa que teve com Harliss, que não há nada de errado com sua virilidade. — Ela gesticulou em direção a linha abaixo da cintura de Roderick.

— É verdade — ele admitiu. — Mas eu não suportaria que você olhasse para minhas cicatrizes, para minhas deformidades. Nós encontraremos outras formas de dar prazer um ao outro. Também, se lhe parecer necessário, minha oferta continua válida sobre você arrumar um amante.

Michaela negou de pronto.

— Acha que eu mudaria minha opinião e minha maneira de tratá-lo se visse suas cicatrizes? Por que pensa isso, se eu não me importo com as cicatrizes visíveis? Como pode me negar um casamento verdadeiro? A chance de termos nossos próprios filhos? E um absurdo que você esteja disposto a partilhar o corpo de sua esposa com outro homem!

— Eu quero sua felicidade, Michaela. As cicatrizes em meu rosto e em meu braço não são nada em comparação com as que eu escondo sob as roupas.

Se Roderick a magoara na noite anterior com suas palavras e com sua atitude, a ofensa fora insignificante em comparação ao que ele estava dizendo agora. Por que tipo de mulher ele a tomava? Uma mulher capaz de recusá-lo por conservar as marcas dos horrores que sofrerá, mas que conseguira vencer?

— Como poderei me casar com você, sabendo que jamais me tornarei sua legítima esposa? — Michaela indagou, incrédula. — Nosso casamento seria uma farsa. Se o rei descobrisse, você perderia Cherbon.

— Ninguém precisa saber o que acontece ou deixa de acontecer em um leito conjugal.

Michaela baixou a cabeça.

— Esse foi o pior insulto que você me fez.

— Não foi minha intenção. Eu não me lembro da última vez em que me senti tão bem quanto hoje. Não daria para você aceitar essa parte boa de mim, que eu consegui resgatar, e tentar ser feliz com o que eu posso lhe oferecer?

Michaela se levantou.

— Eu não quero apenas o que você tem de bom, Roderick. Eu o quero por inteiro.

— Não posso me dar a você por inteiro. Para o bem de nós dois.

Passou-se um longo tempo até que Michaela conseguisse falar.

— Eu preciso ficar sozinha.

— Está bem. — Ele se levantou sem precisar de ajuda. — Entendo como você está se sentindo e espero que reflita antes de me responder. O que acha de darmos outro passeio amanhã? Estou certo de que Leo irá adorar.

— Sim, é claro.

Roderick se encaminhou para a porta e disse boa-noite. Ao pensar, mais tarde, na despedida, Michaela não se lembrou de ter respondido.

Capítulo XIV

Roderick não se sentia tão bem havia anos; desde antes de sua chegada a Constantinopla; desde que nascera, na verdade. O sol brilhava no céu invernal, mas a respiração de Roderick se condensava sobre o topo da cabeça de Leo, devidamente encapotado para sair a passeio. Michaela cantarolava, em seu próprio cavalo, ao lado dele na rota para o mar. Parecia um anjo.

Ela deveria cantar todos os dias para Leo. Ele conhecia a letra e a acompanhava em alguns trechos. Ouviu o adorável dueto com fascinação. Nem ele, nem Michaela tocaram no assunto sobre a conversa que tiveram na noite anterior, mas a sombra arroxeadada ao redor dos olhos de Michaela lhe deu a certeza de que a perturbação lhe roubara o sono.

Parecia um milagre, ou talvez um sortilégio. Ninguém podia notar, mas ele estava usando o velho sapato marrom no pé direito, por baixo da bota de montaria. Não o descalçara desde a prova e não tinha planos de fazê-lo no futuro.

Walter Fortune jamais saberia que o sapato ainda existia. Suas histórias sobre o lendário caçador eram frutos de uma imaginação exacerbada. Impossíveis.

O que está lhe acontecendo também não parece incrível!

Roderick ignorou a voz em sua mente. O sapato agora lhe pertencia. Fora encontrado em sua casa. Todas as indicações lhe foram dadas de como encontrá-lo. O destino fizera com que o objeto viesse parar em suas mãos.

A canção terminou e Leo aplaudiu entusiasticamente. Roderick sorriu.

— Muito bem, milady. Michaela fez uma pequena medida.

— Ambos são muito amáveis.

— Não é uma questão de cortesia. Sua voz é maravilhosa, eu lhe asseguro. Já percorri muitas terras e juro que nunca encontrei alguma que a igualasse.

Com o queixo suavemente apoiado na cabeça de Leo, Roderick se surpreendeu com a sensação boa que o gesto lhe causou.

— Aonde você quer ir agora, Leo? À praia? Leo apontou para a floresta.

— Leo quer procurar nozes.

O pé esquerdo começou subitamente a coçar. Por mais que Roderick tentasse disfarçar, Michaela notou seu desconforto.

— Com esse frio, os esquilos já devem ter pegado todas e levado para suas tocas, nos troncos das árvores — ela observou, preocupada e ansiosa por voltarem.

— Leo adora nozes.

Roderick adivinhou que Michaela estava receosa de entrar no bosque. Ele deveria aproveitar a oportunidade para sugerir que regressassem. A coceira em seu pé estava aumentando. Uma súbita pontada no pé esquerdo pareceu confirmar a imprudência de seguirem adiante. Por outro lado, o que poderia haver de mal em satisfazer o desejo inocente de Leo? O bosque fazia parte das terras de Cherbon e suas trilhas não ofereciam perigo.

— Só por uma hora, está bem? — ele acabou concordando, na esperança de que

sua firmeza acalmasse Michaela.

— Está bem, papai.

Roderick olhou para ela e sorriu antes de incitar o cavalo á prosseguir. Passaram-se vários minutos até ela se dispor a alcançá-lo.

Michaela tinha a impressão de que milhares de olhos a observavam. Eles pareciam segui-la de toda a parte: de trás de cada árvore, de trás de cada arbusto, dentre as ramagens e folhagens. Roderick e Leo apontavam para cada detalhe interessante, rindo e conversando. Ela os seguia de perto, como se estivesse ali para protegê-los.

O que estava lhe provocando tal apreensão, ela não saberia precisar. Estava atenta a cada graveto que estalava sob as patas dos cavalos, a cada folha que se movia nas árvores ao sopro do vento.

O mais recente de seus pesadelos voltou a sua memória. Ele se manifestara com mais sons do que imagens: tropel de cavalos, relinchos e gritos, cachorros uivando para a lua oculta atrás das nuvens, um rosar selvagem de uma criatura noturna sedenta de sangue...

O coração de Michaela apertou no peito à descoberta de que perdera Leo e Roderick de vista. Teve ímpetos de esporear seu cavalo para que corresse de forma que ela pudesse se assegurar de que eles estavam em segurança.

De repente, ela ouviu claramente a voz de sua mãe lhe dizendo para não se aproximar de Roderick nas profundezas daquele bosque. Seria perigoso, muito perigoso...

Os pelos dos braços e da nuca de Michaela eriçaram e ela aguçou os ouvidos. Eles não estavam sozinhos. Sua impressão tornou-se uma certeza ao ver Roderick surgir de trás de um grupo de árvores e manejar as rédeas, ficando atravessado no meio do caminho. Em seu semblante Michaela viu refletidas suas próprias emoções: perplexidade, medo, pânico.

Os cavalos não foram criação de sua mente. Eles estavam bem próximos agora.

O garanhão de Roderick se ergueu nas patas traseiras.

— Fuja, Michaela! — Roderick ordenou. — Rápido! Michaela enrijeceu de tensão. Sua montaria começou a andar em círculos, contagiada pela sensação de perigo. Em vez de se afastar, como fora comandada a fazer, ela correu em direção aos dois.

— Dê-me Leo!

— Não há tempo! Salve-se!

Recusando-se a ouvir, Michaela se lançou sobre o cavalo de Roderick, de modo a pegar Leo e trazê-lo para sua sela. O peito de seu cavalo bateu na perna esquerda de Roderick. Ele deu um grito de dor, mas não hesitou em lhe entregar o menino.

Era tarde demais, contudo. O alvoroço indicava que os cavaleiros se encontravam a poucos metros de distância. Dava para sentir a terra tremer sob as patas dos cavalos. Abraçada a Leo, ela rezou.

— Deus, proteja-nos!

Na curva da trilha surgiu um homem alto e esguio, inteiramente de preto, montado sobre um garanhão também preto. Alguns segundos depois uma figura baixa e branca delineou contra o horizonte.

Os inimigos não eram outros senão Hugh Gilbert e lady Elizabeth Tornfield, montada em um pônei.

Roderick não sabia se abraçava o amigo ou se o estrangulava. O ar chegara a lhe faltar de tanto que seu coração acelerara. Por mais que afirmasse não acreditar em lendas, a maldição do caçador de almas invadira sua mente.

Cogitações apenas. Roderick não entendia a razão de seu pânico, nem o de Michaela. De qualquer forma, não se atreveria a sondá-la a respeito. Preferia esquecer o que acontecera. Além disso, a incômoda coceira havia passado por completo.

— Lady Michaela! — Elizabeth chamou, eufórica.

— Hugh! — Leo acenou alegremente para o cavaleiro negro.

— Elizabeth! Minha querida!

Em segundos, Michaela entregara Leo, os bracinhos já estendidos, para Hugh, e apeara para ir ao encontro de Elizabeth e estreitá-la em um saudoso abraço. A menina soluçava incontrolavelmente.

— Olá, amigão — Hugh cumprimentou o menino com um meio sorriso. — Você e seu pai passeando a cavalo em companhia de lady Michaela? Quem diria? — Com essas palavras, ele endereçou um olhar insolente a Roderick. — Uma cena emocionante, Rick. Como, em nome de Deus, você conseguiu montar? Lady Fortune o ajudou, não foi?

Roderick dispensou a pergunta com um gesto indiferente. Não estava preparado para responder ao amigo.

Não ainda. Aliás, ele ainda não sabia como faria para explicar a súbita melhora em seu estado geral de saúde. Não haveria como explicar o milagre de ele estar conseguindo andar sem o auxílio de um cajado ou de uma bengala, nem como recusar quando Hugh insistisse em ajudá-lo a tirar as botas ao fim do dia.

— O que a menina está fazendo aqui? — Roderick perguntou, o cenho franzido.

— A fedelha me seguiu. Dá para acreditar? — Hugh revirou os olhos.

— Por que você não voltou para devolvê-la? — indagou Roderick, exasperado. A evidente alegria de Michaela aos abraços com a filha de Alan Tornfield lhe provocou um ataque irracional de ciúmes.

— Voltar? Já não bastou o tempo que eu perdi por aqueles lados? Oh, não. — Hugh balançou a cabeça. — Eu teria de passar mais uma noite em Tornfield e para quê? Para a pirralha me seguir novamente? Coisinha teimosa! Nada nem ninguém a faria desistir de se encontrar com sua idolatrada lady Fortune. Acredite! De qualquer modo, o pai e a madrastra não devem tardar a nos alcançar. E eu poderei dormir em minha própria cama esta noite. Certo, Leo?

— Certo, Hugh.

— Tornfield está em seu encalço? — Roderick esbravejou. Ele deveria trucidar Hugh. — Por que, então, você não esperou por ele e lhe entregou a menina de uma vez?

— Porque já o aturei o bastante nos últimos dias. Além disso, Harliss deve estar acompanhando-o.

A menção desse nome, Leo se agarrou às pernas do pai.

— Ela não lhe fará nenhum mal, Leo — Roderick prometeu.

Hugh notou, com espanto, o olhar trocado entre pai e filho.

— Está bem, papai. Está bem.

Ainda com o filho abraçado em suas pernas, Roderick contemplou a cena. Michaela estava de joelhos no chão, segurando as pequenas mãos de Elizabeth Tornfield nas dela, e tentando fazer com que a menina parasse de chorar e de murmurar súplicas. -

O quadro o impressionou. Mais ainda quando o ruído inconfundível de patas de cavalo ecoou pela trilha margeada de árvores.

— Não deixe que eles me levem embora — Elizabeth implorou. — Por favor, Michaela!

— Ele é seu pai, Elizabeth. Você precisa ir com ele — respondeu Michaela, com a maior delicadeza possível. Também antipatizava com Juliette, mas conhecia o amor de Alan Tornfield para com a filha. Ele certamente não permitiria que a esposa a maltratasse.

Michaela mudou de idéia no instante em que o palpite de Hugh se confirmou. Harliss estava com eles. Uma troca de olhares com Roderick lhe disse que ele partilhava de sua preocupação.

— Eu quero ficar com você, Michaela. Sei que recomendou a meu pai que contratasse a sra. Harliss para cuidar de mim e agradeço sua boa intenção. Mas lamento desapontá-la. A sra. Harliss é bondosa e amável, mas não é você.

Michaela sentiu o queixo cair. Era preciso alertar Alan com urgência. E também Juliette, se necessário fosse. Deus do céu! Ela e Roderick imaginavam que os Tornfield

fossem acolher a mulher e empregá-la para as tarefas mais rudimentares. Jamais lhes ocorrera que eles fossem confiar Elizabeth aos seus cuidados.

— Elizabeth! — O grito de Alan Tornfield os alcançou da entrada da clareira. — Você merece uma surra!

— Não, papai, não! — Elizabeth correu para trás de Michaela, que se apressou a ficar de pé, acompanhando a caminhada de Alan, passo a passo, em direção a ela. Uma pergunta se formou em sua mente. Como pudera pensar que estava apaixonada por ele? Seus ombros eram tão estreitos, seu bigode era ridículo. Alan não mancava como Roderick. Não era um herói!

O primo de Roderick se deteve entre Michaela e Elizabeth. Os homens permaneceram sobre seus cavalos.

— Eu sinto muito por este fato, lorde Cherbon. — Alan se curvou ligeiramente em uma mesura. — Chamei seu emissário mais de uma vez. Ele não se deteve para me esperar.

Hugh fingiu surpresa.

— O senhor me chamou? Eu não ouvi.

— Isso não vem ao caso agora — Roderick declarou. — Sua filha está aqui. Sã e salva. Pegue-a e leve-a, Tornfield.

Juliette avançou com seu cavalo, exibindo um largo sorriso.

— Elizabeth, querida, você nos assustou. Vamos para casa. Estou certa de que tudo ficará bem.

— Não! — Elizabeth protestou sem sair de trás de Michaela. — Você não é minha mãe! Eu a detesto! Quero ficar com Michaela!

— Elizabeth! — Harliss franziu o cenho. — Esse não é o modo de uma criança tratar os mais velhos! Desculpe-se imediatamente!

Michaela se virou de modo a observar a reação de Elizabeth. Para sua surpresa, a criança acatou a repreensão.

— Desculpe, babá.

— Não é a mim que você precisa pedir desculpas. — O olhar de Harliss não poderia ser mais gelado. — Mas para lady Juliette.

— Desculpe, lady Juliette.

O sorriso diminuiu, mas voltou a distender-se.

— Não tem importância, minha querida. Nós ainda poderemos...

— Eu continuo não querendo voltar para casa. Desejo ficar com Michaela. — Elizabeth insistiu, procurando Michaela novamente com os olhos suplicantes. — Você não gosta mais de mim? Não respondeu minha carta.

— Eu não moro mais em Tornfield, Elizabeth — Michaela tentou explicar. — Seu lugar é com seu pai e com lady Juliette. Eu agora moro no castelo Cherbon com lorde Cherbon e com seu filho Leo. Vou me casar em breve com lorde Cherbon.

Harliss apeou e andou em direção a Michaela e Elizabeth.

— Escute aqui, menina...

No colo de Hugh, Leo escondeu o rosto, tremendo de medo.

— Nem mais um passo, Harliss — Roderick avisou. — Está assustando meu filho.

Um vislumbre da verdadeira Harliss se manifestou, mas a máscara de bondade e tolerância foi rapidamente restituída.

— Perdoe-me, milorde — Harliss murmurou. — Olá, Leo. Adorável criança. — A velha mulher se voltou para Elizabeth. — Nós já conversamos a esse respeito: lady Michaela não pode ser mais sua babá. Ela se mudou para Cherbon para cuidar do pequeno Leo e será sua nova mãe. De Leo, não sua. Você entende?

Michaela cerrou os punhos ao pressentir o jogo de palavras. Habilmente, a mulher estava ferindo ainda mais a sensibilidade da menina.

— Mas ela era *minha babá* antes de ser dele! — Elizabeth protestou, olhando para

Leo através de uma nuvem de lágrimas, e depois para Michaela. — É por causa dele que você não quer voltar, não é? Você gosta mais dele do que de mim.

Alan Tornfield ergueu os olhos para o céu e suspirou.

— Não faça isso, Elizabeth. Você já causou bastante alvoroço. Vamos para casa.

Pela mão do pai, Elizabeth foi obrigada a se desvencilhar de Michaela.

— É verdade, não é?

— Não, minha querida. Eu continuo gostando de você. Você é muito especial para mim.

— Mas não tanto quanto desse bebê — Elizabeth sugeriu, sarcástica.

— Leo não é mais um bebê! — Em protesto, Leo mostrou a língua para Elizabeth.

Foi um gesto mal-educado, mas Michaela não controlou o riso diante da situação. Humilhada e ofendida, Elizabeth correu para os braços de Harliss que prontamente a amparou.

Michaela sentiu-se mortificada pela decepção que causara a Elizabeth, mas talvez tivesse sido melhor que acontecesse daquela forma. Jamais voltaria para Tornfield e Elizabeth não poderia se mudar para Cherbon. Acima de tudo, porém, seria preciso garantir a segurança da criança. Antes que Alan tornasse a montar em seu cavalo, ela precisava lhe falar sobre Harliss.

— Oh, sim, é claro. — Ele se prontificou a ouvi-la. Por ironia, agradeceu antes a Roderick por lhe ter enviado a velha babá.

— Obrigado, milorde. Ela tem demonstrado competência e estamos muito satisfeitos com seu trabalho.

— Nós não a recomendamos como babá, Tornfield — disse Roderick, constrangido. — Essa mulher foi destituída de sua posição em Cherbon por insubordinação, fingimento e abuso contra meu próprio filho.

Alan pareceu chocado. Juliette, em contrapartida, saiu em defesa da mulher.

— É comum que as pessoas tenham opiniões divergentes. Harliss tem nos servido esplendidamente, milorde.

Michaela fitou Alan uma última vez.

— Eu lhe imploro, como amiga, que esteja sempre atento pelo bem de Elizabeth.

— Não se preocupe, Michaela — Alan respondeu em voz baixa. — Nós estamos bem. Como você, aparentemente... — Ele fez com que as palavras soassem como uma acusação.

— Eu não me admiraria se Elizabeth tivesse fugido por causa de Harliss — Michaela insistiu também em voz baixa, mas não tão baixa que não pudesse ser ouvida.

— Foi o que lhe ocorreu, lady Fortune? — Harliss indagou em tom de zombaria enquanto ajudava Elizabeth a montar no pônei. — Em vez de se ocupar comigo, talvez devesse questionar os motivos pelos quais o emissário de Roderick convidou a menina para acompanhá-lo em seu trajeto de volta. — A astúcia de Harliss se traduzia em seu semblante. —: Ficaria surpresa com o resultado de sua investigação. Descobriria que a pessoa responsável por tramar sua expulsão de Cherbon não sou eu. Tome cuidado com os conselhos que possa estar ouvindo. Talvez quem parece ser amigo só esteja querendo se livrar de você em benefício próprio.

Michaela preferiu guardar silêncio sobre a acusação de Harliss. Ao seu lado, porém, Hugh estava parecendo tão desconfortável que ela foi obrigada a considerar a declaração da mulher.

Um momento de distração foi o suficiente. Antes não tivesse baixado sua guarda. Roderick se virou para falar com Hugh e Harliss aproveitou o ensejo para desferir ainda mais seu veneno.

— Eu avisei que a história ainda não estava acabada, lady Fortune. Vocês me pagarão pelo que fizeram. Da próxima vez que atravessarem meu caminho, lembrem-se de que o frio não me amedronta e de que meus braços e minhas mãos são muito, muito

fortes.

— A senhora está louca — Michaela murmurou, apavorada. — O que diz não faz nenhum sentido.

— Devo estar — Harliss concordou com um sorriso assustador. — Ou eu não teria suportado o que já suportei em minha vida.

Alan Tornfield aguardou que Harliss tornasse a montar para se despedir.

— Bom dia, lorde Cherbon, lady Michaela. Mais uma vez, peço desculpas pelo transtorno.

— Não foi nada, Tornfield — Roderick respondeu. — Serão bem-vindos ao nosso casamento. A cerimônia será realizada na próxima semana. Enviaremos um convite oportunamente.

Alan agradeceu com um gesto de cabeça e partiu com sua comitiva. Michaela os acompanhou até que desaparecessem de vista. A voz de Roderick a trouxe de volta ao presente.

— Verifique que Leo e lady Fortune retornem para casa em segurança. — Roderick olhou para as nuvens cinzentas no céu enquanto falava com Hugh. — Uma tempestade deverá se desencadear a qualquer instante. Não voltarei com vocês. Ainda tenho de resolver uma pendência.

Michaela aproveitou a chance de esclarecer a questão com Hugh assim que lorde Cherbon desapareceu pela estrada.

— Foi você que trouxe Elizabeth aqui. Desta vez, Harliss disse a verdade.

— Não seja boba — Hugh caçoou. — Você, obviamente, não tem seguido meus conselhos.

— Obviamente — Michaela concordou. — Se eu o tivesse escutado, não estaria me casando em poucos dias, nem Leo estaria desfrutando da companhia e das atenções do pai.

Hugh teve uma reação estranha. Era como se Michaela o tivesse esbofeteado.

— Esteja preparada para um revertério. Rick está vivendo uma fase boa. De um momento para outro, voltará a se comportar como nos primeiros dias. Você não o conhece como eu.

— Sobre isso, você está certo. Eu não o conheço como você que não o conhece em absoluto!

Capítulo XXV

Para não perder Hugh de vista, antes que ele tentasse escapar de um confronto e de lhe fornecer as devidas explicações para suas atitudes inconvenientes nos últimos dias, Michaela o seguiu até o quarto de Leo. Cansado do passeio e das atribulações daquele dia, Leo pegara no sono no colo do homem.

A gentileza do adulto para com a criança não dava para ser ignorada. O modo como Hugh o deitou entre os lençóis, como afagou seus cabelos, como o cobriu e se certificou de que ficaria bem aquecido.

Por mais zangada que ela estivesse com o maior amigo de Roderick, reconhecia a sinceridade de sua afeição pelo menino. O que tornava ainda mais difícil dizer o que tinha em mente.

Mas nem por isso menos necessário.

Hugh endireitou o corpo e se preparou para sair. Ao notar que Michaela continuava no quarto, ele não disfarçou sua contrariedade.

— Você não desiste, não é?

Ela o seguiu de perto, puxando cuidadosamente a porta e dando uma última olhada em Leo antes de fechá-la.

— Esse não foi um dos conselhos que me deu? Que eu fosse persistente?

— O que eu fiz para merecer isto? — Hugh ergueu as mãos para o alto e depois as apoiou na cintura. — Está bem. Onde será a corte de julgamento pelas atrocidades que suspeita terem sido cometidas por mim contra sua pessoa, lady Fortune?

— Em seus aposentos.

Hugh não deu mais do que meia dúzia de passos pelo corredor antes de abrir uma porta do lado direito. Impassível, e nem um pouco surpresa com a conveniente localização, Michaela entrou.

Todas as dependências do castelo eram notáveis, desde a magnífica arquitetura até o rico mobiliário, mas o quarto de Hugh era extraordinário. Dava a impressão que ele escolhera tudo que havia de melhor, mais bonito, e mais luxuoso no castelo, e no mundo, para decorar seu espaço privativo. Um rei não possuiria instalações que o excedessem.

Sofás e poltronas forrados em veludo brilhavam sob a iluminação suave. Xales entremeados com lã e fios dourados proporcionavam uma sensação de conforto, assim como as almofadas em cetim e brocado. Os tapetes eram espessos e exibiam desenhos exóticos em cores vivas. Michaela nunca vira nada igual. As peças deveriam ter sido trazidas do Oriente onde se dizia que eram feitos os tapetes mais lindos e perfeitos do mundo.

A cama estava coberta por uma colcha de seda com babados que chegavam até o chão. Por cima, almofadas em seda brilhante davam o toque final. Nas paredes via-se um verdadeiro arsenal de armas. Os metais pareciam espelhos de tão polidos. Tapeçarias finas dividiam o privilégio de adornarem as paredes. Antigos deuses romanos, cenas de soldados em campos de batalha, nus artísticos. Plumas enormes e flores secas enfeitavam os altos vasos de cerâmica. Um perfume adocicado de incenso se espalhava pelo ambiente.

— Confesso que fiquei admirado com sua proeza — disse Hugh. — Eu não entendo como conseguiu ajudar um homem das proporções de Rick a montar no cavalo. Olhando para você, não dá para acreditar que seja forte sob esse aspecto frágil. — Sem convidar Michaela para se sentar, como um cavalheiro faria, Hugh se deixou cair em uma larga poltrona, colocando uma das pernas displicentemente por cima do braço. Com os dedos entrelaçados sobre o peito, encarou Michaela com humor. Do lado de fora, uma tempestade se anunciava com ribombar de trovões.

— O mérito não foi meu — ela respondeu. — Roderick montou sozinho no cavalo.

As sobranceiras de Hugh ergueram de espanto.

— Então ele deve ter contado com a ajuda de algum dos rapazes que cuidam dos estábulos.

— Não, ele não recebeu ajuda de ninguém. Nós chegamos juntos ao estábulo: ele, Leo e eu. Eu o vi montar com facilidade. Por que você insiste que ele tenha tido ajuda?

— Eu não entendo. Por que mente?

— Eu não estou mentindo! Pergunte diretamente a ele, se duvida de minha palavra.

— Lógico que eu perguntarei! Agora, diga logo o que deseja me dizer antes que eu a ponha para fora deste quarto. Você é impertinente e inadequada. Eu não tenho mais paciência com mulheres que se julgam as donas da verdade.

Hugh recostou na poltrona e fechou os olhos como se tivesse dado a discussão por terminada. Michaela não se deixou arrefecer. Cruzou os braços e foi direta em sua pergunta:

— Por que me detesta? O que foi que eu fiz para ofendê-lo ao ponto de tentar sabotar não apenas meus esforços no sentido de melhorar o aspecto de Cherbon, como também minhas tentativas de harmonizar a relação entre lorde Roderick e seu filho?

— Por favor, me poupe — Hugh resmungou.

— Não enquanto suas respostas não me satisfizerem — Michaela retrucou. — Você persuadiu Elizabeth Tornfield a segui-lo, incutindo na criança esperanças de que eu pudesse deixar Cherbon a fim de voltar com ela.

— Está ficando paranóica, lady Fortune — Hugh provocou-a.

— Não estou! A guisa de me ajudar a conviver com lorde Roderick, você me induziu a comportamentos que não são de meu feitio. Cada vez que eu tentava seguir um de seus conselhos, mais lorde Roderick se afastava de mim.

— Isso prova que não seguiu meus conselhos como deveria. Não pode me culpar por tê-los executado incorretamente. Se Rick se afastou de você, isso prova que não é a mulher certa para ele.

— Eu sou a *única* mulher para ele! — Michaela se defendeu. — Como se atreve a tentar manipulá-lo de acordo com suas conveniências? Você, que ele considera seu melhor amigo?

— Eu *sou* o melhor amigo de Roderick!

— Não, você não é! — Michaela deu um passo e apertou as mãos para impedir que se apoderassem do objeto mais próximo e o atirassem naquele sujeito ardiloso, — Amigos procuram se ajudar mutuamente. Um amigo teria incentivado Roderick a vencera si mesmo, a lutar por aquilo em que acredita. Acho inadmissível que você alimente as fraquezas e os medos dele.

Hugh deu uma risada de escárnio.

— Você é uma novata em Cherbon. Eu conheço Roderick há mais de três anos. Participamos da mesma guerra. Eu estive em sua cabeceira durante sua doença. Eu o acompanhei até o limiar da morte, mas em nenhum momento permiti que as esperanças se perdessem. Se existe alguém nestes aposentos que sabe das necessidades de Roderick — Hugh interrompeu a sentença e olhou para Michaela de cima a baixo —, certamente não é você, milady. Eu sou testemunha de seu engano ao tentar se convencer de que um dia se apaixonarão um pelo outro e que você o fará feliz. — Hugh moveu negativamente a cabeça. — Sua presença só o fará se sentir um pobre incapaz.

— Eu já me apaixonei por ele — Michaela declarou em tom ríspido. — Eu o amo.

Um silêncio aturdido envolveu o ambiente. Hugh não demorou a se recuperar.

— Você pensa que o ama, mas é uma ilusão. Roderick é um homem rico e poderoso. Uma chance de uma vida mais confortável. Você mal acabou de chegar. Ele, Leo e eu já temos uma história juntos. Você não passa de uma intrusa.

— Talvez eu ainda fosse uma intrusa quando você deixou estas premissas para cumprir sua missão em Tornfield. Agora não mais. — Michaela se defendeu, desafiando-o. — Ele esteve comigo em sua ausência. Ele me tornou sua confidente.

Hugh encolheu os ombros.

— O que Rick lhe contou de tão importante? Quais os grandes segredos que ele lhe confiou?

— Ele me contou sobre Aurélia e sobre Leo não ser seu filho de sangue.

— Confesso que não esperava por isso — Hugh admitiu. — Não é qualquer pessoa que consegue conquistar a confiança de Rick. Por outro lado, o que ele lhe revelou não é nada que você não viesse a descobrir por si só, eventualmente. — Ele se deteve nesse instante e seu olhar adquiriu um brilho de malícia. — Ele também lhe disse que nunca lhe fará amor?

Michaela corou até a raiz dos cabelos.

— Sim, mas eu acredito que conseguirei reverter essa disposição.

A gargalhada que ecoou pelas paredes fez Michaela estremecer.

— Você não pode mudar essa situação, sua tola! O estrago foi permanente. Em suas doces fantasias, acreditou que conseguiria resolver todos os problemas e que ao lado de Roderick e de Leo viveria feliz para sempre. Obrigada, sir Hugh — Hugh afinou a voz para imitar Michaela —, por ter devotado sua vida ao meu futuro marido e a seu filho, mas agora que eu estou aqui, não preciso mais de seus préstimos. Bom dia e boa sorte. — Ele levantou seu corpo avantajado nesse momento. — Sinto muito, milady. Eu conheci Roderick antes de Heraclea. Ele era outro homem, o inverso do pai. Por maior que seja

sua disposição, nunca o entenderá como eu.

Hugh se calou por um longo momento. Michaela não o apressou, nem tentou dar a conversa por encerrada.

— Ele lhe contou que nosso batalhão quase morreu de fome, com as rotas de Suprimento bloqueadas por semanas? As lutas, a partir daí, obrigaram os soldados a lutarem corpo a corpo. Quase não restaram cavalos. Para sobreviver, nós tivemos de *comê-los*, milady. Fomos vítimas de uma tocaia na calada da noite. Quase todos os homens foram mortos antes de terem chance de se levantarem e tentarem se defender. Aqueles que conseguiram escapar, eu próprio e mais dois generais, devem suas vidas a Roderick. Sozinho, ele montou em seu cavalo e investiu contra os sarracenos. A impressão foi de que um enxame de abelhas o cercara. Todos eles estavam a cavalo, munidos de lanças e de espadas. — Hugh suspirou. — Eu assisti a carnificina sem poder fazer nada! Os inimigos o tiraram de cima de sua montaria e só o largaram porque acreditaram que estivesse morto. O último ato de coragem e altruísmo de Roderick Cherbon salvou minha vida.

O nó na garganta de Michaela estava tão apertado que ela mal conseguiu falar.

— Você também salvou a vida dele depois, não foi? Ao entregá-lo aos cuidados de Aurélia?

— Meu gesto não foi tão nobre. Eu não tinha para onde voltar. Eu havia perdido tudo: casa, família, amigos. O único que restara era o homem que salvara minha vida.

Ele, e depois Leo.

— Você salvou a vida de Roderick só para ter alguém em quem se apoiar?

— Se está se referindo à hipótese de eu tê-lo salvado por interesse, eu lhe asseguro que não foi tão simples assim. Eu queria que Roderick vivesse porque queria dedicar o resto de *minha* vida a ele, para tentar retribuir o muito que recebi. Ao menos assim minha vida teria algum sentido, um propósito. Cada palavra que Roderick diz agora, cada imprecisão, cada passo que dá, reflete o homem que nasceu pela imposição de Magmas de que o filho fosse-lutar nas Cruzadas. O Roderick de antes jamais seria capaz de enlouquecer a esposa ao ponto de ela preferir se matar e deixar o único filho nas garras de dois monstros, como o pai fez com Dorian. Roderick está perturbado. Em determinadas circunstâncias eu já o ouvi dizer que o pai estava certo. Eu sou, portanto, o único em condição de ajudá-lo, porque sou o único que sabe exatamente pelo que ele passou.

— São sentimentos nobres, Hugh, mas eu tenho certeza de que Roderick precisa de uma esposa mais do que de qualquer outra pessoa. Ele precisa de carinho e eu poderei...

— Não, não poderá, mulher estúpida! Ele não permitirá!

— Talvez. ele me aceite com o tempo — Michaela insistiu. — Porque eu o amo! Não me importo com as cicatrizes!

— Não são apenas cicatrizes, Michaela! — Hugh esbravejou, mas o brilho de lágrimas suavizou seu semblante emocionado. — Ele perdeu quase a metade de uma perna!

Michaela enrijeceu.

— Por que está dizendo isso?

— Porque é verdade. Abaixo um palmo do joelho esquerdo não há nada. Nem pé, nem tornozelo, nem panturrilha.

— Impossível — Michaela respondeu com um fio de voz.

— Eu estava lá! Eu tive de ajudar a segurá-lo para que a cortassem!

— Mas ele consegue andar com botas!

— A bota esquerda foi confeccionada especialmente com madeira e lã e se prende à perna, acima do joelho, por tiras de couro. Foi por essa razão que eu descobri que você mentiu para mim quando disse que Roderick montou sozinho no cavalo. Com o peso dessa bota e com o que sobrou da perna, ele não teria forças para se acomodar sobre

uma sela. Essa perna não tem a flexibilidade necessária para um movimento de ascensão.

— Mas ele montou sozinho! Eu vi! — Parecia um de seus pesadelos. Ela não estava mentindo. Por que Hugh não acreditava em suas palavras?

— Você viu o que Rick queria que você visse. Nem mais nem menos. E é por isso que ele nunca se entregará a uma intimidade plena com você. Ele não é um homem por inteiro. Ele *pensa* que não. Porque não tem mais condições de montar sozinho, de lutar. Eu o ajudo muitas vezes a se vestir! Ele nunca permitiu que outra pessoa o visse nessas condições. Só eu. *Apenas* eu, milady.

— Mas ele partiu o cajado ao meio e tem caminhado sem seu apoio. Durante sua ausência, Roderick...

— Eu não sei qual é seu propósito, mas essa história tem de acabar. — Michaela nunca o vira tão furioso. Pela primeira vez estava sentindo medo do que aquele homem poderia fazer. — Você não merece Roderick. Eu não permitirei que o tenha.

A tensão e o medo de Michaela, somados ao absurdo daquela situação, lhe provocou, subitamente, uma risada histérica.

— Que conversa mais estranha! Do jeito que está me tratando, Hugh, da maneira como está falando comigo, até parece que eu estou diante de um rival. — Michaela interrompeu o discurso ao ver seu oponente virar de costas, mas não antes de ela notar a palidez que lhe cobriu o rosto. Conforme as peças do quebra-cabeça se encaixavam, Michaela levou uma das mãos aos lábios. — Você também se apaixonou por ele...

Alguns segundos passaram até que Hugh tornasse a olhar para Michaela. Um sorriso triste marcava seu semblante.

— Culpado — ele confessou.

— Oh, meu Deus! — Michaela exclamou, perplexa. — Ele sabe?

— Lógico que não! O tipo de afeição que Roderick tem por mim não é da mesma natureza. Eu só quero estar perto dele. Não espero nada em troca. Viver aqui e cuidar de Roderick e de Leo é tudo que desejo. — Hugh fez uma pausa. — Talvez você não seja tão tola, afinal.

Michaela baixou os olhos, mas logo voltou a falar:

— Se você sabe que ele nunca corresponderá a seu amor, por que não quer me ajudar a fazê-lo feliz, como só uma mulher pode? Como Roderick deseja?

— Você não sabe o que ele quer.

— Sim, eu sei. Roderick me deu provas disso em meus aposentos e nos dele.

A intenção de Michaela não era ferir os sentimentos do outro, mas era essencial que fosse informado de que ela também amava Roderick e que não estava disposta a desistir dele.

O olhar de Hugh estava direcionado para a janela. Do lado de fora, facho de luz cortavam a escuridão, conforme os raios alcançavam a terra.

— O que pretende fazer a respeito, milady? Contar a Rick meu sórdido segredo para que ele passe a me desprezar e me detestar? Para que ele me mande embora de Cherbon?

— Ele não faria isso. Ele gosta de você e continuará seu amigo. Seu segredo, Hugh, está seguro comigo.

O homem forte e atraente, dono de um humor irreverente, deixara de existir. Em seu lugar se mostrara uma criatura solitária e melancólica que despertou a paixão de Michaela.

— Obrigado, milady.

— Mas eu não desistirei de lutar por ele — Michaela repetiu. — Nós vamos nos casar e eu espero que nos tornemos marido e mulher de verdade, Você não considera importante que nós todos nos esforcemos para alcançarmos a felicidade que merecemos?

— Sim. É por isso que não acredito que seu plano tenha êxito.

— Por que não? — Michaela franziu o rosto. — Eu não estou entendendo.

— Duas pessoas apaixonadas pelo mesmo homem? — Hugh balançou a cabeça. — Roderick terá de escolher um de nós.

— Suponho que você esteja certo. — Michaela acabou concordando. — E nesse momento, o outro deverá honrar a escolha feita.

— Está afirmando que deixará Cherbon, caso Rick me escolha?

— Sim — Michaela prometeu.

— Mesmo que o cumprimento de sua palavra signifique a ruína de sua família?

— Sim, eu deixarei Cherbon — Michaela prometeu solenemente. — De sua parte, porém, terá de jurar que respeitará a vontade de Roderick e que nunca mais tentará interferir em nossa relação nem sabotar meus planos de conquistá-lo. Não lhe pediria para deixar o castelo, mas se me ocorrer a mais leve desconfiança de que você não está cumprindo nosso acordo...

Hugh interrompeu-a sem hesitar.

— Eu não quebrarei minha palavra. Ainda me resta algum orgulho.

Michaela se levantou e estendeu a mão.

— Estamos acertados? Hugh correspondeu ao gesto.

— Não estava em meus planos que você fosse se apaixonar por Roderick, mas eu me comprometo a honrar nosso pacto. Neste momento, o que pensa fazer?

Michaela olhou para a porta. O fato de haver um acordo entre ela e Hugh não significava que fosse contar a ele detalhes de seu plano e a natureza quase desesperada de sua missão aquela noite.

— Poderia cuidar de Leo, pela manhã, caso eu não esteja de volta antes de ele acordar?

— Claro que sim — Hugh respondeu de pronto. — Tenho feito isso quase que desde que ele nasceu. Estou surpreso, aliás, que Leo ainda não tenha me procurado com a tempestade que se anuncia.

Determinada a superar todos os obstáculos que a separavam do homem que seria seu marido, Michaela relevou o tom e agradeceu com um sorriso antes de abrir a porta.

O corredor estava frio, úmido e escuro. O elo partido aquecia seu peito de uma maneira estranha. Ela podia vê-lo brilhando contra sua pele, preso à corrente de ouro, embora estivesse oculto sob o vestido.

A tempestade estava aumentando lá fora e cada trovão parecia sacudir as pedras que sustentavam o castelo.

Não havia janelas ao longo dos corredores e isso confortou Michaela pela primeira vez em seu confinamento.

Tempestades eram espetáculos que, embora magníficos em sua força e beleza, lhe provocavam medo além de respeito. Naquela noite, em especial, ela sentia como se as nuvens negras estivessem vigiando-a para impedir que colocasse seu plano em ação.

Com todos os músculos e nervos do corpo tensos, ela chegou aos aposentos de Roderick. Seu coração palpitava. Fechou os olhos antes de encostar seu rosto na porta e tentar ouvir algum ruído que indicasse que ele estava acordado.

Relâmpagos e trovões se sucediam. Raios riscavam o céu e morriam na terra sob protestos, como ondas quebrando nas pedras sob o açoite dos ventos. Ela ergueu a mão, mas cada vez que se preparava para bater, outros trovões a precediam como se fossem cem cavaleiros correndo com seus cavalos.

O fôlego suspenso, Michaela deslizou os dedos pela madeira e ergueu a tranca para abrir a porta. Seu movimento foi abafado pelo rugir de mais um trovão.

Capítulo XXVI

Deitado em sua cama, Roderick queria que os raios de fogo prateado queimassem o medo da vida que o esperava além do conforto e da proteção de seu quarto. Sua alma se debatia em incertezas. Ele já não sabia quem era nem em que espécie de criatura estava se transformando.

Seu pé esquerdo inexistente começara a coçar outra vez, e isso o estava levando à loucura. Por mais que repetisse a si mesmo que o que estava acontecendo era fruto de sua imaginação e que de nada adiantaria ele tirar a bota, sua vontade era gritar que a sensação era real e que seu pé lhe fora restituído.

A bota. Seria preciso tirá-la, mais cedo ou mais tarde, mas Roderick pretendia adiar esse momento o máximo que pudesse. Não havia explicação para o milagre. Tinha medo de tirá-la e com isso desfazer o milagre.

Nunca sentira tanto medo antes em sua vida. Porque a realidade se imporia ao sonho, e ele seria obrigado a enfrentar o pesadelo de sua mutilação.

O medo que o assaltava era ainda mais terrível pela probabilidade de perder a capacidade de locomoção que adquirira nos últimos dois dias. Como se, ao tirar a bota, fosse renegar sua parte na barganha feita inconscientemente com forças obscuras.

Um fio de suor escorreu pela frente de Roderick ao pensar na possibilidade de ter de abandonar a esperança de se tornar novamente um homem por inteiro.

Não, ele não podia perder sua perna agora que ela lhe fora devolvida. Por obra de Deus ou do demônio. Ele não sabia. Hugh ficaria perplexo quando descobrisse o que acontecera. Não haveria como explicar ao amigo.

Como, se ele próprio estava assombrado por esse mistério?

De qualquer modo, Roderick não poderia adiar por muito tempo mais a revelação. O amigo Hugh era sua única testemunha de que seu pé esquerdo era mecânico.

Até agora.

Michaela Fortune era sua noiva. Logo seria sua esposa. No entanto, ela ainda não conhecia a verdade sobre o problema que o obrigava a mancar ao caminhar. Como e quando ele deveria lhe contar?

O bom-senso lhe dizia sobre a impossibilidade de sua nova perna ser real.

Por outro lado, não era invenção de sua mente que ele estivesse andando sem o apoio de um cajado e que tivesse montado em um cavalo sem ajuda de ninguém.

Estava acontecendo! Ele não estava louco, embora parecesse loucura pensar que talvez um dia ele se tornasse o marido que desejava ser para a srta. Fortune. Um pai para Leo. O senhor de Cherbon.

Um clamor brotou do peito de Roderick, e ele ergueu o braço para esconder os olhos de mais uma faísca prateada que parecera atravessar o espaço para atingi-lo. Queria ter sua mãe a seu lado naquele momento.

A figura maternal que começava a desbotar em sua memória, manchada pelo tempo e pela dor. Lembrava-se da mãe deitada em uma cama, com os cabelos longos espalhados sobre os travesseiros, as faces pálidas, os olhos encovados.

Em suas lembranças, a mãe se apresentava invariavelmente estendida sobre um leito. Mas apesar dos males que a afligiam, ela fora a única fonte de conforto e doçura que Roderick tivera em seu passado.

Todavia, só o pai acertara com relação ao caráter do filho. Roderick admitia ser um fraco. E também estava se tornando um lunático. A insensatez estava se espalhando por seu cérebro, apertando seu peito...

— *Você está crescendo, Roderick, e se tornando um belo rapaz — a mãe lhe dissera. — Mas não está tão grande que não possa vir me ver, e se deitar a meu lado, não é mesmo?*

Roderick subira na cama da mãe imediatamente, apesar de já ter completado nove anos, com cuidado para não fazer nenhum movimento abrupto que pudesse machucá-la.

Sua mãe era muito frágil e doente, menor do que ele próprio. Naquela ocasião, ela conseguiu erguer a mão pálida para acariciar seu rosto, e lhe ofereceu um raro sorriso.

— Você é meu bem mais precioso — ela sussurrara. — Minha maior realização. Eu te amo muito. Se eu tiver de partir, você ficará bem?

Um raio iluminou o quarto rapidamente e um trovão sacudiu a cama como se trouxesse consigo uma sentença de morte.

— Aonde a senhora vai, mamãe? .

Ela deslizou o polegar pela face até o queixo de Roderick. Ele fechou os olhos e teve a impressão de que uma folha caíra sobre seu rosto, tão leve, tão macio e gélido era o toque.

— Magnus é um homem duro. Você sabe disso. Mas embora ele acredite que você tenha herdado minha fraqueza, eu afirmo que Magnus está errado. Você é um menino forte e será um homem forte. Mais forte do que seu pai.

— Mais forte do que meu pai! — Roderick não pensava que isso fosse possível. Seu pai era poderoso como uma montanha. Considerava-se o dono do mundo.

Dorian fez um movimento afirmativo com a cabeça e seus cabelos produziram uma espécie de sopro ao roçarem contra o travesseiro.

— Ele percebe que sua força é diferente da dele, e essa condição o amedronta. Magnus é forte de corpo e de vontade. A sua força, meu filho adorador, reside em seu coração. — A mãe tocou no peito dele com o indicador.

— E essa espécie de força pode mudar não apenas Cherbon, mas o mundo inteiro.

Roderick se lembrava de que a voz da mãe se tornara mais baixa, mais sussurrada, a partir daquele momento.

— Se eu tiver de ir embora, não pense mal de mim.

Sou fraca, como seu pai me acusa. E estou cansada, tão terrivelmente cansada, meu amor, que não posso suportar mais... Você me entende, não é? Roderick não entendia.

— Aonde a senhora vai, mamãe? — ele tornou a perguntar. — Posso ir com a senhora?

Ele não estava gostando daquela conversa. A mãe o assustava quando falava em ir embora. Gostava de se deitar ao lado dela para conversarem, para que ela o aconchegasse. Ficaria ao lado dela para sempre, se pudesse. Aquele quarto, mergulhado em silêncio, era o único lugar no mundo em que Roderick se sentia seguro. Se sua mãe fosse embora, só lhe restariam o pai e a babá desalmada...

— Lembre-se sempre de que eu te amo, Roderick. Que eu te amo como Deus te ama. Incondicionalmente. E se algum dia lhe ocorrer o pensamento de que eu talvez não o tenha amado o bastante, peça para Deus iluminá-lo e fazê-lo recordar este momento. Da mesma forma, se você um dia sentir que Deus o abandonou, chame por mim. Um dia você entenderá o que eu quis lhe dizer com isso.

Roderick não entendeu o que a mãe quisera dizer com aquelas palavras enigmáticas. Ela estava exausta e precisava descansar. Por isso, ele fez um sinal de assentimento.

Sua mãe lhe sorriu outra vez e tornou a estender a mão, agora para lhe afagar os cabelos. Com uma leve pressão no ombro, ela o convidou para chegar mais perto. Seus olhares se encontraram conforme passaram a dividir o mesmo travesseiro.

— Deixe-me ficar olhando para você — ela murmurou, afastando vezes sem fim os cabelos que teimavam em lhe cair sobre a testa. — Pode dormir, se quiser.

Com um sorriso satisfeito, Roderick negou com a cabeça, mas acabou fechando os olhos ao perfume suave, de sabão que se desprendia dos cabelos de sua mãe e da roupa limpa de cama. Ele nunca se sentira tão em paz. Sentiu, inclusive, o toque dos lábios da mãe nos seus. Não queria dormir. Queria continuar olhando para ela...

Um estrondo o acordou, e de seus lábios infantis brotou o chamado urgente.

— Mamãe!

O quarto estava escuro. A cama a seu lado estava vazia. Dorian se fora. O cobertor que a cobrira agora estava jogado sobre suas pernas. O travesseiro ainda guardava a marca da cabeça da mãe.

Sua mãe tinha ido embora.

Ele nunca mais tornaria a vê-la.

Capítulo XXVII

O grito abafado refletiu a mente atormentada de Roderick. Por que sua memória traiçoeira se aproveitara da tempestade daquela noite para lhe despertar lembranças tão dolorosas?

Fazia anos que ele não se permitia recordar suas últimas horas de convívio com a mãe na Terra.

Agora, suas palavras de despedida assaltavam seus ouvidos como a coceira se espalhava por seu pé e por sua perna esquerdos.

Dorian Cherbon fora a única pessoa em toda sua existência a dizer que o amava.

Até surgir Leo. E Michaela Fortune.

Ele decepcionara a todos.

Roderick se pôs a urrar de frustração e de revolta e a golpear o colchão.

Uma voz de mulher o alcançou como um sussurro. Abriu os olhos e na escuridão, um súbito raio lhe mostrou a figura de Michaela Fortune, inclinando-se sobre ele.

— Está tudo bem — ela disse e beijou-o de cada lado do rosto, antes de subir na cama e se deitar ao lado dele. — Eu estou aqui agora. Eu estou aqui.

Michaela pensou que Roderick devia estar tendo um pesadelo quando o clarão de um raio lhe possibilitou ver o rosto dele. As feições estavam contraídas, e os olhos brilhavam como se ele estivesse ardendo em febre.

Com extrema gentileza, ela pousou os lábios nos dele. Roderick continuou imóvel, como se ainda estivesse sonhando, embora seus olhos estivessem abertos. Mas se não a repeliu, tampouco correspondeu a seu carinho. Devagar, Michaela virou na cama de modo a se colocar por cima de Roderick. As saias tolhiam seus movimentos, mas talvez fosse melhor assim.

Ela não queria assustar Roderick. Ele precisava se acostumar aos poucos com sua presença, com seu toque, com o peso de seu corpo sobre o dele.

— Eu estou aqui por você — Michaela sussurrou. — Só por você.

— Está cometendo um erro — ele disse, incapaz de reagir, acuado por um profundo sentimento de inferioridade.

— Não. Eu já cometi muitos erros em minha vida, inclusive com você. Mas não esta noite.

— Eu não tenho condições de amá-la. Não da maneira que você espera. Não acredito nem sequer que um dia consiga amar Leo como um pai ama um filho.

— Eu aceito qualquer forma de amor. O que você puder me dar e a Leo será o bastante. — Michaela tornou a beijá-lo e novamente ele não correspondeu. Corajosa e determinada, aprofundou o beijo. Quando ergueu a cabeça para lhe falar, seu rosto foi iluminado por outro raio. — Até que você possa realmente me amar, eu o amarei o suficiente por nós dois.

Dessa vez, quando Michaela o beijou, Roderick retribuiu com intensidade.

As mãos de Michaela abandonaram a maciez do colchão para emoldurarem o rosto masculino. Com a retirada do apoio, o peso de seus seios se distribuiu pelo peito de Roderick.

Ela sentiu a rigidez e a potência do corpo sob o seu, e a sensação de ter aquele

homem, temido por todos, quase inteiro sob seu domínio lhe proporcionou uma estranha vaidade, um verdadeiro orgulho como mulher.

Ele a tocou na parte inferior das costelas, como se temesse machucá-la. Lentamente, começou a explorar as curvas dos quadris e dos seios.

Por mais que Michaela tivesse dado asas à imaginação sobre como seria sua primeira vez com um homem, em nenhum de seus mais ousados devaneios lhe ocorrera que seria ela a tomar a iniciativa.

Com os nervos à flor da pele por essa tomada de consciência, Michaela estremeceu. Não recuou, porém. Em vez disso, fitou-o e se pôs a desabotoar o corpete até que ele tombasse em sua cintura, desnudando os seios.

— Você é linda — A voz de Roderick soou maravilhada, embora aflita. — Linda demais para mim.

Michaela fez um movimento de negação com a cabeça. Um novo raio iluminou o quarto e revelou os mamilos intumescidos pela baixa temperatura ambiente. Em silêncio, ela pegou as mãos de Roderick e levou-as aos seios, fechando os olhos ao contato. As mãos quentes produziram uma sensação deliciosa contra a pele fria. Em um novo arroubo de atrevimento, ela o convidou a se erguer e tirar a camisa.

Roderick pareceu se transformar em pedra por um instante. Então, com os cotovelos e depois as mãos, ele ergueu o tronco de modo a alcançar Michaela e poder fitá-la nos olhos.

Sem afastá-los, Roderick tirou a camisa por cima dos ombros, segurou Michaela pelos braços e a levou consigo quando retomou sua posição sobre a cama. A camisa ainda não havia chegado ao chão, tal a rapidez com que ele reagiu.

Se o calor das mãos de Roderick a fascinou, a sensação de pele contra pele a transportou às alturas. Os pelos que cobriam o tórax e o abdômen lembravam relva macia em contraposição à solidez da terra. E quando ele tomou a iniciativa do beijo, ela pressionou os seios ao peito musculoso e pôde sentir o pulsar do sangue nas veias. Os braços que a envolviam eram imensos e fortes como o céu que os cobria, como a tempestade que abalava Cherbon. Reais, exigentes, assustadores.

Não sem dificuldade, Michaela interrompeu o beijo e se afastou. Deitada ao lado dele, impediu-o de alcançá-la quando ele tentou se inclinar em sua direção. Antes que Roderick tentasse adivinhar o motivo, Michaela usou ambas as mãos para acabar de se despir, lançando o vestido para fora da cama. Estava escuro e não deu para vê-lo cair no chão, mas certamente, antes que isso acontecesse, as mãos de Michaela já estavam na cintura de Roderick.

— O que você está fazendo? — ele perguntou, e ela notou um toque divertido na voz.

— O que você acha?

— Uma confusão com o nó que ajusta a calça na cintura?

Ele a fizera rir, e isso era esplêndido. Exultante, Michaela desistiu da empreitada a favor dele.

— É melhor você fazer isso.

A brincadeira parecia ter terminado. O tom de voz de Roderick soou sério.

— Você está cometendo um erro, Michaela.

— Não, não estou — ela confirmou a declaração de antes.

Cansada de esperar, projetou-se em direção aos pés da cama e puxou a faca que Roderick carregava invariavelmente na bota direita.

Alarmado, ele tentou detê-la, tarde demais. Porque até que ele se sentasse na cama, Michaela já estava empunhando a lâmina e cortando os cordões da calça. Pressionada pela ereção, a calça deslizou sem resistência e sem ruído. O único som que se ouvia no quarto era a tomada de fôlego de lorde Cherbon.

Michaela se livrou da faca e ela também foi lançada no escuro.

Três raios em sucessão brilharam sobre o casal. Em cada precioso momento, Michaela pôde ver a rosto pálido e contraído de preocupação, mas também de intensa excitação e necessidade.

— Jamais serei o homem que você deseja que eu seja — Roderick a preveniu.

— Você já é — ela afirmou, terminando de despi-lo com um movimento brusco.

Sem se dar tempo para refletir ou se arrepender, Michaela ergueu uma perna e projetou-a sobre o quadril de Roderick. Tomou-o em seguida em sua mão e se negou a ouvir a voz enrouquecida que lhe pedia para esperar.

Seu grito se confundiu com o de Roderick. Dor, paixão e surpresa. Ele era grande, e não foi fácil para seus músculos virginais se acomodarem à potente ereção, mas Michaela não se permitiu desistir até recebê-lo por inteiro. Sem fôlego, esperou até que a dor diminuísse, embora os músculos latejassem sem trégua. Obrigou-se, então, a se mover, devagar. Como por vontade própria, seus ombros se curvaram e ela pôde ver a sombra da corrente que trazia no pescoço balançando como um pêndulo.

A mão de Roderick se fechou sobre a corrente e, em um piscar de olhos, ele a puxou mais uma vez sobre o peito, rendendo-se por inteiro ao corpo de Michaela por sua livre vontade.

Ela ergueu as mãos e tirou a jóia, colocando-a ao redor do pescoço de Roderick. Beijou-o intensamente antes de se mover e absorvê-lo mais uma vez em toda a sua extensão.

Roderick levantou os braços e Michaela entrelaçou seus dedos aos dele. A meia-lua repousava na cavidade logo abaixo do pescoço e parecia refulgir a cada relâmpago. O balanço dos quadris de Michaela provocava gemidos e suspiros.

A vulnerabilidade de Roderick a excitava. Sua primeira experiência sexual não visava a seu próprio prazer, mas algo estava acontecendo. Uma pressão nas entranhas que estranhamente não causava dor, mas uma sensação comparável a uma espiral que girava com velocidade crescente e se encaminhava para uma inevitável explosão.

De repente, Michaela o sentiu inchar dentro dela, e seus gemidos se tornaram mais longos, misturando-se a palavras ininteligíveis.

Ela soube, sem que ninguém precisasse explicar, que Roderick estava perto do auge, e projetou o corpo para a frente, e para cima e para baixo. Um nó parecia apertar seu peito e sua garganta. Seus gemidos se misturaram aos dele, e um grito rouco escapou à aproximação de seu próprio clímax.

O tempo parecia ter parado. Suas sensações se resumiam aos espasmos ao redor do membro agasalhado no mais íntimo de seu ser. E, então, em um piscar de olhos, o mundo pareceu desabar e tragá-la.

Um grito diferente de todos que ela já ouvira acompanhou o som gutural que brotou dos lábios de Roderick. Ela se viu erguendo os quadris, perplexa com a sensação de ser penetrada. Em seu êxtase, Roderick se movera.

Michaela tombou para o lado e arrepiou-se à sensação erótica de Roderick se retirar de seu corpo. Por um longo tempo, não houve palavras. Apenas o som das respirações voltando ao normal.

— Por que você colocou sua corrente de ouro em mim? — Roderick finalmente perguntou, vencido pela curiosidade. — Sua mãe lhe disse...

— Que eu nunca a tirasse, eu sei — Michaela terminou a frase por ele. — Mas isso foi antes de eu ter você. Lembra-se daquele dia, no alto do rochedo? Você jurou me proteger, e eu acreditei em sua promessa.

— É claro que eu me lembro — Roderick respondeu —, mas jamais poderei protegê-la como um marido normal o faria. Da mesma forma que não posso fazer amor com você e pela mesma razão que abomino a idéia de me despir em sua presença.

— Eu sei de tudo — Michaela confessou em um murmúrio.

— Não, você não sabe. Não...

— Sim, eu sei, Roderick. — Michaela ergueu-se sobre um cotovelo e obrigou-o a sustentar seu olhar. — Eu sei sobre sua perna. Hugh me contou.

A voz de Roderick soou trêmula. Michaela o viu engolir em seco. — Você sabia? Você soube antes de... Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Antes de nós fazermos amor. Ele se virou para outro lado.

— Por que fez isso?

— Porque eu te amo. Porque queria provar que você é um homem, que continua a ser um homem. O homem que eu quero para ser meu marido, em toda a extensão da palavra. Você é perfeito para mim. Tudo em você é perfeito.

— Pare!

— Não, eu não vou parar — Michaela retrucou gentilmente. — Você precisa conhecer a verdade antes de seguirmos em frente com nossos planos. Eu fiz amor com você esta noite para que entendesse de uma vez por todas que não estou me casando com sua fortuna, nem com seu título de nobreza, nem com seu castelo. Eu o quero por quem você é. E se você também me quiser, então me tomará por quem sou. Será meu marido, e eu, sua esposa. Para valer. Se você não for capaz de me dar o que estou pedindo, depois de tudo o que partilhamos esta noite, eu lhe direi adeus e partirei.

O silêncio pairou entre eles por longos minutos.

— Você está me colocando em uma posição difícil.

— Espero que chegue à conclusão de que ela não será tão difícil quanto lhe parece.

— Michaela tentou sorrir. — Meus pais devem chegar aqui amanhã ou depois. Ou o casamento será celebrado, ou eu voltarei com eles para casa. A escolha é sua. — Ela o beijou no rosto e rolou até a beirada da cama, levantando-se.

— Aonde você vai? — ele indagou, e Michaela desejou ardentemente ouvi-lo pedir que ficasse.

— Para meus aposentos — respondeu, já colocando o vestido sobre a cabeça. — Você precisa de tempo para pensar. Eu também.

Ele respondeu com um grunhido que a fez sorrir genuinamente. Movida por um impulso irresistível, ela se deslocou para o outro lado da cama e beijou-o na boca.

— Boa noite, Roderick. Durma bem. Eu te amo.

Ele não respondeu, mas ela não esperava que o fizesse. Sem dizer mais nada, Michaela saiu.

Roderick permaneceu insone por um longo tempo. Talvez o que Michaela dissera fosse verdade. Talvez ela pudesse aceitá-lo pelo que era. Por que era tão difícil acreditar que continuava a ser um homem, ao menos aos olhos dela?

A resposta era uma só: como resistir se a felicidade que parecia agora estar a seu alcance se perdesse no dia seguinte?

Sem conseguir conciliar no sono, Roderick se levantou. Michaela não cortara o cordão inteiramente, e foi possível prender a calça razoavelmente na cintura. Sentado na beirada da cama, Roderick deu um impulso com os braços e firmou os pés no chão.

A bota esquerda dobrou lateralmente sob seu peso. Roderick foi dominado por um terror tão grande que não conseguiu emitir som algum. Não sentia mais a perna. No escuro, ele tateou a cama e tentou se agarrar a algo. Deixou escapar um grito ao descobrir que suas mãos escorregavam com as cobertas. A pancada que deu com a cabeça na cabeceira da cama o deixou momentaneamente tonto. Cego de dor, tentou apoiar o pé direito no chão, mas seu tornozelo vacilou. A queda, dessa vez, foi inevitável.

A corrente que Michaela lhe colocara ao redor do pescoço pareceu bater contra o chão por último. O delicado ruído o deixou como que hipnotizado. Ele havia perdido novamente a perna esquerda. Ou tudo não teria passado de um lindo sonho...?

Capítulo XXVIII

A esperança inundava o corpo dolorido de Michaela, conforme ela caminhava pelo corredor escuro rumo aos seus aposentos.

Era véspera de Natal. Ela não havia se lembrado até aquele momento da aproximação do feriado mais festejado do ano. Roderick ocupava todos os seus pensamentos. Ele deixara que ela fizesse amor com ele. O futuro finalmente parecia sorrir... para ambos.

Faltavam poucos dias para o casamento. Já podia começar a contar as horas para que ela, Roderick e Leo se tornassem uma família. O problema com Hugh a preocupava. Fora sincera ao afirmar sua posição sobre o amigo de Roderick continuar residindo em Cherbon, mas sabia, por experiência própria, o que significava amar sem ser correspondido. O casamento de Alan com Juliette a devastara. Como Hugh poderia suportar vê-la ao lado de Roderick todos os dias pelo resto de sua vida?

Seria perfeito se Hugh conhecesse alguém e se apaixonasse. Como acontecera com ela. A diferença era que Roderick e a distância a ajudaram a esquecer Alan. Também a ajudara a descobrir que o verdadeiro Alan não era o homem que ela imaginara. Hugh não poderia se entregar a essa ilusão. Ele conhecia Roderick, com suas qualidades e defeitos, e o amava como era. E Hugh também amava Leo e era adorado pelo menino.

Determinada a não dar guarida a essas possibilidades deprimentes, Michaela passou direto pela porta de seu quarto em direção a cozinha para pedir que lhe preparassem um banho e uma pequena ceia em uma bandeja. Queria se laxar, comer algo e se entregar pelo resto da noite apenas a pensamentos otimistas. Como um gesto de carinhosa lembrança, mandaria que preparassem outra bandeja para Roderick.

No alto da escada, Michaela parou de repente. Uma discussão acalorada estava acontecendo entre um homem e uma mulher.

— Não pode subir agora, milorde!

— Saia do meu caminho, mulher, ou eu a empurrarei por estes degraus abaixo! Sei que ela está aqui! Vasculharei o castelo inteiro, se for preciso!

O sangue gelou nas veias de Michaela ao reconhecer a voz de Alan; Não houve tempo para ela tentar se esconder. Depois de ameaçar a criada, Alan ergueu os olhos e a viu. Estava com as roupas e os cabelos encharcados pela chuva torrencial.

— Michaela, graças a Deus! Elas estão com você, não estão? Por favor, diga que sim!

A criada, em uma batalha perdida, tentava deter o visitante inoportuno puxando-o pela túnica.

— Pode soltá-lo, sra. Brown. Está tudo bem — Michaela acalmou a criada e dispensou-a. — Pelo amor de Deus, milorde, de quem está falando?

— De Elizabeth e Harliss — Alan respondeu, ofegante.

— Elas estão aqui, não estão?

— Não, não estão. Por que estariam? — Michaela respondeu, surpresa. — Harliss foi banida de Cherbon.

Uma sensação de frio desceu pela nuca de Michaela. Uma gota de chuva parecia ter conseguido penetrar pelas pedras e pingado em sua pele. Ou talvez a tivesse atingido, vindo das roupas ou dos cabelos de Alan em sua compreensível agitação. Condoída, ela o segurou pelo braço.

— Venha comigo. Lá embaixo você poderá me explicar melhor o que está acontecendo.

— Não há tempo! — Alan gritou, desvencilhando-se.

— Se elas não estão aqui, podem estar vagando no meio desta noite tenebrosa. Perdidas!

— Eu não estou entendendo — Michaela murmurou, assaltada por um súbito pressentimento.

As forças faltaram a Alan, e ele precisou apoiar as costas na parede e fechar os olhos por um momento.

— Elizabeth tornou a fugir. Harliss correu em seu encalço e parecia estar alcançando-a, quando ambas desapareceram na tempestade.

— E lady Juliette?

Alan levantou a cabeça e Michaela notou que estava pálido.

— Estávamos perto de Tornfield Manor e eu pedi que ela prosseguisse sozinha. Elizabeth e Harliss estavam perdidas. Eu não podia me dividir em dois. Fiquei desesperado. Juliette insistiu que eu fosse atrás delas, dizendo que ficaria bem e que sua presença poderia comprometer a busca, porque Elizabeth, afinal, fugiu por não aceitá-la como madrastra.

— Deus do céu! — Michaela exclamou. — Avisarei lorde Roderick e nós...

O discurso de Michaela foi interrompido por uma voz grave vinda do alto.

— Onde está Leo?

Michaela não conseguiu falar. Seus olhos dilataram de pavor. Hugh desceu a escada de dois em dois degraus e franziu o cenho ao deparar com Alan.

— Foi ele! O miserável invadiu o castelo para roubar o filho de lorde Cherbon!

Alan, ainda encostado à parede, resvalou até o chão.

— Ele não esteve no quarto de Leo — Michaela contou, rezando silenciosamente para que estivesse errada em suas deduções.

— Alguém entrou lá e veio de fora. O chão está todo molhado, e a cama vazia. Se Leo não está com vocês, onde ele pode estar? — Hugh insistiu.

Sentado no chão, Alan ergueu a cabeça e um punho fechado no ar.

— Elizabeth! Como você pôde fazer isso? A palidez de Alan se refletiu em Hugh.

— Sua filha raptou Leo?

Antes que Hugh colocasse as mãos nos ombros de Alan, Michaela se pôs entre os dois homens.

— Harliss estava com Elizabeth quando a menina fugiu.

O ofegar de Hugh foi audível, assim como o suspiro de Alan.

— Talvez eu esteja me preocupando à toa — disse Alan. — A babá protegerá as crianças.

— Eu tentei avisá-lo — Michaela declarou, aflita. — A situação é muito mais grave do que você pensa! Harliss é louca! Em sua sede de vingança, ela tentará atingir Roderick e a mim através das crianças. Além de maluca, Harliss é má!

Alan se curvou sobre si mesmo e soluçou. Hugh, contudo, pareceu crescer, e seus olhos brilharam com determinação. Michaela admirou-o. Com sua força, ele salvara a vida de Roderick. Como ela pudera algum dia ter duvidado de sua fidelidade, de sua integridade?

— Tire esse sujeito daqui e vasculhe o castelo. Informe-se com os criados que cruzarem seu caminho, mas não faça alarde. Eu avisarei Roderick e iremos ao seu encontro.

— Sim. Está bem — Michaela se apressou a concordar e a agradecer mentalmente pela presença de espírito daquele homem.

— Eu juro... — Hugh encarou Alan antes de se afastar.

— Juro que o matarei com minhas próprias mãos se algo de ruim acontecer a Leo. Eu o farei pagar por sua escolha infeliz!

Michaela entendeu o que Hugh queria dizer. Ela nunca teria se apresentado em Cherbon como candidata a noiva do senhor daquele castelo, se Alan não a tivesse preterido para se casar com Juliette.

— Levante-se, Alan! — Michaela puxou-o pelo braço.

— Se você ama sua filha e deseja encontrá-la com vida, arme-se de coragem e venha comigo!

Dois dias após o milagre, Roderick se esquecera do peso que precisava carregar a cada passo. Era estranho, mas ao se apoiar sobre a bengala, ele parecia estar andando pela primeira vez, desde que perdera uma parte da perna. Talvez a pancada na cabeça fosse, em parte, responsável por aquela sensação de torpor, além de todos os acontecimentos da noite.

Michaela fora até seu quarto e fizera amor com ele. Ela o amava e o queria, apesar de ele ter insistido em se isolar do mundo e das emoções. Mas as emoções o venceram e ele se deixara levar por uma ilusão. Agora não poderia mais fingir. O que acontecera? Por que a velha bota perdera seus poderes? Ele ainda a calçava. Por que ela estava lhe negando a chance de voltar a ser um homem por inteiro, para que pudesse amar Michaela como ela merecia ser amada?

Era insuportável. Ele voltara a ser a criatura patética de antes, um monstro incapaz de amar, de ter uma família, de viver.

Incapaz de prosseguir, Roderick ergueu um braço e se apoiou na parede, fechando os olhos até que o tremor paralizante cedesse. Nunca mais conseguiria olhar para Michaela. Não depois de lhe ter mostrado que conseguia andar sem ajuda, que conseguia montar em um cavalo, segurar Leo no colo e girá-lo no ar. Nos últimos dois dias ele se sentira tão forte e saudável que chegara a pensar em desafiar Hugh para uma luta.

Inconsolável, Roderick continuou seu caminho. Michaela parecia ter sido sincera em sua declaração de amor, mas com o tempo, ela se cansaria das limitações do marido e acabaria buscando consolo nos braços de outro. A impressão que ele tinha, agora que se apaixonara, e que vislumbrara a possibilidade de um futuro feliz, era que estavam lhe arrancando as entranhas.

Talvez fosse assim que sua mãe se sentira quando decidira entrar no mar e deixá-lo para sempre. Ela também estava doente e vulnerável. Ela também o amava e acreditava que o filho ficaria melhor sem o peso de seus problemas para carregar.

Sua mãe estava certa ao tirar sua própria vida? Ele vivera melhor sem ela?

Um calafrio percorreu a espinha de Roderick, e a corrente de Michaela, esquecida sob a camisa vestida apressadamente, começou a provocar uma forte coceira. Distraído, Roderick se pôs a esfregar a pele. De repente, seus olhos pousaram na porta ricamente entalhada, iluminada por velas, uma de cada lado. A inscrição em latim dizia sobre o lintel:

Oh, Senhor, que as almas que perambulam às portas do inferno possam ser libertadas.

Uma raiva surda se apoderou de Roderick. Uma raiva incomparável a tudo que ele já sentira. Do pai, de suas enfermidades, de Aurélia por ter adoecido, de Leo por ser uma criança inocente, da mãe que se suicidara, de Michaela por ter vindo a Cherbon e pela tolice que fizera em se apaixonar por ele.

Furioso como um dragão, Roderick empurrou as portas da capela.

Capítulo XXIX

Michaela não pensou duas vezes antes de sair no meio da tempestade sem se proteger, usando apenas sua camisola de dormir e chinelos. Leo estava em algum lugar lá fora. Ele e Elizabeth. Precisava encontrá-los e salvá-los de Harliss.

Recuperado do choque, Alan corria ao lado de Michaela. Para não se perderem na escuridão agravada pela tormenta, eles se deram as mãos. O terreno se tornara perigoso com os sulcos e buracos cavados pela força das águas. Tocas de coelhos e de pequenos animais se tornaram verdadeiras crateras. Não podiam se arriscar a cair. As profundezas da terra os engoliriam.

Os relâmpagos permitiam que vissem o mar adiante. Ondas gigantescas, cobertas de espuma, estavam alcançando o alto do rochedo. O coração de Michaela se contraiu de pânico. O sangue começou a correr mais frio do que a chuva, em suas veias.

— Veja, Michaela! — Alan se abaixou bruscamente e apanhou um pequeno objeto do chão: um sapatinho de couro.

O sapato de Leo.

Alan percebeu de imediato que o sapato pertencia ao filho de lorde Cherbon, pela reação de Michaela. Não havia tempo a perder. Sem dizer nada, ele a puxou pela mão, obrigando-a a prosseguir com a busca.

— Eles devem ter seguido em direção ao penhasco — Alan sugeriu, sem que parassem de correr. — Você sabe da existência de algum tipo de abrigo por aqui? Uma cabana de pescadores, talvez?

— Não. Eu só conheço a trilha que desce até a praia. Em uma tempestade como esta, o mar deve ter avançado e coberto a estreita faixa de areia.

O vento frio e a chuva faziam Michaela tremer incontrolavelmente. Um arrepio a percorreu ao pensar que os fantasmas deviam estar rondando as sepulturas e vigiando seus passos. Talvez Dorian Cherbon estivesse entre eles. Talvez ela, que já havia trilhado aquele caminho para ir ao encontro da morte, pudesse guiá-los até seu neto.

O chamado de Alan soou urgente.

— Depressa, Michaela! Para onde mais eles podem ter ido?

Ao alcançarem o topo do rochedo, olharam para baixo. A maré estava subindo rapidamente. Logo a estreita faixa de areia se tornaria um prolongamento do oceano. As crianças não ousariam descer sozinhas pela íngreme e sinuosa trilha.

A um novo clarão, Alan deu um grito. Aconteceu de repente. Ele soltou a mão de Michaela e rolou sobre uma pedra solta. Michaela se pôs a chamar por ele acima do vento. Por que Alan não respondia? E por que Roderick estava demorando tanto para vir ajudá-los?

Aos tropeços, Roderick se deteve diante do altar. Não sabia o que fazer. Não sabia como viera parar na capela.

Pequenas lamparinas a óleo queimavam de cada lado do tabernáculo, emprestando brilho às superfícies douradas e lançando sombras providenciais sobre o crucifixo suspenso no alto. Um cheiro estagnado de incenso parecia brotar das pedras. Por um instante, Roderick fechou os olhos e teve a impressão de voltar dois anos no tempo e jazer entre os feridos no hospital em Constantinopla. O mesmo crucifixo, o mesmo cheiro, a mesma atmosfera enfumaçada.

O gosto de sangue, a dor lancinante, a perna que queimava incessantemente sem que o fogo a consumisse. O rosto pálido de Hugh, que se empenhava em salvá-lo, quando tudo o que ele queria era o alívio da morte, a fuga para longe daquela fumaça que ardia em sua garganta e em seus olhos, daquele cheiro nauseante, dos gritos e lamentos que ecoavam em seus ouvidos... Do crucifixo voltado para ele como por ironia... A fuga para um lugar onde ele pudesse encontrar sua mãe e nunca mais ver o pai.

Até Heraclea, Roderick acreditava em orações. Quanto ele rezara para que Deus conduzisse seus homens à vitória justa, que poupasse suas vidas... Como implorara para que seu pai o recebesse com orgulho quando voltasse para casa!

Mas Deus não atendera a nenhuma de suas súplicas.

Seus homens passaram fome, foram devastados pelas doenças e finalmente trucidados. No afã de salvar ao menos alguns, ele quase pagara com a própria vida. E em troca de seu sacrifício, perdera a perna e sua virilidade.

Antes tivesse morrido!

Seu único consolo fora encontrar o pai morto ao chegar. Magnus Cherbon não tivera a chance de humilhá-lo, nem de ter o próprio orgulho ferido mais uma vez por outro fracasso do filho.

O ódio e a revolta vibraram na voz e no corpo de Roderick.

— Por que não me matou de uma vez? — Ele atirou a bengala sobre o tabernáculo.

— Por que me condenou a tanto sofrimento antes de me levar? Por que me entregou um menino que não é filho de minha carne, e que sem o saber olha para mim como se eu fosse seu legítimo pai? Por que colocou em meu caminho a única mulher que eu poderia amar até o fim de meus dias e me impediu de ser o homem que ela merecia ter? Por quê?

Vencido pela dor e pela exaustão, Roderick se prostrou sobre o joelho direito, a perna esquerda estendida lateralmente, e se apoiou sobre a mão direita. Os soluços sacudiam seu corpo torturado.

— Eu já não sofri o bastante? Já não perdi tudo que me era mais caro? Sua crueldade não tem limites? Precisa me punir ainda mais, atingindo as únicas criaturas deste mundo pelas quais fui capaz de abrir meu coração morto? Acabe comigo de uma vez! — Roderick enxugou as lágrimas que deslizavam copiosamente. — Mande-me para o inferno, mas proteja-os! Livre-os de mim!

Um choro convulso calou Roderick. Sem forças, ele dobrou o corpo até encostar a fronte no chão de pedra. Seus ombros tremiam. As lágrimas se derramavam, purgando o veneno de sua alma.

Ali ele ficou até os soluços irem morrendo como as velas consumidas pelas chamas. E na tênue luminosidade, o caos de sua mente deu espaço para boas lembranças.

Primeiro de sua mãe.

Você é um menino forte e será um homem forte. Lembre-se sempre de que eu te amo muito.

Depois de Hugh.

Você será curado! Persevere! Não desista!

Em seguida de Leo.

Eu também amo meu papai!

E por último de Michaela:

Você jurou me proteger e eu acreditei!

Ele os amava, e seu amor era correspondido. Por que Deus não permitira que ele voltasse ileso de Constantinopla? Se ele fora para o Oriente em sagrada missão, por que sua companhia tivera de tombar em combate? Por que ele tivera de voltar vencido e mutilado?

Se você não tivesse se ferido gravemente, teria voltado a ver Aurélia? Teria salvado Leo da orfandade, da miséria e da morte? Teria regressado à Inglaterra e perpetuado uma grande amizade? Teria conhecido Michaela Fortune, a mulher mais formosa e valente que já conheceu na vida?

Roderick sabia que a resposta para cada uma dessas perguntas era "não". Se ele e Hugh tivessem retornado em glória, o amigo teria pagado suas dívidas e retomado suas terras. Ele teria voltado para casa, cheio de orgulho, ansioso para provar seu valor ao pai. Teriam seguido caminhos separados e provavelmente nunca mais tornariam a se encontrar.

Os encontros à meia-noite não existiriam para a troca de relatos e confidências regadas a vinho. Não teriam existido as brincadeiras, o apoio, a amizade sincera. Roderick não teria ninguém com quem dividir seus pesadelos e suas memórias.

Não haveria Michaela Fortune, com sua voz de anjo colorindo as paredes escuras de Cherbon, com seu corpo curvilíneo e virginal pressionando o dele em uma audaciosa prova de amor; seu amor e sua dedicação a Leo, sua fidelidade. Ela o apoiara contra Alan, contra Harliss, contra as terríveis lembranças de seu passado em Cherbon. Michaela trouxera mágica à sua vida. E não apenas em forma de uma velha bota que ele ainda usava no pé direito.

Nenhuma dessas notáveis pessoas, as únicas com exceção de sua mãe que ele verdadeiramente amara, faria parte de sua vida presente, caso não tivesse perdido uma perna e quase a vida, naquela peregrinação fatal.

Ele trocaria qualquer uma delas por sua perna? Para remover suas cicatrizes?

— Não — Roderick murmurou, prostrado em frente ao altar. — Não — repetiu, erguendo devagar a cabeça e tornando a ver a luz. Uma última lágrima escorreu por sua face conforme seus olhos buscavam o crucifixo. Não era uma lágrima de dor, ou de raiva, ou de desprezo.

Era uma revelação.

— Perdoe-me, Senhor.

Passos apressados ecoaram por trás das portas da capela. Roderick se virou ao mesmo tempo que Hugh irrompeu pela nave.

— Rick! Rick, graças a Deus! O que deu em você para se esconder aqui? Eu quase enlouqueci de tanto procurá-lo pelo castelo. Achei que a razão havia me abandonado de vez quando decidi vir para esta ala. — Enquanto discursava, Hugh se ajoelhou para ajudar Roderick a se levantar. — Você se feriu? Onde colocou a bengala? Precisamos nos apressar!

— O que está acontecendo? Por que você está nervoso? Está branco como um lençol!

— Alan Tornfield retornou a Cherbon: A filha desapareceu com Harliss, e nós temos motivos para suspeitar que estiveram aqui. — Hugh olhou ao redor e ao localizar a bengala devolveu-a a Roderick. — Leo não está em seu quarto.

— Você o procurou em meus aposentos? Nos seus e nos da srta. Fortune?

Hugh franziu o cenho ao assentir.

— Está me dizendo que Leo também desapareceu? — Roderick perguntou em desespero.

— Sim. Tornfield e a srta. Fortune já saíram à procura das crianças. Precisamos ir ao encontro deles.

A velha insegurança paralisou Roderick. — Como poderei acompanhá-lo? Eu não consigo andar...

— Você acha que eu não conheço suas limitações a esta altura? — Hugh ralhou. — No entanto, fui informado de suas proezas no outro dia. Se você foi capaz de andar sem a bengala e de montar sozinho sobre uma sela, trate de se calar e me seguir! A vida de Leo corre perigo, e também a da srta. Fortune. Não me ouviu dizer que Harliss está com eles?

Sem dizer mais uma palavra, Roderick se apoiou na bengala e começou a andar em direção à saída. Hugh nunca o vira caminhar tão rápido.

Ele estava sendo testado, Roderick pensou. Não mais por Deus, mas por si mesmo.

Capítulo XXX

Alan estava quase chegando ao local onde acreditava que as crianças pudessem ter se escondido quando uma pedra se soltou, desequilibrando-o. Michaela deu um grito de pavor ao vê-lo cair e deslizar pela encosta. Deus, Alan poderia morrer se batesse nas pedras lá embaixo. As ondas o levariam para o fundo do mar!

— Alan! — chamou em desespero. Se ele não conseguisse se agarrar a uma pedra ou a qualquer coisa que o segurasse, a queda o levaria à morte, e as ondas o levariam para o fundo do mar. — Meu Deus, salve-o! — Michaela rezou e chorou de alívio ao vê-lo se arrastar a poucos metros de distância, logo abaixo do lugar onde ela estava.

Só então Michaela entendeu a pressa e a ânsia com que Alan a puxara pela mão e enveredara por aquela trilha: uma fita azul-clara, agora escura por ter se molhado. Apanhou-a e guardou-a cuidadosamente junto ao sapato de Leo e continuou a descer pela encosta traiçoeira, precavendo-se contra a violência das ondas que já estavam quase atingindo a plataforma onde Alan caíra.

— Você está bem? — Michaela perguntou em voz alta para se fazer ouvir sobre os rugidos do mar e do vento.

— Devo ter fraturado meu braço... — Alan gemeu, levantando-se com esforço e impedindo Michaela de descer ao adivinhar sua intenção de socorrê-lo. — Não! Não saia daí! Ou nós dois acabaremos morrendo afogados!

Michaela não se moveu. Sem ter como ajudá-lo, ela rogou por sua salvação e das crianças. Devagar, com muito custo, Alan veio se arrastando até ela.

—: Você pegou a fita — ele murmurou, as feições contraídas de dor e de desespero.

— Sim. Você acha que Elizabeth e Leo entraram naquela fenda estreita e escura?

Alan fez que sim.

— Eu iria buscá-los, mas com este braço quebrado, não terei condições de defendê-los contra Harliss. Precisamos esperar por sir Hugh e Roderick.

— Eu descerei e entrarei na caverna. — Michaela empurrou os objetos contra o peito de Alan. — Não podemos esperar por eles. Seria tarde demais. Observe a marca nas pedras. A maré costuma subir além da entrada da gruta. A água logo invadirá tudo. Você precisa dar um jeito de avisá-los e trazê-los até aqui.

— Não, Michaela... — Alan ainda tentou detê-la, mas ela não lhe deu ouvidos.

No interior da caverna, as ondas pareciam sacudir as pedras. O coração de Michaela batia forte, conforme ela engatinhava pelo túnel escuro e estreito. Tão forte que ela conseguia distinguir o pulsar de seu sangue sobre o barulho das ondas.

— Leo! — ela gritou. — Elizabeth!

Uma voz infantil respondeu ao chamado. Uma voz inconfundível.

— Leo! — Michaela engoliu em seco e tentou se apressar.

Não deu tempo para nada. Um fecho de luz surgiu à sua frente e a tragou. O túnel terminava como uma boca de funil.

A água em profundidade adequada amorteceu a queda de Michaela. Após alguns segundos de aturdimento, ela enxugou os olhos e viu Leo no colo de Elizabeth. As duas crianças estavam sentadas, abraçadas uma à outra, na beira da lagoa, tremendo de frio. De pé, com uma faca em uma das mãos, e uma lanterna na outra, estava Harliss.

Se Michaela tivesse alguma dúvida a respeito do estado mental da mulher, naquele momento sua dúvida se tornaria certeza. A capa cinza com que a velha mulher invariavelmente se apresentava desaparecera. Harliss estava trajando um vestido caro e sofisticado, e seus cabelos finos e grisalhos estavam penteados artisticamente. Harliss parecia estar representando o papel de uma rica dama da nobreza em uma noite de festa.

;— Quanta gentileza em vir nos visitar, srta. Fortune — disse ela com ironia. — Mas onde está Roderick? É ele quem eu quero.

— Ele não está aqui. Eu vim em companhia de lorde Alan Tornfield. Ele sofreu uma queda e machucou o braço.

— Meu pai? — Elizabeth soluçou.

— Cale-se! — Harliss gritou com a menina e tornou a se virar para Michaela. — Mas Roderick sabe que eu estou com as crianças, não sabe?

— Hugh foi avisá-lo no instante em que eu deixei o castelo. — Michaela tentou se aproximar de Leo e de Elizabeth. — Vocês estão bem?

— Para trás! — Harliss ordenou, colocando-se entre Michaela e as crianças, a faca em punho. — Se der mais um passo, cortarei seu pescoço! Sua vida não vale nada para mim!

Michaela ergueu os braços em sinal de rendição.

— Está bem. Mas não acabou de dizer que é lorde Cherbon que você quer? Nesse caso, por que não deixa as crianças ir? Eu ficarei aqui no lugar delas como refém.

Uma gargalhada sinistra serviu de resposta à sugestão.

— Pensando bem, eu quero que você vá para junto das crianças... Melhor três do que dois!

Michaela se apressou a se sentar entre as crianças antes que Harliss pudesse se arrepender do que dissera. Junto de Elizabeth e de Leo, ela teria mais chance de protegê-

las.

— Que cena emocionante! — a mulher caçoou, abaixando-se e tirando uma corda de trás de uma pedra, que atirou sobre o grupo. Comum braço ao redor dos ombros de cada criança, Michaela não teve tempo para evitar o golpe. A corda molhada bateu em seu rosto como uma chicotada. — Amarre-se com eles! Assim não tentará nenhuma esperteza quando lorde Roderick chegar.

— Você não pode me pedir isso! A maré logo subirá e nós morreremos afogados!

Harliss esbugalhou os olhos.

— Ou você faz o que eu mando, ou essa água se tingirá de vermelho! A começar pelo menino...

— Está bem, está bem! — Michaela concordou, agoniada, ao ver a mulher avançar com a faca.

O que ela não esperava era que Harliss fosse exigir segurar as pontas da corda. Sua intenção de deixá-la frouxa para facilitar o processo de se soltarem mais tarde se perdeu com Harliss adivinhando sua tática e apertando habilmente os nós.

— Leo quer ir para casa — o menino sussurrou, a cabecinha sob o queixo de Elizabeth, agora sua amiga. — Meu papai não vem?

— Sim, Leo, ele vem. Já deve estar chegando.

Roderick esqueceu as dores e as dificuldades, só pensando no paradeiro de Leo e de Michaela. A tempestade não cedia. E se ele e Hugh não conseguissem encontrar Michaela e as crianças a tempo de salvá-las de Harliss? E se esse fosse seu castigo pela recusa ao amor que eles lhe ofereceram e que ele não soubera aceitar e retribuir? Que não soubera agradecer, em sua detestável vaidade?

Seria essa sua amarga lição de vida? Aprender tarde demais o que significava perder realmente tudo?

Um relâmpago delineou uma silhueta escura no alto do penhasco. O homem os viu simultaneamente porque se pôs a acenar, e a correr na direção dele e de Hugh. Seus gritos chegavam como sussurros no palco da tormenta.

— Aqui! — ele dizia. — Eles estão aqui!

Com a aproximação dos dois homens, Alan se virou e voltou a correr para o penhasco. Roderick e Hugh notaram que ele segurava um braço contra o peito.

— Você encontrou as crianças? Michaela?

— Havia uma fita azul na entrada da gruta. A fita de Elizabeth.

— Deus! — Hugh exclamou. — Michaela desceu lá sozinha?

— Eu não pude detê-la. Teria descido em seu lugar, mas caí e quebrei o braço.

Roderick teve a sensação de que todo o sangue estava sendo drenado de seu corpo ao olhar para baixo e ver as ondas avançando fatal e brutalmente sobre as pedras. Não pensou duas vezes. Enquanto Hugh discutia com Alan, culpando-o pelo que poderia ter acontecido a Michaela, Roderick examinou o local e verificou suas chances.

— A entrada da caverna fica logo abaixo do topo — Alan informou.

Roderick firmou a bengala entre dois mata cões para dar impulso de modo a escorregar pela trilha. Uma onda quebrou sobre eles nesse instante e arrancou a bengala de sua mão, carregando-a consigo ao retroceder.

Desconsolado, Roderick mirou a bota. Molhada, ela pesava demais.

— Hugh! Ajude-me a tirá-la.

O amigo tentou dissuadi-lo.

— Eu vou buscá-los.

— Não! Eles são minha família! — Roderick insistiu. — Depressa!

Sem retrucar, Hugh desfez os laços e nós das tiras de couro que prendiam a bota acima do joelho.

— Eu seguirei atrás de você.

— A caverna é muito baixa e estreita. Não comporta dois homens do nosso

tamanho. Eu a conheço desde menino. — Roderick olhou para o alto e pediu que o primo procurasse ajuda. — Você, Hugh, mantenha-se o mais perto possível da caverna para pegar as crianças.

— O que você fará com Harliss?

Roderick não respondeu. Hugh engoliu em seco ao vê-lo desaparecer e prometeu em silêncio que nada o afastaria dali enquanto não o visse são e salvo.

Capítulo XXXI

A caverna engoliu a primeira inundação espargindo gotículas de água salgada sobre seus visitantes. Elizabeth deu um grito de horror e Michaela apertou-a nos braços. Do outro lado, Harliss continuava apontando a lanterna para a entrada e resmungando.

— A maré está subindo! — Michaela tentou trazê-la de volta para a realidade. — Precisamos sair depressa daqui ou todos morreremos afogados.

— Ninguém sairá daqui — respondeu Harliss. — Cale-se!

— As crianças não têm culpa! — Michaela implorou. — Solte-as antes que seja tarde demais.

— Michaela! — A voz de Roderick alcançou-os do outro lado do túnel.

— Roderick, cuidado! Harliss tem uma faca!

A mulher avançou para Michaela e esbofeteou-a. Com a violência do golpe, Michaela mordeu o lábio, e o gosto de sangue se espalhou por sua boca.

Elizabeth tornou a gritar, e Leo irrompeu num pranto convulso. As ondas se sucediam, e a seguinte precipitou a queda de Roderick. Michaela arquejou ao vê-lo despencar na água de costas, com as pernas erguidas. Uma delas terminava logo abaixo do joelho.

Roderick viera buscá-los, mesmo sem condições, munido apenas de sua coragem...

O olhar de admiração, amor, orgulho e alívio de Michaela o distraiu por um instante. De costas, ele não percebeu a aproximação de Harliss, que erguia o braço, preparando-se para atacá-lo.

Mas Harliss tampouco estava preparada para o movimento brusco de defesa. Com seu braço longo e forte, Roderick empurrou-a contra a parede e se levantou sobre o joelho direito.

Michaela reconheceu a adaga de Hugh, cravejada de pedras preciosas, que vira por ocasião da visita aos seus ricos aposentos. Também notou o olhar de perplexidade de Roderick para a mulher.

— Onde você conseguiu esse vestido?

— Gosta dele? Era de sua mãe. Você se lembra? Oh, mas é claro que você se lembra. Era o vestido de que ela mais gostava.

— Onde o encontrou?

— Em Dorian. Eu o tirei antes que ela afundasse no mar. Seria lamentável se tão precioso vestido se perdesse com ela. Usei-o muitas vezes ao longo dos anos, na privacidade dos meus aposentos e de seu pai. Ele nunca fez nenhum comentário, tão pouca era a atenção que dedicava à esposa enquanto ela era viva.

Michaela estremeceu ao gemido de cólera e ressentimento de Roderick. As palavras que Harliss lhe dissera no bosque de repente fizeram um terrível sentido.

— Da próxima vez que pensar em me confrontar, lembre-se de que não temo o frio. E de que meus braços são muito, muito fortes...

— Você a matou — Michaela disse num fio de voz. — Você matou Dorian Cherbon.

— Bem, não posso reivindicar todos os créditos — a megera respondeu com jovialidade. — Ela entrou no mar de livre e espontânea vontade. Fraca como era, estava desistindo de ir até o fim em seu propósito. Eu tive de ajudá-la. Era o que ela havia

decidido fazer, afinal. Tinha pleno conhecimento de que não servia para Magnus. De que era frágil demais para ser a senhora de Cherbon.

Com um gemido de revolta, Roderick empurrou a mulher. A água já subira meio metro. Harliss se precipitou sobre Michaela e encostou a lâmina em seu pescoço.

— Para trás, seu tolo, ou eu a mato agora! Seu fracote ingrato! O tempo todo atrás das saias de Dorian! Seu pai teria feito de você um homem, mas você o preteriu em favor de sua mãe. Ele precisava de um herdeiro e você o decepcionou. Foi por isso que ele impôs uma condição para que você tomasse posse da herança. Magnus depositou sua última esperança em um futuro neto.

— Magnus decepcionou a mim também — Roderick retrucou. — Ele fez de minha vida um pesadelo, com suas exigências cruéis, com o modo como tratava minha mãe. Nada do que eu fazia era bom para ele.

— Porque você era, e ainda é, um fraco! — Harliss afirmou, pressionando a ponta da faca contra a parte de trás da orelha de Michaela. — Eu poderia tê-lo ajudado. Eu amava seu pai, um homem forte e poderoso. Tentei amar você também. Queria que fosse meu filho. Mas você me chamava de megera!

— Você me torturava!

— Não entendeu ainda? Dorian *queria* morrer! *Ela* o abandonou! Eu estava a seu lado mesmo quando você me amaldiçoava. A seu lado e ao lado de seu pai. Magnus morreu em meus braços, chamando por você. Eu fui forte por ele nos últimos momentos. Eu permaneci em Cherbon quando os outros foram embora. Estava no castelo para recebê-lo quando voltou, e fui enxotada! Eu, que dediquei toda a minha vida a Cherbon!

— Você só ambicionava o lugar de minha mãe. Seu desejo era tornar-se uma dama! — Roderick bradou, acusador.

— É pecado querer casar com o homem amado? Ser a mãe de seus filhos?

— Meu pai jamais se casaria com você. Foi útil para servi-lo, mas ele não a considerava digna de ter seu nome.

— Não! Magnus não se casou comigo por causa de Dorian. E depois por causa de você, que me detestava!

— Sim, eu a detestava, mas não foi por minha causa que meu pai a desprezou. Ele não se importava com ninguém a não ser consigo próprio. Ele a usou, Harliss, como usou todos aqueles que o cercaram.

— Não! — Harliss tornou a protestar, tão desnorreada que não percebeu a faca escorregar de sua mão e afundar na água.

Michaela sentiu o objeto metálico deslizar pela lateral de seu corpo e conseguiu apanhá-lo. A água já alcançava seu peito e os ombros das crianças. Seus lábios estavam azuis de frio e seus olhos dilatados. O tempo estava se esgotando. Michaela ajeitou a faca de modo a tentar cortar a corda.

— Eu só quero o que é meu — Harliss declarou. — Eu dediquei minha vida a Cherbon. Lá é o meu lugar. Quero voltar. Quero cuidar de seu filho.

— Jamais — Roderick respondeu.

A corda agora estava flutuando sobre as águas que subiam rapidamente ao teto. Michaela levantou as crianças e olhou para Roderick.

— Por favor, me deixe voltar! — Harliss suplicou, aproximando-se.

— Nunca!

— Então todos nós morreremos aqui! — ela ameaçou. — Ficaremos juntos por toda a eternidade.

Os olhos de Roderick encontraram os de Michaela.

— Para o túnel! Depressa!

Ensandecida, Harliss deu um grito e se virou para Michaela no momento exato em que uma onda gigantesca inundava a caverna. A escuridão tornou-se absoluta conforme a lanterna se soltava da mão de Harliss. A boca do túnel desapareceu sob a água.

Com o pescoço esticado para manter o rosto fora d'água, Michaela instruiu as crianças para que prendessem o fôlego e nadassem o mais rápido que pudessem.

— Eu estarei logo atrás de vocês! Não tenham medo. Hugh estará nos esperando lá fora para nos segurar!

Michaela fez uma prece, pedindo proteção, e empurrou as crianças com toda a força em direção ao túnel. Chamou por Roderick, mas sua voz, e provavelmente a dele também, se perdeu nas águas e na escuridão. Sua perna ficou presa, de repente. Alguém a segurava. Debateu-se para se soltar, sabendo instintivamente que era Harliss. Chutou-a, e devia ter acertado com o golpe, porque as garras se desprenderam.

Seu pensamento estava em Leo e Elizabeth. Precisava se certificar de que eles estavam a salvo. Outra onda a atingiu. Seu medo, porém, de ser levada ainda mais para o interior da caverna, terminou em alívio. As águas, sem que pudessem continuar avançando, efetuaram o movimento contrário. Conforme tentavam voltar para o oceano, a impulsionearam para a saída.

Agarrada pelos cabelos, Michaela pensou que seus pulmões fossem explodir ao contato com o ar. Seu rosto molhado de mar recebeu a carícia da chuva. Ela ergueu as mãos e seus pulsos foram firmemente puxados por Hugh.

— E Rick? — ele perguntou antes mesmo de terminar de içá-la para o patamar superior.

— Eu me perdi dele! Harliss nos atacou e a caverna foi inundada pela água. E as crianças?

Uma onda muito forte tentou arremessá-la novamente. Michaela sentiu os pés abandonar seu corpo conforme tentava apoiá-los nas pedras, mas Hugh a segurou e ajudou-a a se reequilibrar. Seus olhares se encontraram e, por alguns segundos, Michaela viu o desespero e a determinação de seu salvador.

Sem hesitar, Hugh se atirou do rochedo e desapareceu na escuridão.

Ele ia morrer.

Seu corpo rolava com as águas sem que conseguisse impulsionalo para a saída. As pedras deviam estar cobertas de limo, porque suas mãos escorregavam sem que conseguisse se agarrar a elas. Os pulmões logo arrebentariam pela privação de ar. Em breve ele estaria morto.

Em sua última tentativa de escapar das águas traiçoeiras, Roderick abriu os braços e as pernas para que elas talvez o levassem consigo quando resolvessem retornar às profundezas do mar.

Adeus, Michaela. Adeus, Leo. Adeus, Hugh...

Alguma coisa roçou na orelha de Roderick. Ele pensou que fosse Harliss e que ela finalmente perpretaria o ato de vingança, mas suas mãos estavam tão dormentes que não se deu ao trabalho de tentar se proteger. Em seguida, algo roçou em seu queixo. Depois algo lhe prendeu o pescoço e a camisa, e ele sentiu um puxão pelas axilas.

Harliss devia ter perdido a faca, porque o estava atacando com golpes no peito e no abdômen. Um jato de água lhe saiu pela boca. E mais outro. As pedras pontiagudas da caverna que cortaram as palmas de suas mãos agora estavam perfurando suas costas.

Mas ele já não sentia dor... nem conseguia pensar...

Capítulo XXXII

Michaela se levantou de um salto, afastando-se das crianças para ajudar Alan a içar Hugh e Roderick das águas geladas.

Roderick parecia sem vida. Seus lindos olhos estavam ocultos pelas palpebras arroxeadas. Seu rosto estava mortalmente pálido, realçando o azul-escuro dos lábios.

Como ela e Alan conseguiram retirá-lo do mar, Michaela jamais saberia dizer.

Sem forças, ela ficou apenas olhando, sem falar, sem quase respirar, enquanto

Hugh, soluçando e tossindo, batia no peito de Roderick.

Leo se pôs a chorar e a chamar pelo pai. Elizabeth impediu que ele se levantasse, abraçando-o.

— Rick! — Hugh virou o corpo de Roderick de bruços e bateu em suas costas sem compaixão.

Alan assistia à cena, impotente.

— A perna dele... — Alan murmurou. — Eu nunca pensei...

Michaela suspirou e se ajoelhou ao lado de Roderick, tocando suavemente as faces frias e rígidas.

Hugh chorava abertamente, e seus soluços ficavam mais desesperados a cada golpe inútil.

Era preciso tentar outro procedimento. Michaela interviu com firmeza, tornando a virar Roderick de costas. Segurou o queixo e puxou-o para baixo para que a boca abrisse.

— Introduza o dedo na garganta dele! — Recuperando em parte o controle, Hugh orientou-a.

Mais um jato de água brotou da garganta de Roderick. Seu corpo se agitou na luta pela sobrevivência. Em segundos ele estava arquejando, engasgando e tossindo.

O esforço, no entanto, parecia estar sendo demais para ele.

Exausto, Hugh o colocou sentado, abraçou-o e beijou-o. Os ombros de Hugh sacudiam, por causa dos soluços. Roderick não reagia.

Tímida nas circunstâncias, Michaela segurou as duas mãos de Roderick.

— Olhe para mim, meu amor. Está me ouvindo? Você nos salvou. Leo, Elizabeth, todos nós estamos vivos e bem.

Leo conseguiu escapar dos braços de Elizabeth naquele instante e correu para o pai.

— Papai! Papai! Fale comigo! Acorde, papai. Sou eu, Leo!

As pálpebras de Roderick tremeram. Sua voz soou rouca e abafada.

— Papai ama você, Leo.

Michaela finalmente se permitiu chorar. Roderick estava vivo. Devagar, ela o viu atraindo o menino para junto do peito.

Hugh abriu ainda mais os braços para aconchegar não só o amigo, mas também a, criança.

Alan se aproximou de Michaela, com o braço ao redor dos ombros da filha.

— Vou a Cherbon avisar sobre o ocorrido e pedir que venham buscá-los — declarou solenemente. — Levarei o menino comigo, se você permitir.

— Eu não quero ir! — Leo se abraçou ainda mais a Roderick.

— Está tudo bem agora, Leo — disse Michaela. — Logo estaremos em casa com você.

— Não! Eu quero ficar com meu pai!

Roderick afastou a criança para poder olhar em seus olhos.

— Não tenha medo, Leo. Eu prometo que tudo ficará bem agora. Vá com Elizabeth e com lorde Alan, troque de roupa e coma. Se você se comportar, poderá dormir esta noite comigo e com Michaela.

— Com os dois?

Roderick assentiu e tentou sorrir quando o menino o soltou para abraçar Michaela.

— Eu posso começar a chamar você de mamãe? — Leo perguntou, e Michaela pensou que seu coração não fosse agüentar de tanta emoção.

— Eu adoraria que você me chamasse de mamãe.

Leo beijou Michaela e com um gesto de confiança, deu a mão a Alan.

— Muito obrigado, Tornfield — Roderick agradeceu.

O queixo de Alan tremeu. Com uma reverência, ele se colocou sobre um joelho.

— É uma honra para mim, milorde.

Elizabeth apertou a mão de Michaela em uma despedida serena. Ela se surpreendeu com a mudança. Seus olhos tornaram a marejar ao ver as crianças se afastar com Alan.

Distraída, Michaela olhou para a mão que se fechou em seu braço. Ao erguer os olhos e encontrar os de Roderick, viu-se chorando novamente.

— Eu te amo, Michaela — Roderick declarou. — Eu te amo muito. Perdoe o tolo que eu tenho sido.

Ela depositou um beijo nos lábios dele em silêncio. Depois recuou para poder encará-lo.

— Eu amei você desde o momento que pude ver seu rosto.

Roderick beijou-a. Não com o fogo do desejo, mas com uma paixão que o transcendia, que não exigia promessas. Com aquele beijo, seus corações se uniram e as juras de fidelidade eterna foram feitas sem a necessidade de palavras.

Eles não estavam sozinhos.

Michaela entendeu e não sentiu ciúmes quando Roderick se dirigiu a Hugh. Todos eles deviam a vida ao homem que sempre seria o maior amigo de seu amado.

— Você fez de novo — Roderick murmurou.

— O quê? — Hugh indagou daquele seu jeito brincalhão.

— Salvou minha vida. Pela segunda vez.

— Isso está se tornando um hábito. Daqui a pouco eu terei de...

Hugh não pôde continuar. Roderick o estava abraçando como jamais o fizera.

— Você é o mais leal, o mais sincero dos amigos. Eu não o amaria mais se você fosse meu irmão.

Por cima do ombro de Roderick, Michaela viu duas lágrimas deslizar pelas faces de Hugh.

— Eu também. Nunca se esqueça disso — Hugh afirmou e um momento depois se afastou. — Vou tentar alcançar Tornfield. Com aquele braço quebrado, ele talvez esteja precisando de ajuda com as crianças. Você ficará bem até que venham resgatá-lo? — Hugh se virou para Michaela. — Srta. Fortune?

Roderick dispensou o amigo. Michaela franziu o rosto, desconfiada.

— O que pretende fazer? — ela perguntou baixinho.

— Cuide deles por mim. — Hugh se despediu. — Prefiro que Roderick pense que eu resolvi deixar Cherbon para me aventurar pelo mundo, a ele me desprezar caso venha a descobrir a verdade.

A noite levou Hugh consigo e Michaela se sentou ao lado de Roderick, abraçando-o para se aquecerem. Um longo tempo passou até que um tropel de cavalos os fez suspirar de alívio.

— Estão vindo nos buscar, graças a Deus — disse Michaela.

Roderick se manteve calado. Michaela estranhou sua preocupação.

— Tornfield não teria mandado cavalos para montarmos. Parecem centenas. Parecem soldados avançando sobre um campo de batalha.

Michaela se encolheu. Seus pesadelos estavam se tornando realidade.

Era véspera de Natal. O Caçador de Almas estava voltando para reivindicá-la.

Capítulo XXXIII

A terra tremia sob as patas dos cavalos. Roderick não entendia o que podia estar acontecendo, até que a medalha de ouro começou a queimar seu peito como brasa.

Não podia ser! Era uma lenda. Uma superstição. No escuro, um fecho de luz prateada o fez estreitar os olhos. Um novo fecho, agora dourado, quase o cegou. Uma

rajada de vento os atingiu. Carregava consigo um cheiro de incenso, de sangue e de ouro.

— Não! — Michaela exclamou, horrorizada, seus dedos torcendo a camisa de Roderick sem que ela percebesse o que fazia. — Não! — ela gritou e se levantou, afastando-se bruscamente.

— Michaela, volte aqui! — Roderick chamou, em vão. Sem escutá-lo, Michaela corria para o meio da estrada, colocando-se na rota dos cavaleiros.

— Esconda-se, Roderick! — Michaela gritou para ser ouvida, mas parecia espantosamente calma. — Não olhe para eles! Não se deixe ver! É a mim que ele quer!

Aturdido, Roderick hesitou. Precisava proteger Michaela. Jurara protegê-la. Mas antes que encontrasse um galho seco em que se apoiar, uma luz brilhante envolveu-a e penetrou na floresta por entre as árvores, misturando-se às brumas do mar.

— Não importa o que aconteça, meu amor, não se deixe ver! — Michaela tornou a dizer.

Mas Roderick não a escutou. Como poderia? Sem que Michaela percebesse, ele começou a se arrastar na direção da árvore mais próxima.

Uma sensação de morte iminente o fez enrijecer. Algo estava apertando seu pescoço. Dedos esqueléticos o pressionavam contra um tapete de folhas molhadas.

— Deveria ter ouvido a recomendação da srta. Fortune, milorde.

Roderick se virou, embora fosse capaz de reconhecer aquela voz em qualquer lugar. Com os cabelos brancos emplastrados ao crânio por causa do mar e da chuva, rindo bestialmente, Harliss viera cobrar sua dívida.

— É ele! O caçador com sua legião de espectros. Eles não podem suspeitar de nossa presença ou nos matarão. Eu não quero morrer. Não ainda. Não lhes cederei o prazer de acabar com sua vida imprestável. Magnus ficará preocupado se eu não voltar para casa. Ele deve estar cogitando sobre minha demora.

O peso de Harliss sobre as costas de Roderick e a faca contra sua garganta o impedia de se mover. Em outras circunstâncias, ele não teria dificuldade em se livrar da velha mulher, mas estava sem forças após a árdua batalha contra o mar. Sua mente trabalhava febrilmente, tentando encontrar uma forma de salvar Michaela. Não apenas da loucura de Harliss, mas dos cavaleiros fantasmas, materializados pela luz, pela tempestade e pelo sangue derramado ao longo de mil séculos.

Michaela sentiu as pernas dobrar sob seu peso e viu pontos escuros dançar diante de seus olhos, mas respirou fundo e se manteve firme. Não podia desmaiar. Não podia fingir que era apenas mais um pesadelo. Diante da visão de cem homens montados em cavalos que pareciam ter o amanhã de dragões, alguns deles soltando uma fumaça preta pelas ventas, ela só podia rezar.

As figuras eram grotescas, lembrando répteis gigantes que corriam sem que as patas tocassem na terra, suspensos no ar. Os cães que os acompanhavam eram grandes como bezerros, e suas presas afiadas se projetavam para fora. Os olhos pareciam feitos de fogo, vermelhos e ferozes.

O líder conduzia a legião com um braço erguido, forte como um tronco de uma árvore antiga. Seus cabelos castanhos e abundantes cobriam os ombros e chegavam à altura da cintura. Trazia na mão uma espada reluzente. Na outra ele segurava um escudo, grande como uma roda de carroça. Era o único que se apresentava em forma humana.

Os espectros se pareciam com as descrições que Michaela ouvira dos demônios. De cor cinza, pedaços faltando em seus corpos, como se estivessem apodrecendo. Outros estavam carbonizados, como se tivessem sido queimados em piras funerárias. Os olhos eram brancos, injetados de sangue. Os lábios e as orelhas, derretidos.

Entre esses, havia um com chifres acima das orelhas e outro com a cabeça coberta por escamas. Sua língua preta e bifurcada pendia para fora, como se ele respirasse através dela. Um deles, pequeno e sem nenhum fio de cabelo, devorava um resto de mão

humana. Ao pousar os olhos sobre Michaela, deu um esgar de sorriso, com os dentes ensangüentados.

Michaela teve certeza de que as portas do inferno tinham sido abertas. Além do líder, a única outra criatura com traços humanos era um homem, preso ao primeiro por uma corrente dourada amarrada ao pescoço. Sua pele era translúcida, e seus cabelos quase brancos de tão loiros. Os olhos não tinham cor; eram inteiramente pretos. Estava nu sobre o cavalo e olhava para Michaela como um gato olha para um rato.

A voz cavernosa do líder arrancou Michaela de seu transe.

— Ela não é para você, Alder.

O homem de alabastro grunhiu sua contrariedade. Após um instante, ele sorriu. Seus lábios eram cheios e sensuais, a única parte colorida de seu corpo. De repente, porém, seus caninos começaram a crescer até ficarem do tamanho de duas adagas.

Michaela deu um grito e caiu, sem forças. Queria se certificar de que Roderick estava bem, mas não ousava olhar em sua direção e denunciar sua presença.

— Você não é Agatha Fortune — o líder observou.

— Sou a filha de Agatha, Michaela.

Ele ergueu uma sobrancelha e curvou os lábios em um meio-sorriso.

— Michaela Fortune. Você traz consigo algo que me pertence?

Michaela negou com veemência.

— Não. Eu não tenho nada que seja seu. Só quero lhe pedir que me deixe em paz. Que não me faça nenhum mal.

— Sim, você tem, Michaela. Encontra-se em seu poder algo que é meu. Algo que eu deixei aos cuidados de sua mãe, como uma promessa de vida para seu pai. O objeto está aqui. Eu posso senti-lo. Ele faz parte de mim.

A mão do líder subiu ao peito e repousou sobre a túnica que parecia refletir o sol como a água; Michaela notou claramente a medalha em forma de meia-lua.

— Eu não a tenho mais — Michaela declarou em pânico. — Eu a perdi.

— *Você a perdeu!* — O líder encarou-a. — Eu disse à sua mãe que voltaria para buscar a outra metade do anel e que levaria o sórdido marido dela comigo caso ele não a tivesse feito feliz e a criança que estava sendo gerada.

— Meu pai mudou. Ele agora é um homem bom!

— Um trato é um trato. Deve ser cumprido. Algo me diz, no entanto, que você talvez não a tenha perdido, como afirma. — O caçador estreitou os olhos. — Talvez tenha oferecido o pingente a alguém.

Michaela perdeu o fôlego ao ver o olhar do líder se estender à linha de árvores onde se iniciava o bosque.

— Ora, ora... Um soldado! — o líder murmurou. — Talvez a jovem Michaela Fortune queira trocar sua vida pela do pai, rapaz. Ela lhe deu minha corrente de ouro, não é?

Por alguns instantes, Roderick quis acreditar que as forças o haviam abandonado pelas investidas que sofrera.

Que o latejar em sua garganta era provocado pela faca de Harliss, e que os monstruosos espectros ao redor de Michaela eram apenas imagens de um louco pesadelo. Mas no momento em que o líder pousou os olhos sobre ele, Roderick soube que estava assustadoramente acordado.

— É verdade — Roderick assentiu. — Eu trago a jóia ao redor de meu pescoço. Venha buscá-la!

O líder pareceu crescer sobre o cavalo.

— Eu o conheço. Já o vi em algum lugar.

— Não se atreva a tomá-lo de mim! — ordenou Harliss subitamente, impedindo o líder de continuar a falar. — Ele é meu! Quero ver seu corpo se esvaír em sangue antes que o leve para o inferno! Não se aproxime! Eu lhe ordeno, em nome de Deus!

Os cavalos que carregavam os espectros se ergueram sobre as patas traseiras.

Criaturas e animais urraram em um alarido infernal.

O líder se manteve impassível, a atenção concentrada na velha mulher.

— Harliss! Como se atreve a invocar Deus para se defender?

— Quem lhe disse meu nome? — Harliss se espantou. — Você não me conhece!

A corrente dourada se soltou do pescoço do escravo com um movimento repentino do líder.

A figura nua saltou da sela com um grito gutural e embrenhou-se na floresta com uma velocidade espantosa, de quatro, levando Harliss consigo.

No silêncio que se seguiu, Roderick apoiou as costas contra o tronco da árvore e tentou se colocar de pé. Michaela correu para junto dele, pondo-se debaixo de seu braço para sustentá-lo.

O líder observou a cena com um olhar sério. Suas palavras foram apenas para Roderick.

— Devolva-me a medalha, soldado.

Com um movimento rápido, Roderick introduziu a mão sob a gola da túnica e arrancou a corrente do pescoço com um puxão.

— Você nos deixará em paz?

Com os olhos chamejantes, o caçador se limitou a estender a mão.

— Entregue logo — Michaela pediu com urgência. — A corrente pertence a ele.

Roderick a lançou e o líder a pegou no ar. Só lhe interessava o elo em forma de lua crescente. A corrente que o prendia foi desprezada, dissolvendo-se ao contato com a lama. No instante em que a metade que faltava foi recolocada no lugar de onde fora tirada, brilhou uma luz que ofuscou Michaela e Roderick, obrigando-os a proteger os olhos com as mãos.

— Vocês podem abrir os olhos agora. — Michaela e Roderick afastaram lentamente as mãos, surpresos ao ver que o pingente adquirira a forma perfeita de um anel. — Você, soldado, não respondeu a minha pergunta. Mas eu sei quem você é. Eu o vi lutar bravamente nos campos de batalha e se sacrificar por seus homens. Você perdeu uma perna para que outros pudessem viver.

— Quem é você? — Roderick indagou, perplexo. — Não lutou a meu lado, nem contra mim. Tenho certeza de que nunca o vi antes.

— Eu estou presente em *todas* as guerras. Onde houver o mal, esse é o meu lugar. Eu sei quem você é, *Roderick de Cherbon*. Filho de Magnus.

Uma súbita vertigem impediu Roderick de respirar. Ele temeu por sua vida e pela vida de Michaela. Que espécie de demônio era aquele que cavalgava com as almas recolhidas nos campos de batalha? Que caçava incautos em noites escuras e estradas desertas? Que se fazia seguir por monstros que se alimentavam de carne humana? Que perdera repentinamente o interesse por ele e se voltara novamente para Michaela?

Por puro reflexo, Michaela apanhou o pequeno objeto dourado que o caçador atirou para ela. Não era maior do que a palma de sua mão. Uma miniatura preciosa de uma cômoda.

— Para você levar à doce e generosa Agatha — disse o líder. — Em recompensa por sua bravura e fidelidade. Ela é o bem maior de seu pai: sua esposa e sua vida.

A mão do líder tornou a pousar sobre a túnica e sobre, o anel. Ele o pegou e o ergueu contra a luz, transformando-o novamente em um pequeno sol. Após alguns segundos de contemplação, também o jogou na direção de Michaela.

— Para você, minha filha. Use-o em seu dedo, sem nunca tirá-lo. Nem o dê a mais ninguém.

— Obrigada — Michaela agradeceu, profundamente emocionada.

Em silêncio, o caçador abriu uma mochila que carregava presa à sela e puxou um objeto escuro e amassado. Jogou-o, dessa vez para Roderick.

Era uma peça de couro marrom, mais bota do que sapato, que fazia par com a que

Roderick encontrara na capela.

— Não vai calçá-la, meu filho?

Michaela se ajoelhou para ajudá-lo. Um grito os fez estremecer. O líder estava conclamando seu macabro exército a segui-lo. A figura vampiresca do escravo devia ter se perdido nas profundezas da floresta.

Roderick e Michaela se abaixaram e esconderam a cabeça entre os braços em um gesto de proteção ao alarido ensurdecedor em debandada e antes de partir, o líder se dirigiu uma última vez ao casal.

— Voltem para casa e esqueçam o passado. Vivam. Vocês fizeram por merecer uma existência de paz. Se trombarem algum dia com Alder, ou talvez com um lobo branco vagando por estas florestas, corram para um abrigo e rezem para que ele não sinta o cheiro de seu sangue.

Mais uma vez, Michaela ajudou Roderick a se colocar de pé e enfrentar a sombra que se esfumava no lugar onde estivera o caçador de almas. Ela parecia hipnotizada.

— Quem é você? Eu preciso saber.

— Eu sou a Justiça — o cavaleiro respondeu e olhou para Roderick. — Eu estou onde há guerra, onde há violência. Eu sou a Fé. — Ele tornou a olhar para Michaela. — Eu sou o Guardião do Bem. Eu reino sobre o Mal.

— Qual é o seu nome? — Michaela insistiu. Roderick apertou sua mão em uma súplica muda para que ela se calasse, mas era tarde demais. Algo que ele viu nos olhos do cavaleiro o fez se lembrar da visita de um anjo que recebera no hospital, durante um delírio de febre. O cavalo empinou e relinchou. Simultaneamente, das costas do cavaleiro surgiram duas asas largas e cinzentas.

— Eu sou Miguel — o líder anunciou com um suspiro que desafiou os raios e trovões, levando-os consigo ao desaparecer no céu, sobrevoando a floresta.

— Está tudo bem agora. Não chore mais — Roderick abraçou Michaela e beijou-a no alto da cabeça. — Acabou.

Os soluços foram diminuindo até cessarem. Michaela ergueu seu lindo rosto para fitar Roderick nos olhos. Ele estranhou o modo atônito como ela o encarava.

— O que foi?

Michaela se soltou dos braços dele e deu dois passos para trás. Não desviou os olhos dos dele nem por um segundo. Eles ficaram em silêncio. Tinham medo de falar e de se mover. Até que os dois, ao mesmo tempo, olharam para baixo.

Roderick estava firme sobre os pés. Sobre a habitual bota preta e sobre o velho sapato de couro marrom.

Epílogo

Seis meses depois Castelo de Cherbon

A festa estava maravilhosa, *apesar* dos cutucões e cochichos. Dessa vez Michaela não caiu na pista de dança. A mulher que tentara humilhá-la, colocando o pé propositadamente à sua frente, agora estava sentada do seu lado esquerdo. Do lado direito estava Elizabeth Tornfield: a menina finalmente aceitara Juliette como sua madrastra e as duas estavam se entendendo bem.

Os pais de Michaela dançavam do outro lado do salão, e se olhavam como sempre, como dois eternos apaixonados. A diferença estava nos trajes que vestiam: novos e elegantes. E também na maneira como foram interrompidos. Leo estava adorando ter avós. Especialmente porque podia estar com eles a qualquer hora.

Roderick disponibilizará uma ala do castelo para que os pais de sua esposa se

mudassem. O casal aceitara entusiasticamente o convite, e todos formavam agora uma única família.

Graças ao presente que Michaela recebera na véspera do Natal em nome de sua mãe, o casamento fora realizado por amor. Um amor sincero e pleno. Ao abrir o pequenino cofre, Agatha encontrara uma moeda de ouro sobre um forro de veludo. Retirou-a com uma exclamação de surpresa e exibiu-a ao marido, fechando a tampa com um sorriso de deslumbramento.

O pai ficou admirado e curioso. Estendeu a mão para que a esposa lhe desse o objeto e tornou a abri-lo.

— Há mais uma moeda, querida. — Ele a pegou e devolveu o estojo. — Você não deve ter notado.

— Estranho. Eu tenho quase certeza de que só havia uma. — Agatha franziu o rosto e tornou a abrir o estojo, encontrando outra moeda.

Esse fora o presente. Cada vez que uma moeda era retirada, outra tomava seu lugar. Dinheiro nunca mais faltaria aos membros da família Fortune, para que fizessem o que fosse preciso, para que fizessem o que desejassem. Após três dias, as dívidas foram quitadas.

Agatha nunca perguntou a Michaela onde ela conseguiu o precioso objeto, e Michaela nunca se ofereceu para fornecer a informação.

Com um toque no braço, Elizabeth despertou Michaela de seu devaneio.

— Veja, lady Michaela.

A menina tímida e insegura a ponto de se recusar a falar havia se transformado em uma linda e sofisticada mocinha. Estava apontando para a orquestra, onde os músicos se preparavam para voltar a tocar, após um breve intervalo.

Roderick e Alan estavam sorrindo para Michaela e convidando-a para uma contradança.

Elizabeth riu alto.

— Acho que os dois estão disputando o privilégio. Michaela não conteve um sorriso ao atrevimento de

Alan em fazer um sinal para que Roderick aguardasse e começasse a caminhar por entre os grupos de convidados em direção a ela.

Alan se deteve e fez uma mesura. Os Tornfield haviam se tornado amigos dos Cherbon. Mas a dança ainda teria de esperar. Leo os interceptou, pela mão da avó Agatha, e pediu que Michaela cantasse para eles.

— Por favor, mamãe!

Como recusar o pedido de um filho? Michaela colocou sua mão sobre a mão estendida de Alan e inclinou a cabeça em um gesto de agradecimento pelos aplausos.

Roderick pendurou a bengala na curva do cotovelo para também poder aplaudir a esposa. A elegante bengala de marfim lhe fora oferecida pelo amigo Hugh, como um tardio presente de casamento. Ele o enviara de Londres, assegurando que pertencera a um importante lorde, conselheiro íntimo do rei Henrique. Hugh parecia bem, a julgar por sua carta. Não forneceu, contudo, seu novo endereço, porque em breve partiria em uma longa viagem.

Ninguém, exceto Michaela, sabia a verdade sobre o que acontecera no limiar da floresta, na véspera do Natal, seis meses antes. Roderick preferia não pensar nem comentar a respeito, seguindo a recomendação do anjo. Conseguia andar quase com perfeição, e montar sozinho sobre um cavalo. Só usava a bengala para não provocar comentários e por ser sua última lembrança de Hugh.

Roderick não mais se envergonhava por ter perdido parte de sua perna em Heraclea. Sentia-se grato por ter sobrevivido, por ter voltado para casa e formado uma família. Uma família que logo conheceria um novo membro, caso suas suspeitas se confirmassem. Ele se tornara um homem melhor por sua perda.

Como ele recebera sua perna de volta, Roderick jamais saberia. A bota passara a fazer parte dele, como uma segunda pele. Isso lhe bastava. E também a certeza de que se tornara alguém melhor do que antes.

Michaela e Leo estavam quase diante dele, agora. Sua esposa e seu filho. Ele já podia sentir seu perfume floral.

Flores faziam parte permanente da decoração do castelo, por dentro e por fora. Até a campa de Magnus estava sempre enfeitada. E a capela, principalmente ao redor da imagem de pedra do arcanjo Miguel, que trazia uma corrente ao redor do pescoço, e uma misteriosa marca, de metade de um elo, sobre o coração.

Michaela estendeu as mãos para o marido, e sua aliança de ouro cintilou à luz das velas. Roderick beijou-as e encostou-as ao rosto. Estava curado. Seu coração transbordava de amor, alegria, e gratidão.

— Eu dedico esta canção a você — Michaela sussurrou no ouvido dele.

Com Leo no colo, Roderick ouviu a canção com os olhos marejados. Todos os presentes pareciam emocionados diante da linda dama que recebera o nome Michaela, em homenagem ao anjo. Eles haviam se enganado. Ela jamais poderia trazer má sorte a alguém quando sua voz os fazia sentir como se tivessem sido transportados ao paraíso.

FIM